

Ensino Profissional: Expectativas de Carreira e Projecto de Vida

Patrícia Prazeres Neves

**Dissertação de Mestrado em Ciências da Educação – Área de
Especialização em Análise e Intervenção em Educação**

Agosto 2012

Dissertação apresentada para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Ciências da Educação – Área de Especialização em Análise e Intervenção em Educação, realizada sob a orientação científica de Professora Doutora Maria do Carmo Vieira da Silva.

Declaro que esta Dissertação é o resultado da minha investigação pessoal e independente. O seu conteúdo é original e todas as fontes consultadas estão devidamente mencionadas no texto, nas notas e na bibliografia.

O candidato,

Lisboa, 27 de Agosto de 2012

Declaro que esta Dissertação se encontra em condições de ser apreciado pelo júri a designar.

O orientador,

Lisboa, 27 de Agosto de 2012

AGRADECIMENTOS

Quero expressar os meus agradecimentos a todos os que me acompanharam nesta longa e dura caminhada.

Ao Prof. Poças por ter estado sempre disponível ao longo destes anos e que me ajudou no primeiro contacto para a realização desta investigação.

Ao Ricardo Frazão, o meu melhor amigo, que me fez acreditar que este trabalho seria uma boa aposta e por todo o apoio dado.

Um especial agradecimento à Professora Maria do Carmo Vieira da Silva que sempre esteve disponível para me ajudar e que se mostrou sempre compreensiva durante a execução de todo o trabalho e principalmente por todo o rigor e disciplina que me exigiu na construção do trabalho.

Agradeço também à Escola Profissional de Ourém e à Escola de Hotelaria de Fátima por toda a disponibilidade e ajuda que me deram.

Ao Pedro por todo o apoio que me deu nos momentos mais difíceis e que me fez acreditar que iria conseguir ultrapassar mais este desafio.

Por fim, quero agradecer à turma de CC08 e RB08, aos protagonistas desta investigação que me mostraram que o ensino profissional é muito mais do que vem nos livros e que alunos como eles farão certamente toda a diferença lá fora.

RESUMO

ABSTRACT

ENSINO PROFISSIONAL: EXPECTATIVAS DE CARREIRA E PROJECTO DE VIDA

PATRICIA PRAZERES NEVES

PALAVRAS CHAVE: Ensino profissional; Projecto de vida; Expectativa de carreira.

O trabalho de investigação visa a análise do projecto de vida e expectativas de carreira de duas turmas de nível III (finalistas) do ensino profissional. Durante a investigação abordámos conceitos-chave que nos ajudaram a compreender melhor esta problemática. O estudo foi realizado junto de duas turmas através da aplicação de uma entrevista e de um inquérito. Os resultados da investigação destacam a importância e o impacto que o ensino profissional tem na vida dos alunos.

Em suma podemos afirmar que a escolha do ensino profissional faz parte do projecto de vida destes alunos. Quanto às expectativas de carreira a investigação não nos permitiu ter uma visão conclusiva.

O estudo deixa em aberto algumas questões passíveis de serem analisadas em futuras investigações: analisar a demora de inserção no mercado de trabalho e perceber se os alunos continuaram a sua formação escolar e profissional depois de inseridos no mercado de trabalho.

KEYWORDS: Vocational education, life project, career expectancy

This research work aims to analyse the life project and career expectations of two level III classes (finalists) of the vocational education system. During this investigation, we addressed some key-concepts that help us to better understand this problematic. The research was conducted with the two classes by the application of an interview and a inquiry. The research results highlight the importance and the impact that the vocational education has in the life of the students.

In short we may state that the choice of the vocational education is part of the life project of these students. Regarding the career expectations the investigation has not allowed us to obtain a conclusive insight.

This study leaves in the open some questions that can be analyzed in a future research: analyse the delay of entering the labor market and understand if the students have continued their educational and professional training after entering the labor market.

Índice

Introdução	1
Capítulo I. Enquadramento teórico	2
1. Ensino profissional: breve contextualização	2
2. Ensino profissional: uma aposta válida.....	4
Capítulo II. Mercado de trabalho e construção de carreira	7
1. Mercado de trabalho – Novos desafios	7
2. Orientação vocacional e Carreira	8
3. Construção de carreira segundo Marck Savickas.....	11
Capítulo III. Construção de vida	13
1. Construção de vida segundo a perspectiva de carreira.....	13
2. Cinco passos de aconselhamento para a construção de vida.....	16
Capítulo IV. Expectativas e Projecto de Vida.....	18
1. Expectativas e tomada de decisões	18
2. Projecto de vida e sua construção	22
Capítulo V. Questões metodológicas	26
1. Metodologia aplicada	26
2. Participantes no estudo empírico	27
Capítulo VI. Caracterização soció-demográfica dos participantes	28
1. Idade.....	28
2. Origem Social.....	29
3. Trajetória escolar.....	31
Capítulo VII. Análise dos Resultados - Visão do Ensino Profissional: motivações e escolhas ...	33
1. Análise qualitativa.....	33
2. Motivações da escolha	33
3. Apoio da família.....	34
4. Relação Professor/ Aluno.....	35

5. Ensino / Aprendizagem	37
6. Mercado de trabalho.....	41
7. Projecto de vida.....	43
Capítulo VIII. Análise do inquérito semi-estruturado	47
1. Naturalidade	47
2. Avaliação relação professor / aluno	48
3. Projecto de vida: Os três principais objetivos	49
Capítulo IX. Reflexão sobre os resultados.....	54
1. Discussão dos resultados.....	54
Capítulo X. Conclusões e Recomendações.....	57
1. Conclusões	57
2. Recomendações.....	59
Bibliografia	61
ANEXOS	65

Índice de Gráficos

Gráfico 1 - Nível de habilitações literárias dos pais (%).....	29
Gráfico 2 - Composição social dos alunos (%).....	31
Gráfico 3 - Rendimento escolar dos jovens (%)	31
Gráfico 4 - Reprovações por ciclo escolar (%)	32
Gráfico 5 - Naturalidade por Freguesias (%)	47
Gráfico 6 - Naturalidade por Concelhos (%)	48
Gráfico 7 - Relação Professores/Alunos	49
Gráfico 8 - Projecto de vida – 1º Objetivo	51
Gráfico 9 - Projecto de vida – 2º Objetivo	52
Gráfico 10 - Projecto de vida – 3º Objetivo	53

Introdução

O trabalho de investigação desenvolvido incide sobre as expectativas de carreira e de projecto de vida dos alunos do ensino profissional. A temática que decidimos investigar interessa-nos devido ao facto desta via de ensino estar presente em Portugal há mais de 20 anos e que ao longo dos anos tem-se revelado uma alternativa cada vez mais viável para os jovens. Contudo é importante desconstruir o preconceito que se encontra associado a este tipo de ensino, uma vez que a sociedade o encara como sendo um ensino de recurso mais do que uma opção. Face ao paradigma actual do mercado de trabalho tornaram-se cada vez mais visíveis as alterações na relação escola/ formação. O conceito de “trabalho para a vida” deixou de fazer sentido, obrigando a uma adaptação constante face às transformações e exigências de um mundo global. Os jovens têm de estar conscientes que os seus projectos de vida e de carreira serão construídos e re-construídos ao longo da vida, para isso é indispensável compreender o novo conceito de formação ao longo da vida.

Como consequência, definimos como pergunta de partida: *Será que os alunos de um curso profissional articulam este ensino com o seu projecto de vida?* Foram objectivos do nosso estudo:

- Conhecer a forma como os alunos encaram o seu futuro profissional;
- Perceber a forma como os alunos integram o ensino profissional no seu projecto de vida;
- Compreender de que forma a sua inserção no mercado trabalho influencia a construção do seu projecto de vida.

Para a realização deste trabalho escolhemos duas turmas finalistas do ensino profissional nível III, do concelho de Ourém.

A instituição objecto do nosso estudo foi criada há mais de vinte anos e desde o seu início procurou desenvolver e potencializar a região com a ajuda das empresas e instituições locais. Nesta escola escolhemos a turma finalista do curso profissional de técnico de Construção Civil - Variante de Medições e Orçamentos. A segunda turma integrada no pólo da Escola de Hotelaria (EHF). Selecionámos a turma finalista do curso profissional de técnico de Restauração, variante Restaurante /Bar. A formar jovens técnicos que respondam às necessidades da região, mais especificamente da área do turismo.

Para auscultarmos estas duas turmas foram realizadas entrevistas e aplicado um inquérito semi-estruturado, nos meses de Fevereiro, Março e Abril de 2011.

O nosso trabalho procurou analisar a pragmática do ensino profissional, estando organizado em dez capítulos.

O primeiro capítulo refere uma breve contextualização e abordar as mais-valias do ensino profissional. O segundo capítulo aborda a problemática do mercado de trabalho relacionando este com a orientação profissional e a abordagem de Marck Savickas na construção da carreira. O terceiro capítulo descreve as várias perspectivas da construção de vida aliada a construção de carreira e enumera os passos de aconselhamento para a construção de vida. O quarto capítulo aborda a questão das expectativas e a sua influência na tomada de decisão e a construção do projecto de vida. O quinto capítulo relembra a pergunta de partida e descreve as metodologias utilizadas e a caracterização dos participantes. O sexto capítulo apresenta alguns dos resultados do inquérito semi-estruturado que nos permitiu traçar a caracterização sócio-demográfica dos alunos inquirido. No capítulo sétimo analisamos os resultados obtidos junto das duas turmas. O oitavo capítulo analisa os resultados obtidos na aplicação do inquérito semi-estruturado, descrevendo a naturalidade, relação professor / aluno e os três principais objectivos do projecto de vida dos alunos inquiridos. O nono capítulo expõe a discussão dos resultados. Por fim, no décimo capítulo apresentamos as conclusões e recomendações decorrentes do estudo efectuado.

Capítulo I. Enquadramento teórico

1. Ensino profissional: breve contextualização

As escolas Industriais e Comerciais surgem em 1947 pelo Estado Novo, o seu objectivo era o desenvolvimento do ensino técnico e profissional da época, que carecia de mão-de-obra qualificada. O Estado Novo, baseado numa forte doutrina de carácter moral e patriótico, separou nesse ano o ensino liceal do ensino técnico. No decorrer da década de 1940, o ensino técnico (Escolas Técnicas) era visto como o ensino para os filhos do operariado, enquanto o ensino liceal possibilitava a continuação de estudos superiores para as classes mais favorecidas.

Em 1973, iniciam-se algumas reformas dos cursos técnico-profissionais, resultantes da unificação do secundário, abolindo desta forma a distinção entre as escolas, designando-se apenas por Secundárias. Esta medida tinha por base romper com a ideia do elitismo que existia na época do ensino Liceal, procurando uma igualdade de tratamento e oportunidades para os alunos.

A massificação do acesso ao ensino em Portugal verificou-se na década de 1970; após o 25 de Abril institui-se a escolaridade obrigatória a todas as crianças, mas no entanto viu-se

extinguido o ensino técnico-profissional (Marques,1993). Uma década mais tarde, a escolaridade obrigatória é alargada para nove anos.

Citando Azevedo (2005b, p.1), “a escola foi aberta a todos, as taxas de escolarização dão conta de um enormíssimo esforço de democratização social e de igualização de oportunidades.” Uma das fragilidades do sistema escolar de massas é o serviço de ensino que frequentemente é esquecido e desvalorizado, condicionantes importantes como o tempo de ensino / aprendizagem e as condições envolventes para que se possa aprender (Azevedo, 1999).

O ensino profissional conta com mais de vinte anos de existência em Portugal. Criado em 1989¹ pelo Ministério da Segurança Social, rapidamente ficou a cargo do Ministério da Educação. Desde a sua criação os objetivos do ensino profissional continuam a insistir em transmitir motivação e realização profissional aos jovens, dotar o país de profissionais técnicos de nível intermédio com o intuito de desenvolvimento regional e local (Cabrito, 1994).

A falta de técnicos qualificados de nível de intermédio era já acentuada na década de 1980, o que possibilitou ao ensino profissional oferecer novas soluções às instituições existentes.

Os cursos do ensino profissional nasceram e desenvolveram-se com o intuito de dar ao ensino uma nova abordagem para os jovens que terminassem o ensino básico, oferecendo uma alternativa diferente no âmbito da formação escolar e profissional.

No caso concreto de Portugal, os objetivos do ensino profissional permanecem os mesmos desde a sua criação. Devemos por isso distinguir alguns dos aspetos mais relevantes. Criaram-se escolas a pensar nas necessidades e potencialidades a desenvolver nas diversas regiões com a ajuda de instituições e empresas locais.

Foi autorizado o funcionamento de escolas com dimensões mais reduzidas, que permitiam acompanhar o aluno de forma personalizada atendendo às suas necessidades básicas de formação. O sistema modular de avaliação veio trazer a estes alunos uma nova forma de aprendizagem, baseada em conteúdos e programas mais concretos que possibilitavam o desenvolvimento das competências e a aquisição de saberes de forma progressiva. As escolas podem escolher recrutar os seus docentes tendo, assim, a oportunidade de poder seleccionar os melhores profissionais das áreas técnicas. No que diz respeito à questão pedagógica, as escolas

¹ No ano de 1989, foram criadas as Escolas Profissionais em Portugal, iniciativa por parte do Ministério da Educação e do Trabalho, por Decreto-lei nº24/89, de 21 de Janeiro.

apenas têm de se reger pelo quadro global definido pelo Ministério da Educação, que deixa ao critério das escolas a organização das suas atividades escolares (Azevedo, 2005a).

Na década de 1990 assistiu-se a um desinvestimento na área do ensino profissional, tal como referido por Azevedo (2005a), havendo, por parte da classe política, um desinteresse nesta área; para o autor, existiram quatro razões que levaram a este *abandono*. A primeira razão relata a falta de sensibilidade dos governantes no que diz respeito ao desenvolvimento local e social do país, a segunda razão transporta-nos para os olhares preconceituosos de muitos dirigentes do Ministério da Educação que consideraram “ensino de segunda e para os filhos dos pobres” (Azevedo, 2005a, p.2), impulsionando ainda mais as desigualdades sociais. A terceira razão enunciada aborda o facto de estas escolas serem de iniciativa privada e mostrarem bons resultados, por último e quarta razão o autor refere que muitas das escolas se sentem inibidas por este tipo de pressões, optando por um comportamento e resignação, temendo retaliações.

No entanto esta tendência tem vindo a mudar por parte dos governos que começaram a perceber que este tipo de ensino poderia ajudar a resolver alguns problemas do ensino em Portugal, porque mais do que especializar mão-de-obra o ensino profissional procura dar opções mais diversificadas e oferecer novas oportunidades aos alunos que saem do ensino básico ou que queiram voltar a estudar. Combater o abandono escolar com ofertas de programas escolares diferentes, que possam ser mais atractivos para os alunos desencantados com a escola e que não se revêm nos requisitos do ensino secundário. Espera-se com isto poder diminuir a taxa de insucesso escolar que continua a embaraçar o nosso país dando uma motivação extra a estes alunos desencantados. Mas também, conseguir obter um desenvolvimento e crescimento económico das regiões, sendo para isso necessário conseguir trabalhar as competências e os saberes dos alunos para um espírito de iniciativa e de empreendedorismo que poderá ajudar a reduzir o desemprego jovem.

2. Ensino profissional: uma aposta válida

Segundo Grácio (1997, p.15), “A procura de ensino baseia-se fundamentalmente no facto conhecido de todos de que mais educação aumenta as oportunidades de ganhos económicos durante a vida profissional de cada um.” Esta interpretação baseia-se na concepção criada de que o aumento de habilitações académicas aumentaria o leque de oportunidades e de ganhos económicos ligados à ideia de qualidade de vida.

No final do 3º ciclo, fim da escolaridade obrigatória, as famílias e os jovens discutem entre si as melhores opções para o futuro escolar, projetando as suas expectativas numa formação que trará vantagens para o futuro profissional.

Como sustentado por Grácio (1997, p.17), “com mais crescimento económico há mais razões para prosseguir os estudos, porque se elevam os rendimentos para custear os estudos assim como os rendimentos que se obtêm a mais com mais educação escolar; mas por isso mesmo também há boas razões para abandonar os estudos e aproveitar as boas oportunidades de emprego que se oferecem de imediato.”

Seguindo esta linha, o autor explora um tema sensível, onde por um lado retrata os jovens estudantes que vivem numa constante procura e de investimento em formação académica e, por outro, observamos alunos desencantados pelo sistema de ensino e sem perspetivas de futuro. Citando Azevedo (1997, p.41), “Afiml, para quê estudar, para quê obter os mais altos diplomas?” Esta dura realidade está gravada quando analisamos os números do abandono escolar e a taxa de desemprego de jovens com formação superior.

No entanto, consideramos que o ensino profissional é uma aposta válida por oferecer uma formação teórica completa e específica inserida numa formação sócio-cultural com intuito de desenvolver competências pessoais e sociais aliadas à prática de uma profissão.

O ensino profissional em Portugal conseguiu demonstrar uma alternativa privada viável à oferta oferecida pelas instituições escolares estatais, através de parecerias com o estado e sociedade civil contando, ainda, com a ajuda de entidades locais e através de um modelo de gestão de ensino próprio. Esta via de ensino transmite uma nova esperança aos jovens e ao desenvolvimento local e regional do país. Nasceu uma nova possibilidade para os jovens de adquirirem uma formação completa, contemplada pela aquisição de um diploma que os certifica numa área específica inserida num percurso de formação mais curto. O que desfaz a ideia pré-concebida da necessidade de uma licenciatura para ter um o “reconhecimento” válido no mercado de trabalho.

Segundo Azevedo (2010, p.26),

“Sobretudo, porque contribuem para a motivação e realização pessoal de muitos milhares de jovens portugueses. Essa é a sua mais importante razão de ser. Vi muitos destes jovens, muitos desmotivados em relação à continuação de estudos e mesmo em relação à vida e ao futuro, ganharem coragem e força de viver ao aderirem a estes cursos e hoje são profissionais muito realizados e melhores pessoas.”

É relevante se pensarmos que este ensino poderia ajudar a baixar os níveis de insucesso e de abandono escolares por reunir condições favoráveis que possam atrair e motivar estes jovens que não se identificam com a oferta do ensino regular. Um dos grandes diferenciadores do ensino profissional está na aquisição de saberes que esta via de ensino proporciona aos alunos.

Segundo Cabrito (1994), as produções de competências estão assentes em quatro pilares da formação profissional.

O domínio do saber pressupõe o conhecimento genérico, científico e técnico aliado ao conhecimento das tarefas a desempenhar nas profissões. No domínio do saber-fazer o aluno deverá racionalizar de forma a identificar e encontrar soluções alternativas aos problemas que encontre durante o seu percurso profissional, bem como adquirir competências de organização e planificação da informação e das tarefas.

No domínio do saber-ser é pretendido que o aluno tenha a capacidade de se entrosar com as várias mudanças que possa vir a ter ao longo do seu percurso profissional, obrigando-o a adquirir valores como a responsabilidade e a autonomia, de aprender a aprender.

O domínio do saber-estar está articulado com o domínio do saber – ser uma vez que as capacidades do indivíduo são novamente destacadas. Este domínio subentende as capacidades de relacionamento interpessoal, trabalho em equipa, entreajuda e valores como o respeito, a pontualidade, a diligência, ter boas normas de conduta e ser cumpridor das tarefas que lhe sejam incumbidas.

Se, por um lado, o aluno irá aprender e aperfeiçoar as características dos domínios de saber-ser e estar no âmbito do exercício da profissão, por outro é esperado que tais valores já tenham sido incorporados ao longo da aprendizagem no ensino profissional

Tal como referido por Azevedo (2010), com a mobilidade que subsiste no mercado de trabalho as escolas profissionais rapidamente se aperceberam que formavam para a vida e não só para o mercado de trabalho.

Os programas inseridos neste tipo de ensino procuram dotar os alunos de uma formação técnica específica da área completando com uma formação sócio-cultural e científica apropriadas. A avaliação também difere do modelo tradicional de ensino, a progressão de estudos por módulos proporciona aos alunos um compromisso progressivo com os objetivos alcançados através das aprendizagens interiorizadas ao longo do curso. Este modelo de avaliação procura responsabilizar os alunos pelo seu percurso escolar; incentivar o espírito crítico e a

imaginação dos alunos nos casos práticos e, sobretudo, garantir que as matérias lecionadas foram adquiridas.

O facto de as escolas profissionais terem um número mais reduzido de alunos, comparado com o ensino regular, permite que haja um acompanhamento mais próximo e personalizado.

Na perspetiva de Marques (1993), os indicadores da concretização dos objetivos das escolas profissionais são avaliados após a saída dos alunos das mesmas. A inserção do aluno no mercado de trabalho e o seu percurso profissional indicará o sucesso que a sua formação teve. No entanto, este é um percurso complexo que tende a oscilar entre períodos de formação com períodos de desempenho profissional; na fase inicial de adaptação ao mercado de trabalho, a escola poderá ter um papel fundamental no apoio à inserção dos alunos na vida activa.

Capítulo II. Mercado de trabalho e construção de carreira

1. Mercado de trabalho – Novos desafios

Vivemos numa era em que as mudanças na economia, as transformações no trabalho e no emprego, provoquem reformas no ensino cada vez mais céleres obrigando a sociedade a adaptar-se rapidamente a estes novos quadros.

Segundo Azevedo (1999), os mercados de trabalho têm vindo a criar uma separação significativa entre um segmento primário caracterizado pela sua competitividade, constituído por uma mão-de-obra qualificada que tem preservado uma condição de estabilidade. Por outro lado, o segmento secundário está representado por uma classe de trabalhadores indiferenciados que vivem uma elevada instabilidade profissional. Para além deste aumento das desigualdades surgem cada vez mais novas profissões que vêm os seus conteúdos alterados de forma constante.

A instabilidade, a incerteza e a precariedade são hoje as principais características do mercado de trabalho. A noção de carreira *já não é o que era*, o emprego para a vida e a estabilidade foram substituídos por *voos de borboleta*. Citando Azevedo (1999, p.51), os voos de borboleta são designados pelo autor como “contexto de enorme turbulência e imprevisibilidade, aparentemente sem quaisquer referências estáveis a que agarrar.” Estes voos, quando comparados com o cenário vivido pelos jovens na busca do emprego, não são mais que o espelho de uma juventude com dificuldades em arranjar emprego e que vive uma forte instabilidade profissional, marcada por vínculos de trabalho precários, períodos de desemprego e a aquisição de novas competências originadas pelas mudanças de actividade profissional.

Segundo Azevedo (1999, p.53), “ Não é fácil conseguir um diploma e ter de projetar a sua vida sem saber quando se obterá o primeiro emprego, quanto tempo ele durará.” Por consequência a construção do projecto de vida para os jovens torna-se uma tarefa difícil de planear, a instabilidade e a insegurança do mercado de trabalho criam barreiras na construção de um projecto de vida no futuro destes jovens, obrigando a constantes adiamentos na realização da sua independência e emancipação.

Parece-nos por isso relevante, introduzirmos o conceito de *aprendizagem ao longo da vida*, que foi desenvolvido pelo Conselho da Europa, UNESCO² e OCDE³.

O ano de 1996 foi nomeado “Ano Europeu da Educação e da Formação ao longo da Vida”. Citando Rens (1996, p.2), “A ideia de criar condições que permitam a todos os cidadãos ter acesso ao saber ao longo da vida inscreve-se numa concepção democrática do funcionamento das sociedades”. A sua principal finalidade era fazer face à situação do desemprego na Europa, criando condições para a actualização da instrução dos profissionais (Eliasson, 1996).

A desvalorização das competências tem aumentado ao longo destes últimos anos, o que torna imperativo a necessidade de aquisição de novas competências e saberes por parte dos trabalhadores a fim de conseguirem segurar o emprego ou na procura de um novo. Citando Eliasson (1996, p.2), “Este problema apresenta duas facetas: a inovação tecnológica faz aumentar e evoluir rapidamente os conhecimentos exigidos da mão-de-obra; os trabalhadores de outros países aprendem rapidamente. Para não recuar, é necessário avançar.”

Segundo Coimbra, *et. al.*, (2001), a formação ao longo da vida e a gestão de carreira fazem parte de um ponto central para fazer face às transformações ocorridas nas relações laborais, económicas e sociais.

2. Orientação vocacional e Carreira

A sociedade actual orienta-nos desde cedo a pensar na profissão que gostaríamos de vir a ter, o que nem sempre se torna uma tarefa fácil principalmente na fase da adolescência onde as dúvidas e inseguranças são permanentes. O peso da responsabilidade, a preocupação de fazer escolhas certas e a pressão feita pela família e pela escola acabam por comprometer algumas

² Organização das Nações Unidas para a Educação

³ Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico

dessas *escolhas*. Perceber qual é a “nossa vocação” não é sempre evidente quando a maioria das vezes as experiências são limitadas, o que acaba por influenciar as tomadas de decisão.

Segundo (Paixão 2005, *in* Vondraceke Porfeli, 2002) as decisões vocacionais são cada vez mais precoces, o acelerado desenvolvimento tecnológico das sociedades modernas criou a necessidade de adaptação e reorganização no mundo do trabalho e da educação, através de matérias escolares e actividades de trabalho. Estas transformações são, por isso benéficas no momento da transição de escola / mercado de trabalho.

Como refere Paixão (2005, *in* Vondraceke Porfeli 2002) a orientação vocacional deve ter como finalidade um forte compromisso com o papel de trabalho, procurando desenvolver competências e capacidades como a criatividade e competitividade tendo em conta as oportunidades actuais, promovendo a curiosidade na aprendizagem e a aquisição de satisfação e realização no trabalho para além das recompensas económicas.

Por sua vez, orienta e prepara os jovens para os novos desafios do mundo do trabalho, destacando os conceitos de flexibilidade e da transformação do sentido de trabalho, em particular a importância da formação ao longo da vida.

Concordamos que tem um papel importante nos anos de transição, particularmente no 9º ano e no 12º ano onde as escolhas são forçosas e decisivas. Segundo a perspectiva de Leão (2007), este apoio é sobretudo centrado nestes dois momentos de transição e seguramente tardio. Seria essencial que a orientação vocacional fosse acompanhando os alunos de mais perto, ao longo dos anos de escolaridade, para que estes programas de apoio aos alunos pudessem ter mais sucesso potencializando o desenvolvimento vocacional.

Segundo Herr (2008), a educação para a carreira, como prática contém diversas formas, tais como inculcar nas escolas o conceito de carreira em todas as disciplinas de forma a que os alunos possam criar relações entre os conteúdos leccionados e aos requisitos das diversas ocupações profissionais ou posto de trabalho. Em certos casos, a educação para a carreira não executa uma infusão total, ou seja através de módulos, sessões de pequenos cursos, as escolas procuram ajudar os alunos a estabelecer e atingir objectivos, criando um ambiente construtivo e motivador na relação com o mercado de trabalho. Desta forma, os alunos têm a oportunidade de aprofundar algumas das suas características pessoais e perceber de que forma estas se relacionam quando confrontados com oportunidades de trabalho. Estes métodos, auxiliam o aluno na sua construção de futuras competências para o mercado de trabalho.

Como defendido por Rodríguez-Moreno (2008), é necessário promover a planificação transversal nas disciplinas escolares que facultem as condições necessárias aos alunos para a sua

integração no mundo do trabalho. O papel do professor é fundamental para dinamização e realização de actividades que promovam a experiências fora da escola num ambiente do mercado de trabalho, este tipo de aprendizagem é um dos pilares da educação para a carreira, que defende uma aprendizagem próxima da realidade do mercado de trabalho.

A orientação vocacional tem como pilares dois mundos que se iniciam no sistema de ensino e terminam no mercado de trabalho. De acordo com Leão (2007), existe o paradigma da intervenção nesta área distinguindo a *escolha vocacional vs a gestão de carreira*. “ Mais do que um processo de escolha, circunscrito no tempo e válido por um período alargado, o momento actual configura necessidade de gerir uma carreira num cenário de incerteza, onde se abrem riscos e oportunidades” (Leão, 2007, p.67). Pretende-se com isto dizer que independentemente do curso ou da área de formação é necessário ter presente que o mercado de trabalho obriga-nos a definir e redefinir constantemente a gestão de carreira que deixou de ter um crescimento vertical.

Segundo Taveira, Faria e Saavedra (2008, *in* Taveira, 2000, p18), “A exploração da carreira designa aqui o processo psicológico que sustenta as atividades de procura e processamento de informação, ou o teste de hipótese acerca de si própria/o e do meio circundante, com vista à prossecução de objetivos vocacionais.” Ao longo da escolaridade os alunos vão descobrindo os seus ideais que mais tarde se transformam em expectativas e motivações vocacionais.

A profissão é parte central do conceito de carreira e como referido (Castro e Pego, 2000 p. 14, *in* Super, 1980) “um conjunto de tarefas, papéis e desempenho prováveis, que requerem certas aptidões, conhecimentos, capacidades interesses e que produzem um conjunto de recompensas. A carreira seria a sequência de ocupações, empregos e funções assumidas ou ocupadas durante a existência da pessoa.”

A concepção de carreira é compreendida como uma progressão regular e hierárquica definida por períodos individuais e personalizados no exercício de uma profissão no tecido de uma empresa (Castro & Pego, 2000).

Sob um novo olhar a carreira representa o trabalho individual e pessoal das apostas feitas ao longo da vida profissional e do investimento escolar, a soma destas duas analogias traduz-se num conjunto de experiências de trabalho, na aquisição de novas competências obtidas através das várias profissões, formações contínuas e até períodos de desemprego. É a partir destas vivências que se vai construindo uma carreira. A ideia de uma carreira estável numa só empresa baseada num *só emprego para a vida* deixou de fazer sentido. A sociedade actual, movida por constantes alterações, já não permite esta estabilidade linear numa profissão, é necessário que os indivíduos

acompanhem a evolução das novas tecnologias, se adaptem à reconversão profissional, à aquisição de novas competências baseadas numa formação contínua ou, como já referido, numa aprendizagem ao longo da vida.

Tal como referido por Castro e Pego, (2000, p.18), “Já não é necessário possuir um curso para justificar a aquisição de terminadas competências (que poderão ter sido adquiridas noutros contextos pessoais e profissionais), da mesma forma que, inversamente, ter frequentado determinado curso já não é condição para adquirir uma qualificação.” Ou seja, o facto de se ter uma formação superior já não significa a segurança de se ter um emprego garantido ou de ser mais fácil a procura, como se pensava há alguns anos.

Numa vertente mais global à sociedade e como refere Paixão *in* Guichard (2003), os métodos de intervenção de carreira também podem ser considerados como as respostas às questões levantadas pelos contextos sociais, particularmente para as empresas, empregadores, políticos e jovens. A orientação vocacional procura ajudar e dar a conhecer a realidade e as adversidades que advém do mercado de trabalho, com finalidade de colmatar os problemas de desequilíbrio entre a oferta e a procura.

A orientação vocacional tem um papel fulcral na redução das desigualdades sociais, contribuindo para redução do fosso entre diferentes grupos sociais e na eliminação de políticas discriminatórias, implantando noções de igualdades sociais. Contribui igualmente para a formação da cidadania ao desenvolver procedimentos para diminuir ou, até, impedir o aparecimento de graves problemas a nível social e comportamental através da identificação e valorização dos objectos comuns a todos os que vivem no mesmo contexto social. Ainda assim, favorece a organização de meios indispensáveis para a mobilização e realização das potencialidades pessoais. Promovendo o desenvolvimento integral dos sujeitos para um ajustamento eficaz aos contextos mais significativos de realização e de relação.

3. Construção de carreira segundo Marck Savickas

No sentido de abordar a temática da expectativa de carreira, adoptámos a teoria de Mark Savickas sobre a construção de carreira ao longo da vida. Segundo Savickas (2002), as instituições e a sociedade coordenam o percurso da vida individual nos diferentes papéis existentes. A estabilidade entre os vários papéis nucleares, tais como o trabalho e a família, fomenta o equilíbrio entre os vários atores, ao passo que o desequilíbrio promove pressão negativa. A escolha de uma profissão tem um papel marcante dentro da organização da personalidade de cada actor social, mas nem sempre a profissão se manifesta como a escolha

mais importante. Papéis como o de mãe, estudante, esposa ou até tempos livres poderão ser mais relevantes para o indivíduo. Estas escolhas estão largamente relacionadas com o meio social e as práticas sociais envolventes do indivíduo.

Quanto ao paradigma da carreira do indivíduo e nível profissional alcançado, a frequência e a sua permanência no emprego, poderá ser estabelecido por várias situações como o nível sócio-económico da família, habilitações académicas, educação, personalidade e adaptabilidade da carreira do indivíduo e oportunidades criadas pela sociedade.

O plano do auto-conceito vocacional remete-nos para as características vocacionais de cada indivíduo que estão intrinsecamente relacionadas com a escolha da profissão ou da sua capacidade/ variedade de tolerância; estas características variam de indivíduo para indivíduo. Os indivíduos têm a capacidade de possuírem múltiplas competências vocacionais o que lhes permite uma maior diversidade na escolha da profissão. O sucesso na escolha da profissão está relacionado com o papel social e a relação deste com as características vocacionais. Desta forma, o grau de satisfação adquirido no exercício da profissão provém dos seus auto-conceitos vocacionais, ou seja, do tipo de profissão, da situação de trabalho, do estilo de vida, e do modo como gere os seus outros papéis sociais e das suas experiências de crescimento.

A construção de carreira tem como fundamento a execução de auto-conceitos vocacionais, que resultam de uma herança de diversas aptidões e, por consequência, da apreciação dos pares e superiores que avaliam o desempenho demonstrado. As aptidões desenvolvidas nos auto-conceitos vocacionais ganham forma no final da adolescência, mas não são estáticos, e as suas mudanças são resultado de experiências vividas ao longo da vida (Savickas, 2002). Este conceito de construção de carreira é caracterizado pelos vários estados alcançados ao longo da carreira; estes estados são na realidade os períodos de crescimento, gestão pessoal e profissional, passando pelo desenvolvimento de competências humanas e de exploração, são por isso períodos que variam entre o investimento e o desinvestimento.

A construção de carreira é igualmente traçada pelo crescimento individual da maturidade vocacional que cada indivíduo possui, uma vez que existe um factor de desenvolvimento de competências da construção psicossocial, o mesmo acontece com a maturidade societal adquirida ao longo do processo de construção de carreira.

A noção de *life-span* é para nós a noção que mais se adequa e melhor caracteriza a construção de carreira nos dias de hoje. Este conceito transparece de forma clara as várias alterações e transições que vão surgindo ao longo de uma carreira profissional, o que de certa

forma vem contrapor com a concepção de estabilização na carreira, uma vez que a construção de carreira está em contantes transformações.

The "individual differences" view of occupations and the "individual development" view of careers are the two grand perspectives in vocational psychology, one focusing on vocational behavior and the other on its development within. Because of their overriding importance, it is worth comparing the differential and developmental perspectives within vocational psychology, starting with the individual differences perspective (Savickas, 2002, pp.149-150).⁴

Em consonância com esta visão de Savickas, teremos de encarar o projecto de construção como um projecto maior, que integra todos os seus papéis sociais, representando um autêntico projecto de vida. Este conceito pressupõe que as pessoas conheçam as suas capacidades e competências, identificando os seus interesses e expectativas, o que lhes facilita a construção do seu projecto de vida. Este conceito foi introduzido por Super, no início da década de 1950.

Este autor afirmava que a construção do nosso projecto deveria ter por base factores sociais, ambientais e psicológicos, contribuindo em conjunto para se coadunar com todos os nossos papéis sociais (Super, 1957).

Em síntese, parece-nos poder afirmar a grande correlação existente entre formação profissional e projecto de vida, tendo como centro as expectativas pessoais de carreira.

Capítulo III. Construção de vida

1. Construção de vida segundo a perspectiva de carreira

Um dos mais importantes fenómenos resultante da industrialização, no início do século XX, foi a diversificação de profissões disponíveis e o crescimento do trabalho assalariado. Decorrente destas alterações, surgiu a necessidade de se disponibilizar ajuda aos indivíduos na procura e negociação de trabalho assalariado, o que conduziu ao aparecimento das primeiras práticas de orientação vocacional, consideradas como uma "micro-ferramenta para o Estado Industrial" (Savickas, 2009 *in* Arthur, Inkson, & Pringle, 1999).

⁴ Tradução da autora - A visão ocupacional "diferenças individuais" e a visão de carreira "desenvolvimento individual" são as duas grandes perspectivas na psicologia vocacional, uma focada no comportamento vocacional e a outra no desenvolvimento interior. Dada a sua importância primordial, é relevante comparar a perspectiva diferencialista e a desenvolvimentista dentro da psicologia vocacional, começando pela perspectiva das diferenças individuais.

Foi fomentada a ideia de dependência hierárquica e de manutenção de relações laborais estáveis, o que pressupunha, se um trabalhador tivesse um comportamento leal e dedicado perante a entidade patronal, obter um emprego para a vida.

No decorrer do século XX, os indivíduos foram gradualmente tomando consciência e percepção da profissão que poderiam vir a desempenhar ao longo das suas vidas, de acordo com a sua condição social. Com a chegada do século XXI, verificaram-se novas mudanças nas relações laborais e no mercado de trabalho, consequência da era da globalização e do desenvolvimento de novas tecnologias de informação. Estas transformações tornaram as perspectivas profissionais menos concisas e dificilmente previsíveis. Períodos de mudança e transição, regulares e extremamente exigentes, requerem dos trabalhadores uma actualização constante dos conhecimentos, do funcionamento de novas tecnologias e fácil adaptação às novas necessidades do mercado de trabalho.

Os indivíduos do século XXI "devem estar conscientes de que as suas questões relacionadas com o percurso profissional são apenas parte de um conjunto muito maior de preocupações acerca de como viver num mundo global pós-moderno, delineado por uma economia global e apoiado pela tecnologia de informação" (Savickas *et al.* 2009 p. 394). É referido como exemplo a necessidade de equilíbrio entre as interações e as actividades de trabalho e as interações e actividades referentes à família, que se tornam questões essenciais na reflexão que cada uma faz sobre as suas ambições e competências. A gestão das várias actividades e interações do indivíduo, no seu dia-a-dia, torna-se uma inquietação total quando confrontada com situações delicadas quanto ao papel desempenhado enquanto trabalhador, nomeadamente nas situações de precariedade, emprego temporário, externo ou em circunstâncias de trabalho parcial ou ocasional.

As interrelações existentes nas várias esferas da vida apresentam uma característica predominante, adjunta ao facto de não se poder afirmar com convicção em “desenvolvimento de carreira” ou “orientação vocacional”, actualmente estes conceitos permanecem em parte desajustados e incompletos, sobretudo por assentarem em modelos de estabilidade das características individuais e em empregos assegurado em estruturas limitadas. Por sua vez, o conceito que melhor se adapta às transformações de uma economia pós-moderna manifesta-se em “trajectórias de vida”, este percurso é esboçado, idealizado e construído pelos indivíduos, arquitectando desta forma a sua vida, incluindo os seus ideais e ambições da vida profissional (Savickas *et al.*, 2009).

A questão “O que vou eu fazer da minha vida?” (Savickas *et al.*, 2009, p.394), não faz parte apenas do universo de incertezas dos adolescentes; esta interrogação é transversal a todos os indivíduos em situações de mudança nos diversos domínios da vida, que podem resultar de problemas de saúde, relações pessoais e íntimas e no emprego.

Na sociedade actual, as reflexões éticas têm um maior impacto psicológico (Savickas *et al.*, 2009 *in* Giddens, 1991), isto porque é indispensável que o indivíduo pondere o que é o mais importante para si, de forma a poder proteger-se de possíveis sentimentos de abandono ou da perda de parâmetros de referência. Ainda assim, o indivíduo tem noção dos actuais riscos associados aos novos estilos de vida. Por outro lado, e tendo em conta estes dois aspectos, é necessário que os profissionais em carreira idealizem a concepção de modelos contextualizados.

Presentemente, as relações entre o trabalhador e o mundo do trabalho fomentam a necessidade de se adoptarem novos mecanismos de promoção pessoal, de modo que, as intervenções realizadas no âmbito do aconselhamento de carreira devem ajudar os indivíduos na reflexão sobre os seus “bens-chave” (Savickas *et al.*, 2009 *in*, Parker 2007). O intuito desta reflexão é resolver os problemas que surgem quando o trabalhador organiza a sua vida com base na correlação entre as suas necessidades e as do ambiente, em particular quando em contexto de trabalho.

Segundo a perspectiva de Guichard, as novas problemáticas sociais na construção que cada um faz de si, partem das seguintes questões de investigação: “Quais são os factores e os processos da construção de si próprio?” (Savickas 2009, *in*, Guichard 2004, p. 395) “Comment permettre a l’individu d’orienter au mieux sa vie dans la société humaine qui est la sienne?”⁵ (Guichard, 2004, p.1).

A primeira questão visa compreender as escolhas dos indivíduos face às suas profissões e como se vão configurando as suas carreiras ao longo do tempo, “deveríamos formular um melhor entendimento de como os indivíduos constroem as suas vidas através do trabalho” (Savickas *et al.*, p. 395). A segunda questão procura encontrar respostas, salientando a importância da centralização dos diversos domínios da vida em vez de fechar exclusivamente no campo do trabalho. No decorrer das várias actividades, experiências e de combinação de papéis, os indivíduos tomam consciência do que é essencial e mais importante na sua construção como pessoa.

⁵ Tradução autora - Como permitir ao indivíduo de orientar a sua vida, numa sociedade que é a sua?

Segundo Guichard (2004) a construção de si ocorrida ao longo da vida centra-se em três princípios; o primeiro de ordem social – o indivíduo orienta a sua vida e interage/ relaciona com a sociedade onde está inserido; o segundo é sócio-cognitivo - o indivíduo elabora as duas condutas, construindo-se e criando uma relação com os outros através de estruturas cognitivas criadas ao longo das suas actividades e interacções. O terceiro princípio enuncia a dinâmica do indivíduo, que está assente num conflito entre a dualidade reflectida de si e na trindade da relação entre o eu – tu / ele – ela.

O indivíduo tem de ter consciência de que os novos paradigmas pós-modernos, na tomada da escolha vocacional, carecem de uma reflexão contínua sobre si próprio que deve ser feita de acordo com o contexto em que está inserido. Deste modo, é igualmente importante que seja receptivo a críticas e pareceres e, por fim, à concepção de “eus” possíveis.

2. Cinco passos de aconselhamento para a construção de vida

Citando Savickas *et al.* (2009, p. 396), as “Pessoas constroem carreiras quando fazem escolhas que expressam os seus autoconceitos”, o que significa que, é das experiências vividas no dia-a-dia e num determinado contexto que resultam os autoconceitos dos indivíduos. As reflexões narrativas do aconselhamento de carreira sustentam-se nestas experiências, de forma a obterem um recurso relevante para posteriormente se planear e elaborar a construção de vida.

De acordo com Savickas *et al.* (2009), existem cinco pressupostos para o aconselhamento à construção de vida:

1. Dos Traços e Estados ao Contexto

Na primeira medida, é evocado o esforço dos psicólogos do século XX, que analisavam as leis universais regidas pelo comportamento humano; por consequência a investigação tinha como base “os focos de personalidade e factores de capacidade estáveis para caracterizar tanto pessoas como profissões” (Savickas *et al.*, 2009, p. 395). Os psicólogos baseavam-se nos perfis pessoais e profissionais de modo a poderem ajudar a conciliar “pessoa e meio”. Contudo, o psicólogo deve procurar analisar qual o melhor ajustamento entre o projecto de vida do paciente em consonância com as condições do meio, uma vez que a identidade profissional é construída através das diversas experiências ocorridas ao longo da vida. É por isso necessário admitir que o aconselhamento se desenrola em condições dificilmente controláveis.

2. Da Prescrição ao Processo

A questão imposta neste ponto analisa o facto de os profissionais “prescrevem carreiras” à medida que os indivíduos mudavam de empregos constantemente, em vez de trabalharem uma

escolha profissional singular. Os profissionais devem distanciar-se dos modelos tradicionais de construção de carreira e adaptarem-se aos novos modelos e regras impostas pelas exigências de um novo mercado de trabalho, que está em constante transformação. O objetivo principal é encontrar estratégias dinâmicas de forma a construir um melhor ajustamento entre o indivíduo e o meio, cabendo aos profissionais darem uma orientação de “como fazer” e não “o que fazer”. Desta forma, estão delineadas as condições para a resolução de problemas no planeamento de construção de vida.

3. De uma Causalidade Linear às Dinâmicas Não-Lineares

A teoria científica tradicional é linear e dedutiva, o que se torna vantajoso quando o fim é a aplicação de leis gerais e assim concluir um resultado previsível; seguindo esta linha de pensamento os profissionais confiavam numa lei geral “apoiando a sua prática no pressuposto de que as aptidões e os interesses de um indivíduo os capacitavam a predizer o desenvolvimento de carreira desse mesmo indivíduo.” (Savickas *et al.*, p.397). No entanto, as explicações causais simples e lineares não estão legitimadas pelas experiências do quotidiano, sendo estas um suporte essencial para uma construção contínua na vida profissional e pessoal. Citando Savickas *et al.*, (2009), “A necessidade de mudanças nos modelos de carreira e métodos de aconselhamento é o alargamento da perspectiva, passando do simples conselho relativo a uma tomada de decisão vocacional para perícia em co-construir e acompanhar um processo de construção de vida mais holístico.” - Isto é, optando-se por soluções mais polivalentes.

4. Dos Factos Científicos às Realidades Narrativas

Até então, a noção de carreira profissional era traçada pelas regras sociais em vigor: em primeiro lugar estava a educação, em segundo o trabalho e em último a família - este quadro de referência sofreu algumas alterações ao longo das últimas décadas. Actualmente, os indivíduos apostam numa formação académica ou profissional, iniciam a sua vida activa como trabalhadores e regressam à escola / formação com o objetivo de obter mais qualificações; perdem os seus empregos ou mudam com mais frequência e divorciam-se, não perdendo forçosamente o reconhecimento social. O objectivo deste ponto é tornar o indivíduo capaz de se adaptar a todas estas mudanças e saber construir-se e reconstruir – se no seu quotidiano e meio envolvente. A função do profissional é auxiliar o indivíduo nestas fases de transição e orientá-lo para perspectivas de desenvolvimento.

5. Da Descrição à Modelagem

Os projectos individuais e profissionais variam de indivíduo para indivíduo, logo o processo de aconselhamento vocacional deve adaptar-se às realidades individuais de cada um.

Assim, não é possível estabelecer-se nenhum modelo padrão. É, por isso, necessário que os modelos de carreira e métodos de aconselhamento tenham em conta a modelagem de estruturas complexas.

Desta forma, o aconselhamento na concepção de construção de vida visa ajudar o indivíduo a fortalecer a sua meta pessoal, mas também através de uma introspeção sobre si de maneira a conseguir idealizar as suas prioridades e conseguir ultrapassar e a adaptar-se às mudanças imprevistas do futuro (Duarte, 2009).

Capítulo IV. Expectativas e Projecto de Vida

1. Expectativas e tomada de decisões

A análise do conceito de expectativa permite não só compreender a forma como os alunos encaram o seu projecto de vida e a sua futura empregabilidade, face ao que o ensino profissional lhes proporciona, mas também compreender as motivações que influenciam a expectativa.

Segundo Silva (2008), que faz referência à obra de Rotter (1954), sustentada na psicologia norte-americana, é possível identificar duas das principais posições na análise deste conceito:

- A posição cognitiva (variável cognitiva).
- A posição baseada no reforço (variável motivacional).

Citando o autor (pp. 119-120), podemos definir expectativas como “o grau em que o sujeito considera que um determinado reforço se segue a um determinado comportamento, executado numa determinada situação.” A expectativa surge, então, como resultado da percepção que o indivíduo tem das características de uma determinada tarefa. Verifica-se um aumento da expectativa face a uma situação de sucesso e uma diminuição da mesma quando surge um fracasso.

Deste modo, podemos afirmar que as expectativas se caracterizam pela sua subjectividade, podendo ser específicas de um caso ou situação particular, ou generalizadas.

É previsível que surjam momentos de “conflito”, quando as necessidades são eminentes e elevadas e as perspectivas de as satisfazer se revelam baixas. Consequentemente, geram-se comportamentos defensivos, desajustados e irrealistas (Silva, 2008).

As expectativas podem referir-se, de forma *probabilística*, ao que poderá acontecer, ou, num contexto *normativo*, àquilo que deverá acontecer:

- As expectativas probabilísticas são características de situações de livre consumo e associam-se à satisfação.

- As expectativas normativas ou *ideais* relacionam-se com os desejos e referem-se ao que se gostaria ou desejaria que acontecesse.

Silva (2008, p. 120, *in* Browner e Crano, 1994), reforça que “as expectativas que cada indivíduo tem dos outros e de si próprio possuem um efeito enorme nas suas percepções e avaliações, com profundas implicações na cognição e no comportamento. E talvez mesmo mais importante do que o efeito das expectativas pessoais no comportamento do indivíduo seja o seu efeito no comportamento dos outros.” As expectativas individuais influenciam o comportamento de relacionamento com os outros indivíduos levando a comportamentos e acções que seriam por estes esperados.

O mesmo autor refere ainda que as expectativas se reflectem de forma expressiva em cada indivíduo, tendo consequências ao nível dos sistemas *cognitivo, afectivo, comportamental e fisiológico*.

Relativamente aos efeitos das expectativas no *sistema cognitivo*, estes revelam-se sobre os seguintes processos:

1. *Atenção e codificação* – pela surpresa gerada.
2. *Interpretação* – confirmando, de forma consistente, as expectativas.
3. *Atribuição* – na sequência da não-confirmação das expectativas, gerando a busca de causas.
4. *Pensamento contra efectivo* – construção de representações *alternativas* do que poderia ter sido.
5. *Memorização* – favorecida, sobretudo, pela *informação inconsistente*, alvo das expectativas.

Também ao nível *afectivo* se manifestam consequências importantes:

1. *Atitudes* – reflectindo, afectivamente, crenças e expectativas do sujeito face a atributos e características do objecto.
2. *Ansiedade e depressão* - que aumentam ou diminuem face a determinados tipos de expectativas.
3. *Humor* – gerado pelo incumprimento das expectativas.

Ao nível *comportamental*, pode referir-se um comportamento consistente com o conteúdo das expectativas, podendo, até certo ponto, prever-se determinados comportamentos em função do conhecimento prévio das expectativas que influenciam esse tipo de comportamentos.

Uma vez que as expectativas são, na realidade, hipóteses (sobre pessoas, situações, acontecimentos, etc.), estas podem ser, ou não, confirmadas por informação posterior (na medida em que esta informação se encontre disponível).

As consequências ou resultados da *confirmação* das expectativas podem ser analisados de duas formas:

1. Relativamente às expectativas *efectivas*, aquelas em que existe 100% de certeza, os resultados podem ser irrelevantes.
2. No que se refere às expectativas *subjectivas*, com menos de 100 % de certeza, a sua confirmação desencadeia sentimentos iniciais positivos, marcados pela esperança de uma concretização, uma vez que a realidade passa a ser “previsível”; por outro lado, nalguns casos, os sentimentos negativos também surgem, pelo facto de não se concretizarem os objectivos esperados e não serem satisfeitas as necessidades do sujeito.

Quando as hipóteses não são confirmadas ficamos numa situação de *desconfirmação* das expectativas, com consequências cujos efeitos podem ser:

1. Converter as expectativas implícitas, ou não conscientes, em expectativas explícitas.
2. Inicialmente gerar sentimentos negativos, em consequência de uma realidade que se revela imprevisível – a surpresa pode ser desagradável para algumas pessoas, mas, posteriormente, podem verificar-se sentimentos positivos. Citando Silva (2008, p. 123), “podem verificar-se sentimentos secundários positivos a partir de inferências feitas, designadamente quando alguém espera o pior, mas recebe melhor.”
3. Obrigar a que a informação da expectativa seja revista e pensada e por isso sustentada por duas motivações, sendo que a primeira se prende com o desejo de proteger a expectativa original, “que pode motivar tentativas de integração da informação inconsciente na mesma” e em segundo plano com o *desejo de fazer julgamentos correctos*, “perante a reduzida confiança induzida pela desconfirmação da expectativa, levando os sujeitos a abandonar os processamentos mais automáticos, baseados em categorias, e a envolver-se em processamentos mais individualizados, construídos ‘peça-a-peça’” (Silva, p.123).
4. Permitir ainda que a expectativa seja reduzida quando não é repensada ou quando é mesmo abandonada.
5. Tornar as expectativas mais acessíveis.

Segundo Fontaine (1987), a criação das expectativas tem uma fundamentação de cariz histórico-social, sendo que as experiências vividas e as representações estereotipadas fazem parte da formação das expectativas. Estas manifestam-se de forma diferenciada de acordo com as características sociais de cada indivíduo, tais como o local de residência, género e nível socioeconómico; desta forma, verificamos que os níveis de expectativa variam consoante os grupos sociais.

Fontaine (1987), em referência à obra de Bandura (1977), diferencia a existência de dois conceitos de expectativa:

1. A expectativa de *eficácia pessoal* (*self-efficacy expectancy*), onde se insere a avaliação que o sujeito faz da sua aptidão para demonstrar certos comportamentos.
2. A expectativa de *resultado* (*outcome expectancy*), que retrata a certeza da eficácia de alguns comportamentos face à conquista de um determinado resultado. Citando Fontaine (1987, p.30, *in* Bandura, 1977) “esta última expectativa deriva da percepção da existência de relações estáveis entre comportamentos e resultados, num determinado contexto.”

Deste modo, é possível observar que as expectativas de *eficácia pessoal* se enquadram entre o indivíduo e o seu comportamento, enquanto as expectativas de *resultado* se enquadram entre o comportamento e o resultado (Oliveira, 1996).

Podemos ainda considerar que expectativas baixas advêm de uma maior fragilidade dos indivíduos quando confrontados com um possível fracasso ou quando marcados por uma excessiva precaução nos objectivos ou tarefas a realizar. Por outro lado, como afirmado por Barros (1988), os indivíduos que têm expectativas elevadas ascendem menos quando confrontados com situações de sucesso, mas descem mais nos momentos de insucesso, mais ainda que os indivíduos que têm expectativas mais baixas.

No âmbito do contexto escolar, a análise desta temática vem confirmar como é importante e necessário que o papel do professor acompanhe as mudanças na relação entre a escola e a família, uma vez que a família é portadora de expectativas dos filhos, mas, por sua vez e igualmente, os alunos também são portadores de expectativas dos professores.

Segundo Charlot (1999), as expectativas dos alunos do ensino profissional focaliza-se na obtenção de um diploma e de trabalho. Com efeito, os alunos pretendem através dos cursos adquirir conhecimentos e competências para o exercício da profissão. Encarando desta forma, a escola surge como um trampolim para o ingresso no mercado de trabalho, e não como meio para a aquisição de saberes.

Os jovens provenientes de um nível socioeconómico mais baixo têm expectativas mais reduzidas quanto ao seu projecto de vida, no que diz respeito à profissão e formação escolar, devido à influência da origem familiar e do seu contexto de vida que obrigam os jovens a aceitar a primeira oportunidade de trabalho sob forma de subsistência. Os indivíduos que pertencem a uma família de nível económico e cultural mais elevado possuem, igualmente, expectativas profissionais elevadas. Sendo um factor determinante nas escolhas escolares e futuramente nas opções profissionais dos alunos. (Gonçalves, 2006 *in* Gonçalves, 1997; Hoffman, Goldsmith & Hofacker, 1992).

2. Projecto de vida e sua construção

Como referido anteriormente, a orientação vocacional visa apoiar os indivíduos, nomeadamente jovens adolescentes, na elaboração da construção do seu projecto de vida. Numa fase inicial, o objectivo incide na elaboração das alternativas escolares/curriculares e, posteriormente, profissionais.

De acordo com Coimbra (1997), o projecto de vida era observado repetidamente de modo linear, ou seja, regia-se por uma ilustração tradicional dos acontecimentos sequenciais que ocorrem ao longo da vida, surgindo através da formação escolar, da qualificação profissional e, seguidamente, com o emprego, desempenho de uma profissão, até à reforma. Este esquema é, por isso, previsível a todos, quando concebida a imagem de projecto de vida aliado à evolução da carreira profissional.

O aspecto central aliado ao comportamento de exploração e de planificação é o resultado de comportamentos intencionais e orientados para determinados objectivos que têm um papel fundamentalmente afectivo e motivacional e não apenas de competências e potencialidades cognitivas. O planeamento é um princípio essencial na acção humana para atingir qualquer objectivo motivacional é necessário existir um planeamento e uma construção de projecto. A planificação prevê um comportamento intencional, que pode sofrer alterações devido à relevância de factores externos e dinâmicos que podem influenciar o resultado da acção comportamental. Paixão (2005, *in* Bandura, 1986), afirma que o comportamento intencional torna-se possível através do planeamento que independentemente do contexto e da acção concreta em que se encontra rege o controlo de si próprio e sobre meio.

As concepções mais clássicas no domínio do treino de competências e empregabilidade baseavam-se na crença de que era essencial auferir competências de procura de emprego e conseguir a “manutenção” deste. A mudança de emprego, exceptuando as promoções e/ou

alterações de posto na evolução da carreira, era entendida como uma lacuna do trabalhador, como incapacidade de adaptação, ou classificada até como um desequilíbrio psicológico estrutural. Esta reflexão revê-se num modelo fechado, unilateral e sequencial que não oferece as melhores opções nem se adequa ao novo mercado de trabalho global. Citando Coimbra (1997), a orientação vocacional deveria proporcionar “uma forma de organização social, que previsse a existência de um lugar certo para cada um na sociedade.” No entanto, é necessário ter em conta que os processos de distribuição dos indivíduos na esfera profissional “ocorria através de mecanismos que reproduziam diferentes possibilidades de acesso e de sucesso à diversidade de oportunidades sociais” (Coimbra, 1997, p.22).

A visão de projecto de vida ou de um só projecto de vida, corrobora a ideia do senso comum de que o indivíduo nasce com apetência para alguma coisa, ou melhor, nasce com uma “vocação” predestinada. Era imperativo por isso, encontrar “*a tal vocação*”. Porém, esta questão não se adapta aos novos padrões de construção de carreira, ao considerar apenas numa hipótese que parece ser certa. Pelo contrário, esta teoria clássica de “uma só vocação” limita a abertura na procura de novos horizontes, fechando oportunidades futuras. Para além disso, as escolhas e tomadas de decisão face à educação, formação e emprego acabam por estar acompanhadas de ansiedade e insegurança, que provocam sentimentos de medo errar ou receio de falhar.

Coimbra (1997), destaca três pontos que não se coadunam com as opiniões dos profissionais de educação: O primeiro ponto aborda o inatismo, que atribui a responsabilidade de diferenças à natureza e não às experiências de vida dos indivíduos.

O segundo ponto descreve a concepção da descoberta, ou seja, o delinear de um caminho para a descoberta de uma vocação em vez de um trajeto a construir e reconstruir. Por último, a certeza, que define uma lógica de previsão sustentada por um excesso de positivismo, o que não se torna compatível quando confrontado com diferentes realidades humanas e sociais.

Esta linha de raciocínio estática e demasiado previsível, sustentada por factos pouco credíveis, não é coerente com as histórias de vida individuais que se vão escrevendo e reescrevendo à medida das experiências, sucessos e fracassos. Neste sentido, Coimbra (1997), defende que a selecção de um curso ou de uma profissão deve ser feita com base nas características pessoais e não pela à origem social e grupos de pertença.

Como já mencionado, as expectativas de carreira do indivíduo são criadas por pressões de diversas origens. Desmistificam-se, então, alguns dogmas sociais anteriormente tidos como válidos, de que a expectativa de carreira seria inata (inatismo) ou até mesmo surgiria da certeza. A construção de quadros de leitura era interpretada como uma necessidade presente mas de

actuação passiva. A formação destes quadros acontecia tendo como base realidades simples de natureza pessoal, social e vocacional, resultado da interacção dos três tipos de realidades.

Segundo Coimbra (1997), os vários tipos de “pressões” são exercidas sobre os indivíduos e o meio em que o indivíduo se encontra inserido é o veículo dessas pressões. Este meio devia ser responsável por estimular a diversificação das experiências do indivíduo com o objectivo de ser este a procurar autonomamente oportunidades e outras pressões, não tendo apenas como pressupostos meros dogmas sociais, mas sim a personalidade e a formação do carácter, em conflito com estes mesmos dogmas e possibilidades.

O mecanismo de criação de expectativas surge da interpretação - feita pelo indivíduo - dos vários tipos e formas de pressão. Se o que despoleta a activação deste mecanismo for apreendido pelo indivíduo como um acto intrínseco e automático, possibilita uma melhor adaptação às mudanças no meio, mudanças das necessidades, logo, das expectativas. São englobados factores específicos como a evolução científica, a tecnologia, a globalização, a interdependência de países e comunidades, etc. Transforma-se, então, a pressão em expectativa, esta em carreira e, seguidamente, em projecto de vida. Não um projecto focado apenas num momento específico da vida do indivíduo, mas sim um projecto contínuo, de adaptação às pressões que advêm das mudanças sofridas por tudo o que engloba o meio em que o indivíduo actua.

Segundo Guichard (1997), a reflexão sobre o projecto de vida é compreendida como uma característica básica do ser humano. “*L’homme, c’est celui qui se projette*”⁶ (Guichard, 1997, p.82), ou seja, o indivíduo está sempre por trás do objetivo e do plano criado para atingir esse mesmo objetivo.

O conceito de objectivo está nitidamente definido para atingir um fim, o plano é um recurso para a concretização do objetivo final, no entanto a construção de um projecto é contínua e está em constante progresso. Quando o projecto é posto em prática, vai-se tornando mais claro. No caso de um projecto futuro, a definição de um objetivo e a elaboração de um plano não são os passos mais adequados, uma vez que estamos perante uma ação contínua de uma projeção que o indivíduo faz de “si”. Paixão (2005), afirma que na planificação a longo prazo, verifica-se que o comportamento está orientado para o alcance dos objectivos traçados, ou seja o planeamento define os interesses, motivações e a sua personalização em projectos, não se deixando afectar

⁶ Tradução da autora- O homem é aquele que se projecta.

pelos diversos contextos ou situações que poderão ocorrer ao longo do trajecto para atingir o seu fim.

A noção de projecto é em si um conceito paradoxal, sobretudo quando a intenção é ajudar os alunos a definirem os seus projectos futuros.⁷

Quando um adolescente reflecte sobre os seus objetivos escolares, profissionais e futuros, é com base na sua projeção de “si”. O futuro varia fortemente das expectativas criadas, a realização dos projectos origina incertezas e imprevistos, estas mudanças podem ter impacto nos projectos anteriormente definidos. No que diz respeito a projectos profissionais dos alunos, existe uma relação entre a imagem que os alunos têm de si próprios e a sua interpretação da profissão.

Guichard (1997), faz alusão ao paradigma dos jovens com dificuldades de inserção no mercado de trabalho, que não possuem uma formação profissional qualificada e que não reconhecem as suas competências profissionais. Estes adolescentes criam uma visão de si, baseada apenas nos seus quadros de pertença e origem social.⁸ No sentido de auxiliar estes jovens sem perspectivas profissionais futuras, o autor refere que a ajuda passa pela criação de métodos de reflexão sobre si próprios, de modo a promover a introspecção sobre as suas crenças e compromissos e alcançar soluções.

Segundo um estudo de Volder & Lens (1982), baseado na perspectiva temporal de futuro cujo objectivo era definir e distinguir três momentos: o futuro próximo, o futuro a longo prazo e o presente. Para isso, criou vinte e três objectivos motivacionais que foram propostos a um grupo de duzentos e cinquenta e um alunos do ensino secundário. O resultados demonstraram que nos alunos com uma maior taxa de sucesso escolar demonstraram uma maior incidência para atingir projectos a longo prazo, nos quais se inserem "ter uma carreira"; "um alto estatuto social"; "ganhar muito dinheiro", no entanto, estes alunos também revelaram uma preocupação com o presente, tais como: "adquirir conhecimento" e "igualdade social" que servem como um meio para atingir os seus objectivos num futuro a longo prazo.

Por sua vez, os alunos que detêm uma maior taxa de insucesso escolar revêm os seus projectos num futuro próximo e mais acessíveis de atingir, tais como: "conseguir o meu

⁷ Guichard (2007) afirma ser paradoxal por querer transmitir autonomia, ou seja, é imperativo que os alunos sejam autónomos e independentes.

⁸ Família, grupos de pares, religião, estereótipos.

diploma" e "estar com aqueles que eu amo", indicadores que demonstram maior preocupação com os objectivos pessoais e familiares ao invés de um investimento profissional.

Os resultados obtidos na investigação de Volder & Lens, transportam-nos ainda para o paradigma das discrepâncias culturais e socioeconómicas dos alunos e consequentemente para as suas diferentes opções e tomadas de decisões na escolha da carreira ou profissão.

Os jovens provenientes de famílias com níveis socioeconómico elevados têm a vantagem de poder aceder mais facilmente à cultura, formação académica, tendo à sua disposição uma maior rede de oportunidades que os jovens de classes mais desfavorecidas. Por sua vez, os alunos de com um nível socioeconómico baixo, procuram garantir a subsistência da família através de um trabalho remunerado, a ideia de construção de carreira e investimento numa área de formação não está nos horizontes destes jovens (Pocinho *et al.*, 2010). Quanto às expectativas das famílias enquanto classe social também diferem, os jovens transportam o modo da reprodução e perpetuação das características do meio inserido (Gonçalves, 2006 *in* Gonçalves e Coimbra, 2000).

Capítulo V. Questões metodológicas

1. Metodologia aplicada

Devido à especificidade do nosso objeto de estudo, optámos por uma metodologia que privilegiasse a análise de conteúdo, de forma a extrair o máximo de informação relevante sobre cada temática. Desta forma escolhemos o modelo de codificação para análise das entrevistas abertas. Segundo Bardin (2009, p.129), “A codificação corresponde a uma transformação – efectuada segundo regras precisas – dos dados em bruto do texto, transformação esta que, por recorte, agregação e enumeração, permite atingir uma representação do conteúdo ou da sua expressão.”

Esta opção metodológica vai de encontro aos objetivos a que nos propusemos para este estudo:

- Conhecer a forma como os alunos encaram o seu futuro profissional;
- Perceber a forma como os alunos integram o ensino profissional no seu projecto de vida;
- Compreender de que forma a sua inserção no mercado trabalho influencia a construção do seu projecto de vida.

Como instrumentos de recolha de dados, para além da análise documental, construímos, inicialmente, um inquérito semi-estruturado com o objectivo de obter informações sobre: a caracterização do aluno - idade, género, zona de residência; o agregado familiar; os antecedentes escolares; a candidatura ao ensino profissional; o seu projecto de vida. Os resultados deste inquérito semi-estruturado são apresentados sob a forma de análise quantitativa, de forma a simplificar a organização dos dados.

De forma a podermos ter a certeza de obter todos os dados relevantes, iniciámos o nosso estudo fazendo uma entrevista aos alunos, com 20 perguntas iniciais, que nos permitiu desenvolver uma segunda entrevista, com um grau de fiabilidade maior. Esta entrevista permitiu, ainda, maior flexibilidade, uma vez que o entrevistador conduziu o rumo das perguntas consoante a necessidade de precisão, de clarificação e de aprofundamento das respostas, levando a resultados mais ricos. Apesar do conjunto de dados ser bastante relevante, optámos pela entrevista, pois cada indivíduo possui características únicas que nos permitiriam novas construções acerca do nosso objecto de estudo.

Em síntese e numa vertente de análise qualitativa, realizámos uma entrevista a todos os alunos, cujas respostas foram objecto de análise de conteúdo, em articulação com os objetivos a que nos propomos neste estudo. Considerámos relevante debruçarmo-nos sobre: as razões que determinam a escolha do curso; o apoio familiar; a relação professor / aluno; o sistema de aprendizagem; o mercado de trabalho e, por fim, a compreensão do projecto de vida de cada aluno. Os dados recolhidos ao longo do nosso estudo foram submetidos a um processo de categorização.

Foi, ainda, possível efectuar observações directas e indirectas de situações em aula e de conversas informais com os alunos e professores da escola. Estas conversas permitiram troca de opiniões sobre as várias dimensões discutidas no trabalho, trazendo uma riqueza maior à própria análise de dados. Esta observação verificou-se vantajosa para uma melhor interpretação das entrevistas e na percepção da relação professor / aluno.

2. Participantes no estudo empírico

O estudo incidiu sobre duas turmas finalistas de nível III da Escola Profissional de Ourém (EPO) e da Escola de Hotelaria de Fátima (EHF). Optámos por escolher duas turmas finalistas por considerarmos que os alunos se enquadravam não só na análise pretendida mas também por

estarem numa fase terminal do curso e, desta forma, já teriam uma percepção mais concreta não só do curso que estavam a terminar, como do futuro que se lhes apresentava pela frente.

Curso Profissional de Técnico de Construção Civil, Variante de Medições e Orçamentos (n=18): esta amostra é de conveniência é constituída por 16 estudantes de sexo masculino e 2 estudantes de sexo feminino.

Curso Profissional de Técnico de Restauração, variante Restaurante / Bar (n=19): esta amostra é constituída por 12 estudantes de sexo masculino e 7 estudantes de sexo feminino.

A escolha das escolas advém de um contacto privilegiado, mas também por ser uma instituição escolar com mais de 20 anos no nosso país, que tem tido um importante contributo para o desenvolvimento regional onde se insere.

Capítulo VI. Caracterização soció-demográfica dos participantes

1. Idade

A média de idades dos participantes no estudo, composto por duas turmas de finalistas do 3º ano nível III do Ensino Profissional, é de 18,35 anos. A percentagem de média de idades nas raparigas é de 18,66 e nos rapazes a média é de 18,24 anos. Distribui-se por um intervalo onde o limite inferior se situa nos 17 e o superior nos 21 anos de idade. Relativamente ao género 76% são alunos do sexo masculino e os restantes 24% do sexo feminino.

Tal como referido por Azevedo (1992), o “sexo das profissões” continua a ser um indicador relevante no que diz respeito à escolha da profissão. Verifica-se nos rapazes uma maior tendência para as profissões de engenheiro, electricista, mecânico e técnico onde existe uma maior ligação ao universo masculino. No caso das raparigas as escolhas incidem mais nas profissões de educadora de infância, hospedeira e cabeleira. No caso das duas turmas analisadas, esta tendência verifica-se sobretudo no curso profissional de Técnico de Construção onde a presença feminina é apenas de duas alunas num universo de 18 alunos. Ainda assim, no curso Técnico de Restauração a presença feminina representa quase metade da turma.

No que respeita ao valor da idade média de conclusão esperada no secundário, observamos que a maioria dos alunos poderá ter repetido pelo menos uma vez durante a sua trajectória escolar.

Por consequência, não deixa de se colocar em evidência a persistência de um dos problemas mais graves com que se debate o sistema educativo português: o insucesso escolar (Alves, 2006, *in* Alves, 1998; Iturra, 1990).

Segundo Madeira (2006), no que diz respeito à selecção dos candidatos, os alunos prestam provas com base em testes de avaliação de conhecimentos do 3º ciclo para o seu ingresso no ensino profissional, o que torna difícil o acesso a pessoas que já não estudem há algum tempo. No entanto, a via profissional beneficia o acesso aos alunos que estão perto da idade limite de entrada no curso.

2. Origem Social

Com o intuito de obter dados relativos à origem social dos alunos, foram criadas variáveis de forma a podermos conhecer a caracterização sociográfica dos alunos, tais como habilitação escolar dos pais e a sua situação na profissão. Tal como referido por Alves (2006, p.12), “existe uma relação entre a posição social e o sistema de disposições (...) na existência de uma relação entre a posição que os alunos ocupam na estrutura social e a forma como se posicionam relativamente às ideias veiculadas pelos sistemas discursivos”. Consideramos que as habilitações académicas dos pais poderão ser designativos importantes para algumas das escolhas feitas por estes alunos. Os resultados mostram que, na sua grande maioria, os progenitores detêm um grau de escolaridade baixo, cerca de 42% dos pais possui a escolaridade mínima exigida em tempos - a antiga 4ª Classe - e que apenas 9% conclui o 12º ano.

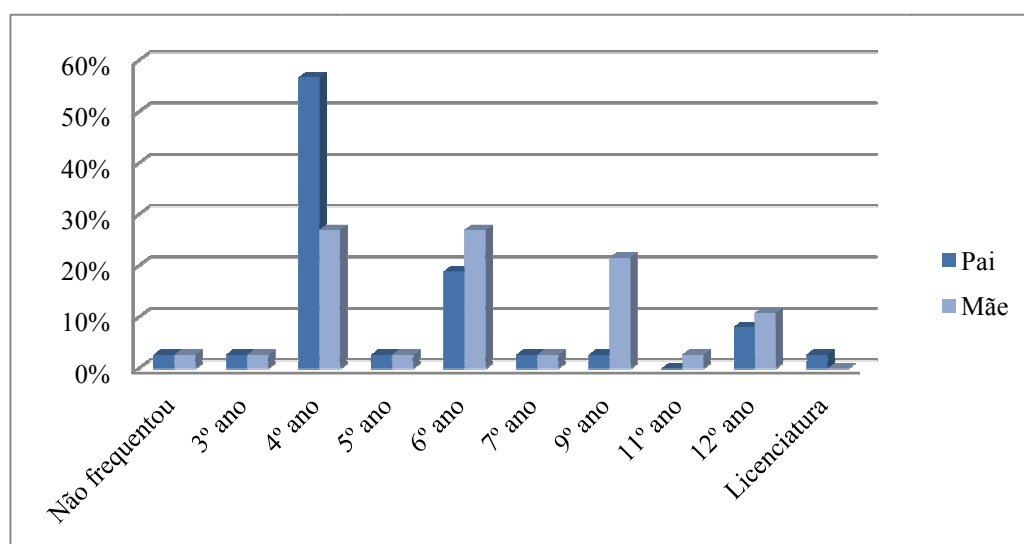


Gráfico 1 - Nível de habilitações literárias dos pais (%)

Acreditamos que estes indicadores possam estar diretamente relacionados com as escolhas feitas pelos alunos e que desta forma a profissão exercida pelos pais possa ter tido uma influência na escolha do curso.

Citando Azevedo (1992, p.18), “continua a ser entre os jovens cujos pais são do grupo dos quadros superiores e médios empresários que se verificam as maiores concentrações de escolhas em ordem à frequência da “via ensino”. Inversamente, é entre os filhos de operários, encarregados e contramestres, trabalhadores por conta própria do comércio e da indústria, que vias tecnológicas têm mais volume de escolhas.” Assim sendo, verifica-se que o papel social reprodutor de ensino influencia na escolha da via de ensino dos jovens.

Segundo os resultados analisados, verificamos que existem afinidades entre o baixo nível académico dos pais e o elevado número de reprovações existente no grupo de alunos entrevistados. Como já referido por Alves (2006, p.19), “Filhos de pais pouco familiarizados com a cultura escolar, dificilmente dispõem de um sistema de disposições que lhes permita uma fácil adaptação aos saberes proporcionais e comportamentais veiculados pela escola”. Esta dificuldade acresce e torna-se mais presente quando observamos as trajetórias escolares dos alunos que acabam por sofrer influência desta condição.

Considerámos, por isso, importante obter alguns dados sobre a profissão dos progenitores de forma a podermos caracterizar socialmente os nossos inquiridos. Para isso, escolhemos a tipologia de classes desenvolvida por Almeida, Costa & Machado (2003). No gráfico 2, verificamos que a maioria dos jovens é oriunda de classes populares, sendo que 40,7% faz parte da pequena burguesia proprietária, grupo este ligado a profissões relacionadas com os serviços e comércio. O número de pais que se insere na categoria de operariado é de 35,6 % ligado à indústrias e construção civil, ainda assim, contamos com 16,9 % para a pequena burguesia de execução e, por fim, o número de profissionais técnicos e de enquadramento é de 6,8%.

O número de pais desempregados é relativamente baixo, sendo apenas de 0.04%, a percentagem de mães que não exerce nenhuma atividade remunerada é de 0.10% sendo consideradas como “domésticas”, o número de pais reformados é de 0.04%.

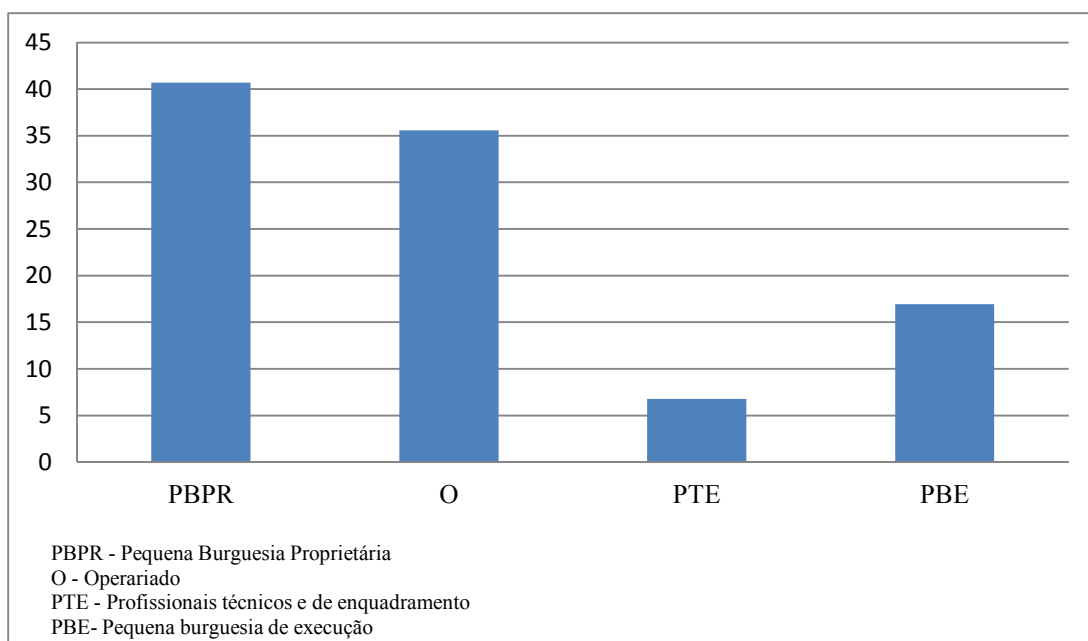


Gráfico 2 - Composição social dos alunos (%)

3. Trajetória escolar

Como já referido, o trajecto escolar destes alunos é marcado por histórias de insucesso escolar. Cerca de 70% dos alunos afirma ter reprovado uma vez e cerca de 19% declara ter reprovado uma segunda vez durante o seu percurso escolar até à sua entrada no ensino profissional. Estes resultados ganham mais peso quando confrontados com o nível de habilitação do pai e da mãe e por sua vez com a classe social de origem.

Todos os alunos inquiridos estavam a estudar quando optaram por ingressar na via profissional de ensino e apenas 30% dos alunos não viveu nenhuma reprovação.

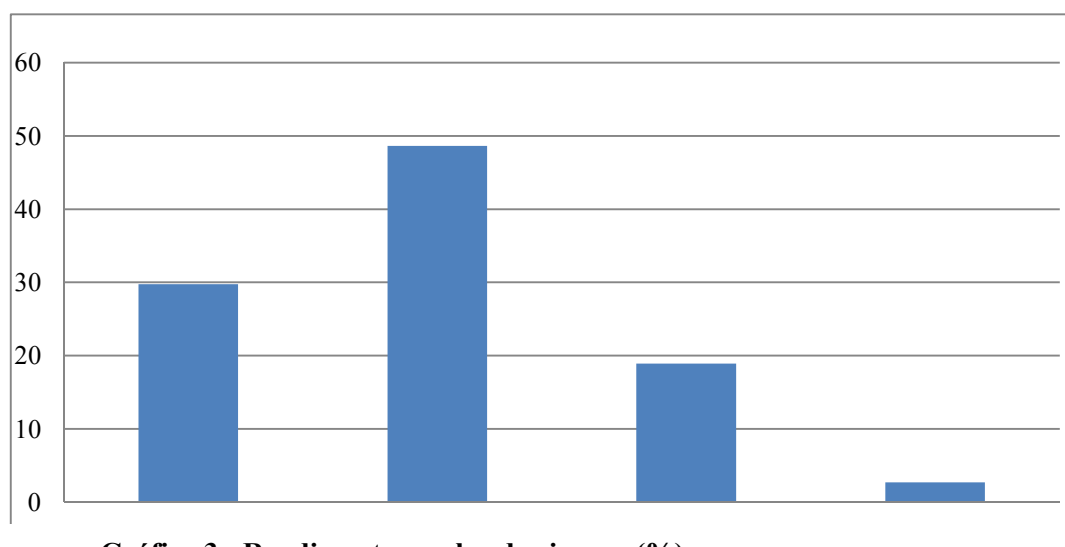


Gráfico 3 - Rendimento escolar dos jovens (%)

Citando Abreu (1983, p.143), “o insucesso escolar constituiu um dos sintomas mais significativos do “mal-estar” existente nos sistemas educativos (...) É nos estudos fundados nesta perspectiva individualista do comportamento que assenta frequentemente um certo fatalismo biológico perante o insucesso escolar”.

O maior número de reprovações verifica-se no 3º ciclo. Os alunos que viveram a experiência afirmam que estavam numa fase em que “não queriam saber da escola” ou “que não queriam estudar” ou ainda que “não tinham motivação”. No entanto é de notar que no 1º ciclo a larga maioria dos jovens afirmava que “não se lembrava” dos motivos pelos quais reprovaram nesta fase tão inicial da sua vida escolar.

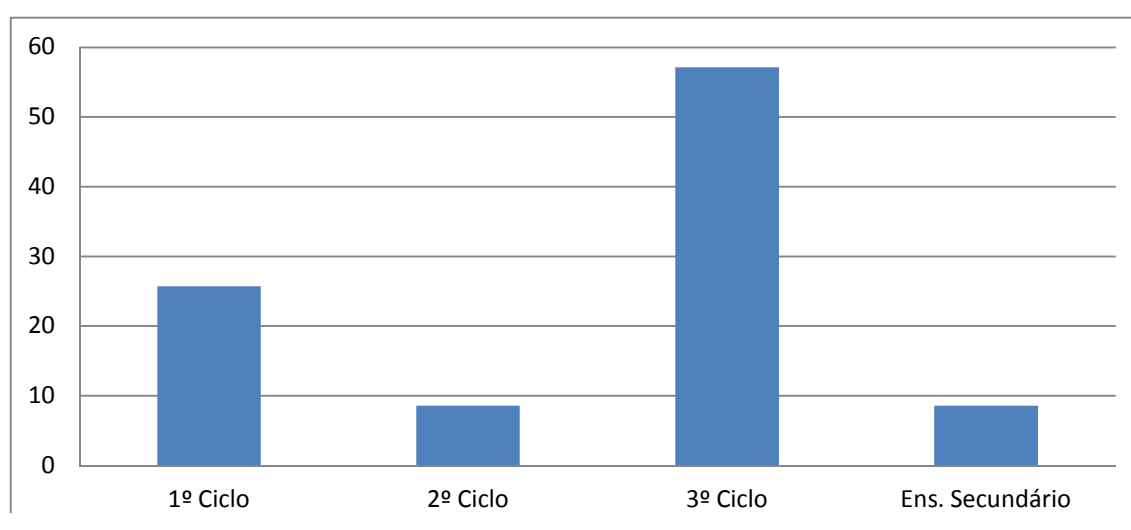


Gráfico 4 - Reprovações por ciclo escolar (%)

Ao longo de todos estes anos, o ensino profissional parece ter caminhado sempre ao lado do tema “insucesso escolar”. Este tipo de ensino parece ter sido uma das únicas alternativas para estes jovens com histórias de insucesso escolar. No decorrer da realização das entrevistas abertas, os alunos ainda confessaram que a sua chegada ao ensino profissional se deveu ao facto de viverem uma desmotivação perante a escola e sobretudo por razões como, “não gosto de estudar” ou “não quero estudar mais”, desejando unicamente ter o 12º ano e, ainda, como uma mais-valia que seria obterem um curso técnico-profissional. Desta forma seria “mais fácil” de conseguirem algo do que se prosseguissem para o secundário sem nenhum objetivo em concreto.

Citando Azevedo (2005a, p.5), “Após o 9º ano, é muito importante haver uma diversidade de percursos e até devia de haver outros, para além destes, capazes de acolher e ajudar a crescer muitos dos jovens que não se revêm em nenhum destes percursos, jovens em desequilíbrio emocional, a passar fases muito difíceis e sem qualquer “vontade de estudar””.

Capítulo VII. Análise dos Resultados - Visão do Ensino Profissional: motivações e escolhas

1. Análise qualitativa

Apresentamos de seguida a categorização da análise de conteúdo. Esta análise abarca um conjunto de categorias que nos vão permitir compreender a forma como os alunos encaram o ensino profissional e a escolha que efetuaram.

2. Motivações da escolha

A definição desta categoria teve como base a revisão da literatura e foi confirmada pela análise dos dados, demonstrando consistentemente uma diversidade de razões para a escolha do percurso de estudos profissionais por parte dos alunos. Assim, segundo os dados da literatura consultada era expectável que a maior parte das escolhas dos alunos se devesse a três factores essenciais: a rápida entrada no mercado de trabalho 15,3%; a influência da família 13,9% e a influência de pares 13,9%.

Apontado como um dos grandes factores diferenciadores no ensino, a via profissional pretende inserir os alunos de forma eficaz e consciente no mercado de trabalho, ensinando a sabedoria teórica e as ferramentas práticas de cada profissão. Como tal, a razão “inserção no mercado de trabalho” foi muitas das vezes referida ao longo das entrevistas realizadas, como sendo essa a razão mais lógica para se ingressar no ensino profissional. Podemos encontrar as causas da escolha nos seguintes excertos:

“Porque ia dar directamente ao trabalho, porque é assim, em relação ao 12º ano eu tinha de prosseguir estudos qualquer das formas, não ficava logo com uma base de trabalho. O secundário tá fora de questão, mesmo agora que acabe o curso sei que não vou prosseguir estudos. Não queria estudar mais.” (Sujeito 36)

“Escolhi o ensino profissional porque já tinha aqui um primo que tinha andado neste escola e pronto e tava a trabalhar nas construções do Lena e pronto falei com ele.” (Sujeito 4)

“Porque na altura não gostava muito de estudar e queria começar logo no mundo do trabalho assim que acabasse o 12º ano e gostava do curso (...) e porque tinha oportunidade de começar a trabalhar no final dos 3 anos de curso.” (Sujeito19)

Estas foram as razões mais referenciadas pelos alunos na decisão da sua entrada para o ensino profissional. No entanto, o facto de obter o 12º ano e do ensino profissional ser considerado mais fácil também foi por várias vezes mencionado 11%. Ainda assim, uma das razões menos expectável era da “auto-avaliação” que os alunos fazem de si próprios enquanto estudantes.

“Escolhi o ensino profissional por uma razão simples, penso que não tenho capacidades para ir para a universidade...” (Sujeito 30)

No que diz respeito à escolha do estabelecimento de ensino, os alunos referem maioritariamente a “proximidade geográfica” 55.8% e boas referências da escola 17.3%.

“Para além de estar perto de casa, tinha boas referências. Bons professores principalmente.” (Sujeito 17)

A escolha do curso transporta-nos para uma das questões mais relevantes da análise do nosso trabalho, permitindo-nos, assim, compreender as motivações para a escolha da profissão e quais foram as suas maiores influências. As respostas dadas mostram que a família continua a ter um peso significativo nas escolhas feitas. No entanto referem gostar da profissão que virão a exercer - “gosta da profissão que vai ter”. De certa forma vai ao encontro das conclusões de Alves (2006, p. 64): “Eles são o resultado das expectativas das famílias, das influências dos grupos de pares, da história escolar, da oferta educativa disponível e das condições de vida objectivas.”

Alguns testemunhos dos alunos entrevistados:

“Porque uma pessoa que tá ali a trabalhar com gosto, ver as pessoas a usufruir do trabalho que estamos a fazer é muito gratificante. Eu quando tou a servir por exemplo uma mesa, gosto que as pessoas estejam ali a descansar do trabalho da vida delas, mas gosto que estejam ali contentes pelo serviço que tá a ser feito.” (Sujeito 30)

“E o meu pai também me influenciou, ele trabalha na área e tá sempre em evolução mas o princípio base é sempre o mesmo (...) tinha perspectivas que era um curso interessante e as conversas lá em casa ia sempre dar ao mesmo, a também já trabalhava com o pai.” (Sujeito 1)

“Normalmente os rapazes gostam sempre de construção civil, máquinas essas coisas assim, pelo menos de crianças em geral. Gosto das inovações das obras do futuro (...) Sempre gostei de tá a ver como se faziam as coisas.” (Sujeito 11)

3. Apoio da família

Na sua grande maioria, os jovens inquiridos afirmam ter tido apoio da sua família no que diz respeito à opção da via profissional de ensino e na escolha do curso. Ainda assim, é de referir que as famílias não tiveram um papel activo na orientação dos cursos ou no tipo de ensino a seguir. Segundo Azevedo (1992, p.16), “é fácil imaginar a dificuldade de orientação por parte dos jovens de 15/16 ou 17 anos. A esta dificuldade acresce a desorientação dos pais e encarregados de educação que tendem a reproduzir nos filhos as suas próprias expectativas e representações.” Como podemos observar nos seguintes excertos:

“Sim, deixaram-me a vontade.” (Sujeito 8)

“Eles sempre disseram para eu escolher o que eu quisesse.” (Sujeito 12)

“Tive, a minha mãe só disse para eu pensar bem aquilo que queria para o futuro.” (Sujeito 16)

“Sim, os meus pais é “tu vais para onde tu achares que é melhor para ti.” (Sujeito 18)

4. Relação Professor/ Aluno

Este tema tem como objetivo compreender a forma como os alunos se relacionam com os professores, perceber que de forma os professores incentivam os alunos inquiridos durante o curso e a sua preparação para o mercado de trabalho.

Segundo Marques (1993), a formação de professores é considerada como uma questão fulcral, contendo linhas orientadoras essenciais, tais como a inclusão dos professores nos projectos educativos, a transdisciplinaridade e uma estrutura de avaliação modular de ensino e o acompanhamento dos alunos nos casos de formação que se enquadrem em contexto de trabalho. Um dos objetivos é procurar incutir junto das escolas “uma formação onde a análise e as metodologias organizacionais e a ligação escola/mundo do trabalho ocupem um lugar central” (Marques, 1993, p.60).

Uma das principais características diferenciadores do ensino secundário regular é a forma como os alunos e os professores se relacionam entre si; no ensino profissional, parece existir uma relação mais próxima com os alunos, os professores estão mais disponíveis para ajudar e orientar os alunos no seu dia-a-dia. Citando Marques (1993, p.59, *in* Rocha, 1992): "Há um maior relacionamento escola/empresa/ região, o que leva a que o trabalho do professor seja sentido como mais gratificante e prestigiante" porque há uma "possibilidade de actualização permanente e de acesso a domínios de acção tradicionalmente afastados da profissão de professor" e, igualmente, pela "facilitação acrescida de relação com alunos resultante de uma cumplicidade e envolvimento de alunos e professores em projectos comuns de trabalho."

Os jovens inquiridos consideram, na sua grande maioria, que os professores se dedicam aos alunos e que têm uma relação mais próxima que não teriam se frequentassem o ensino secundário regular. Ao longo das entrevistas os alunos confessaram que a maioria dos professores dedicava muito do seu tempo extra para os ajudar em explicações, na realização da prova de aptidão profissional e mesmo na realização de mais revisões de forma a poderem concluir os módulos e terminar o curso.

Os testemunhos dos alunos são claros:

“Muito, eu acho que os professores se dedicam muito em todos os sentidos, por ex: agora com a situação da pap⁹ houve muitos professores que se disponibilizaram para ficarem connosco até às tantas para nos ajudar com esta situação da introdução da conclusão, porque havia muita gente com dúvidas.” (Sujeito 33)

“Em relação aos módulos eles esforçam-se bastante para nós conseguirmos concluir os módulos todos.” (Sujeito 8)

É de destacar a consciencialização que o aluno tem da oportunidade de trabalho actual vs ambiente escolar.

“Isto é uma oportunidade maravilhosa porque no mundo do trabalho não há ninguém a explicar-nos as coisas como temos aqui oportunidade.” (Sujeito 2)

Dos alunos entrevistados, 20 % admitiu ter pensado em mudar de área de formação ou desistir do curso.

“Motivam os alunos nas aulas práticas, a forma como eles falam connosco e para nós não desistirmos, se viemos para aqui é porque gostamos, se entramos é porque conseguimos, somos boas pessoas para entrar, somos bons profissionais e acho que isso conta muito.” (Sujeito 30)

“Eu já tive para desistir 2 vezes do curso, porque foi a tal coisa, não sou capaz, não quero, acho que não vou chegar lá, isto não vale nada, tou aqui só por tar, na altura pensava assim e eles fizeram-me mudar de ideias “tu vales mais, tens um futuro pela frente, tens mais para dar a esta escola, tens mais para dar a ti própria.” (Sujeito 23)

A preparação para o mercado trabalho no ensino profissional é de facto crucial para a sua formação como técnicos intermédios. Questionados sobre este tema, 80% dos jovens considera que os professores preparam os alunos durante as aulas para o mercado de trabalho, ainda assim 16% afirma que não se sentem preparados e 4% não sabe se está ou não preparado para ingressar no mercado de trabalho.

Os testemunhos são explícitos:

“Falta-nos aquela vertente prática, estamos habituados a fazer uma coisa que é medir casa, mas se acabar o curso e formos ver por exemplo para um empresa eles não me iam pedir para medir uma casa, apartamento ou prédio, era uma estrada, uma barragem umas coisas grandes, apanhávamos isso e pensámos, pronto, ok tenho isto aqui, o que é que faço com isto?” (Sujeito 14)

“Eu acho que eles nos preparam para o mercado de trabalho e muitas das vezes abrem-nos os olhos para nos dizer como é que está o mercado de trabalho.” (Sujeito 16)

No caso do curso de Restaurante Bar observou-se, na maioria das entrevistas, que os alunos mostravam um certo desânimo quanto aos conteúdos relevantes para a profissão, porque

⁹ Prova de aptidão profissão obrigatória para a conclusão do curso de nível III do ensino profissional.

muitas das técnicas que eram ensinadas não tinham como ser colocadas em prática no mercado de trabalho.

Um excerto explícito:

“Lá fora não se põe nada em prática, tem a mais a ver com a parte de etiqueta como se põe uma mesa e lá fora não se fala disso, só naqueles restaurantes mais chiques e mais gourmet é que faz essas coisas. É importante termos as noções básicas. Mas desanimamos porque andamos a aprender para depois não pôr em prática.”
(Sujeito19)

5. Ensino / Aprendizagem

De forma a podermos aprofundar outra dimensão do ensino profissional, elaborámos um conjunto de questões com o objetivo de obter uma visão sobre os meios que a escola disponibiliza aos alunos e de que forma estes influenciam a aprendizagem dos programas leccionados. Pretende-se ainda ampliar o conhecimento acerca das metodologias de ensino e da avaliação modular.

As duas turmas alvo do estudo enquadram-se nos cursos técnicos de nível III, cuja finalidade é preparar os jovens para o mercado de trabalho ou para a prossecução de estudos de qualificação profissional. Tal facto procura que haja um contacto privilegiado entre a escola e o mundo do trabalho.

É, portanto, na componente lectiva que vamos procurar descobrir se está presente a relação entre a matéria teórica e a parte prática. Segundo os alunos entrevistados, 51% dos alunos afirma existir relação entre a componente teórica e a componente prática, sendo que 43% dizem que não existe relação e por último 6% afirma não saber.

Segundo Marques (1993, p.44), “O ensino a realizar pretende assim garantir uma formação global, de “espectro largo”, o que conduz a que, em todos os planos de estudos coexistam componentes de formação sociocultural, científica e técnica – tecnológica ou artística – em proporções variáveis consoante o nível de qualificação a que dão acesso. ”

Nos resultados obtidos, observamos que esta questão dividiu as opiniões: a maioria dos alunos referiu que existia relação entre as duas vertentes, realçando a importância complementar entre elas. No pólo oposto, e menos expectável, verificámos muitas vezes que os alunos tinham uma forte resistência a disciplinas como o português, a matemática e a físico-química, considerando que estas disciplinas não fazem parte das disciplinas mais importantes para a formação da sua profissão e que “não dariam uso” a estas matérias no seu futuro, argumentado que não seriam necessárias. A disciplina com mais resistência por parte dos alunos das duas turmas é a disciplina de português, afirmando que as obras leccionadas não teriam interesse

nenhum para o seu futuro; apenas alguns alunos admitem que esta disciplina daria “cultura geral”.

Por consequência, os alunos, que consideram que não há relação entre as duas componentes, referem muitas das vezes que seria necessário terem mais horas e disciplinas práticas, porque querem estar preparados para o mundo do trabalho.

Alguns dos depoimentos:

“A área de integração, não percebo o porquê dessa disciplina fala de história, fala de artes, qual é o interesse? Ou então português é por causa do 12º ano se a gente quiser prosseguir, a gente só preciso de matemática para saber contas e isso tudo... agora português, será que vou falar de Fernando Pessoa ou José Saramago durante o serviço? Acho que não... isso para mim não... não, entendo sequer.” (Sujeito 25)

“Há muita relação, uma pessoa que comece a parte prática, sem ter a parte teórica não chega, mas assim fazemos os módulos teóricos e fazemos logo a seguir o modo prático, para pormos em prática os conhecimentos que aprendemos.” (Sujeito 3)

“Não me motiva, português e matemática, é como nos outros anos, tem de se dar, tem de se dar, tirarem essa disciplinas e porem as práticas e mais campo de trabalho, é o meu ponto de vista.” (Sujeito 14)

Outro aspecto a ter em consideração neste tema é a avaliação modular realizada nas escolas profissionais. A avaliação por módulos pretende organizar a formação num curto espaço de tempo para que sejam atingidos os objetivos pré-definidos.

Como explica Marques (1993 p.48), “A estrutura modular impõe novas regras na concepção e na gestão curricular, na gestão pedagógica das escolas, na gestão do espaço e do tempo. Os professores são igualmente um factor de sucesso desta modalidade de formação”.

Das respostas obtidas, cerca de 69% dos alunos declaram que a avaliação por módulos facilita a aprendizagem, sendo que 14% afirma que não é uma avaliação que facilite a aprendizagem e 17% considera que é uma avaliação semelhante à praticada no secundário regular, por isso não consideram que seja mais fácil.

“Facilita, eu acho que se tivesse no ensino normal não chegava ao 12º ano, porque por mais que eu me esforçasse no ensino normal é aquela coisa que a gente tem muita matéria.” (Sujeito 23)

“Há muita gente que tem uma noção errada porque pensa que o ensino profissional é mais fácil porque é feito por módulos e porque temos a pratica e assim, mas não nós temos de estudar tal e qual como se fosse o ensino regular e enquanto no ensino regular se pode tirar negativas nós aqui não porque depois não passamos, porque apesar de passar todos os anos, depois se temos um módulo em atraso não acabamos o curso e cada disciplina tem a sua dificuldade e cada curso tem a sua dificuldade.” (Sujeito nº 19)

“Eu penso que é ela por ela, se o aluno for aplicado consegue nas duas.” (Sujeito nº32)

Importa, contudo, examinar se os jovens entrevistados consideram que as metodologias utilizadas são as mais adequadas, ou seja se as técnicas utilizadas em sala de aula são as

melhores para a aprendizagem e se motivam os alunos captando a atenção para as matérias lecionadas.

Neste tópico, 70% dos entrevistados referem que as metodologias são as adequadas, os restantes 30% contrariam esta ideia. Na sequência deste tema, observamos novamente nesta questão que os alunos valorizam sobretudo as aulas práticas, sobretudo as “específicas” dos cursos, mas igualmente porque os alunos se sentem mais realizados a desempenhar as suas tarefas escolares na prática. Contudo, surgiram respostas menos expectáveis, como a desactualização das matérias e a consciência dos alunos perante esta lacuna. A larga maioria dos alunos afirma que os professores deveriam utilizar novas formas de dar as aulas, reforçando a ideia de “não ler a sebenta” mas criando aulas mais dinâmicas, com exemplos e apresentações multimédia. Os alunos admitem que estas pequenas mudanças poderiam ajudar na concentração e atenção na aula e que desta forma ajudariam na motivação para a disciplina.

“Não, não porque os professores usam já é matéria... (...) Eu tenho um amigo, estudou cá a irmã, estudou cá em noventa e tal, tenho todas as coisas dela e ainda servem. Eu acho que é mau, os professores se formos assim a pensar... as coisas evoluem estão sempre a mudar e os professores darem sempre a mesma matérias independente do que muda ou não muda acho que não é bom sinal, os outros alunos também têm essa consciência.” (Sujeito 27)

“Acho que não há muita variedade no método de como os professores dão as aulas, não sei se é porque há falta de meios, ou as aulas tem de ser mesmo assim. Mas se calhar desmotiva uma bocado os alunos, estar ali sentado a ouvir o professor. Podiam interagir mais um pouco, variedade a interagir a forma e apresentação das aulas, dar mais ex práticas, coisas desses géneros.” (Sujeito 20)

“Os retroprojectores ajuda bastante, sim, temos o material necessário. Por exemplos nas apresentações de trabalho, os power point por exemplo, sobre a PAP o nosso professor de orçamentos mostra-nos como é que temos de fazer uma coisa.” (Sujeito 18)

“Tínhamos aulas práticas nesse restaurante com clientes de fora, todas as pessoas podiam entrar e isso era a nossa avaliação de módulos, tar ali frente a frente com clientes, é a melhor ferramenta que posso ter é pessoas de fora, clientes a avaliarem assim.” (Sujeito 30)

O nível III do ensino profissional permite aos alunos a candidatura aos exames nacionais para poderem ingressar no ensino superior. Achámos que seria relevante ouvir os alunos sobre esta questão, de forma a compreendermos quais as suas motivações para a candidatura e perceber quais as dificuldades que poderiam vir a ter, visto que o ensino profissional é um ensino mais técnico e vocacionado para uma área específica. As respostas dos alunos demonstraram que 57% considera estar preparado para realizar os exames nacionais e os restantes 43% afirmam não ter preparação para a realização dos mesmos exames.

Contudo, os alunos referem que os conteúdos programáticos do ensino regular são mais aprofundados, tais como matemática e físico-química o que exigiria dos alunos uma preparação extra, como explicações ou aulas suplementares, até porque é referido muitas vezes que existem

matérias leccionadas que não se inserem nos programas curriculares do ensino profissional. Este facto apresenta-se como uma dificuldade acrescida comparado com o ensino regular para a realização dos exames.

Afirmam os entrevistados:

“Porque a matéria como matemática e português que é diferente, não damos algumas coisas que dão no secundário. As vezes os professores dizem que se quiséssemos fazer os exames que as vezes era melhor ter mais um ponto da matéria, há matéria que não damos. Mas a matéria que se dá aqui, também não chega. Mas se nós quiséssemos eles ajudavam.” (Sujeito 18)

“Mais ou menos, se calhar não estou tão preparado como se tivesse no secundário. Mas acho que se uma pessoa se aplicar, consegue como os outros. Mas obviamente acho que os outros estão melhor preparados que nós.” (Sujeito 9)

“Não, nem perto. Depende do facto de querermos seguir o nível de ensino superior e aquilo que queremos, porque os outros do ensino normal, estão mais preparados tem mais teórica estão mais preparados para o ensino superior nós estamos mais preparados para o mercado de trabalho.” (Sujeito 14)

De forma a colmatar estas dificuldades e por iniciativa própria, os alunos recorrem a explicações de forma a obter uma melhor preparação e poderem contar com a ajuda dos professores que se mostram disponíveis para leccionar aulas suplementares e mais explicações se for o caso, para que os alunos se sintam melhor preparados para a prova nacional.

Alguns dos testemunhos:

“Tenho colegas que se inscreveram e os professores oferecem-se para os ajudar nas férias.” (Sujeito 24)

“As vezes os professores dizem que se quiséssemos fazer os exames que as vezes era melhor ter mais um ponto da matéria, há matéria que não damos. Mas a matéria que se dá aqui, também não chega. Mas se nós quiséssemos eles ajudavam.” (Sujeito 18)

Com efeito, os alunos, quando comparando os dois tipos de ensino, admitem que o ensino profissional é mais fácil que o ensino regular e que desta forma a preparação para os exames ainda os afasta mais desta prova nacional.

“Porque é mais ou menos a mesma coisa, só que lá é super difícil e aqui é fácil.” (Sujeito 2)

“Não temos tanta matéria como no secundário, aqui é mais fácil.” (Sujeito 29)

“Acho que no profissional para fazer os exames é mais difícil.” (Sujeito 12)

Não obstante, os alunos que se sentem preparados para as provas de ingresso afirmam com orgulho que têm as mesmas capacidades e que também conseguem obter bons resultados apesar de todos estes obstáculos.

“Teríamos que nos esforçar um pouco mais e não somos menos que os alunos do secundário e chegávamos lá muito bem.” (Sujeito 33)

“se a gente tiver atento às aulas todas, se tiver uma boa nota a físico química, sei que posso fazer o exame, sinto-me preparado porque estes são mais puxados para o rigor.” (Sujeito 4)

“Sim, não é por andar no ensino profissional que temos menos capacidades que os alunos que estão no ensino normal. Acho que uma pessoa quando sair daqui tem de ter capacidades profissionais, mas também ter capacidade de 12 ° ano. Tou tão bem preparada como outra pessoa no ensino normal. É lógico que temos módulos diferentes é evidente, a nossa matemática é diferente, também tem mais a ver com a área, só que não é por aí que temos menos capacidades que os outros.” (Sujeito 30)

6. Mercado de trabalho

Azevedo (1999, p.52) afirma: “A sociedade portuguesa debate-se actualmente com o inédito fenómeno de contar já, por vários milhares, os jovens desempregados e detentores de uma licenciatura. Estes números, já colocam perto dos vinte mil, têm tendência para aumentar nos próximos tempos, segundo os próprios responsáveis governamentais. Uma vez que este quadro é gerador de desequilíbrios sociais mais ou menos conflituosos, rompendo como décadas de certa estabilidade”.

Este excerto escrito nos anos 1990 antevê a dura realidade que se faz sentir neste momento no nosso país, não só pelo aumento significativo do desemprego, mas também por esse aumento ser constituído e cada vez mais por jovens entre os 15 e os 24 anos.

Confrontados com todas estas alterações no mundo do trabalho, os alunos inquiridos têm consciência da realidade que está *lá fora*. No entanto, 65 % dos alunos esperam entrar facilmente no mercado de trabalho; os que acham que vão ter dificuldades acrescidas representam 22% do universo de alunos auscultados. Ainda assim, 13% não sabe como será a sua entrada no mercado de trabalho.

Os alunos que consideram que não vai ser fácil entrar no mercado de trabalho, enunciam que a crise é o principal obstáculo; este tipo de resposta é a que mais se verifica nos alunos de construção civil.

É de ressaltar que 79% dos alunos afirma já ter experiência de trabalho na área. A larga maioria destes jovens trabalha ao fim de semana, nas férias ou nos negócios da família. São por isso jovens que estão bem conscientes do que é o mundo do trabalho e das dificuldades que apresenta, mas em contrapartida o factor experiência na área é uma mais-valia para a sua integração no mercado de trabalho após a conclusão do curso.

Nesta questão, verificamos que muitos dos alunos tinham esperança de ficar empregados nas empresas onde iriam realizar o seu estágio final de 3 meses. Alguns dos alunos mantinham uma boa relação com a empresa, onde em alguns casos já tinham feito os seus estágios em anos anteriores.

Alguns dos testemunhos:

“Tudo depende do nosso estágio eu acho, para a zona que vamos, para a empresa que vamos. Senão ficarmos numa boa empresa que tenha trabalho e condições, acho que há empresas que facilitam isso de estudar e trabalhar a noite e como é o 1º emprego há muitas empresas que aproveitam isso (ser 1º emprego). “Se não ficar, vai ser mais complicado, a área da construção é das que mais se recente com a crise, porque depois não se vende. Só as grandes é que se safam.” (Sujeito 3)

“Bastante difícil, o meu pai foi vítima dessa realidade, teve de sair do país para trabalhar, procurar novas oportunidades, mas hoje em dia tá bastante difícil.” (Sujeito 1)

“Espero bem que sim, no estágio eu já conhecia o patrão pronto, o director do gabinete, conheci depois lá o resto do pessoal trabalhador e pronto e fiquei assim... pronto no primeiro estágio, tem-se assim uma relação mais próxima com os outros trabalhadores. Ele perguntou-me se eu queria fazer os trabalhos do levantamento de moradias.” (Sujeito 4)

“Sim, porque os dois hotéis onde já estagiei sei que me davam trabalho.” (Sujeito 28)

“Já estou [integrado no mercado de trabalho], já é mais fácil.” (Sujeito 33)

É de salientar que, por várias vezes, os alunos referiram que era mais fácil para estudantes do ensino profissional entrarem no mercado de trabalho comparando com alunos licenciados. A experiência e as competências técnicas têm-se revelado cada vez mais como uma mais-valia para estes alunos técnicos de nível intermédio.

“Acho que tenho mais facilidade em entrar no mercado de trabalho do que as pessoas que acabaram a licenciatura agora, porque é assim, pelo que eu tenho visto há muita gente licenciada que não arranja trabalho e como nós somos apenas técnicos percebemos do que estamos a fazer, não é?” (Sujeito 2)

A grande maioria dos alunos de construção civil tem pelo menos um familiar a trabalhar na área, e verificou-se que os alunos, mesmo tendo uma empresa para trabalhar, preferem sair do negócio da família e arranjar emprego por “mérito próprio”.

“Prefiro ficar a trabalhar aqui em que o meu pai não tem qualquer tipo de influência do que lá se vou para uma boa empresa que o meu pai me consegue lá por, mas também sei que não é por mérito próprio. E o facto de ser autónomo, entrar num trabalho por mérito próprio é mais gratificante do que se for com uma cunha.” (Sujeito 7)

Voltando a abordar o tema das motivações para o ingresso no ensino profissional, os alunos foram desta vez confrontados com a seguinte questão: “Por que seguiu a via do ensino profissional em vez do secundário?” Interessava perceber as suas verdadeiras motivações e as vantagens da via profissional face ao ensino regular.

O número de alunos que já tinha ingressado no secundário antes de entrar no ensino profissional é muito reduzido, mas referem todos estar mais satisfeitos e realizados com a mudança que fizeram. Melhores notas, melhor relacionamento e apoio dos professores são as razões apontadas.

Algumas das respostas:

“Tanto agora matemática tiro notas muito melhores notas do que tirava antes. E pronto a relação com os professores, não havia tanta motivação.” (Sujeito 20)

As respostas não divergem muito das expectáveis: a inserção no mercado de trabalho é a razão mais apontada, seguida de “ser mais fácil” que no secundário e obter o curso e o 12º ano. A preparação para o mercado de trabalho é a razão mais presente nos discursos dos alunos e para eles a mais importante, é o que os caracteriza e diferencia dos alunos do secundário. Os alunos referem mais uma vez que estão melhor preparados e têm mais facilidade na inserção no mundo do trabalho do que os alunos com licenciatura, devido à sua preparação técnica.

“Quer dizer porquê seguir tantos estudos se daqui a uns tempos se calhar vai... o que é que te vale ser engenheiro? Disto... disto e disto... o que interessa agora é entrar no mercado de trabalho, porque agora o que interessa é ter uma pessoa que já tenha a prática, estágios e outras coisas do que diplomas e uns poucos de anos perdidos e é o que se vê agora.” (Sujeito 4)

“Profissional porque é mais fácil, sem dúvida, e tem mais facilidade para entrar no mercado de trabalho do que como no outro, dá para ver bem nos dias de hoje em dia, muitas pessoas com mestrado e bacharelados no fundo desemprego, talvez devido a pensar muito tempo nos livros do que à procura de trabalho.” (Sujeito 14)

“Para ir logo directamente para o mundo do trabalho, basicamente.” (Sujeito 36)

“Primeiro porque tem mais a ver comigo e não é preciso estudar tanto e não havia este curso no secundário e dá outra forma e pensar.” (Sujeito 9)

No entanto, achamos relevante indicar outras razões que emergiram das entrevistas como seja a auto-avaliação que os alunos fazem de si próprios. Estes alunos referem que não teriam capacidades para estudar no ensino regular e que por isso a via profissional seria melhor opção. Esta insatisfação parece-nos estar directamente ligada às trajectórias escolares e à sua desmotivação enquanto estudantes.

“Porque tinha noção que não tinha capacidades para ir para o secundário (...) pronto se nós vamos para o secundário não temos de ir obrigatoriamente para a faculdade, mas a partida quem vai para o secundário vai para a faculdade. A faculdade sempre teve fora de questão, sempre partida mesma coisa, não me acho com capacidades para ir para a universidade. Nunca me achei com capacidades para ir para a faculdade ou para o secundário. (...) na altura soube que o profissional era mais fácil quem o secundário e por exemplo nunca me via a tirar psicologia ou economia nunca me vi num cursos desses. Vi-me em algo prático, que é neste caso empregado de mesa.” (Sujeito 29)

“ (...) achava que era mais fácil também têm a ver por aí e não gostava muito de estudar. Chateava-me tar a olhar para os livros e não via resultados e isso aborrecia-me.” (Sujeito 19)

7. Projecto de vida

Um outro objetivo definido pretendia compreender as motivações dos alunos face ao seu futuro e à construção do seu projecto de vida. Perceber se tencionam continuar a estudar, se colocaram a hipótese de ingressar no ensino superior e caso não encontrem trabalho na sua área

de formação quais seriam as suas alternativas; e por fim, conhecer a sua opinião sobre a hipótese de abrirem um negócio próprio.

Relativamente ao seu projecto de vida, 83% dos alunos afirmam que este curso fazia parte do seu projecto de vida, enquanto apenas 12% afirmaram que o curso não fazia parte do seu projecto de vida.

Segundo Azevedo (1997, p.43), “O desenvolvimento vocacional não é apenas típico dos anos da formação inicial, realiza-se ao longo da vida de trabalho e à medida que os anos passam ocorre uma progressão permanente da identidade e do projecto profissional individual.”

Testemunhos de alunos que consideram que a escolha do curso faz parte do seu projecto de vida:

“Sem dúvida, o meu futuro de vida tem tudo a ver com o curso que tou a tirar, o meu objetivo de vida é montar o restaurante, o futuro de vida é como toda gente pensa, ter uma família, ter filhos ter um negócio pronto.” (Sujeito 29)

“Faz, se eu quero abrir um estabelecimento próprio dentro da restauração, com este curso ajudou-me a ganhar bases.” (Sujeito 32)

“Completamente, sempre, desde pequenina. Eu quero porque tenho muita vontade de querer por mim e por várias pessoas neste curso (risos).” (Sujeito 3)

“Faz. Quero seguir, espero conseguir terminar até agora acho que tá a correr bem, e depois de terminar gostava de ficar empregada e ter sucesso não é? Gostava de ser vista em qualquer lado como uma boa profissional da área.” (Sujeito 33)

As razões enunciadas pelos alunos vão de encontro à construção do seu projecto de vida, à vontade de criar um negócio, de constituir família, de realização profissional, de ter sucesso a nível profissional. Para eles são estas as metas a atingir. No entanto, alguns alunos não se revêem no curso que estão a frequentar.

“Não faz nada. Tirando a parte que já trabalhei com autocad, não faz nada. Teve ser de ser, também não ficar só com o 9º ano.” (Sujeito 18)

“Não muito, porque inicialmente o curso era um bocado diferente daquilo que eu pensava, porque depois também me desmotivei um bocado com o curso porque não tenho muita força de agarrar nas travessas e desiludi-me e acabei por desmotivar um bocado.” (Sujeito 19)

“Acho que não, o que eu quero seguir mesmo não é hotelaria, tou cá já que me inscrevi no curso vou até ao fim, mas é numa só de fazer o 12 ano porque eu queria ir para a área de música.” (Sujeito 23)

É necessário referir que os alunos que consideram que o curso escolhido não se insere no seu projecto de vida tiveram um acompanhamento mais próximo numa vertente de orientação vocacional, que resultou na sua entrada para o ensino profissional.

“A minha assistente social tinha boas referências, então aconselhou-me a vir para cá. Confesso que não estava muito animada quando vim para cá.” (Sujeito 23)

“No oitavo ano o meu director disse que era o melhor, tinha passado para o 9º ano com uma negativa, acho eu, e ele disse para ir e depois fui” (curso profissional de mecânica no 9º ano). (Sujeito 19)

Quando abordámos o tema “continuação dos estudos”, os jovens afirmaram que gostariam de continuar os seus estudos, deixando a ideia de um futuro próximo. Os alunos que gostariam de completar a sua formação representam cerca de 75%, os que não gostariam 22% e apenas 3% referem que não sabem se gostariam de continuar os seus estudos.

“Não, porque não me interessa isso realmente.” (Sujeito 28)

“Neste momento não me vejo a perseguir estudos, agora não. Penso que já não tenho força de vontade para estudar, já não me mete piada andar a estudar.” (Sujeito 32)

Curiosamente, os alunos que não pretendem continuar os seus estudos não desenvolveram muito a sua justificação, muitos responderam apenas “Não”. É por isso importante relembrar que a maioria destes alunos tem histórias de insucesso escolar ao longo do seu trajecto escolar.

Contudo, do universo dos alunos que afirma que gostaria de continuar os seus estudos, é importante realçar igualmente que 48% desses alunos pretende ingressar num curso CET¹⁰, que são cursos de especialização tecnológica. Estes cursos são formações pós-secundárias que conferem aos alunos o grau de qualificação profissional de nível 5. A larga maioria dos alunos refere que pretendem ingressar no Instituto Politécnico de Leiria por ser perto da zona de residência e porque desta forma poderiam completar a sua formação e estudar à noite.

“Em engenharia civil, já estou habituado a construção civil já tenho umas boas bases.” (Sujeito 10)

“Gostaria, engº civil, iniciar com o CET.” (Sujeito 11)

“Gostaria na área de hotelaria, porque agora quero concluir o meu curso, começar a trabalhar fora daqui e depois daqui a mais ou menos um ano não deixo passar mais, já ter dinheiro para pagar os meus próprios estudos e para continuar a tirar cursos nesta área de hotelaria, mas tudo dentro da área.” (Sujeito 3)

Verificámos, ainda, que o número de alunos que “já pensou em ingressar no ensino superior” é apenas de 37 %, os restantes 63 % afirmam que nunca pensaram seguir uma via académica; deste universo cerca de 72% dos alunos fazem parte do curso de restaurante bar. Era expectável que a maioria dos alunos do curso de construção civil escolhesse o curso de engenharia civil para seguir no ensino superior. Já no caso de hotelaria, os alunos direccionam-se mais para a escolha de um curso CET em gestão hoteleira ou outro curso que se relacione com hotelaria.

¹⁰ O Curso de Especialização Tecnológica (CET) é uma formação pós-secundária não superior que visa conferir qualificação do nível 5, de acordo com a [Portaria n.º 782/2009](#), de 23 de julho

“Agora ir tirar um curso superior às aranhas, não, tá fora de questão.” (Sujeito 1)

“Sim, IPL¹¹ por ser do distrito de Leiria.” (Sujeito 5)

“Sim, em gestão hoteleira Sujeito.” (Sujeito 20)

Afirma Azevedo (1997, p.43) que “Os especialistas que acompanham as carreiras profissionais confrontam-se cada vez mais com estes voos de borboletas e começam a apreendê-los não como um excepção mas como uma realidade profissional.”

Como consequência, optámos por compreender se os alunos confrontados com uma situação de “não arranjar emprego na área” estariam dispostos a investir na formação numa outra área.

A maioria dos alunos, cerca de 70 %, não estaria disposto a investir noutra área de formação, ainda assim, mais de 26 % afirma que estaria disposto em apostar em formação se tal fosse necessário. Esta questão foi crucial porque os alunos acabaram por desvendar o gosto por outras áreas de formação que não aquela que estavam a frequentar, tal como os exemplos seguintes demonstram.

Resposta dada por um aluno de construção civil:

“Estudar outros ramos? Sim, restauração talvez.” (Sujeito 3)

“Força aérea, fazer o IPL primeiro.” (Sujeito 16)

“Em fotografia, se bem que também não tinha muita saída, também há muitos cursos, nem que se tire um curso em hotelaria, turismo, por aqui na nossa zona, é uma zona forte digamos assim.” (Sujeito 17)

“Eu aí punha a hipótese de força aérea.” (Sujeito 26)

É de salientar que a hipótese de carreira militar está muito presente nos indivíduos de sexo masculino e foi várias vezes referenciada como uma alternativa às áreas de formação onde estavam inseridos actualmente.

Por fim, procurou-se perceber se os jovens teriam um espírito empreendedor e se a criação de um negócio próprio faria parte do seu projecto de vida. Verificou-se que esta categoria faria parte da construção do projecto de vida dos alunos. A percentagem de alunos que afirma que gostaria de ter o seu negócio é de 73 %.

“Claro que sim... um restaurante depende da zona que escolher, não penso sair de Portugal, um restaurante tradicional com pratos mesmo da zona, como também pratos inventados tanto por mim como pelo chefe de cozinha.” (Sujeito 30)

¹¹ Instituto Politécnico de Leiria

“Quem é que não tem essa vontade? Ter um restaurante próprio era incrível, mas não é assim tão fácil. Gostava, porque é uma coisa nossa trabalhei x anos e este é o fruto do meu trabalho, é diferente do que ter a trabalhar num sítio que não nos pertence. Mas claro era incrível.” (Sujeito 20)

“Gostava, mas não me posso aventurar como isto tá hoje em dia, mas toda a gente gostava de ser patrão de si próprio.” (Sujeito 11)

Capítulo VIII. Análise do inquérito semi-estruturado

De forma a obtermos dados mais concretos foi aplicado um inquérito semiestruturado no qual procurámos obter mais informações acerca da caracterização do aluno – tais como idade, género, constituição do agregado familiar, zona de residência, trajetória escolar e, por fim, perceber quais eram os três principais objetivos na construção do seu projecto de vida.

1. Naturalidade

Na análise da naturalidade foi verificado que há uma frequência percentual mais elevada de inquiridos naturalizados nas freguesias de Chancelaria e Atouguia, aproximadamente 10%, destacando-se ainda as localidades de Espite, Fátima e São Mamede que, com valores idênticos, representam cerca de 8% dos alunos por freguesia.

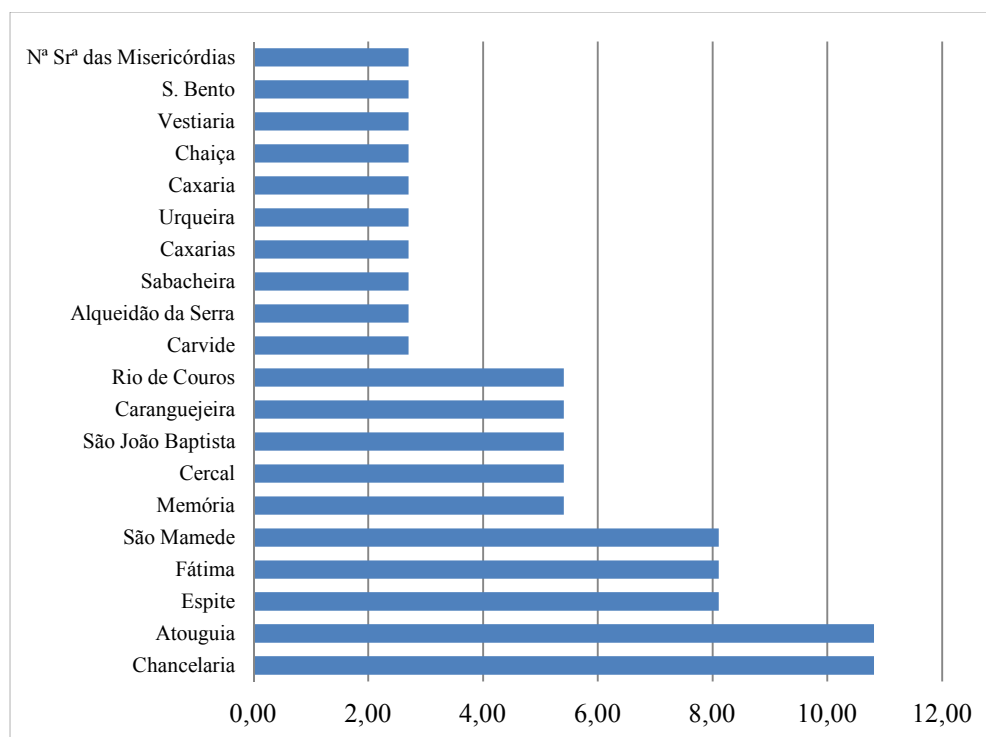


Gráfico 5 - Naturalidade por Freguesias (%)

No que diz respeito à análise por concelho, verifica-se que a maior representatividade de alunos inscritos reside no concelho de Ourém 48%, seguindo-se Leiria 16% e Torres Novas 10%.

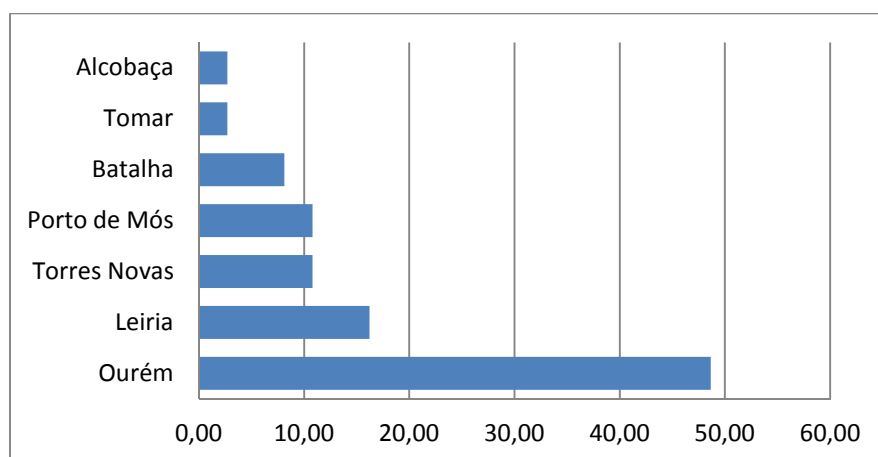


Gráfico 6 - Naturalidade por Concelhos (%)

No que diz respeito aos antecedentes escolares, verificámos que aproximadamente metade dos alunos inquiridos terminou o 3º ciclo em escolas oficiais 51%. É ainda importante referir que cerca de 41% concluiu a escolaridade obrigatória em duas escolas localizadas em Fátima que se inserem num modelo de estabelecimento particular e cooperativo, o Colégio de São Miguel e o Colégio do Sagrado Coração de Maria. Por fim, apenas 5% frequentaram o ensino particular.

Os alunos obtiveram conhecimento do ensino profissional maioritariamente através dos seus amigos 39% e da família 26%, ainda assim 24% revelam que foram os professores que lhes transmitiram informação sobre este tipo de ensino. Já no que se refere ao conhecimento do curso, os alunos indicam que obtiveram a informação através dos amigos 32%, seguido da família 27% e unicamente 12% a obteve através da comunicação social. É de referir que quase 90% dos alunos apenas se candidatou a um estabelecimento de ensino profissional.

Como já abordado, a família e a influência de pares foram factores decisivos para a escolha dos cursos da maioria destes alunos, visto que 81% dos alunos detinham amigos ou família a trabalhar na área. Deste universo de alunos 23% afirmam que apenas conhecem amigos nesta área e 56% afirmam ter familiares que desempenham funções no ramo. Quando questionados acerca do grau de parentesco com os familiares em causa, as respostas dividiram-se em “pai”, seguindo-se de “primos” e por fim “mãe”. Já o valor percentual de alunos que simultaneamente tem amigos e familiares ligados à área pela qual optaram é de 20%.

2. Avaliação relação professor / aluno

No inquérito aplicado foi ainda solicitado aos alunos que, numa escala de 1 a 10, avaliassem a sua relação com os professores. Segundo a avaliação dos alunos inquiridos ela é

encarada de forma positiva, visto que a maioria dos alunos 40% refere que a relação com os professores é “Boa” e 29% consideram-na “Muito Boa”.

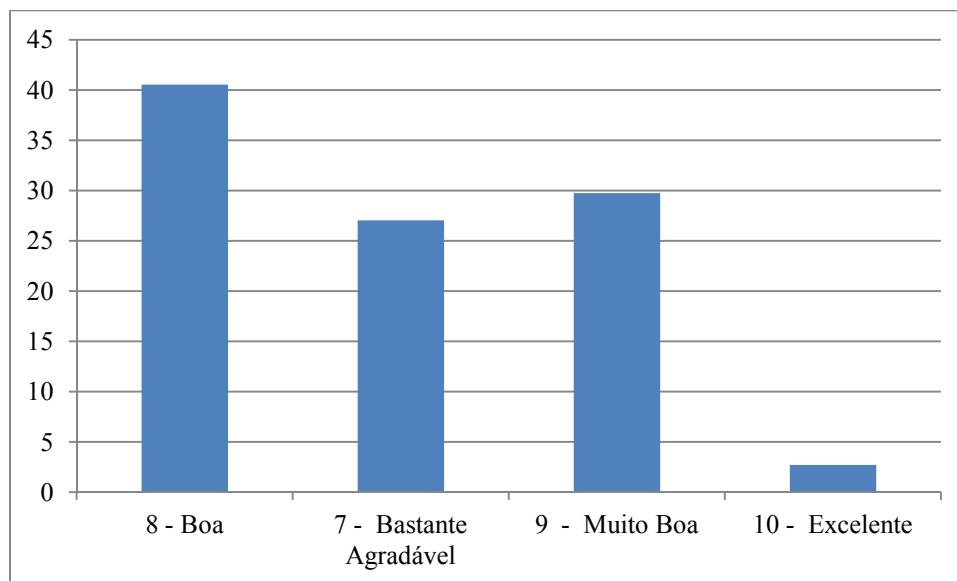


Gráfico 7 - Relação Professores/Alunos

(Escala) 1 – Péssima; 2- Muito má; 3-Má; 4- Desagradável; 5- Razoável; 6 – Agradável; 7- Bastante agradável; 8- Boa; 9-Muito boa;10- Excelente.

3. Projecto de vida: Os três principais objetivos

No que diz respeito ao projecto de vida, foi solicitado aos alunos que definissem três dos seus maiores objetivos para o seu projecto de vida.

Foi compreensível que muitos destes alunos nunca tinham refletido sobre o que poderia vir a ser o *projecto de vida* ou que não sabiam o que este conceito significava. Desta forma, tomei sempre a liberdade de explicar aos alunos o que se entendia por projecto de vida e o que se pretendia com esta análise. Por isso e em consonância com os alunos, esta questão era apenas preenchida no fim da entrevista aberta. Este exercício serviu como meio para os ajudar a pensar e refletir ao longo da entrevista sobre os *três principais objetivos do seu projecto de vida*.

A fase vivida pelos alunos é movida por várias transformações, que afetam as suas formas individuais e sociais durante a transição para a vida adulta, transformações estas que se traduzem na sua emancipação através da sua independência económica, inserção no mercado de trabalho e constituição de família (Pais,1991).

Segundo Alves (2006, p.64), “a construção destes projectos tem subjacente um complexo jogo entre esperanças subjetivas e condições objetivas ou, dito de outra forma os jovens desejam o que podem desejar.”. Os jovens são de certa forma o resultado das expectativas da família, da

influência do seu grupo de pares, da trajetória escolar e das suas condições de vida. Ainda assim, é notório que os jovens estão numa fase de transição entre a juventude e a vida adulta.

Segundo Sousa (2004, p.48), “As estratégias e os processos da entrada para a vida adulta fazem parte de uma problemática que se refere a jovens de diferentes pertencas de classes, diferentes grupos de referência, diferentes condições sociais e diferentes estratégias pessoais que podem não passar pela obtenção de graus académicos e pelo prolongamento escolar.”

Inserido na temática da construção do projecto de vida, procurámos conhecer quais eram os projectos escolares, profissionais e pessoais mais relevantes para estes alunos finalistas e perceber os atributos sócio-educativos que mais influenciaram as suas opções.

Os alunos estavam, por isso, a viver um ponto de viragem, as suas emoções e ansiedades eram manifestas, a preocupação em terminar o curso, a vontade de entrar no mercado e a esperança de seguir os estudos faziam parte das principais preocupações dos alunos. Por isso, é para nós importante analisarmos a ordem das escolhas feitas pelos alunos, pelo que iremos abordar apenas as categorias mais presentes em cada um dos três objetivos definidos.

Numa primeira análise, observámos que a maioria dos alunos definiu como primeiro objetivo para o projecto de vida – Ter um negócio próprio 19%, embora devamos considerar esta categoria como objetivo a desenvolver a longo prazo. A ambição e sonho destes jovens em ter um negócio próprio traduzia na sua escolha o desejo de uma realização profissional e pessoal que sendo bem-sucedida resultaria na criação de um negócio próprio.

Para a maioria dos alunos o receio de não concluir o curso 16% era eminente; estavam numa fase agitada, em que se trabalhava nos últimos detalhes para a entrega da PAP, a par da ansiedade em iniciar o estágio curricular enquanto concluíam os últimos módulos. O término do curso era um factor decisivo para as escolhas e opções futuras dos alunos, que poderia comprometer a sua candidatura ao ensino superior ou ainda a inscrição noutros cursos.

Por fim, e embora menos frequente, apontaram a preparação para a realização dos exames nacionais.

Apresentados estes motivos, verifica-se ser extremamente importante a conclusão do 12º ano e a aquisição do diploma profissional. Alcançadas estas metas, os alunos poderão ingressar diretamente no mercado de trabalho, na condição de *jovens adultos*, aptos para o exercício de uma profissão para a qual foram preparados ao longo destes três anos de curso. Por isso, considerámos que esta categoria revê-se em segundo lugar como prioridade para a sua vida escolar e momentânea.

Com o mesmo peso 16% e a ocupar conjuntamente a segunda posição dos objetivos está a categoria prosseguir os estudos: consideram importante apostar na sua formação, ainda que seja visto como um investimento a longo prazo e que será certamente partilhado com a condição de trabalhador estudante.

Em terceiro lugar, 13% dos alunos refere que pretende entrar no mercado de trabalho. As razões que remetem para esta escolha são diversas, desde a vontade de entrar no mercado de trabalho com a ambição de obter a sua independência sobretudo financeira, à falta de opções e por consequência a necessidade de ir trabalhar, ou ainda há quem não pretenda apostar mais na sua formação escolar.

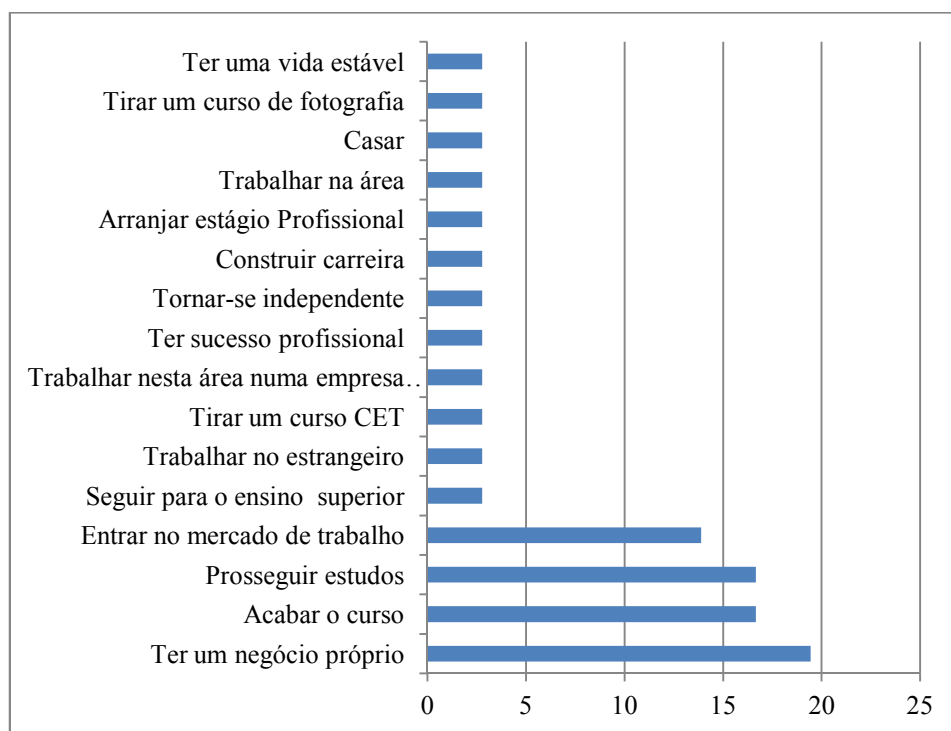


Gráfico 8 - Projecto de vida – 1º Objetivo

Dos valores médios que se podem observar no gráfico verificamos que os alunos perspetivam o seu projecto individual e pessoal. Uma vez que 14% dos alunos refere o desejo de constituir família pressupõe-se que este desejo, apesar de poder ser a longo prazo, é um objetivo presente no projecto de vida destes alunos.

Segundo Pais (1991, p. 946), “ (...) as formas individuais e sociais de transição para a vida adulta em aspetos como: inserção económica, independência económica, constituição do lar próprio, comportamentos em relação ao consumo, ao dinheiro e ao lazer, comportamentos familiares, estratégias matrimoniais e respetivo sistema de valores (...) Desta fase crucial do curso de vida que é a passagem para a vida adulta, onde se joga toda uma parte de modos e vias de reprodução económica, social e cultural de uma sociedade.” É por isso que, nesta fase da vida,

marcada pela “passagem” para o mundo do trabalho, se assimilem características socialmente atribuídas ao novo estatuto de adulto (Pais, 1991).

Ainda assim, na categoria negócio próprio 11% continua a ter uma presença efetiva nos planos destes jovens. É de referir que com uma percentagem semelhante à categoria anterior, 11%, os alunos receiam não encontrar um trabalho na área e de ter que desempenhar outras funções que em nada foram perspetivadas. A precariedade e o desemprego tornam-se preocupações centrais, sobretudo quando confrontados com a possibilidade de terem que trabalhar em áreas para as quais não adquiriram competências ou que não gostem, por falta de oportunidades nas suas áreas de formação.

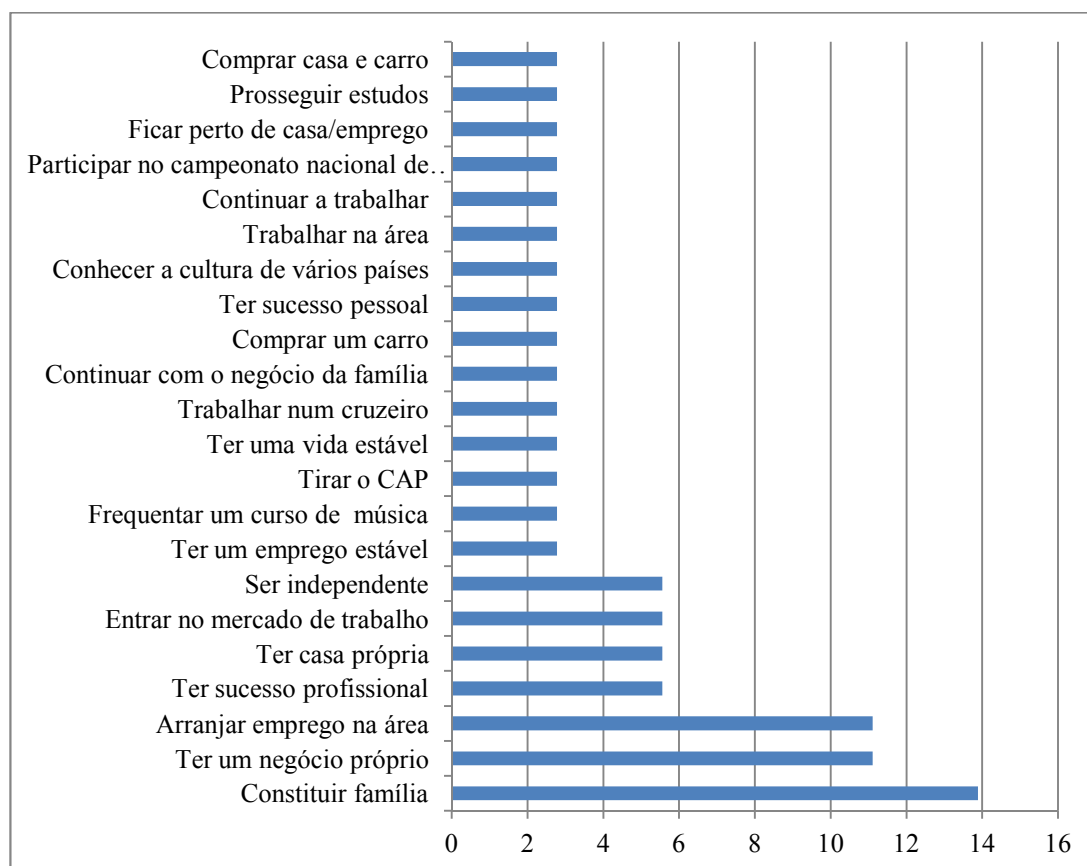


Gráfico 9 - Projecto de vida – 2º Objetivo

Neste último gráfico, verificamos que a categoria constituir família ganha mais peso, agora com 20%, a categoria ter um negócio próprio 14% continua presente e, por fim, os alunos voltam a mencionar a vontade de prosseguir os estudos 8%.

Esta última questão torna-se relevante quando relacionada com a intenção que os alunos demonstravam em ingressar no mercado de trabalho, já que só depois de se sentirem com estabilidade profissional voltariam a investir e apostar na sua formação. Este regresso à aprendizagem teria como principal objetivo a obtenção de uma especialização específica na área

de trabalho onde estivessem inseridos. Por consequência, a maioria dos alunos afirma que este investimento seria uma mais-valia para a sua carreira.

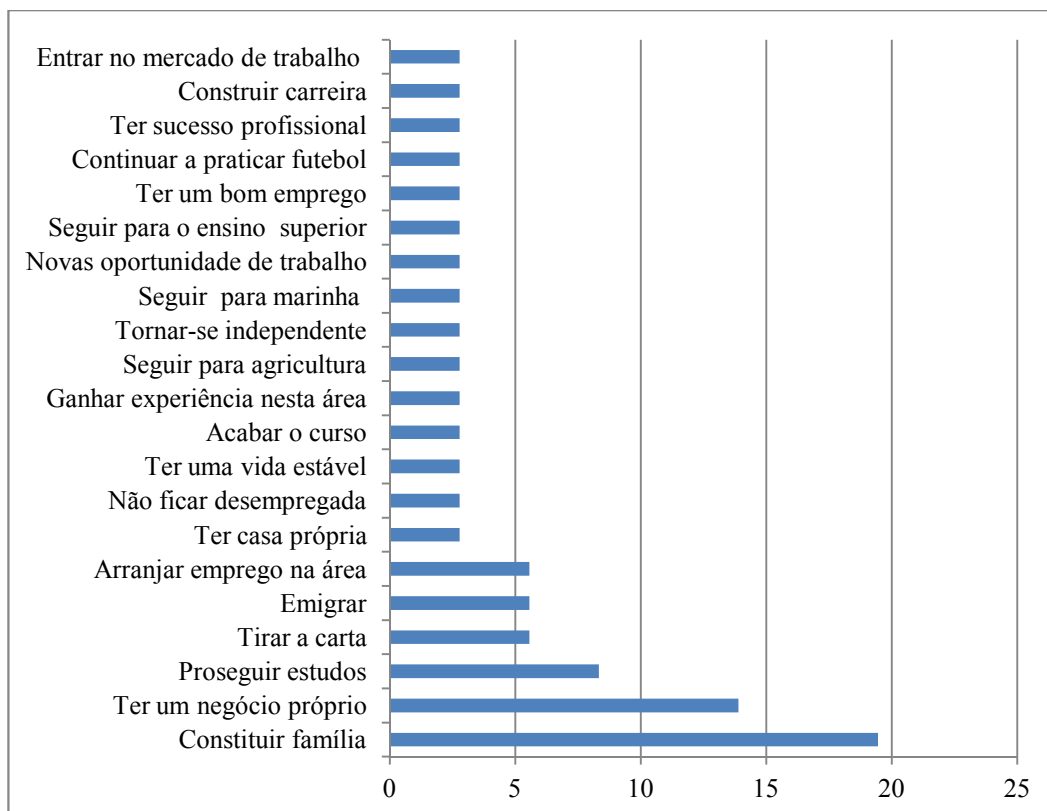


Gráfico 10 - Projecto de vida – 3º Objetivo

O conceito de juventude é muitas das vezes representado como “um hiato social que se dá entre a infância e a maturidade humana” (Sousa, 2004, *in* Cruz, 1984:285), ou seja, representa o processo de transição para a vida adulta que é marcado por uma fase da vida entre a dependência social e o decurso da emancipação. Esta passagem para a vida adulta abarca consigo novas responsabilidades como a autonomia económica e social e emancipação habitacional, construção do agregado próprio e através da conquista de direitos e de deveres cívicos (Sousa, 2004).

Segundo o autor, o processo da transição para a vida adulta deverá ser analisado sob dois eixos do ciclo de vida: o eixo público que comporta consigo as trajetórias escolares de profissionais e através do eixo privado que está diretamente relacionado com a família e o casamento (Sousa, 2004, *in* Galland, 1984). Este momento de passagem para a vida adulta é vivido em dois momentos: o de partida, que caracteriza a saída da escola e a independência da família a nível residencial e monetário; o de entrada significa o momento de acesso ao mercado de trabalho e a construção do agregado próprio.

Capítulo IX. Reflexão sobre os resultados

1. Discussão dos resultados

A principal razão que determinou esta investigação foi a de saber quais as motivações dos alunos na escolha pela via do ensino profissional e de que forma essa escolha influenciaria as suas expectativas de carreira e projecto de vida.

Desta forma, iremos destacar alguns dos resultados mais relevantes. No decorrer da investigação, um dos indicadores mais importantes foi a motivação dos alunos em ingressar no mercado de trabalho após término do seu curso. Sendo assim, parece-nos relevante referir que a maioria destes alunos já trabalhava enquanto prosseguiam com os estudos. Dos alunos da turma do curso profissional de técnico de Restauração, variante Restaurante /Bar, 89% tinham experiências de trabalho em cafés, restaurantes e hotéis, desenvolvendo desta forma algumas competências adquiridas no decorrer da sua formação profissional como estudantes.

No caso da turma do curso profissional de técnico de Construção Civil - Variante de Medições e Orçamentos, 72% já tinha trabalhado na área da construção civil, essencialmente nas obras realizando alguns *biscates* ou a trabalhar para os familiares que tinham negócio da área. A maioria destas actividades era realizada aos fins-de-semana ou nas férias escolares. Como consequência observámos que estes alunos tiveram desde cedo uma forte disposição para trabalhar o que naturalmente influenciou esta via de ensino.

Era expectável desde o início da investigação, e baseada na nossa revisão literária, que o ensino profissional estaria marcado por alunos com antecedentes de insucesso escolar, tal como referido por Azevedo (2010, p.28), “(...) para onde empurram os adolescentes e jovens com maiores dificuldades de aproveitamento escolar até ao 9º ano.” As duas turmas entrevistadas revelam que 70% dos alunos teve pelo menos uma reprovação durante o seu percurso escolar. Verifica-se nesta via de ensino que a percentagem de alunos com histórias de insucesso escolar é elevada, o que demonstra o desencanto sentido no ensino formal e o que leva muitos destes alunos a procurar uma via de ensino alternativa que lhes permita concluir o 12º ano (Madeira, 2006). Quando questionados sobre as razões da escolha do ensino profissional em alternativa ao ensino secundário, os alunos referiram: “mais fácil”, “não gostar muito de estudar” e por procurarem uma melhor preparação para o mundo do trabalho devido a elevada componente prática do curso. Referem também não querer fazer parte da elevada percentagem de jovens licenciados no desemprego.

No que diz respeito à relação professor aluno, parece-nos poder afirmar que existe uma boa relação professor-aluno, dado que 40% dos alunos consideram a sua relação com os professores como “boa” e 29,7% consideram a relação “muito boa”. Estes valores reflectem níveis de proximidade elevados consequência de uma escola com dimensões reduzidas onde os professores conseguem oferecer um ensino personalizado aos alunos.

No que diz respeito à escolha dos cursos para esta investigação e apesar de não ter sido uma hipótese que tivemos em consideração na análise, escolhemos o curso profissional de técnico de Construção Civil - Variante de Medições e Orçamentos - por considerar que seria expectável que os alunos deste curso tivessem uma maior probabilidade de querer completar a sua formação com um curso superior, particularmente pelo curso de engenharia civil. Por outro lado, seleccionámos o curso de curso profissional de técnico de Restauração, variante Restaurante /Bar por considerar que estes alunos teriam uma menor predisposição para o seguimento de outra área no ensino superior. Tal facto verificou-se uma vez que os nossos resultados mostram que 66 % dos alunos do curso de profissional de técnico de Construção Civil - Variante de Medições e Orçamentos - desejaria ingressar no ensino superior. No caso da turma do curso profissional de técnico de Restauração, variante Restaurante /Bar, apenas 12% dos alunos pretende ingressar no ensino superior. Ainda assim, a presença da influência da família na escolha do curso e do ensino profissional é superior no curso profissional de técnico de Construção Civil - Variante de Medições e Orçamentos com cerca de 66%. Para a turma do curso profissional de técnico de Restauração, variante Restaurante/Bar, a presença da influência da família é menor com apenas 42%. A influência por parte da família está relacionada com o facto de os familiares estarem a desempenhar funções nas áreas escolhidas pelos alunos, mas relevam uma fraca participação no momento do aconselhamento da escolha do curso. No que diz respeito às origens sociais dos alunos verificamos que são maioritariamente oriundos de classes de pequena burguesia e operariado.

Quanto às expectativas de carreira e inserção no mercado de trabalho os resultados não nos possibilitam afirmar quais as expectativas exactas dos alunos. As respostas obtidas apenas nos indicam as suas expectativas quanto à entrada no mercado de trabalho. Os resultados mostram que 65% dos alunos consideram que vão entrar facilmente no mercado de trabalho e referem como argumento o facto do ensino profissional permitir concluir o 12º ano com a aquisição de saberes para o exercício de uma profissão. Ainda assim, é relevante termos em conta que muitos destes alunos já estão inseridos no mercado de trabalho apesar de ser em

situações de “part-time”. Finalmente, 22% dos alunos referem que temem que a sua entrada no mercado de trabalho seja mais lenta do que o desejável.

Verificamos algumas diferenças entre os cursos. Enquanto cerca de 38% dos alunos do curso de profissional de técnico de Construção Civil - Variante de Medições e Orçamentos consideram que vão entrar facilmente no mercado de trabalho, 44% afirma que não será fácil ingressar no mercado de trabalho apontando como causa a falta de investimento nas obras de construção civil; contudo, 17% refere não saber como será a sua entrada no mercado de trabalho. Já no curso profissional de técnico de Restauração, variante Restaurante /Bar, os alunos mostram níveis de confiança muito superiores: o valor de alunos que acredita entrar facilmente no mercado de trabalho é de 89%, os restantes 11% afirmam não saber como será a sua entrada no mundo do trabalho. Quanto ao projecto profissional inserido na escolha do ensino profissional constatámos que a maioria destes alunos, cerca de 83%, afirma que o curso faz parte do seu projecto de vida e estão satisfeitos com a escolha desta via de ensino. Quando analisadas as respostas dos alunos sobre os três objectivos do projecto de vida, verificamos que o primeiro objectivo mais presente se prende com “ter um negócio próprio” o que reflecte o espírito empreendedor destes alunos e a ligação ao mercado de trabalho.

Já no segundo e terceiro objectivos os alunos dão prioridade à “construção da família”, colocando de lado perspectivas relacionadas directamente com o mercado de trabalho ou com a construção de carreira. No entanto observamos que nos três objectivos é referido pelos alunos o “construir carreira” ou “ter sucesso profissional” apesar de ser pouco significativo. Como consequência, parece-nos poder afirmar que os projectos de vida dos alunos nesta fase da sua vida estão mais centralizados no campo familiar e pessoal do que na construção de uma carreira profissional.

Ainda assim é pertinente salvaguardar que o nosso universo é composto por jovens adolescentes que estão a viver uma fase de transição entre a escola e o mercado de trabalho. Na mesma linha Saúde e Delgado (2004, p.99) afirmam que “é um cenário com contornos imprecisos que o jovem vai ter de projectar a sua vida, sem saber quando obterá o primeiro emprego.”

Para finalizar este capítulo reconhecemos que seja importante abordar a questão do preconceito sobre o ensino profissional. Tal como referido por Azevedo (2010, p.25), “As escolas profissionais nunca foram e não “são escolas para os pobres” e para quem não pode ir para o liceu, para quem tem de ser “seleccionado” aos dez anos.”” Ao longo destes vinte anos o ensino profissional tem sido alvo destes olhares críticos sem fundamentos pelos mais variados

actores sociais. No decorrer das entrevistas, confirmámos este posicionamento como o atestam alguns testemunhos.

“Alguns professores disseram que a escola profissional era mais para alunos não com muitas capacidades era a ideia que se tinha, profissional é mais técnico que é para os alunos que não têm tantas capacidades (...) os professores da Albergaria tinham essa ideia que o ensino profissional era mais para alunos com dificuldades e que o ensino superior é para os alunos com melhores notas. (...) os stôres diziam como eu e o meu irmão éramos dois alunos bons da turma houve uma stora que disse mesmo que era tava admirada de a gente não ter seguido para o ensino superior, disse que perdíamos muito.” (Sujeito 4)

“Disseram aí o ensino profissional é só para burros, para pessoas que não têm grandes notas.” (opinião dos pais)

(Sujeito 2)

Desde os professores aos pais, a toda a sociedade em geral, esta imagem negativa impera pois o ensino profissional é considerado um ensino que é só para alunos que não têm capacidades, ou com histórias de insucesso escolar. Esta ideia pré-concebida e sem fundamento não retrata a verdadeira imagem do ensino profissional e de todas as conquistas obtidas ao longo dos anos com a ajuda de alunos que acreditaram que esta via de ensino poderia marcar pela diferença.

Como referido por Azevedo (2010, p.28), “Aquilo que chamamos ensino profissional em Portugal não é isto e tem vinte anos de provas dadas.”

Capítulo X. Conclusões e Recomendações

1. Conclusões

Esta investigação ocorreu junto de duas turmas finalistas de nível III de uma Escola Profissional e do seu pólo.

No decorrer da mesma abordámos a temática do ensino profissional destacando as motivações e interesses dos alunos na sua escolha de vida e procurámos compreender de que forma estas escolhas se reflectem na expectativa de carreira e no projecto de vida. Analisámos a problemática do mercado de trabalho e suas alterações; a redefinição da construção de carreira e a necessidade de uma aprendizagem ao longo da vida.

É imperativo que os alunos sejam consciencializados pela família e pela escola e sobretudo preparados para as dificuldades que irão enfrentar no mercado de trabalho. Devem ser desenvolvidas as suas capacidades de competitividade, criatividade e de empreendedorismo já que os alunos não estão preparados para a pressão que se faz sentir actualmente no mercado de trabalho. O momento em que ocorreu a investigação atravessava um período transaccional, podemos classificar os alunos entrevistados como jovens adultos que estavam numa fase de

transição para o mercado de trabalho ou ensino superior. As dúvidas que os alunos sentiam quanto ao futuro ainda pesavam nas suas possíveis decisões a tomar. Tal como a etapa indica, os alunos estavam perante a sua construção individual, a construção de “si”, onde os valores, planos e projectos se iriam definir (Guichard, 2004). O acompanhamento vocacional tem um papel fulcral para a construção do indivíduo, pelo que a realização da introspecção sobre si e sobre os seus reais desejos e objectivos, ajudará a melhor definir o que realmente “ quero fazer no futuro”.

Desta forma e já no mercado de trabalho, os alunos teriam uma maior capacidade de gestão da sua carreira e das suas competências, o que permite uma maior autonomia e consciência da sua trajectória profissional e construção de carreira (Azevedo, 1999).

O projecto de vida deve ser encarado como uma acção contínua que se vai construindo e reconstruindo ao longo da vida (Coimbra, 1997), o mesmo se verifica com a construção de vida, que pode sofrer várias alterações profissionais ou pessoais sejam elas desejadas ou não, mas que a partir das mudanças os alunos devem ser capazes de ultrapassar as adversidades, potencializando nos desafios.

O projecto de vida e a expectativa de carreira destes alunos fazem parte da escolha da via de ensino profissional; a realização destes alunos passa por uma entrada rápida no mercado de trabalho de forma a poderem emancipar-se e conquistarem a sua independência. Apesar de muitos dos alunos quererem continuar a estudar e a apostar na sua formação este objectivo é projectado para um futuro próximo e acumulado com uma actividade profissional.

A noção de “emprego para a vida” é quase utópica actualmente. Inicialmente a escolha de uma profissão era definida pela vocação do indivíduo, mais tarde surge o conceito de carreira que designava o percurso profissional ao longo da vida, posteriormente o aconselhamento de carreira que tem um papel importante na orientação do indivíduo. Presentemente, o conceito que melhor descreve o paradigma de mercado de trabalho / formação é a expressão *life designing*¹² que melhor caracteriza as mudanças constantes de um mercado de trabalho global e das alterações que implica a nível pessoal. A carreira deixou de ser estática e apenas de uma profissão, ao longo da vida. As actividades profissionais podem ser várias e a necessidade de investir na formação é essencial para acompanhar os novos desafios de um mundo global.

¹² Tradução: construção de vida (Savickas *et al.*, 2009)

Os alunos não ambicionam o alcance de uma grande carreira ou a posições de grande liderança. Os alunos estão conscientes das dificuldades que o país atravessa e da insegurança e instabilidade que o mercado de trabalho hoje oferece. Consideramos por isso que para estes alunos o facto de conseguirem ingressar no mercado de trabalho já é um bom indicador, visto que muitos dos alunos temem o desemprego.

Tal como referido por Pais (1991, p.963), “De facto, os jovens de meio operário são os que encaram o trabalho de forma mais instrumental”.

Por fim, importa realçar algumas das virtudes do ensino profissional também conhecido por ensino em alternância. Alguns dos alunos referiram no decorrer das entrevistas que se sentiam desencantados com o sistema de ensino até chegarem ao ensino profissional. Razões como uma motivação extra por parte da escola, professores e a forte componente prática ajudou os alunos a reencontrarem-se nos seus projectos escolares e profissionais, conseguindo alcançar melhores resultados escolares. Era visível que os alunos tinham consciência dos olhares mais duvidosos quanto à via do ensino profissional, mas sentiam-se orgulhosos de fazer de um ensino que para além da teoria leccionada, à semelhança do secundário, também os preparava para o mercado de trabalho e quando terminado o curso os alunos tinham aprendido *uma profissão*.

As suas capacidades e potencialidades como seres humanos também cresceram e desenvolveram

2. Recomendações

Ao longo do estudo, sobretudo na fase de entrevistas, foram expressas por várias vezes “desagrado” dos alunos, particularmente na turma de Restaurante Bar, sobre a disciplina de Português. Quando eram questionados sobre as disciplinas teóricas e a sua relação com a prática, era quase previsível a sua resposta. Os alunos referiam que a disciplina e a matéria leccionadas não teriam qualquer impacto nem importância para o dia-a-dia da sua profissão. Alguns alunos afirmaram mesmo que poderia ser uma disciplina dispensável do programa curricular e que poderia ser substituída por uma mais uma língua estrangeira uma vez que seria mais útil na sua profissão. Esta questão, não deixa de ser delicada, até porque a disciplina mencionada faz mais das mais importantes de qualquer programa curricular, sendo esta a língua mãe do país.

Este tema traz um trabalho acrescido aos docentes que para além de realizarem o seu papel de professor ainda devem sensibilizar os alunos na compreensão que a disciplina leccionada é mais do que a simples matéria, mas sim um atributo cultural e de enriquecimento que será útil ao longo da vida e também muito importante seja qual for a profissão exercida.

No que diz respeito à relação com os professores, foi visível o empenho extremo, o tempo dispensavam para ajudar os alunos depois das aulas e da preocupação que tinham com os resultados dos alunos. Esta proximidade era referida em muitas das entrevistas, os alunos sentiam um grande apoio por parte dos professores.

No entanto, observou-se diferenças entre as escolas: numa uma relação mais próxima com os professores do que na outra.

Contudo, o tema da avaliação talvez pudesse estar influenciado por estas boas relações, uma vez que os professores davam várias oportunidades aos alunos de concluir os seus módulos. Esta questão, também delicada, remete-nos para a questão do estereótipo - ensino profissional “é mais fácil”. O ensino profissional deve ter a exigência que este tipo de ensino merece, apesar das conotações negativas.

Numa última fase da investigação, obtivemos os resultados escolares dos alunos finalistas dos dois cursos analisados; os níveis de conclusão já eram previstos antes do final do ano lectivo, sendo que o curso profissional de restauração, variante Restaurante-Bar, teve uma taxa de conclusão de 58 % e o curso de Construção Civil - variante medições e orçamentos de 79 %.

É imperativo, que os profissionais da orientação vocacional, principalmente os que estão inseridos no ensino básico, procurem alternativas e que o aconselhamento aos jovens seja com base nas características do aluno e não apenas pelo seu insucesso escolar, ou seja, não optar pelo ensino profissional só porque o aluno revela níveis baixos de sucesso. E os bons alunos? Devem somente optar pelo ensino secundário? É necessário que o preconceito do ensino profissional se dissolva até porque o mercado de trabalho está em constantes mudança. Não deveriam os aconselhamentos/ opiniões mudar também? rapidamente se conclui que anos de aposta nas mesmas formações, provoca hoje um forte desequilíbrio na inserção dos jovens no mercado de trabalho.

Quanto à educação para a carreira e orientação vocacional, a escola deve disponibilizar as condições necessárias para que os professores e psicólogos possam trabalhar em conjunto a educação para a carreira, até porque o ensino profissional tem a mais-valia de conter nos seus programas curriculares a aplicação à prática da profissão, colocando o aluno próximo da sua futura realidade profissional.

Decerto, continuará a enaltecer o Ensino Profissional.

Bibliografia

Abreu, M. V. , Santos, E.R., Leitão, L.M., Paixão, M.P.,& Fernandes, I.V. (1983). *Da prevenção do insucesso escolar ao desenvolvimento interpessoal*. Revista Portuguesa de Psicologia, Ano XVII, pp. 143-170.

Almeida, J., Costa, A. & Machado, L. (1988). Famílias, estudantes e universidade: painéis de observação sociográfica. *Sociologia – Problemas e Práticas*, 4, pp.11-44.

Alves, N. (2006). *Socialização escolar e profissional dos jovens: projectos estratégias e representações*. Lisboa: Educa.

Azevedo, J. (1991). *A Educação tecnológica nos anos 90*. Porto: Edições Asa.

Azevedo, J. (1997). Novas metáforas para a (des) orientação profissional. *Saber (e) Educar*, 3, pp. 41-51.

Azevedo, J. (1999). *Voos de borboleta: escola, trabalho e profissão*. Porto: Edições ASA.

Azevedo, J. (2005a). Entrevista Joaquim Azevedo. *Desafios*, 20, pp.28-31.

Azevedo, J. (2010). Escolas profissionais: uma história de sucesso escrita por todos. Revista *Formar. IEFP*, pp. 25-29;

Bardin, L. (2008). *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70.

Barros, J. (1988). *Interpretação diferencial das expectativas na escola*. *Jornal de Psicologia*, 7, (3), pp. 18-23.

Cabrito, B. (1994). *Formações em alternância: conceitos e práticas*. Lisboa: EDUCA.

Castro, J. M. & Pego, A. (2000). A carreira já não é o que era. *Cadernos de Consulta Psicológica*, 15/16, 1999/2000, 13 – 20.

Charlot, Bernard. (1997). *Rapport au savoir en milieu populaire*. Une recherche dans les lycées professionnels de banlieue. Paris: Anthropos, p.390.

Coimbra, J. L. (1997). O meu “grande” projecto de vida ou os meus “pequenos” projectos: linearidade ou recorrência no desenvolvimento vocacional e suas implicações educativas. *Cadernos de Consulta Psicológica*, 13/14, pp.21-28.

Coimbra, J. L., Parada, F. & Imaginário, L. (2001). *Formação ao longo da vida e gestão da carreira*. Lisboa: Ministério do Trabalho e da Solidariedade, Direcção Geral do Emprego e Formação Profissional.

De Volder, M. L., & Lens, W. (1982). Academic achievement and future-time perspective as a cognitive-motivational concept. *Journal of Personality and Social Psychology*, 42, pp.566-571.

Duarte, M. E. Um século depois de Frank Parsons: escolher uma profissão ou apostar na psicologia da construção da vida?. *Rev. bras. orientac. prof* [online]. 2009, vol.10, n.2, pp. 5-14. ISSN 1679-3390.

Eiasson, G. (1996). Porquê aprendizagem ao longo da vida? *Revista Europeia Formação Profissional*, 8/9, pp. 1-4.

Faria, L.C.; Taveira, M.C., & S. L. (2008). Exploração e decisão de carreira numa transição escolar: Diferenças individuais. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, 9, pp. 17 - 30.

Fontaine, A.M. (1987). *Expectativas de sucesso e realização escolar em função do contexto social*. Cadernos de Consulta Psicológica, 3, pp.27-44.

Gonçalves, C. M. (2006). *A Família e a construção de projectos vocacionais de adolescentes e jovens*. Dissertação de Doutoramento não publicada, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto, Lisboa.

Grácio, S. (1997). *Dinâmicas da escolarização e das oportunidades individuais* Lisboa: Educa.

Guichard, J. (1997). Les projets personnels des adolescents: projets du présent ou projets d'avenir. In A. Morris, R.(Ed.), *L'Orientation face aux mutations du travail* (pp. 81-88). Paris: La Découverte e Syros.

Guichard, J. (2004) Se faire soi [Self Construction]. *L'orientation scolaire et professionnelle*, 33, pp. 499-534.

Herr, Edwin (2008). Abordagens às intervenções de carreira: perspectiva histórica. In Taveira, M. C., Silva, J. T. (Coords.). *Psicologia Vocacional: perspectivas para a intervenção*. pp. 9-24. Portugal: Imprensa da Universidade de Coimbra.

Leão, P. (2007). *A promoção do desenvolvimento vocacional em contexto escolar: o(s) tempo(s) e os modo(s)*. Revista portuguesa de investigação educacional, pp.63-75.

Madeira, M. (2006). Ensino profissional de jovens: um percurso escolar diferente para a (re)construção de projectos de vida. *Revista Lusófona de Educação*, 7, pp.121-141.

Rodríguez-Moreno, M. L. (2008). A educação para a carreira: Aplicações à infância e à adolescência. In M. C. Taveira & J. T. Silva (Coords.), *Psicologia vocacional: Perspectivas para a intervenção*, pp. 25-54. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.

Oliveira, J.H. Barros de; (1996). *Psicologia da educação escolar, Vol I, Aluno-Aprendizagem*; Livraria Almedina, Coimbra.

Pais, J. M. (1991). Emprego juvenil e mudanças sociais: velhas teses, novos modos de vida, in *Análise Social*, vol. XXVII, n.º 114, Lisboa, ICS, pp.945-987.

Paixão, M. P. (2005). Das preocupações às ocupações: A orientação vocacional na construção do projecto de vida. *Revista Portuguesa de Pedagogia*, 39(3), pp.211-227.

Pocinho, M. D., Correia, A., Carvalho, R. Gil., & Silva, C. (2010) Influência do género, da família e dos serviços de psicologia e orientação na tomada de decisão de carreira. *Revista brasileira orientação profissional*, [online], vol.11, n.2.

Rens, J. (1996). Porquê aprendizagem ao longo da vida? *Revista Europeia Formação Profissional*, 8/9, pp. 1-4.

Saúde, S. & Delgado, A. (2004). *Empregabilidade e novas competências: Identificação de perfis e de factores de limitação à inserção profissional dos estudantes do ensino superior politécnico – um estudo de caso*. Actas do V Congresso Português de Sociologia - Sociedades Contemporâneas - Reflexividade e Acção, pp.99-104.

Savickas, M. (2002). Career construction: a developmental theory of vocational behavior. In D. Brown and Ass. (Ed), *Career choice and development*. 4th Ed., S. Francisco: Jossey- Bass, pp.149-205;

Savickas, M.L; Duarte, M.E; Lassance, M.C; Nota, L; Rossier, J; Dauwalder, J.P; Guichard, J; Soresi, S; Esboreck, R.V; Van Vianen, A.E.M. (2009) A construção da vida: um novo paradigma para entender a carreira no século XXI. *Revista interamericana de Psicologia*, vol. 44, num.2, pp. 392-406.

Silva, M.C.V.(2008). *Diversidade cultural na escola: encontros e desencontros*. Lisboa: Colibri.

Sousa, F. (2004). O que é ser adulto? As velhas e as novas representações sobre o que é ser adulto, *Textos Atelier: Famílias*, Vº Congresso Português de Sociologia, Associação Portuguesa de Sociologia, pp. 1-14.

Super, D. (1957). *The psychology of careers*. Nova Iorque: Harper & Row.

ANEXOS

Índice de Anexos

ANEXO I - Entrevista.....	67
ANEXO II - Entrevista por questionário	68
ANEXO III.....	70
1. Caracterização da amostra.....	70
1.1. Idade	70
1.2. Género	70
1.3. Freguesias.....	71
1.4. Concelhos	72
2. Caracterização do agregado familiar.....	72
2.1. Idade do pai	72
2.2. Idade da mãe.....	73
2.3. Naturalidade do pai	74
2.4. Naturalidade da mãe.....	75
2.5. Habilitações académicas do pai.....	76
2.6. Habilitações académicas da mãe	76
2.7. Profissão do pai	77
2.8. Profissão da mãe.....	78
3. Antecedentes escolares.....	78
3.1. Tipo de escola frequentada.....	78
3.2. Alunos que repetiram uma vez durante o seu percurso escolar.	79
3.3. Alunos que reprovaram duas vezes no seu percurso escolar.	80
3.4. Alunos que reprovaram três vezes na sua percurso escolar.	80
4. Como obtiveram conhecimento do ensino profissional	80
4.1. Conhecimento do ensino profissional – opção 1.....	80

4.2. Conhecimento do ensino profissional – opção 2.....	81
4.3. Conhecimento no curso – opção 1	81
4.4. Conhecimento no curso – opção 2	81
5. Candidatura a outras escolas profissionais.....	82
5.1. Número de escolas a que se candidatou	82
5.2. Cursos a que se candidataram.	82
6. Familiares ou amigos a trabalhar na área.....	83
6.1. Familiares a trabalhar na área.....	83
6.2. Amigos a trabalhar na área.....	83
6.3. Grau de parentesco com os familiares que trabalhem na área	84
7. Relação Professor / Aluno.....	84
8. Projecto de vida.....	85
8.1. Projecto de vida escolhido em 1º lugar	85
8.2. Projecto de vida escolhido em 2º lugar	86
8.3. Projecto de vida colocado em terceiro lugar	87
ANEXO IV – Transcrição das entrevistas	88

ANEXO I - Entrevista

A- Ensino Profissional

1. Por que razão escolheu o ensino Profissional?
2. Por que razão escolheu esta escola?
3. E este curso?

B- Ambiente Familiar e Social

4. Teve apoio da sua família?

C- Relação Professor/Aluno

5. Acha que os seus professores se dedicam aos alunos?
6. Os professores motivam na continuação do curso?
7. Sente que os professores vos preparam para o mercado de trabalho?

D- Ensino Aprendizagem

8. Qual a relação entre matéria leccionada e sua aplicação à prática?
9. Até que ponto pensa que a avaliação por módulos facilita a aprendizagem?
10. Considera que as metodologias utilizadas são as mais adequadas?
11. Sente que tem preparação para a realização dos exames nacionais?

E- Mercado de Trabalho

12. Pensa que vai entrar mais facilmente no mercado de trabalho?
13. Por que seguiu a via do ensino profissional em vez do ensino secundário?
14. Já trabalhou anteriormente nesta área?

F- Projecto de vida

15. A escolha deste curso faz parte do seu projecto de vida?
16. Alguma vez colocou a hipótese de mudar de curso/área de formação?
17. Gostaria de continuar os seus estudos?
18. Já alguma vez pensou candidatar-se ao ensino superior?
19. Se não conseguir encontrar trabalho nesta área, pensa continuar a estudar noutra área?
20. Gostaria de abrir o seu próprio negócio nesta área?

ANEXO II - Entrevista por questionário

Caracterização do aluno

Idade:

Sexo: F ☐ M ☐

Freguesia:

Concelho:

A frequentar o ____ ano.

Agregado familiar

	Idade	Naturalidade	Profissão	Habilitações Académicas
Pai				
Mãe				

Antecedentes Escolares

Frequentou:

Escola Oficial ☐
Escola Particular ☐
Outros ☐

Repetiu algum ano? Sim ☐
Não ☐

Se a resposta for afirmativa, indique que ano de escolaridade repetiu ____

Ensino Profissional

Como obteve conhecimento do Ensino Profissional:

Família ☐
Professores ☐
Amigos ☐
Comunicação Social ☐
Outros ☐
Qual? _____ ☐

Como obteve conhecimento do curso:

Família ☐
Professores ☐
Amigos ☐
Comunicação Social ☐
Outros ☐
Qual? _____ ☐

Candidatou-se a mais Escolas Profissionais para além desta? SIM ☐ NÃO ☐

Quantas _____

Se sim, indique os Cursos aos quais se candidatou.

1. _____

2. _____

3. _____

4. _____

5. _____

Tem alguém na família/amigos que trabalhem neste área? Sim ☐ Não ☐

Amigo ☐

Familiar ☐ Grau de Parentesco: _____

Relação Professor/Aluno

Classifique numa escala de 1 a 10, sendo 1 muito má e 10 muito boa, a relação com os seus professores.

1 _ 2 _ 3 _ 4 _ 5 _ 6 _ 7 _ 8 _ 9 _ 10 _

Projecto de Vida

No que diz respeito ao seu Projecto de Vida indique os seus 3 maiores objectivos:

1. _____

2. _____

3. _____

ANEXO III

1. Caracterização da amostra

1.1.Idade

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	17 Anos	7	18,9	18,9	18,9
	18 Anos	14	37,8	37,8	56,8
	19 Anos	12	32,4	32,4	89,2
	20 Anos	3	8,1	8,1	97,3
	21 Anos	1	2,7	2,7	100,0
	Total	37	100,0	100,0	

1.2.Gênero

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Masculino	28	75,7	75,7	75,7
	Feminino	9	24,3	24,3	100,0
	Total	37	100,0	100,0	

1.3.Freguesias

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Atouguia	4	10,8	10,8	10,8
	Chancelaria	4	10,8	10,8	21,6
	Espite	3	8,1	8,1	29,7
	Fátima	3	8,1	8,1	37,8
	São Mamede	3	8,1	8,1	45,9
	Caranguejeira	2	5,4	5,4	51,4
	Caxarias	2	5,4	5,4	56,8
	Rio de Couros	2	5,4	5,4	62,2
	Memória	2	5,4	5,4	67,6
	São João Baptista	2	5,4	5,4	73,0
	Cercal	1	2,7	2,7	75,7
	Sabacheia	1	2,7	2,7	78,4
	Urqueira	1	2,7	2,7	81,1
	Chainça	1	2,7	2,7	83,8
	Vestiária	1	2,7	2,7	86,5
	S.Bento	1	2,7	2,7	89,2
	Nª Srª das Misericórdias	1	2,7	2,7	91,9
	Carvide	1	2,7	2,7	94,6
	Cercal	1	2,7	2,7	97,3
	Alqueidão da Serra	1	2,7	2,7	100,0
	Total	37	100,0	100,0	

1.4.Concelhos

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Ourém	18	48,6	48,6	48,6
	Leiria	6	16,2	16,2	64,9
	Torres Novas	5	13,5	13,5	78,4
	Porto de Mós	2	5,4	5,4	83,8
	Batalha	4	10,8	10,8	94,6
	Tomar	1	2,7	2,7	97,3
	Alcobaça	1	2,7	2,7	100,0
	Total	37	100,0	100,0	

2. Caracterização do agregado familiar

2.1.Idade do pai

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	30-34 anos	1	2,7	2,7	2,7
	35-39 anos	3	8,1	8,1	10,8
	40-44 anos	7	18,9	18,9	29,7
	45-49 anos	13	35,1	35,1	64,9
	50-54 anos	7	18,9	18,9	83,8
	55-59 anos	4	10,8	10,8	94,6
	60-64 anos	2	5,4	5,4	100,0
	Total	37	100,0	100,0	

2.2.Idade da mãe

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	30-34 anos	1	2,7	2,7	2,7
	35-39 anos	8	21,6	21,6	24,3
	40-44 anos	11	29,7	29,7	54,1
	45-49 anos	12	32,4	32,4	86,5
	50-54 anos	3	8,1	8,1	94,6
	55-59 anos	2	5,4	5,4	100,0
	Total	37	100,0	100,0	

2.3.Naturalidade do pai

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid				
Espite	4	10,8	10,8	10,8
São Mamede	4	10,8	10,8	21,6
Não sabe / Não responde	4	10,8	10,8	32,4
Rio de Couros	2	5,4	5,4	37,8
Leiria	2	5,4	5,4	43,2
Ourém	2	5,4	5,4	48,6
Chancelaria	2	5,4	5,4	54,1
Pombal	1	2,7	2,7	56,8
Sabacheira	1	2,7	2,7	59,5
Porto de Mós	1	2,7	2,7	62,2
Caxarias	1	2,7	2,7	64,9
Urqueira	1	2,7	2,7	67,6
Memória	1	2,7	2,7	70,3
Alcobaça	1	2,7	2,7	73,0
Fontainhas da Serra	1	2,7	2,7	75,7
S. Bento	1	2,7	2,7	78,4
Lisboa	1	2,7	2,7	81,1
Cabo Verde	1	2,7	2,7	83,8
Rio Maior	1	2,7	2,7	86,5
Viseu	1	2,7	2,7	89,2
Cercal	1	2,7	2,7	91,9
Alqueidão da Serra	1	2,7	2,7	94,6
Torres Novas	1	2,7	2,7	97,3
Pereiros	1	2,7	2,7	100,0
Total	37	100,0	100,0	

2.4.Naturalidade da mãe

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid				
Espite	4	10,8	10,8	10,8
Leiria	3	8,1	8,1	18,9
Não sabe / Não responde	3	8,1	8,1	27,0
Chancelaria	2	5,4	5,4	32,4
São Mamede	2	5,4	5,4	37,8
Porto de Mós	2	5,4	5,4	43,2
Torres Novas	2	5,4	5,4	48,6
Sabacheira	1	2,7	2,7	51,4
Caxarias	1	2,7	2,7	54,1
Perulheira	1	2,7	2,7	56,8
Fontainhas da Serra	1	2,7	2,7	59,5
Ourém	1	2,7	2,7	62,2
Urqueira	1	2,7	2,7	64,9
Memória	1	2,7	2,7	67,6
Alcobaça	1	2,7	2,7	70,3
S. Bento	1	2,7	2,7	73,0
Atouguia	1	2,7	2,7	75,7
Caranguejeira	1	2,7	2,7	78,4
São Tomé	1	2,7	2,7	81,1
Lisboa	1	2,7	2,7	83,8
Freixianda	1	2,7	2,7	86,5
Escandarão	1	2,7	2,7	89,2
Engenos	1	2,7	2,7	91,9
Moitas Venda	1	2,7	2,7	94,6
Fátima	1	2,7	2,7	97,3
Alqueidão da Serra	1	2,7	2,7	100,0
Total	37	100,0	100,0	

2.5.Habilitações acadêmicas do pai

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid 4ºano	21	56,8	56,8	56,8
6ºano	7	18,9	18,9	75,7
12ºano	3	8,1	8,1	83,8
3ºano	1	2,7	2,7	86,5
Licenciatura	1	2,7	2,7	89,2
5ºano	1	2,7	2,7	91,9
7ºano	1	2,7	2,7	94,6
9ºano	1	2,7	2,7	97,3
Não frequentou	1	2,7	2,7	100,0
Total	37	100,0	100,0	

2.6.Habilitações acadêmicas da mãe

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid 4º ano	10	27,0	27,0	27,0
6º ano	10	27,0	27,0	54,1
9º ano	8	21,6	21,6	75,7
12º ano	4	10,8	10,8	86,5
3º ano	1	2,7	2,7	89,2
Nunca frequentou a escola	1	2,7	2,7	91,9
5º ano	1	2,7	2,7	94,6
7º ano	1	2,7	2,7	97,3
11º ano	1	2,7	2,7	100,0
Total	37	100,0	100,0	

2.7.Profissão do pai

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Pedreiro	6	16,2	16,7	16,7
	Construtor Civil	6	16,2	16,7	33,3
	Carpinteiro	3	8,1	8,3	41,7
	Empresário	3	8,1	8,3	50,0
	Sócio-Gerente	2	5,4	5,6	55,6
	Camionista	2	5,4	5,6	61,1
	Desempregado	2	5,4	5,6	66,7
	Comerciante	2	5,4	5,6	72,2
	Reformado	2	5,4	5,6	77,8
	Operário fabril	1	2,7	2,8	80,6
	Serralheiro	1	2,7	2,8	83,3
	Empreiteiro	1	2,7	2,8	86,1
	Condutor de máquinas	1	2,7	2,8	88,9
	Pintor de construção civil	1	2,7	2,8	91,7
	Estucador	1	2,7	2,8	94,4
	Padeiro	1	2,7	2,8	97,2
	Eletricista	1	2,7	2,8	100,0
	Total	36	97,3	100,0	
Missing	Não sabe/ Não responde	1	2,7		
Total		37	100,0		

2.8.Profissão da mãe

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Doméstica	8	21,6	21,6	21,6
	Empresária	6	16,2	16,2	37,8
	Operária Fabril	4	10,8	10,8	48,6
	Empregada de Limpeza	4	10,8	10,8	59,5
	Cozinheira	2	5,4	5,4	64,9
	Auxiliar de lar	2	5,4	5,4	70,3
	Desempregada	2	5,4	5,4	75,7
	Reformada	1	2,7	2,7	78,4
	Ajudante de cozinha	1	2,7	2,7	81,1
	Padeira	1	2,7	2,7	83,8
	Auxiliar de acção educativa	1	2,7	2,7	86,5
	Escriturária	1	2,7	2,7	89,2
	Documentária	1	2,7	2,7	91,9
	Empregada de supermercado	1	2,7	2,7	94,6
	Sócio Gerente	1	2,7	2,7	97,3
	Comerciante	1	2,7	2,7	100,0
	Total	37	100,0	100,0	

3. Antecedentes escolares

3.1.Tipo de escola frequentada

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Oficial	21	56,8	56,8	56,8
	Privado	1	2,7	2,7	59,5
	Outros	15	40,5	40,5	100,0
	Total	37	100,0	100,0	

3.2.Alunos que repetiram uma vez durante o seu percurso escolar.

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	7 ano	5	13,5	19,2	19,2
	8 ano	5	13,5	19,2	38,5
	3 ano	4	10,8	15,4	53,8
	4 ano	3	8,1	11,5	65,4
	10 ano	3	8,1	11,5	76,9
	2 ano	2	5,4	7,7	84,6
	9 ano	2	5,4	7,7	92,3
	5 ano	1	2,7	3,8	96,2
	6 ano	1	2,7	3,8	100,0
	Total	26	70,3	100,0	
Missing	Não reprovou	11	29,7		
Total		37	100,0		

3.3.Alunos que reprovaram duas vezes no seu percurso escolar.

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	8 ano	3	8,1	37,5	37,5
	7 ano	2	5,4	25,0	62,5
	9 ano	2	5,4	25,0	87,5
	6 ano	1	2,7	12,5	100,0
	Total	8	21,6	100,0	
Missing	Não reprovou	29	78,4		
Total		37	100,0		

3.4.Alunos que reprovaram três vezes na sua percurso escolar.

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	9 ano	1	2,7	100,0	100,0
Missing	Não reprovou	36	97,3		
Total		37	100,0		

4. Como obtiveram conhecimento do ensino profissional

4.1.Conhecimento do ensino profissional – opção 1

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Família	14	37,8	37,8	37,8
	Amigos	7	18,9	18,9	56,8
	Professores	11	29,7	29,7	86,5
	Outros	5	13,5	13,5	100,0
Total		37	100,0	100,0	

4.2. Conhecimento do ensino profissional – opção 2

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Amigos	14	37,8	37,8	37,8
	Professores	2	5,4	5,4	43,2
	Comunicação Social	1	2,7	2,7	45,9
	Não sabe / Não responde	20	54,1	54,1	100,0
	Total	37	100,0	100,0	

4.3. Conhecimento no curso – opção 1

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Família	12	32,4	32,4	32,4
	Amigos	13	35,1	35,1	67,6
	Professores	6	16,2	16,2	83,8
	Outros	5	13,5	13,5	97,3
	Comunicação Social	1	2,7	2,7	100,0
	Total	37	100,0	100,0	

4.4. Conhecimento no curso – opção 2

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Não sabe / Não responde	27	73,0	73,0	73,0
	Comunicação Social	5	13,5	13,5	86,5
	Amigos	4	10,8	10,8	97,3
	Psicólogo	1	2,7	2,7	100,0
	Total	37	100,0	100,0	

5. Candidatura a outras escolas profissionais

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Sim	4	10,8	10,8	10,8
	Não	33	89,2	89,2	100,0
	Total	37	100,0	100,0	

5.1. Número de escolas a que se candidatou

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	1 Escola Profissional	5	13,5	100,0	100,0
Missing	Não se aplica	32	86,5		
	Total	37	100,0		

5.2. Cursos a que se candidataram.

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Cozinha	1	2,7	20,0	20,0
	Informática	1	2,7	20,0	40,0
	Restaurante / Bar	1	2,7	20,0	60,0
	Mecânica	1	2,7	20,0	80,0
	Artes	1	2,7	20,0	100,0
	Total	5	13,5	100,0	
Missing	Não se aplica	32	86,5		
	Total	37	100,0		

6. Familiares ou amigos a trabalhar na área.

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Sim	30	81,1	81,1	81,1
	Não	7	18,9	18,9	100,0
	Total	37	100,0	100,0	

6.1.Familiars a trabalhar na área

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Sim	23	62,2	62,2	62,2
	Não	14	37,8	37,8	100,0
	Total	37	100,0	100,0	

6.2.Amigos a trabalhar na área

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Não	25	67,6	67,6	67,6
	Sim	12	32,4	32,4	100,0
	Total	37	100,0	100,0	

6.3.Grau de parentesco com os familiares que trabalhem na área

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Pai	7	18,9	30,4	30,4
	Prima/ Primo	5	13,5	21,7	52,2
	Mãe	3	8,1	13,0	65,2
	Tios	3	8,1	13,0	78,3
	Pais	3	8,1	13,0	91,3
	Irmã/irmão	2	5,4	8,7	100,0
	Total	23	62,2	100,0	
Missing	Não se aplica	14	37,8		
Total		37	100,0		

7. Relação Professor / Aluno

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Excelente	1	2,7	2,7	2,7
	Bastante agradável	10	27,0	27,0	29,7
	Boa	15	40,5	40,5	70,3
	Muito Boa	11	29,7	29,7	100,0
	Total	37	100,0	100,0	

8. Projecto de vida

8.1. Projecto de vida escolhido em 1º lugar

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Ter um negócio próprio	7	18,9	19,4	19,4
	Acabar o curso	6	16,2	16,7	36,1
	Prosseguir estudos	6	16,2	16,7	52,8
	Entrar no mercado de trabalho	5	13,5	13,9	66,7
	Tornar-se independente	1	2,7	2,8	69,4
	Construir carreira	1	2,7	2,8	72,2
	Arranjar estágio Profissional	1	2,7	2,8	75,0
	Trabalhar na área	1	2,7	2,8	77,8
	Casar	1	2,7	2,8	80,6
	Tirar um curso de fotografia	1	2,7	2,8	83,3
	Ter uma vida estável	1	2,7	2,8	86,1
	Seguir para o ensino superior	1	2,7	2,8	88,9
	Trabalhar no estrangeiro	1	2,7	2,8	91,7
	Tirar um curso CET	1	2,7	2,8	94,4
	Trabalhar nesta área numa empresa com prestígio	1	2,7	2,8	97,2
	Ter sucesso profissional	1	2,7	2,8	100,0
	Total	36	97,3	100,0	
Missing	Não sabe / Não responde	1	2,7		
Total		37	100,0		

8.2. Projecto de vida escolhido em 2º lugar

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Constituir família	5	13,5	13,9	13,9
	Ter um negócio próprio	4	10,8	11,1	25,0
	Arranjar emprego na área	4	10,8	11,1	36,1
	Ter casa própria	2	5,4	5,6	41,7
	Entrar no mercado de trabalho	2	5,4	5,6	47,2
	Ser independente	2	5,4	5,6	52,8
	Ter sucesso profissional	2	5,4	5,6	58,3
	Ter um emprego estável	1	2,7	2,8	61,1
	Continuar com o negócio da família	1	2,7	2,8	63,9
	Comprar um carro	1	2,7	2,8	66,7
	Ter sucesso pessoal	1	2,7	2,8	69,4
	Conhecer a cultura de vários países	1	2,7	2,8	72,2
	Continuar a trabalhar	1	2,7	2,8	75,0
	Trabalhar na área	1	2,7	2,8	77,8
	Ficar perto de casa/emprego	1	2,7	2,8	80,6
	Prosseguir estudos	1	2,7	2,8	83,3
	Participar no campeonato de mini moto	1	2,7	2,8	86,1
	Frequentar um curso de música	1	2,7	2,8	88,9
	Comprar casa e carro	1	2,7	2,8	91,7
	Tirar o CAP	1	2,7	2,8	94,4
	Ter uma vida estável	1	2,7	2,8	97,2
	Trabalhar num cruzeiro	1	2,7	2,8	100,0
	Total	36	97,3	100,0	
Missing	Não sabe/ Não responde	1	2,7		
Total		37	100,0		

8.3. Projecto de vida colocado em terceiro lugar

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Construir família	7	18,9	19,4	19,4
	Ter um negócio próprio	5	13,5	13,9	33,3
	Prosseguir estudos	3	8,1	8,3	41,7
	Arranjar emprego na área	2	5,4	5,6	47,2
	Tirar a carta	2	5,4	5,6	52,8
	Emigrar	2	5,4	5,6	58,3
	Tornar-se independente	1	2,7	2,8	61,1
	Seguir para a Marinha	1	2,7	2,8	63,9
	Construir carreira	1	2,7	2,8	66,7
	Seguir para o ensino superior	1	2,7	2,8	69,4
	Continuar a praticar futebol	1	2,7	2,8	72,2
	Entrar no mercado de trabalho	1	2,7	2,8	75,0
	Ter sucesso profissional	1	2,7	2,8	77,8
	Novas oportunidades de trabalho	1	2,7	2,8	80,6
	Ganhar experiência na área	1	2,7	2,8	83,3
	Não ficar desempregada	1	2,7	2,8	86,1
	Ter casa própria	1	2,7	2,8	88,9
	Ter um bom emprego	1	2,7	2,8	91,7
	Ter uma vida estável	1	2,7	2,8	94,4
	Acabar o curso	1	2,7	2,8	97,2
	Seguir para a agricultura	1	2,7	2,8	100,0
	Total	36	97,3	100,0	
Missing	Não sabe/ Não responde	1	2,7		
Total		37	100,0		

ANEXO IV – Transcrição das entrevistas

SUJEITO 1

1. Escolhi o ensino profissional porque nunca tive nas minhas expectativas seguir para o ensino superior e depois também o 9º ano fiz com um curso profissional de informática, acabei por vir para a EPO para informática. Depois no primeiro ano mudei de curso vim para construção civil, porque não era bem o que estava a espera, não havia grandes perspectivas no mercado de trabalho para aquilo que tava a tirar e pois acabei para ver por este curso. E depois como tinha um amigo que tava em construção civil, comecei a ver as coisas dele e pensei vou mudar de curso, e falei com os pais.
2. Esta escola porque fica área perto da minha área de residência e porque sempre foi uma escola conceituada, e já conhecia pessoas que cá tinha andado e todos diziam que era uma boa escola, é uma escola nova, como bons meios, confortável e assim.
3. E o meu pai também me influenciou, ele trabalha na área e tá sempre em evolução mas o princípio base é sempre o mesmo, nas medições e orçamentos é sempre a mesma coisa, muda só os decretos de lei isto ou aquilo, mas as regras são sempre as mesmas. Tinha perspectivas que era um curso interessante e as conversas lá em casa ia sempre dar ao mesmo, a também já trabalhava com o pai.
4. Sim, na altura disseram que era para eu ver o que queria da vida, para ver o que andava a fazer e para tomar uma decisão e depois mudei, toda gente me apoiou.
5. Sim, é assim é uma escola com poucos alunos e acaba-se por se criar uma relação com os professores de amigos, amizade e assim. E há professores e professores, mas a maioria deles são professores bastante prestáveis e assim, são professores ajudam, se tivermos alguma dúvida, se formos falar com eles nos corredores eles ajudam, nos respondem questões e assim.
6. Sim, tivemos um caso na nossa turma com um rapaz que tinha bastantes dificuldades e esta escola não está preparada para receber as dificuldades que ele tinha, ele tinha problemas cerebrais... ele era assim muito... foi apoiado e não foi, foi acho que é melhor desistires mas acho que não fazes bem, então o rapaz andou um bocado baralhado, mas ele tinha muitos módulos em atraso, e foi o que os professores nos disseram não valia tá aqui, porque só estava a gastar dinheiro e a perder tempo na vida dele, nunca conseguiam acabar o curso.
7. Sim. A forma como as aulas são dadas, como os módulos são leccionados, por ex o stor fala disto assim, assim, assim mas diz que na maioria das vezes no mercado de trabalho não se faz bem assim, faz-se assim, assim, assim, mostram as duas realidades, e é essencial porque o objetivo da escola é preparar os alunos para o mercado de trabalho.
8. Sim, por ex a técnicas de medições e orçamentos, aquilo que damos na aula, é o fazemos lá fora. No estágio é isso que temos que fazer, temos bastantes apontamentos, não vai ser difícil.
9. Facilita muito, porque é uma divisão da matéria, é dada e é dividida, por mês temos um módulo, por período temos um módulo. Por período temos um objetivo, e um objetivo mais pequeno mais fácil de cumprir e que chegamos ao fim e temos o sentimento de realização, conseguimos fazer e facilita, a matéria não é tão extensa, as horas são controladas, já sabemos, não há testes surpresa. Há as repetições também, as repetições são mais difíceis. É sempre melhor passar a 1ª, porque a matéria tá fresca, e tanto pode ser na semana a seguir como passado um mês.
10. Sim, acho que é adequado. Por ex os programas com que nós trabalhamos em desenho, fazer o projecto o autocad, é o software que se usa lá fora, praticamente toda gente que conheço conhece o autocad e nas aulas de desenho a única ferramenta que usamos é o autocad é a única ferramenta que se usa lá fora. Agora o mercado vai evoluindo e antes da casa ser construída, faz-se uma visão tridimensional, faz-se a construção em projecto e vê-se como é que fica e como é que não fica. E para projectos dos apartamentos, já se consegue vender antes das obras.
11. Acho que não. Apesar de o ano passado ter havido bastantes casos positivos, pessoas que lá foram, houve pessoas a tirar 16 matemática e assim, mas não me sinto muito preparado.
12. Bastante difícil, o meu pai foi vítima dessa realidade, teve de sair do país para trabalhar, procurar novas oportunidades, mas hoje em dia tá bastante difícil. Sinceramente já pensei, mas não cheguei a nenhuma conclusão., sim gosto bastante de trabalhar nesta área, também gosto de mecânica, aos fins-de-semana faço trabalhos de mecânica, mas nunca fui uma pessoa que dissesse quero isto, isto e isto, sempre fui quero isto e aquilo e aquilo. Não se vê anúncios de trabalho, só mais para a zona Coimbra.
13. Porque como nunca tinha sido o meu objectivo seguir estudos, pensei e pensei bem, saindo de um curso profissional, temos mais competências para trabalhar, para ir para o mercado de trabalho.
14. Sim já, nas férias. Trabalhei com o meu pai, ele era construtor, principalmente quando chegavam as outras pessoas e perguntavam onde é que tiveste nas férias, ah tive na praia.... E... custa.
15. Fez, acho que sim, foi acho que foi. O objetivo quando entrei no curso foi, acabar o curso, agora é arranjar trabalho e manter o trabalho a seguir também comprar carro, casa, constituir família, mas isso lá pra frente. Agora talvez, principalmente arranjar trabalho na área, desenvolver uma profissão desenvolver uma aptidão para os serviços a fazer. E depois mais pra a frente um cet para o ano em condução ou reabilitação de obra. Até porque é a área que tenho mais facilidades, e se for para continuar a estudar é para trabalhar na área, talvez mais para a frente e se trabalhar na área e se a vida me sorrir talvez o ensino superior, mas muito lá pra frente.
16. Não.

17. Sim, um cet, se for preciso, é sempre preciso, se for necessário e se tiver oportunidade, se tiver por ex mais estabilidade no trabalho, através de estudos, consegue-se. O meu objetivo é mesmo ficar a trabalhar na área depois disso é desenvolver competências para ir evoluindo e saber mais e saber não ocupa lugar e construir carreira, é ir evoluindo e ir crescendo com os olhos fixos num objetivo e conseguir delinear obstáculos para ultrapassar.
18. Neste momento devido a situação económica dos meus pais, era complicado eles pagarem-me os estudos. Trabalhar e estudar de noite, só se trabalhasse na área, como já expliquei. Agora ir tirar um curso superior as aranhas, não, tá fora de questão.
19. Dificilmente, não voltaria a estudar, por ex ia para o ensino superior tirava um curso diferente chegava ao fim não arranjava trabalho outra vez, era bastante complicado. Não ta fora de questão.
20. Sim, já pensei, hoje em dia é um bocado complicado ter próprio negócio, por ex o que já pensei fazer daqui a uns anos se tiver possibilidades para o fazer, fazer em regime tipo part-time, tinha o meu trabalho fixo, o meu dinheiro ao fim do mês e depois fora disso conseguir fazer um negócio próprio e ir construindo até poder ter estabilidade, ter um fundo estável.

SUJEITO 2

1. Porque já tinha escolhido outro e não gostei. Eu estava em Lisboa com os meus pais... mas eu queria o ensino profissional para marketing, publicidade e relações públicas que era um curso que lá havia, só que os meus pais não gostaram da ideia. Disseram ai o ensino profissional é só para burros, para pessoas que não têm grandes notas e então tive que ir para o secundário para a escola normal. Depois também não sabia, tava um bocado à deriva, uma pessoa tem que escolher o que quer e não sabe. Então quis ir para humanidades, mas os meus pais também não gostaram, e inscrevi-me em ciências. Só que eu não gostava mesmo nada daquilo, biologia e química era muito difícil e também não me interessei muito. Eu nunca tive más notas até ao 9º ano, cheguei ali, nem atenção prestava às aulas. Depois decidi vir para aqui para o curso de construção civil, foi so porque não gostava dos outros todos. Não gostava de animação nem de gestão, então pronto construção civil. (Sobre o curso de marketing) Porque os meus pais disseram que esse curso não dava para nada, não tinha saídas e como não sabia o que queria ciências era mais vasto, as oportunidades eram maiores depois de escolher.
2. Porque estava perto de Ourém, era mais perto.
3. Então porque as opções ou era gestão ou animação socio cultural, informática, não havia grande escolha e não gosto das outras três, vim para aqui. E agora até gosto da área é muito giro. Na altura não gostava da secundaria e decidi experimentar outra coisa.
4. Tive apoio dos meus avós e dos meus pais também, eles perceberam.
5. Acho sim, então porque eles aqui explicam as coisas bem e atem a preocupação que a gente entenda e depois quando a gente não percebe explicam mais. Quando alguém tira negativa, eles fazem outro teste e ainda mais um. Tentam facilitar-nos as coisas, se calhar até demais. Porque eu lembro-me na secundaria o pessoal lá é mais aplicado, porque sabe que temos de fazer aquilo, ler livros enormes e fazer testes. E nos aqui temos a sorte de ser por módulos estudamos aos bocadinhos, estudamos aquele módulo e depois fazemos teste é facilimo. Mas há pessoas que nem experimentam, não estudam, não querem saber mesmo. E isto é uma oportunidade maravilhosa porque no mundo do trabalho ninguém a explicar-nos as coisas como temos aqui oportunidade. Aqui como é uma escola muito pequenina, estamos sempre a ver as mesmas pessoas, e os professores quase que nos acompanham durante os três anos.
6. Sim, estão sempre e incentivar-nos a perguntar se não temos módulos para fazer e quando é que queremos fazer e isso. Dizem-nos que se não acabarmos o curso, só temos equivalência ao nono ano e já que temos aqui a oportunidade de tirar o curso, que acabemos.
7. Sim, preparam.
8. Sim, é claro que sim. Porque o que aprendemos nos primeiros anos é mais vasto e ao longo dos anos vamos aprofundar as matérias. E agora no início não percebia nada de construção civil, nem tenho ninguém na família nem nada e agora já percebo muito mais e é bom a gente ter essa noção. Acho que sim, por ex: nós aprendemos os materiais como fazer, o betão e depois quando vamos a visitas de estudo é tal e qual. Mesmo a disciplina de medições que é a que temos mais horas é o mesmo trabalho do que aqui.
9. Tanto (risos) a aprendizagem não sei, mas facilita-nos muito a vida, por módulos a gente só tem que saber aquele bocadinho da matéria. Tao mais fácil que no secundário, lá tinha que estudar livros inteiros. Mas também faz-nos não estar tao empenhados, porque na secundária era muito mais difícil e todas as turmas eram aplicadas quase não havia negativas, e aqui ta tudo mais facilitado e as pessoas desleixam-se um bocado. Acho que é mais fácil para quem só quer ter só o 12º ano, quem quer ir para a faculdade precisa de tirar boas notas.
10. Mais hoje em dia, do que quando entrei na escola, porque o primeiro ano tem muito mais sorte que nós porque tem as oficinas e tao sempre a fazer trabalho prático e é muito mais fácil para nós aprendermos a fazermos. Enquanto na minha altura quando entrei raramente íamos para as oficinas que é lá que temos a parte prática, nós íamos poucas vezes, era só ler sebentas. Para fazer os módulos basta, mas não aprendemos tanto. Agora ta muito melhor que dantes, temos acesso aos retroprojector, aos quadros eletrónicos e aos computadores também, quando eu entrei não tínhamos tantos portáteis, íamos a biblioteca fazer os trabalhos. E hoje em dia toda gente traz os computadores e isso é mau e bom. É mau porque andamos sempre carregados, antes era os livros e as máquinas calculadoras mais computadores, as costas queixam-se e por outro lado também é mau porque os professores também e aproveitam um bocado disso. Porque dantes eram eles que tinham que preparar as aulas e nós aprendíamos e agora temos de ser nós a fazer os trabalhos e apresentar, cada uma faz um bocadinho da matéria e já está. Porque quando fazemos nos um trabalho, já não aprender tanto nos outros, que aquilo é a despachar e falam um bocado.... é diferente do que se fosse um professor a dar a matéria e a explicar ao mesmo tempo, porque muitas vezes já não tocam nessa matéria, cada um absorve...

11. A português acho que sim, a matemática B que é a que damos, s. Eu inscrevi-me, mas vou tentar fazer na segunda fase, talvez repita que eu queria mesmo entrar no instituto superior técnico em Lisboa. Só que este ano mudaram-nos tudo, foi as pap, antigamente começava no terceiro período do 2º ano a fazer, tinham as férias, imenso tempo. Ta bem que a pap era enorme comparado a que nós temos, mas este ano como mudou tudo, só começamos a tratar das pap em outubro, ainda por cima diminuíram-nos o tempo de aulas, o terceiro período é o estágio e dar as matérias todas condensadas e mais a pap, nem tempos, nem tempos cabeça para tudo, não é? É trabalhos, és testes, é pap é muito. A português não se nota muita diferença, é só porque damos menos tempo a matéria fazemos logo o teste a matéria ta mais fresca na cabeça, pronto é mais fácil. Agora a nível de matemática e físico-química não tem nada a ver. Eu ate acho que aquilo que agente da nos três anos do curso por ex a química é a mesma coisa que damos no primeiro ano. Porque é mais ou menos a mesma coisa, só que lá é super difícil e aqui é fácil.

12. Espero que sim. Eu aplico-me e tento aprender tudo para depois não chegar lá e não saber nada, ao fim dos três anos é um bocado mau. Acho que tenho mais facilidade em entrar no mercado de trabalho do que as pessoas que acabaram a licenciatura agora, porque é assim, pelo que eu tenho visto há muita gente licenciada que não arranja trabalho e como nós somos apenas técnicos percebemos do que estamos a fazer, não é? E falo da minha área é preciso medidores orçamentistas nas obras. Se antigamente olhavam para um projecto e davam um preço hoje em dia é preciso tudo ao milímetro e nós claro ganhámos menos. Só me apercebi agora disto.

13. É assim, eu só entrei no ensino secundário mais pelos meus pais, como eu não sabia bem o que queria, eles disseram vais para ali e depois escolhes quando acabares o curso, só que o secundário abre imensas as portas e também é difícil uma pessoa quando não quer não está motivada, não sabe o que quer não sabe para onde vai, não esta motivada. Eu não queria aquilo, só vim para aqui porque abria varias portas, não sabia... sim, sabia os meus pais é que não aprovavam, diziam os pais “ah o ensino profissional é fácil, é só para burros” e a psicóloga dizia mesmo, se tens mais dificuldades vais para a escola profissional. A psicóloga ate disse para eu ir para onde quisesse. Mas pronto, eu percebo que o sonho de qualquer pai é dizer que tem um filho licenciado engº ou médico e ciências e tecnologia dá para isso tudo, da para engenharias dá para isso tudo, não fecha a porta a nada. É que uma pessoa aqui sai com uma profissão e lá não, sai-se com o 12º ano. Aqui temos várias opções temos tudo aberto.

14. Não, trabalhei numa fábrica de madeiras no verão.

15. Agora faz, não é? Dantes não fazia. Mas agora aprendi a gostar da área, talvez gostasse de seguir para engenharia civil, mais tarde, quando as vacas engordaram de novo.

16. Não, porque também é um desperdício de tempo, já desperdicei um ano, não ia ficar com o 9º ano.

17. Quero continuar, ate porque o 12 ano não é nada. Hoje em dia toda a gente tem de ter o 12º ano. Gostava de me candidatar para engº civil. Candidatei-me a matemática B e físico-química. Primeiro os meus pais querem ter uma filha licenciada, quer-se lá saber porquê!? Depois o 12º ano já não vale nada. Agora vejo tanta gente a viver em casa dos pais sem emprego e é licenciado. Vejo o caso do meu pai, o meu pai é eng mecânico e tipo nunca teve um emprego fixo assim como toda gente. E é chato ver pessoas assim, já é chato ver pessoas normais então mais pessoas que estudaram, que estudaram aqueles anos todos para conseguir uma coisa. Os pais investiram montes de dinheiro neles para que eles conseguissem e depois chegam ao fim e estão como o outros, se calhar ainda estão piores porque os outros começaram a trabalhar, começaram a ganhar dinheiro e começaram vida e os estes não, estiveram a estudar pois chegam ao fim não tem trabalho. É um bocado mau, tenho medo que isso me aconteça. Por isso é que eu vou agora preferir entrar no mercado de trabalho e depois quando as coisas tiverem mais ou menos vou-me dedicar aos estudos.

18. Sim

19. Não creio, acho que sim. Eu tive em Lisboa a semana passada, e acho que há muita falta de medidores orçamentistas.

20. Isso era bom não é? Acho que toda gente gostava de ser patrão, porque assim podemos tomar as nossas decisões. Porque eu vejo muita gente a trabalhar por conta de outrem e as vezes não se concorda com o rumo que eles tao a levar as empresas. Nós não podemos fazer nada, e quando somos patrão nós é que decidimos o que fazer, corre riscos, isso é que é a parte má. Depois queria mesmo ser eng civil, porque medidor orçamentista é o que a gente faz e quero aprender mais e ser engº e medidor orçamentista é uma mais-valia.

SUJEITO 3

1. Tinha dois primos a estudar aqui na escola profissional e um tava em informática e outro estudava em construção civil e foi através deles que eles me foram falando dos cursos e da escola. E claro, informática, computadores nunca foi o meu forte, só tive computador quando vim para aqui estudar e então nunca ligava a computadores, e o meu outro primo falava do curso das, coisas de visitar obras e assim e pronto pensei assim é para lá...

2. Porque ser já uma referencia e por ser perto de casa.

3. Foi porque aqui na zona tudo vai trabalhar para as obras e nós já temos mais contacto com a realidade das obras e então pensei ir para medidor e orçamentista é sempre se calhar melhor do que andar aqui no rijo. Estava destinado (risos) também por influência do meu primo tava sempre a falar e depois também os meus tios têm empresas de construção civil e assim e tava sempre mais eles, também achava alguma piada andar no carro a ver obra em obra a ver e a medir e ver os homens lá a trabalhar e assim foi mais por causa disso.

4. A minha mãe sim, agora o meu pai não, como ele não é ligado a esta área de construção civil, perguntava sempre “vais para lá, vais fazer o quê?” mas depôs lá... o meu pai queria que eu fosse tirar o 12º ano no secundário e que depois na universidade escolhesse outra área não sei... A minha mãe apoiou-me disse que fazia bem em vir para aqui, porque além de mais fico sempre com o diploma, mas tá-me sempre a incentivar para tirar um cet... Eu em princípio vou tirar um cet depois de acabar isto.

5. Sim, eu acho que a relação de professores alunos e família aqui, nesta escola funciona muito assim. Eu falo por mim, porque também sou o delegado de turma, por exemplo eu tenho os contactos das professoras e seja de semana ou ao fim de semana elas telefonam-me a perguntar informações sobre os colegas, sobre testes, se eles chumbaram se eles querem repetir e depois tenho que lhes telefonar a eles para lhes dizer a elas e funciona assim.
6. Para a universidade? Eles não falam muito disso, costumam perguntar quem é que vai para a universidade. Sim motivam para acabarmos o curso, principalmente a nossa orientadora, que tá sempre a dizer “têm que fazer os módulos, falta x tempo, tem que terminar e quero-vos todos daqui para fora ” então tá sempre a puxar por nós para ver se acabamos os módulos.
7. Os professores da parte prática, como eles também estão no mercado de trabalho, eles têm a experiência e dão exemplos do dia-a-dia, por ex: dizem não faças assim, faz de outra maneira, porque no livro está escrito assim, mas na prática é de outra maneira e então acho que vamos muito bem preparados na áreas técnicas.
8. Há muita relação, mas também há outras que sabemos que não é bem assim, por ex: nas obras todos nós sabemos que é preciso ter equipamento de segurança e essas coisas todas e tempos de saber de cor quais é que são os equipamentos. Mesmo agora para a parte de orçamento temos de por esses materiais todos, nós se formos ver na realidade a algumas obras, vamos lá, ninguém usa capacete e coletes, nós sabemos que isso é um bocadinho. Nós ficamos a saber mais (sobre as outras disciplinas) na realidade, mas para a nossa área no futuro não nos leva a nada.
9. Sim, facilita a nós porque se calhar se fosse no final do período com várias matérias conjuntas, teríamos se calhar mais dificuldades, porque se calhar demos um mês daquela matéria, tivemos sé a falar daquilo e temos o teste sobre aquilo, a matéria fica muito mais fresca e nós fazemos o teste e passamos, depois até podemos esquecer, mas naquela altura fizemos o teste lembramo-nos, fizemos o teste e ficou feito. Por módulos é muito mais fácil.
10. Nós nas disciplinas técnicas, por ex: não trabalhávamos nada em laboratório e oficinas, e este ano para o 1º ano já estão a modificar isso, ali em baixo nas oficinas já constroem paredes e instalações, nós quando entrámos para cá não se fazia nada disso. Ou seja demos na teoria mas na prática não fizemos nada, por ex não tivemos contacto com a realidade.
11. Eu não de certeza (risos) Matemática sou um zero, é preciso muito mais estudo.
12. Tudo depende do nosso estágio eu acho, para a zona que vamos, para a empresa que vamos. Senão ficarmos numa boa empresa que tenha trabalho e condições, acho que há empresas que facilitam isso de estudar e trabalhar a noite e como é o 1º emprego há muitas empresas que aproveitam isso (ser 1º emprego). Se não ficar, vai ser mais complicado, a área da construção é das que mais se recente com a crise, porque depois não se vende. Só as grandes é que se safam.
13. Porque como os meus primos já cá tinham estudado, mas matérias de português, matemáticas já sabia que eram mais fáceis do que no secundário por falar com os amigos e assim, nós comparávamos a tínhamos a noção do que era mais fácil. Pensei é mais fácil vou para lá, assim de certeza que fico com o 12º ano e posso ir trabalhar por ex. O meu primo dizia-me sempre “agora vou estagiar para aqui e em princípio fico lá a trabalhar” e eu pensei então vou para lá as matérias de português, matemática e mais fácil e depois tenho o estágio e posso ficar com trabalho, acho que não há nada melhor que isso, porque no secundário podem ir trabalhar mas é mais para a universidade ou assim.
14. Sim, começou por ir com os meus tios limpar as obras, era só limpar tijolos partidos e assim, primeiro era só para ir trabalhar uma semana, depois no final dessa semana, tava para ir trabalhar para a Junta de Freguesia da minha Terra que era os homens que andavam a limpar os pinhais. Então em França, quando lá cheguei... não falava francês... aquilo era quase trabalho de escravo... era da reconstrução de prédios antigos e era levar o lixo as costas.
15. Sim, gostava de ter um emprego com isto, gostava de ser medidor orçamentista, sim porque eu desde de pequeno dizia vou ser engº, eu acho que quando somo mais novos temos assim uma profissão de eleição e eu sempre foi nesta área e nunca mudei.
16. Não
17. Sim, para ficar com mais qualificações tava a pensar a seguir tirar um cet de condutor de obras.
18. Não
19. Estudar outros ramos? Sim, restauração talvez.
20. Sim, na área de construção civil, porque temos aquela coisa nós é que somos os patrões, nós é que mandamos, ao criarmos o nosso próprio negócio vai-nos dar muito mais ganhos do que se trabalharmos por conta de outra pessoa, andamos a vida toda a ganhar aquilo e se calhar não subimos na vida.

SUJEITO 4

1. Escolhi o ensino profissional porque já tinha aqui um primo que tinha andado neste escola e pronto e tava a trabalhar nas construções do Lena e pronto falei com ele, ele disse que era uma escola interessante porque é uma escola com mais prática dos cursos e isso interessa-me, nunca fui assim mau aluno mas prefiro muito mais a prática do que teórica e pronto ele disse-me isso e disse que os professores eram porreiros, havia também um professor que já conhecia. Mas depois o meu irmão também veio para aqui. Depois comecei a falar mais desta escola e ele depois também ficou interessado, também não é de muito estudo, é melhor aluno do que eu, mas depois viu que havia um curso de informática. Foi como eu disse que foi o facto de ter mais prática e poder ter logo o estágio e poder ficar logo no mercado de emprego.
2. Lá em Albergaria tivemos lá com a psicóloga a falar sobre as saídas. E pronto para já alguns professores disseram que a Escola profissional era mais para alunos não com muitas capacidades era a ideia que se tinha, profissional é mais técnico que é para os alunos que não têm tantas capacidades de virem para esta escola. Eu não vi isso assim, o meu primo não contava assim, dizia que era uma escola como se fosse normal tem disciplinas normais, português, inglês, tem mais técnicas que é para a gente ter depois a noção do curso de medição, é normal que tenhamos técnicas para saber assim o que a gente vai fazer futuramente e os stôres diziam

como eu e o meu irmão éramos dois alunos bons da turma houve uma stora que disse mesmo que era tava admirada de a gente não ter seguido para o ensino superior, disse que perdíamos muito. Mas depois viemos aqui a uma dia aberto e pronto achámos engraçado a Construção Civil tava lá atrás a fazer umas coisas e pronto, também me desiludiu um bocadinho ao início construção civil porque as pessoas pensam logo que é obras, mas vi a fazerem projectos e tudo, e pronto, interessa-me a área da arquitectura, sempre tive grande interesse nisso. Depois dirigi-me para este curso e o meu irmão para informática, ficou logo fascinado com as avarias dos informáticos.

3. Foi mesmo aquilo que eu disse, foi arquitectura, o facto de tar ligado tar direccionado arquitectura também medições e orçamentos é normal, mas depois tive a sorte no 2º ano de estagiar perto de casa num gabinete de arquitectura, que me trouxe grandes conhecimentos de base de autocad que é o programa, aprendi bastante dentro do estágio e agora ainda bem, vou continuar nesse estágio durante três meses e espero lá ficar como trabalhador, visto que saí de lá agora um trabalhador um desenhador de projectista que era a minha função lá no estágio, saí de lá despediu-se, mesmos assim prontos de vez em quando faço trabalhos lá para o estágio e espero lá ficar depois de acabar o estágio.

4. Tive sim senhor, porque o meu pai sempre disse que “estudar é para burros”, pronto, assim uma maneira de dizer. Quer dizer porquê seguir tantos estudos se daqui a uns tempos se calhar vai... o que é que te vale ser engenheiro? Disto... disto e disto... o que interessa agora é entrar no mercado de trabalho, porque agora o que interessa é ter uma pessoa que já tenha a prática, estágios e outras coisas do que diplomas e uns poucos de anos perdidos e é o que se vê agora. É uma ideia que tenho é que uma empresa aceita melhor uma pessoa que já tenha prática em estágio ou já trabalhou noutras empresas, do que... tá bem que é bom ter assim esses diplomas, que seja, mas pronto ter estágio, e assim habituar-se ao mercado de trabalho assim com o estágio sempre é uma mais valia para uma pessoa.

5. Dedicam-se sim senhora, comparado com os professores de Albergaria, pronto que era uns professores assim mais... mas também era um colégio semi-privado e também se davam muito pouco com os alunos. Estes stores preocupam-se muito, então a nossa directora de turma que é a professora Elsa Reis por acaso quando tiver agora estes problemas de doença preocupou-se em saber como é que eu tava, quando fui para Lisboa, tanto a minha mãe o meu irmão e a stora tudo preocupado para ver se me tinha dado alguma coisa que eu tava a pouco tempo a retomar a medicação, os três a preocupar-se “tá tudo bem”. Pronto a professora Elsa sempre foi a mais... a mais cuidadosa com os alunos, ta sempre preocupada quer ver a turma melhor. Os primeiros dois anos foi com a professora Célia, era coordenadora de curso e sempre também foi uma professora muito dedicada à gente, queria saber sempre muito da gente e tal, agora esta mais afastada deixou esse cargo por causa dos novos stores... e pronto e está mais nesse cargo de arranjar estágios e tudo, mas mesmo assim quando temos as aulas a professora ta sempre a picar com a gente, a querer saber coisas e tudo. O professor Maurício é assim muito agarrado, dá gosto ter assim aulas com ele, pronto a agente convive com os professores e tudo. Há uns stores que não é bem assim, a gente não se dá com eles, mas a maior parte deles são muito acessíveis.

6. Sim, principalmente a stora Elsa, a stora Célia, anda cá um aluno, que já cá passou hoje, o Rodrigo Reis, esse teve uns problemas familiares... é um bocadinho baldas, no segundo ano ainda puxei um bocadinho por ele para ele fazer módulos e professora preocupa-se mesmo sabendo que não tem muitas hipóteses de acabar o curso já agora a pap e tudo, puxam bastante por ele. Ele contou algumas coisas, mas nunca foi muito de contar, sei que o pai teve mal, pronto a gente sempre o apoiou muito. O Dário também é um aluno... entrou aqui no meio do primeiro ano. Esse Dário parece que vareia da cabeça pronto, tem módulos em atraso, mas agora está a fazê-los todos, engraçado que tem uma lista onde aponta os módulos em atraso para fazer. Mesmo os stores sabem que ele tem dúvidas, ajudam-nos muito, os stores puxam pelos alunos para ver se eles ficam com a coisa na cabeça. Os professores da albergaria tinham essa ideia que o ensino profissional era mais para alunos com dificuldades e que o ensino superior é para os alunos com melhores notas. Passavam a ideia que o ensino profissional era para aqueles alunos que apesar de terem dificuldades conseguem fazer o curso normal só que não... tem algumas limitações. Não por acaso é mais complicado visto que temos a pap para fazer que pronto, o projecto final, trabalho final, durante o ano toda gente tem coisas complicadas, temos coisas mais práticas e coisas que supostamente se houver um curso no liceu sobre construção civil, eles não sabem e a gente de certeza que tudo o que é técnica a gente sabe, mais prática a gente sabe. É por isso que há dias tive a falar com o Eng. António Évora e ele disse quem vem agora para fazer o estágio depois seguir para o IPL para tirar um cet à noite. E pronto e temos grandes possibilidades de entrar no IPL depois temos uma grande base técnica, há várias disciplinas são direccionadas para desenho técnico ou construção, coisas que aqui já demos e para mim isso é bom é mais... é mesmo aquilo que eu queria. Coisas como o liceu, há tempos falei com o meu irmão e é o que ele diz, os alunos de informática do liceu não sabem grande coisa que a gente sabe aqui. Nós temos o módulo de moding que é aquilo que meter luz no computador, temos o módulo de fazer resy, eles também fazem mas não aprofundam tanto.

7. Principalmente o terceiro ano, o stor Carvalho Maurício chama bem a atenção, a stora Célia também, pronto, preparam bastante todos. Os das disciplina técnicas muito mais que os outros, mesmo a stora Isabel Marques de português também prepara, tá sempre a dizer “vocês não podem estar assim, vocês tem de ter cuidado com isto” sempre assim a avisar-nos.

8. Há sim, no primeiro ano não trabalham tanto no computador, trabalham assim mais... vão lá para baixo... para as oficinas fazem lá as sapatas fazem isso tudo, e as pessoas pensam, pronto, na FIL eles disseram mesmo vamos estudar para ir para as obras, mas não é assim. Um aluno vai tirar um curso de medição orçamentista, imagine, vamos dar o exemplo da cofrage, para ter a noção assim a mais rápida, pensar um viga precisa de x, enquanto o aluno não sabe porque não teve a fazer a parte prática, vai pensar vou ter de pensar de uma aqui outra ali mas depois vai tapar ali, pronto vai tar a imaginar. Um aluno desta escola se calhar sabe logo, porque lembrou-se porque fez aquilo, pensa logo mais rápido. Pronto, isto dá técnica, mesmo lá em baixo nas oficinas, aprende-se bastante porque depois no 3º ano fica-se, pronto, fica tudo o que é medições, orçamentos, transcrições, sabemos fazer muito melhor do que outro aluno qualquer. É o que eu penso e vejo nalguns casos.

9. Isso facilita porque mesmo com estudo e que tenha um teste e depois não... sei que tenho a repetição, estudar mais a parte que falhei no primeiro teste, posso pedir melhoria, é mais prático. Em Albergaria, já não me lembro muito bem, mas sei que tínhamos de estudar muito mais. Aqui se calhar é assim mais baldas pró primeiro, deixa andar podemos fazer este mais ou menos e depois para repetição, já sabemos melhor. Pronto para mim é muito mais prático os módulos.

10. Tudo bem que há professores que podiam dar de outra maneira, as aulas práticas é se calhar o melhor que a gente se calhar tem, temos as oficinas os materiais, temos a mexer em materiais que supostamente outras escolas não têm, se calhar não fazem tão facilmente uma sapata, as coisas práticas não se fazem facilmente sem ser em escolas profissionais com essas áreas técnicas. Os professores de português, inglês, os professores são bons conseguem cativar os alunos, mesmo não mostrando power points, na disciplina de inglês é melhor pronto, matemática também. Agora português é assim, nunca fui muito à bola com português, mas pronto português não tem aquele rigor das aulas que é ler, não é assim tão cativante, nas aulas técnicas é mais dirigida ao curso é mais cativante.

11. Não vou concorrer aos exames nacionais, mas pronto para os exames nacionais é mais matemática físico-química, se a gente tiver atento às aulas todas, se tiver uma boa nota a físico química, sei que posso fazer o exame, sinto-me preparado porque estes são mais puxados para o rigo r. O stôr de matemática perguntou o ano passado quem é que queria seguir para o ensino superior, e alguns alunos... e professor disse, se vocês quiserem façam-vos um teste à parte, mais virado para o exame diferente dos outros, os que não estão tão interessados fazem um teste mais virado para o módulo assim com outras perguntas. Agora os que querem seguir fazem um pré-preparação para o exame e isso é uma mais valia.

12. Espero bem que sim, no estágio eu já conhecia o patrão pronto, o director do gabinete, conheci depois lá o resto do pessoal trabalhador e pronto e fiquei assim... pronto no primeiro estágio, tem-se assim uma relação mais próxima com os outros trabalhadores. Ele perguntou-me se eu queria fazer os trabalhos do levantamento de moradias que não estão legalizadas, e pronto vou lá ao David e ele da-me faz isto e isto... e vou lá com o Miguel. E sempre tiver habituado aquela empresa e agora sei que vou para lá estagiar e também porque num gabinete de arquitectura é sempre uma mais valia ter um desenhador projectista que sabe trabalhar em 3D, o cliente é cada vez mais exigente e sabe um 3D com cores consiga entrar dentro de casa e ver mais ou menos e é isso que nas aulas técnicas de desenhador tive a ver com a stora, que deu o redit que é um programa 3D e teve a explicar mais só para mim, porque sei que com o 3D tenho mais possibilidade de lá ficar a trabalhar, porque o projectista não tem assim tantos conhecimentos e com o 3D é bom. E assim sinto-me mais preparado para ficar lá, mas se não ficar vou tirar o cet à noite ver se arranjo outro sitio, porque na escola às vezes costumam mandar e-mails a dizer que esta empresa está a aceitar estagiários, tá à procura de um trabalhador isso também é bom. Para quem não consegue arranjar sabe que tem a escola, sabe que há um lugar vago mandam para os alunos e isso é bom.

13. Como eu disse, é ter logo a possibilidade de entrar logo no mercado de trabalho. Nunca fui assim muito de estudar, nunca tive negativas, nunca fui mau aluno. Eu pensei, para que quê que quero seguir estudos? Eu quero é trabalhar, tar na minha terra, sempre fui muito agarrado a Espite e à minha família e sempre pensei, não é bem o meu sonho, mas pronto sempre pensei vou trabalhar, recebo algum, faço o que quero com o meu dinheiro. E pronto pra já tenho coisas, como ando lá a formar um banda com amigos sei que se eu entrar já para o mercado de trabalho, sei que já vou poder investigar alguma coisa para ajudar na banda, coisa que se continuar os estudos nunca mais e não gosto de depender muito dos meus pais, já me chega bem tar lá em casa, pronto normal, mas gostava de ter assim o dinheiro no final do mês, trabalhar assim perto de casa, vão os meus pais buscar-me e levar-me, vou comer a casa e isso é o que interessa. Tá quase, tá-se a construir aquilo que eu quero, trabalhar perto de casa, não posso tirar a carta, os meus pais podem-me levar, tenho a minha mota, bicicleta mota. E aquilo que quero é tar em Espite com a minha família, ter um emprego perto era mesmo aquilo que eu queria e receber algum ao fim do mês e pronto. Sair de casa só de for para ir para outra casa em Espite, é complicado, sempre fui um rapaz muito agarrado à família, sair de casa, deixar os meus pais não.

14. Ajudava o meu pai nas obras

15. Na altura não tava muito a pensar o que este curso estava a fazer. Quando vi a fazerem os projectos e isso tudo, que é uma coisa que sempre me interessei que foi desenho e quando vi desenho arquitectura, e quando vi construção civil, vi que era um curso bom, prático, informática não vejo muitas saídas.

16. Não, nada mesmo. Nunca pensei em mudar de curso

17. Só a noite, tirar um cet, subir nos estudos, mas não para a faculdade.

18. Nunca

19. Não se calhar, não. A minha cabeça só dá para uma coisa.

20. Era porreiro, aceitar estagiários (risos) fazê-los trabalhar como me fizeram a mim. O meu estágio foi.... É complicado fui para o estágio a pensar que ia mais para arquitectura foram não sei quantas semanas e as primeiras foi só dobrar e cortar projectos, foi complicado. O que é mais trabalho vai par o estagiário. É como a professora diz, os melhores alunos foram os que fizeram estágio em gabinetes de arquitectura.

SUJEITO 5

1. Eu escolhi porque tipo, foi lá no Miguel, eu já tinha o apoio da psicóloga, tinha a ideia de seguir arquiteto e pronto como não era assim muito bom na escola e isso, mas a psicólogo aconselhou-me a ir para um profissional. Eu sempre gostei de desenho e gostava de arquitetura e como vi que já tinha reprovado um ano, para não atrasar mais nenhum ano. Aconselhou-me a vir para aqui para o profissional para ficar já com as bases.

2. Por ser mais perto, e a minha tia já em tinha dito que a escola era boa e já tinha ouvido falar bem da escola.

3. Sim teve um bocado influência, foi um bocadão. Tive de deixar para o lado o gosto do desenho e vim para isto. Eu até me candidatei para a ESTG para seguir eng civil para leria.

4. Tive, eles sempre me apoiaram e depois contei a história da psicóloga e eles também virão que ela tinha razão e depois deram-me força e aconselharam-me também. Mas também me disseram qtu é que sabes o que é melhor para ti.

5. Eu penso que sim, eles estão sempre dispostos a nos ajudar, a esclarecer dúvidas até agora por exemplo para os exames, a professora de química disponibilizou-se para nos dar explicações e isso, se a gente quiser. A esse nível até tá bom. No meu ponto de vista, não tenho razão de nenhum professor.
6. Tem nos abrindo os olhos para a gente estudar e não deixarmos nada em atraso e como tá a crise, fazem-nos ver como está a vida. E com a crise tá muito difícil de arranjar emprego e para continuarmos estudar também porque como isto tá assim, tá difícil, há muitas empresas também a fechar e aconselham-nos a prosseguir a ver se isto melhora.
7. Sim, abriram-nos os olhos, dão-nos exemplos, que tá difícil. Que lá fora temo de nos empenhar muito sermos umas pessoas responsáveis, sinceras. Eu falo por mim, ligo, acho que é importante, pronto tem mais experiência que nós e tão-nos a transmitir para nós e é importante.
8. Tipo na matemática, pronto deveria rever mais e na prática não, sinto tenho mais dificuldade na matemática do que na prática. Para ser sincero não há muita relação, no inglês desde que vim para aqui nunca tive nega o inglês, no S. Miguel tinha sempre negas. Se é aquilo que quero tenho que me aplicar. Vamos lá mãos à obra e acabar isto. Os meus pais dizem tu é que sabes, mas se escolheste tens de levar em frente.
9. Eu penso que facilita, porque torna-se mais fácil, tipo eu falo por mim, tipo no S. Miguel a matéria era toda dada e depois tinha que sair alguma coisa daquilo. Aqui a gente sabe que é só aquilo que a gente tá a dar, vai sair o módulo. Tá mais dividido a matéria.
10. Do resto nas teóricas dão bem as aulas, não tenho razão de nenhum dou-me bem com todos.
11. Para ser sincero não. Vou ter estudar mais, muito mais horas de estudo.
12. Penso que não, pelo que eu tou a ver não vai ser muito fácil, pelo aquilo que vejo, tá difícil muitas empresas a fechar, também vê-se nos anúncios querem com experiência e a gente tipo não tem muita experiência, só temos o estágio.
13. Foi mais pela psicóloga, que disse que eu ia sentir muita dificuldade no secundário, pelo o que ela tinha visto, aconselhava-me um profissional. Que se tornava mais fácil para mim e que também já tava a aprender uma profissão e também por causa das notas. Mas não estou arrependido, estou a gostar.
14. Não nunca. Mas é uma boa forma para ganharmos experiência.
15. Sim, seguir o curso de construção civil e trabalhar numa empresa deste ramo.
16. Não
17. Sim, em Eng^a e construção civil, para ficar com mais conhecimentos do que o 12º ano e fico com mais saber e tenho mais saídas e isso.
18. Sim, IPL por ser do distrito de Leiria.
19. Estudar noutra área não.
20. Por acaso, nunca pensei nisso.

SUJEITO 6

1. 1. Primeiro foram os professores que disseram que era o melhor para quem queria seguir a área de construção, porque no S. Miguel diziam que não era o melhor, porque eles lá não estagiavam nem nada, se depois se fossem para o trabalho não tinham experiência. Então disseram que aqui tínhamos estágios e que íamos mais bem preparados. E depois também foram amigos meus e até foi um primo meu que me disse que aqui era melhor porque ficava com as bases todas para construção civil e pronto acabei por vir para aqui. E como também como tenho o meu pai ele ajudava-me, até a parte técnica que não tem essas bases. Eu gosto de tudo, desde que esteja a trabalhar a mexer, gosto de tudo. Eu sei avaliar as capacidades que tenho e sei ver até onde sou capaz, se fosse no secundário se calhar não sai de lá com uma média razoável e aqui consigo ter uma média mais ou menos razoável. E também não era tanto a pendura do meu pai, e quero trabalhar para fora para ter um auxílio, se pudesse tar independente dele, melhor.
2. É a mais perto.
3. Foi mais a partir do sétimo ano, eu desenvolvi muito rápido a questão do corpo e naquela idade já tinha força e não era normal. O meu pai perguntou-me se eu queria ir, às vezes diziam que não que me apetecia ficar em casa mas eu para tar sempre a dizer não também custava, então ia de vez em quando mais ele a ao menos aprendia, isso foi só até ao oitavo e depois comecei outra vez a deixar de estudar (risos). Porque do 8º ano para o 9º não tava a fazer conta, e comecei a jogar a bola. O meu pai disse-me que se chumbasse tirava-me as férias.
4. Eles sempre apoiaram, eles disseram que a decisão era minha. Se calhar era melhor vir para aqui, porque todos dizem que tem as bases para se continuar os estudos. Quanto mais estudos tiver melhor, como isto tá. Quase todos os pais dizem, tenta não vir para isto que é pesado, mas é o que eu digo, não tenho jeito para cozinhar, se tenho jeito para isto ao menos que fique com isto. E agora as obras tá a ficar muito afetado, não peço um ordenado grande, mas se puder ir subir melhor.
5. Sim, há professores que para eles, se não dão os módulos dados porque não dá. Tentam ajudar o máximo. Por exemplo fazer testes, a minha turma não estuda e depois fica com módulos em atrasos, e para evitar os módulos em atraso fazem trabalhos, pronto, ou faz uma mini-ficha que é para ter a base que ele sabe e muitos safam-se assim.
6. Sim, isso eles motivam, se eles ajudam a fazer os módulos também nos motivam. Tanto que agora na pap tava ver a coisa mais apertada, eles tiraram-nos um período para fazer a pap e eu fiquei um bocado pro revoltado, porque eu tenho que ter menos tempo que aqueles, se eles com três períodos viam-se apertados eu com dois nem fazia metade e pensei vou fazendo e para o ano entrego metade e depois tenho a minha namorada deixou um ano para trás porque causa da pap não consegui-o entregar. Eu até as

férias não tinha quase nada feito e depois o meu pai andava começar a obras e quando começa precisa de mim e depois quando tinha um ou dois dias livres durante a semana ia adiantando e adiantei até agora, são essas fases também.

7. Sim pelo menos da forma, a prof de área técnica pelo menos na forma de falar, porque a gente falar de maneira à pedreiro, foi a maneira que a gente aprendeu. Mas se formos para medidores não convém termos essa linguagem, por ex em vez de dizer massa é argamassa pronto, massa propriamente é só o saco, com o coiso que ta ala dentro, tem que ser essas palavras. E as atitudes, coisas que a gente faz, que não deve fazer, comer pastilha a trabalhar.

8. Há muito coisa, português Saramago para quê que preciso disso para medir um projecto, é autor importante em Portugal. Por ex matemática aquela contas da tangente, logaritmos é matérias desnecessária, mas não sou eu que mando isso. As técnicas são melhores que teóricas, mas as vezes não é isso necessário isso, há teórica que não é importante.

9. É, mais fácil para quem tem facilidades, porque quem tem dificuldades também se torna difícil, porque é assim, no S.Miguel não era por módulos, era período a período, ou seja dentro do período fazemos três testes um corria bem, outro corria mal outro corria mais ou menos, tínhamos pelo menos satisfaz. E aqui não, se corre mal fica logo negativa, fica logo módulo em atraso, fica logo com ele pendurado. Por ex se for uma pessoa que estude e que tem capacidades que estude, torna-se mais fácil porque por ex a matéria ta separada e é mais fácil de estudar. Neste módulo é só isto pronto, só tenho de estudar isto, se fosse no S.Miguel mais disciplinas para um teste final e as outras que se calhar são mais difíceis nem conseguia apanhar. Por isso num módulo tou só focado para aquela. Sei porque tive na fácil e na difícil. E cheguei a ter 6 negativas intervalares e depois comecei a estudar.

10. Sim, são adequadas, eu acho, não sei explicar, mas se aprendi é porque foram as adequadas.

11. Eu acho que sim, sim porque a gente temos a matemática A e B e agente aqui é matemática B e a gente podemos fazer o exame na matemática B eu na matemática até me safo, pode ser que consiga tirar uma notazita boa. Mas depois físico-química eles dizem que lá no ensino secundário eles vão até... a gente só aprende a base, eles aprofundam mais, mas penso se sei as bases já vale uns pontos. Mas depois também andei a pensar matemática A físico-química e posso ir a segunda fase. Podia ser que corresse mal podia ser que corresse bem.

12. Agora não tá fácil para ninguém. Se não tivesse outra opção ia para o meu pai até arranjando trabalho nalgum lado. Fácil não é. Só se fosse estágios mas não me garante trabalho.

13. Já tinha dito, influenciado por colegas, é mais fácil que no secundário e que agente entra muito melhor o mercado de trabalho do que eles por isso já eram duas coisas que eram boas. E como não há construção civil no secundário, pensei, que bases é que eu levo para o curso de engenharia civil? Por isso vim para aqui, o meu primo até diz que lá no primeiro ano de estudos, e basicamente alguns pontos que ele me mostrou eu sabia de lá, por isso pensei mais vale fazer aqui do que lá.

14. Sim, com o meu pai desde do sétimo ano, nas férias.

15. Sim, é uma coisa que queria, com influência do meu pai e torna tudo mais fácil. Mas também podia ter noutra coisa. É o curso que sei mais.

16. No primeiro deixei muitos amigos no Miguel e custou, e aqui era diferente era por módulos e pensei que era mais difícil, custou a adaptar, mas agora sim.

17. Sim, eng civil no politécnico de Leiria, mas também vi, as notas fracas, e pensei se não entrar aqui também há de ser mau, ou candidatar a outras era muito azar não entrar em nenhuma.

18. Sim, primeiro ficava com os estudos mais aprofundados e por ex o meu pai para ter um projecto de uma casa tem de pedir a um eng para assinar e um eng pra assinar leva quase um ordenado mínimo, só por uma assinatura e pensei basta eu assinar para ganhar dinheiro (risos).

19. Foi uma coisa que nunca pus em causa isso, mas também já pensei ir para fora do país, para a Suíça, o meu pai tem la conhecimentos na área da construção civil, ponho isso em causa, mas não se sei. Uma pessoa pensa, mas fazê-lo, logo de vê com o tempo. La a gente arranja trabalho porque os portugueses, é o que ouço e a Suíça ta aproveitar a mão-de-obra.

20. Tentava lá ganhar dinheiro para abrir negócio, e é muita responsabilidade, e por agora trabalhar por conta de outra pessoa é muita fácil, é só receber ordens.

SUJEITO 7

1. Porque como tinha chumbado no oitavo ano e no nono ano, não tava com muita vontade de voltar a chumbar não dizendo que o ensino profissional é fácil, embora na altura o pensamento fosse mais esse, mas foi uma opção porque ficava com uma profissionalização mesmo que depois não quisesse ou não tivesse disponibilidade para estudar, fazendo o 12º ano normal já não teria uma “profissionalização” como teria aqui um ponto de fuga vá. Ao princípio era não querer estudar mais, e toda gente pensar que o ensino profissional é mais fácil, antigamente pensava-se mais assim, embora não seja verdade, só que aqui temos mais oportunidades para fazer as disciplinas, como é por módulos, vamos ter mais oportunidades para fazer os módulos. Não porque com o acumular de muita matéria de 12º ano a nível tecnológico no 12º ano era muita matéria, depois também já ia para o 10º ano com 17 anos, o risco de voltar a chumbar e perder anos já ficava a ser mais. Sentia-me mais velho, era diferente.

2. Porque eu tinha um primo também a estudar aqui, e como o meu pai é empreiteiro e a minha irmã tirou eng civil e eu pronto sentia-me mais ligado a isto porque se fosse para o tecnológico ia para desporto, mas depois foi algo que não vi como uma prioridade. E como tinha o meu pai e a minha irmã e antes de me inscrever falei com o meu primo, foi uma opção. Comecei a pensar nisto a meio do 9º ano, falei com a psicóloga e não me arrependo.

3. Porque o meu pai sendo empreiteiro, a minha irmã eng civil, do curso de eng civil já tinha umas bases que o meu primo já me tinha dado e era uma coisa que eu desde que pequenino gostava deste meio. Nos verões e assim, ia ajudar o meu pai e achava interessante e assim.

4. Sim, tive total apoio dos meus pais e da família. É um investimento deles, e a minha mãe sabia que a minha vontade de estudar era pouco.
5. Sim mais do que no ensino regular, é uma relação diferente, somos menos, eramos menos, agora os cursos têm vindo a aumentar os cursos. Normalmente os professores que tem as turmas os três anos torna uma relação mais próxima e também já idades diferentes é diferente. Acaba por eles saberem os factos das dificuldades que as pessoas sentem aqui no curso, também nos dão várias oportunidades para fazer os módulos e por aí fora. Os professores são bastante flexíveis e ajudam nas repetições.
6. Sim os professores motivam sempre para continuarmos embora com as mudanças na PAP nas direções da escola tiveram a alterar tudo, o que desmotivou porque nos foi encurtado o tempo de trabalho forma nos tirados as horas de pap na escola e teve de ser uma coisa só feita em casa e havia de um período na escola com o professor a ajudar embora os professores nos ajudam é algo que não é apoiado pelo diretor, porque diz que é um projecto só nosso. No princípio do ano estávamos mais desmotivados, mas agora como estamos a três semanas de entregar a pap, já não vale a pena, agora é terminar aquilo.
7. É assim, os professores que nos podiam preparar melhor para o mercado de trabalho, são os professores das técnicas. É diferente, porque como na forma de como se fazer as coisas ou assim, eles tem que nos preparar ao máximo, mas tem que fazer o programa estipulado e muita das vezes aquilo que nos dado aqui não é usado no mercado de trabalho, que é o politicamente correto mas que demora muito tempo e que no mercado de trabalho há métodos que aprendemos mais rápidos, mais rápidos de ter o mesmo resultado. Embora os professores também tentem ao máximo, inclusive dizendo que há maneiras mais fáceis de o fazer. Tentam ao máximo preparar-nos para o mercado de trabalho, embora este ano é o ano em que tentaram nas disciplinas técnicas é o ano onde eles têm de focar mais o contexto de trabalho e preparar-nos ainda mais. Embora o ano passado como o estágio percebi como se fazia.
8. As científicas, é sempre um bocado subjetivo porque para o curso que nós estamos a tirar, damos tudo o que temos de saber para o curso nas disciplinas técnicas. As científicas é para nos dar as bases para quem quer seguir o ensino superior e para quem quer fazer exames nacionais e também porque tem que ser dado. E embora os professores tentam contextualizar isso ao máximo como curso é sempre complicado. Matemática ainda dá, físico-químico é complicado contextualizar isso com a prática.
9. Facilita porque não é como chegar ao início e ao fim do período e fazer um teste no início e outra no fim e esse vai dizer qual é a nota. É o dar-se a matéria e fazer-se logo o teste da matéria com ela ainda fresca, facilita mais porque temos as coisas mais frescas na cabeça, não temos de ver a matéria para trás.
10. São os mais adequados, não se pode fazer mais do que faz. Nas disciplinas técnicas, o nosso curso é baseado em fazer-se medições e orçamentos, não é na construção civil ser muito prático em termos de obra, mas tenta ao máximo ter-se experiência de obra e aprendemos as coisas.
11. Não, porque é assim, o nosso curso abre-nos muito as portas na área da construção civil. E para eng civil temos 2 hipóteses ou fazer matemática A, que tendo nós matemática aplicada, é quase impossível sem ajuda fora da escola explicações ou fazer matemática B e outra disciplina e a outra disciplina implica a física a química e a e geometria descritiva, qualquer uma delas não estamos preparados, a físico-química é a mais fácil e a geometria descritiva tivemos só no primeiro ano, fazendo a matemática B com outra disciplina a escolha é muito complicado, matemática A é quase impossível.
12. No mercado de trabalho tem de se ter muita coisa em consideração, o panorama financeiro do país como está agora também é complicado as pessoas estarem a contratar pessoal, ainda por cima pessoas que estão a acabar de sair de um curso, é claro que hoje em dia para se conseguir um sitio como deve ser é preciso uma boa cunha, também optei por não estagiar em Alcobaca, fiquei aqui em Ourém, fiquei lá a trabalhar no resto do verão o ano passado e este ano vou para lá estagiar outra vez. Prefiro ficar a trabalhar aqui em que o meu pai não tem qualquer tipo de influencia do que lá se vou para uma boa empresa que o meu pai me consegue lá por, mas também sei que não é por mérito próprio. E o facto de ser autónomo, entrar num trabalho por mérito próprio é mais gratificante do que se for com uma cunha.
13. Foi mesmo por para ter o 12º e ter uma profissionalização caso não seguisse os estudos.
14. Sim, nas férias passada só depois do estágio. Tava a fazer medições e orçamentos e tava fazendo os recados ou ir buscar documentos e gostei, fiquei de peito cheio, tarem-nos a dar responsabilidade. Gostei bastante.
15. Na altura, foi uma escolha muito ponderada porque havia o risco de eu não gostar do que tava a fazer, daqui que vinha aprender e daqui que me disseram do curso o meu objetivo é acabar o curso.
16. Não
17. Sim, para já um cet. Nem me escrevi nos exames. A minha mãe insistiu para eu tentar. Porque hoje em dia toda gente tirava licenciatura, e mestrado e doutoramentos não, agora tem vindo a aumentar os mestrados doutoramento e por aí fora. E hoje se não continuarmos a investir na nossa formação. Tal como no mercado de trabalho, manter o trabalho porque não se tem as qualificações e por isso acho que é importante.
18. Cheguei a pensar nisso e vi alguns exames de matemática e percebi que não, mais valia manter as metas reais do que tar a criar um objetivo que não ia conseguir, ia ser uma desilusão.
19. Nunca pus em questão se não conseguir entrar no mercado de trabalho só com o nível de profissionalização que tenho vou tentar como eu disse a apostar na minha formação, quanto mais melhor para conseguir entrar no mercado de trabalho.
20. Nunca pensei nisso é complicada, daqui a uns anos porque não, não sei.

SUJEITO 8

1. (psicólogo) Ele falou-me no curso e também achei que fosse bom porque aqui acabo com o curso e com o 12º ano e lá é como se tivesse três anos a passear os livros se não seguisse estudos. Ficava com uma área, aqui sempre fico com uma profissão.

2. É a mais perto de casa e acho que não há escolas aqui perto com este curso.
3. Se calhar sempre fui habituado com a construção civil não sei... sempre gostei. Sempre tive a ideia de seguir engenharia civil, quando andava no 5º ano ate pensava em engº informática mas isso depois passou-se logo (risos). E depois não sei explicar. o meu pai é camionista, mas faz transporte para obras e quando era pequeno andava muito com ele, talvez se calhar influenciava um bocado.
4. Sim, deixaram-me a vontade Eles até acharam melhor, por causa daquilo... e por acaso não me posso queixar, mas posso chegar ao 12º ano e não ter as mesmas possibilidades que tinha no 10º ano e não ter as mesmas possibilidades para seguir para a universidade e aqui já tenho uma profissão.
5. Sim, acho que sim e como é uma escola pequena os professores criam uma ligação com os alunos. Em relação aos módulos eles esforçam-se bastante para nós conseguirmos concluir os módulos todos
6. Sim, mais a dt que nos fala sobre isso. De vez em quando da nos uns ralhetes, ela também anda sempre em cima de nós para concluirmos tudo. Há colegas tem módulos em atraso e fala com os outros professores para lhe darem outra oportunidade.
7. Especialmente os professores das disciplinas técnicas, são os que falam mais nisso. Dizem que não é fácil que temos de ser mais responsáveis.
8. Não, por ex: eu não preciso de saber coisas de Saramago para fazer uma medição Química é mesmo para seguir.
9. Não sei se facilita, nós damos aquela matéria e fazemos o teste, facilita e depois como tempos oportunidade de repetição. Normalmente só quem é desleixado e que vai deixando pra trás.
10. Eu acho que a minha turma, não foi assim grande coisa, o que eu tou a ver agora no 10º e no 11º, eles costumam ir lá pra baixo para as oficinas. E o ano passado no 11º havia um professor que faltava muito e nós por ex a orçamentos, nos em relação a orçamentos... não. Para a Pap se me responder para medições sei responder agora de orçamentos.
11. Depende, se for a matemática B sim mas matemática A. Tipo em termos de matérias no secundário aprofundem mais.
12. Não, não sei, só vendo. Tá um bocado complicado
13. Foi a tal opção do momento, (do psicólogo), mas não tou arrependido.
14. Trabalhei um ano nas férias com o meu padrinho, ele é pintor Ate e engraçado, mas também porque tive com o meu padrinho.
15. Faz, tem de fazer. A área da construção civil era o que eu queria, o curso não tava nos meus planos
16. Não.
17. Sim, engenharia civil, talvez em Leiria.
18. Sim.
19. Também há sempre a opção dos cets, mas também não tou muito bem informado
20. Já pensei, mas isso é complicado. Claro que se gostava, é sempre bom e ser patrão (sim). Construir uma empresa, ver o que se construi-o é gratificante.

SUJEITO 9

1. Depois do 9 ano, fui-me informar dos cursos e tal, e queria seguir desporto quando acabasse o 12º ano. E depois vi que ciências e tecnologias e vi que era um curso que dava para depois seguir desporto e fui para o S. Miguel, a minha já tinha la andado, e ela dizia bem daquilo e fui para lá também. Não correu muito bem e vim para a um curso profissional e por acaso o meu pai trabalho neste ramo e como ia trabalhar com ele as vezes nas férias e isso Pelas notas vi logo que tinha de mudar de escola. Os meus pais falaram-me da escola profissional, disseram-me para me informar e os meus amigos também já me tinham falado da minha turma eramos 6 rapazes e dois vieram para aqui. Como jogávamos a bola junto, eles informaram-me e que não era nada de outro mundo, bom ambiente, os professores ajudavam que não era tao dificil como no secundário e depois vim para aqui.
2. Mais perto
3. Se fosse para contabilidade não tinha bases do curso. Agora como construção ia com o meu pai, não ia trabalhar, mas ia ver e isso. E isso ajudou-me bastante a adaptação do curso.
4. Achei melhor vir para este curso por causa disso de ele andar neste ramo, perguntava sempre se eu precisava de ajuda e que se eu precisasse ele ia ajudar naquilo que ele sabia e isso ajudou-me, eu nunca pedi ajuda dele, mas ele as vezes vai la espreitar a pap e ver.
5. Sim preocupam, principalmente a nossa diretora a prof Elsa Reis vou dar um ex que aconteceu há pouco tempo tive a minha primeira nega, a português, fui a repetição e tive nega, e a prof Elsa disse para eu ir falar com a professora de português se eu podia fazer mais uma repetição e eu não fui perguntar porque a professora disse que só por exame, que só fazia uma repetição por período. E a prof Elsa tava a sempre a dizer “ate agora não tiveste nenhum módulo em atraso, não vais estragar o teu curso por causa disto ” e depois fui, tive 15 e depois tiraram-me 2 valores e fiquei com 13, e ela ajudou-me. Eles ajudam,
6. Há muitos professores que perguntavam, por ex quando estávamos a fazer exercícios, perguntavam como é que estavam as paps quem é que ia apresentar quem é que não ia apresentar e acho que isso demonstra que eles querem que agente acabe o curso

7. Sim, tipo dão-nos lição “há conheci uma pessoa que era mau aluno entre aspas como vocês e que foi par ao mercado de trabalho e mudou radicalmente e trabalha naquela empresa e recebe x “ e fazem-nos ver que o que o mercado de trabalho não é tão fácil como as vezes parece. Que é difícil arranjar emprego e que isto ta muito mau.
8. Não usei muito a matemática, não costumo usar muito nas medições.
9. É mais fácil por módulos, porque é assim, há uma semana em que estamos numa má fase da vida e desligamos completamente da escola. E se calhar no secundário tiro uma péssima nota e depois par alevantar é mais complicado enquanto que aqui se tivermos má nota, podemos fazer a repetição noutra altura ou na época exames. Apesar de fazermos mais testes aqui, é mais fácil.
10. Eu não consigo tar atento quando é a stora a ler dezenas de páginas grandes e isso é uma seca, o prof ta a ler e é uma seca e faço desenhos. A stora de integração usa o power point, cativa mais, ela explica a temos a matéria a frente e é benéfico para nós.
11. Mais ou menos, se calhar não estou tão preparado como se tivesse no secundário. Mas acho que se uma pessoa se aplicar, consegue como os outros. Mas obviamente acho que os outros estão melhor preparados que nós.
12. Facilmente não, acho que ninguém hoje entre facilmente, a não ser cunhas ou quem é mesmo bom naquilo que estudou e quer fazer. Por isso acho que não vai ser fácil, nem para mim nem para ninguém.
13. Porque achei que se calhar um curso profissional, não sei.... Tem mais a ver com, como é que hei-de dizer? Porque que eu troquei o secundário pelo profissional? Primeiro porque tem mais a ver comigo e não é preciso estudar tanto e não havia este curso no secundário e dá outra forma e pensar.
14. Nas férias as vezes por ex, há dois anos, nas férias do verão tive um mês a trabalhar, é como trabalhar nas obras não é mau, quer dizer ele (pai) não trabalho fazer, paga para fazerem. Anteriormente ia com ele, mas ele ia só falar. Não quero ir propriamente para as obras, mas fazer o que ele faz também não é mau, dirigir uma obra. Naquele mês se calhar percebi, tive noção daquela vida, é difícil, é preciso ter uma grande resistência.
15. Isso qualquer um faz, se calhar o mais difícil vai ser tirar engº civil. Acho que sim porque se calhar é aquilo que me vai assustar a minha vida, a fazer a minha casa e vai-me trazer vantagens. Gostava de construir uma casa, para mostrar que consigo construir com aquilo que aprendi na escola.
16. Não.
17. Porque se calhar para aquilo que eu quero ser entre aspas, acho que o curso de eng civil em Leiria é o curso que mais me chama a atenção, primeiro porque há aqui e porque é o que tem mais saídas dentro da minha área, se calhar se tirasse o cet não ia ter tanta saída como tenho. O objetivo é vou para lá, e ganho outra consciência da construção civil. Leiria primeiro porque não dou tantos gastos aos meus pais. Quero principalmente, tirar boas notas e acabar eng civil.
18. Já, Engenharia civil em Leiria
19. É a prioridade é sempre arranjar trabalho se for na área de construção civil melhor.
20. Nunca pensei nisso, já pensei continuar com o do meu pai, mas sim gostava.

SUJEITO 10

1. Na altura tinha no 9º ano, nunca fui de estudar muito mas safava-me, tinha 4 a matemática, as minhas maiores dificuldades era nas línguas português inglês e francês. Mas depois a minha professora a minha mãe, o meu irmão já ca tinha andado e o meu disseram-me para vir para aqui Não sabia o que queria da vida, o meu pai é que queria que viesse para aqui, o meu irmão teve bastante sorte, ganha bem. A minha mãe queria que eu fosse estudar, o meu irmão foi como ele escreveu-se em ciências e tecnologias no cef e inscreveu-se aqui, já sabia o que vinha para aqui. E eu vim a aventura.
2. Fui atrás do irmão
3. Porque quando cheguei aqui, eu também tava com a ideia do desporto no CEF, quando acabei o 9º ano não abriu. Então ou era ciências ou era para aqui, pois como tinha que estudar mais no outro, ate a professora dizia, se não, não se safá. E depois acabei por vir para aqui. Como fui atrás, tive que aprender a gostar, vai-se fazendo. Não desgosto do curso, mas desporto gostaria muito mais. e mesmo para seguir os estudos de desporto era para a universidade, aqui é basicamente para eng e pouco mais, e na área se eu fosse seguir se calhar havia mais cursos para seguir.
4. Tive, a minha mãe disse, queres vir para aqui vai. O meu irmão queria que eu fosse para ciências como ele não foi estudar. Agora na segunda fase, como não me inscrevi a minha mãe ralhhou-me bué, e agora tou super arrependido.
5. São professores normais, como do 5º ao 9º são simpáticos. Depende do professor, há professores que são mais simpáticos outros que querem tudo certinho. Dedicam-se há muita gente que tem módulos em atraso e eles querem que a gente acabe o curso, não nos tao aqui para tramar e agora como estamos a acabar o ano, a diretora de vurma ta sempre a dar na cabeça pro pessoal fazer isso.
6. Sim, dizem mesmo para a gente seguir. Dizem para a gente acabar o curso principalmente, dizem vocês andam aqui três anos a gastar o dinheiro dos vossos pais e depois no último ano nem com o 12º ano ficam, esse género de coisas. De alguma maneira incentiva.
7. Sim, preparam porque é diferente o mercado de trabalho do que aqui na aula, e ensinam-nos como é que devemos ser, responsáveis, ensinam-nos as técnicas para quando chegarmos ao mercado de trabalho estarmos o mais a vontade possível depois agente vai para estagio e corre bem. O nosso problema é a falta de experiencia.

8. Há relação, na área de tecnologias no primeiro ano damos muitos a base de teórico, primeiro ano e segundo é mais teórico, os materiais de construção as leis. Depois no segundo ano, o nosso curso é de medições e orçamentos e só damos os orçamentos no 2º ano, porque primeiro é a base o que é o betão, os vários tipos de betão, orçamentação é mais o que o nosso curso é.
9. Por vezes vai dar quase igual por ex a gente tem 4 módulos por ano, fazemos um teste por período e depois outro é sempre tudo dividido, vai dar tudo igual. Há outras, que é mais curto outros que é mais longo. Não sei se facilita ou não, porque podemos fazer um teste por período ou dois, por isso é mais ou menos igual
10. Por acaso a nossa turma nunca teve muitas aulas praticas. Como tava a dizer no 1º ano o curso é mais teórico, dar os tipos de agregados, é introdução ao curso. Quem tiver sempre atento as aulas e estudar um pouco safa-se.
11. Na matemática B acho que conseguia com algum estudo houve alunos do ano passado e tiraram todas boas notas.
12. Não sei, isto agora mudou bastante Antigamente no nosso curso havia sempre muitas empresas, agora também apertaram-se. Temos que tentar ser o melhor possível porque também há mais gente.
13. Foi numa de arriscar e como o meu irmão se tinha safado e o meu pai. A minha mãe queria que seguisse o secundário o meu pai queria para aqui. O meu irmão é mais velho é mais velho quatro anos e ele era bom aluno e portava-se bem, os professores diziam bem dele, e queriam que fosse igual a ele.
14. Nas férias, serventia foi uma semana ou duas com o meu pai e também cheguei a ajudar p meu tio Como o meu tio era mais leve era mais varrer, no verão uma pessoa queria sair a noite depois de um dia trabalho queria sempre ir beber um café ou ver o torneio da bola e ficava a dormir. Por acaso apanhei no verão ta sempre calor, mas as vezes no inverno o meu pai chegava todo molhada, passou o dia todo a chuva. Se posso escolher melhor. Ele próprio diz que não quer a vida dele pros filhos porque custa.
15. Não, nunca pensei vir para a área da construção, porque também tive medo de arriscar, era tipo o meu pai dava a ideia e a minha mãe a dela.
16. Cheguei aqui e depois o curso, eu safava e não era aquela coisa que eu gostava.
17. Em engenharia civil, já estou habituado construção civil já tenho umas boas bases, não vale a pena mudar de área. Aprendi a gostar porque já sei mais ou menos como é isto e já tenho as bases.
18. Já. Já no próprio estagio ver, tinha la dois eng e acompanhei os dois e gostei mais do eng de obra do que o eng de escritório. Enquanto que o outro faz os projectos autocad, orçamentos e outro andava nas obras, era mais responsabilidades. E aprendi, orçamentista é basicamente é orçamentos. O meu irmão ta no laboratório anda sempre de obra em obra.
19. Não sei... nunca pensei
20. Não, é difícil na área

SUJEITO 11

1. Eu no 9º ano era média de 3/ 4, depois decidi que não ia para aqueles cursos científicos e tinha colegas que tinham entrado aqui e que tinham gostado e tinha colegas que já tinham saído daqui e que gostavam dos empregos e como gosto desta área vim para aqui Tou a pensar depois de acabar o curso tirar um cet à noite, mas tudo depende do emprego que arranjar, a disponibilidade que ele me der. (Sobre o secundário) primeiro porque não gosto muito de estudar... (indeciso) quando estudo, estudo, mas pode-se dizer que não sou muito estudioso. (sobre o ensino profissional) ao inicio pensei que sim (que fosse mais fácil) mais vai-se encontrando muitas dificuldades, muitas pessoas diziam que o ensino profissional é para burros que não se tem de estudar, mas não e bem assim, encontra-se muitas dificuldades. Mas falam muito mal que os do profissional são os burros e mais não sei o quê, que não gostam de estudar que não percebem nada, mas encontra-se dificuldades, nunca ainda nos outros cursos. Os de científico é que dizem isso e depois quem vem para cá tem outra imagem do ensino profissional. Por exemplo o Alexandre, a namorada dele tá em Coimbra em Engº Civil e o que ela tava a dar no 1º ano de universidade, demos nós aqui no 1º ano na EPO, porque eles lá muita matemática e assim. Se for para a universidade sei que não tou preparado em relação a Matemáticas A, inglês, mas provavelmente eles não sabem fazer um orçamento e medições, devem só dar umas luzes disso e pouco e nós já estamos preparados.
2. Sou daqui de perto a escola mais perto com este curso é Entroncamento e tava fora de questão.
3. Normalmente os rapazes gostam sempre de construção civil, máquinas essas coisas assim, pelo menos de crianças em geral. Gosto das inovações das obras do futuro, aquelas construções no Dubai. Sempre gostei de tar a ver como se faziam as coisas.
4. Primeiro ainda pensei ir tirar pastelaria porque já trabalhei numa padaria e gostei daquilo, mas depois vi que se calhar a nível de emprego um pasteleiro nunca ia evoluir tanto como um construtor, e então depois os meus pais falaram comigo e também achei melhor.
5. Em geral sim, há sempre aquelas fases menos boas como toda gente tem não se dedicam tanto como é normal, mas em geral dedicam-se sempre, por exemplo agora no final do ano.. ajudam... só tenho dois módulos, ajudam a fazer os módulos, facilitar mais um bocadinho, fazer testes mais apertados para eles corrigirem e assim.
6. Sim, em geral acho que sim. Dizem que temos de acabar isto para seguir para o mercado de trabalho. A prof. Célia que ta mais ligada a nossa turma desde do 1º ano, pergunta-nos todas as semanas se temos módulos em atraso, fala com os professores para marcarem mais testes é a professora que tá mais ligada a nós e que e nos puxa mais para fazer o curso.
7. Totalmente, totalmente não porque são só três anos e não podemos aprender tudo num orçamento... Aqui é mais pormenorizado tipo de betão e essas coisas... e lá fora só é se for para obras públicas é que já é como fazemos aqui.

8. Acho que há coisas que não vou usar, por exemplo língua portuguesa, sim é língua portuguesa, vou usar isso para escrever, agora tou a dar o convento de Mafra, sei que nunca vou usar isso no meu curso agora por exemplo de inglês temos a dar mais a aprender e falar e isso já acho importante, a língua inglesa cada vez mais vai ser usada de hoje em diante já é. Fisico-químicas já há certas matérias que dá jeito para o nosso curso, mas há outras que é... temos de dar, mas não interessam assim muito. Na matemática há alguma, geometria, mas de resto não há assim muita coisa.
9. Em relação aos outros ensinos? Eu acho que facilita porque por exemplo nos ensinos fazemos um teste e temos negativa, no final do período. por ex: um tive 9 um tive 10 e outro tive 16, não vou conseguir ter uma boa média porque tive duas notas muito fracas, aqui por exemplo tenho um negativa, tenho um repetição, tenho 10,11 ou 13 e posso fazer um melhoramento de e é só uma matéria torna-se tudo mais fácil, por períodos é tudo muito mais difícil.
10. Sim, em geral sim, mas há outras que não é bem, temos disciplinas que é só fazer um trabalho o ano inteiro e o professor ta praticamente na sua secretaria e deixa-nos trabalhar à vontade, não controla. é bom por exemplo para mim porque nos primeiros tempos posso tar ali sem fazer nada, mas depois no final quando tenho o prazo apertado, se tivesses tido um controlo mais rigoroso durante o módulo inteiro tinha estado muito mais à vontade. As aulas do Prof Mauricio são o dia inteiro com o Prof., o Prof. só se levanta quando é para esclarecer dúvidas, então se não me apetecer fazer nada posso la tar o dia inteiro a ver filmes a jogar, a fazer outra coisa qualquer que o Prof nem dá por nada, dá mas também não faz nada e isso é mau, mas uma pessoa sabe bem tar ali sem fazer nada mas depois custa.
11. Não inscrevi, porque aquilo é mais matemáticas A, física A é muito complicado, quem fosse fazer exames tinha que ir ter explicações e a dar matérias.
12. Facilmente não, como isto está Estou outro sítio para estagiar, primeiro porque é muito perto da minha casa, posso ir almoçar todos os dias a casa, é uma empresa que faz só revestimentos, pladures tectos falsos e isso, ainda faz parte da minha família aquela empresa, mas não foi por causa disso, foi por ser tão perto de casa. Se ficasse com este primeiro emprego, não me importava nada, ficava perto de casa.
13. Isso já falamos mais ou menos, daquilo em relação ao estudo e dos meus colegas que já andavam cá e dos que já tinham acabado o curso e sentiam-se muito mais preparados quando saíram do profissional do que pessoas que saiam do 12º ano do secundário nas ciências, foi mais por isso.
14. Só a ajudar o pai, qualquer coisa lá em casa só.
15. Sei lá, quando somos pequeninos temos sempre os outros sonhos, mas quando se começamos a crescer... aqueles empregos que se ganha muito dinheiro... dentistas, arquitectos e essas coisas assim... mas com a idade e com o nosso esforço vamos tendo outros objectivo de vida. O meu agora é pelo menos acabar o estágio, se conseguir arranjar emprego como medidor orçamentista melhor, se não também... e se arranjasse um emprego como mediador orçamentista com 90% das certezas que ia tirar um cet a noite em Leiria, ficava logo com o nível 5 era bom, e era diferente se tivessem que escolher uma pessoa com nível 4 ou nível 5. E depois quem sabe, passado 2 anos de arranjar uns trocos ir para a universidade quem sabe, tirar engº, porque acho que o cet faz ... "equivalência" a inglês e outras cadeiras que temos mais dificuldades, ficam feitas acho que é assim, é o que falam mas também não tenho a certeza, mas se for um emprego nas obras, já vai ser mais difícil tirar um curso a noite, primeiro queria passar um ano para ver como se corria, mas se não encontrar nada, vou estudar.
16. Não
17. Gostaria, engº civil, iniciar com o cet.
18. Sim
19. Não, só nesta
20. Gostava, mas não me posso aventurar como isto ta hoje em dia, mas toda gente gostava de ser patrão de si próprio.

SUJEITO 12

1. Primeiro diziam que era mais fácil, mas não é fácil, os professores é que diziam que era mais acessível e era melhor para o mercado de trabalho foi por causa disso. Foram os professores que aconselharam. É mais fácil entrar no mercado de trabalho e tenho o 12º ano e curso ao mesmo tempo
2. Porque era única escola mais perto com este curso
3. Isso não sei bem, mas o meu pai é da construção civil faz cofragem e desde de pequenino que disse que gostava de ser eng. Sempre pensei assim, nunca mudei de opinião. É tipo trabalhar com projectos. Eu as vezes também o ajudo e ele as vezes dá-me projectos para eu medir. Porque para ele só tenho de medir a cofragem e não é nada de especial.
4. Na escolha do curso não, eles sempre disseram para eu escolher o que eu quisesse Só candidatei para construção civil. Ele diz que enquanto eu puder para continuar que ele ajuda-me.
5. Tentam nos ensinar da melhor forma para agente passar nos módulos e quando falta pouco para a positiva ajudam com uma oral.
6. Eu acho que nunca incentivavam na continuação do curso, só perguntava quem é que ia continuar. Isso incentivava pelo menos para acabar para fazermos tudo para não voltarmos cá mais.
7. Os das disciplinas técnicas, sim, os outros não. Os técnicos que são eng, eles explicam, dizem que é mais complicado que nos temos de preparar bem, lá fora é mais difícil. Os das técnicas sim, os outros nem sabem. Eu acho que não é preciso de muito complicado, não é de extraordinário. Dizem que nos temos de preparar bem e aprender bem porque lá fora não é bem igual, mas na matéria é parecido.

8. Há relação, claro, vamos dar a teórica primeiro e depois aplicar à prática, acho que é isso. A matemática é precisa porque a gente faz muitas contas a medir o projecto, mas também há coisas de matemática que não se usam para nada. Físico-química acho que não serve para nada neste curso é a minha opinião (risos).
9. Eu acho que se chumbarmos um módulo, repetimos esse módulo e ficamos a saber mais desse módulo Assim estudando módulo a módulo é mais fácil. Assim é mais fácil.
10. Acho que apresentações tipo no quadro, acho que sim, acho que não podia tar melhor, não tou a ver maneira nenhuma melhor e depois cada um tem a sua maneira Os power points chama mais a atenção é mais fácil de aprender.
11. Não sei, não sei como é que é isso. Eu acho que quem seguiu o ensino secundário é mais fácil os exames porque causa da matemática e da físico química. Acho que no profissional para fazer os exames é mais difícil.
12. Isto agora não ta fácil (risos) ninguém da emprego a ninguém vai tudo para o fundo desemprego, acho que não é muito fácil.
13. Isso, eu fui mais pela ideia dos professores pela minha ideia eu acho que eles tinham razão, aconselharam-me para o profissional por alguma razão e eu confiei neles.
14. Com o meu pai, ele pede-me para fazer orçamento, medições das cofragens para os projectos Só que ele é mais a mão e nós aqui com o computador. Eu gosto, tenho a certeza que gosto sim, é isto para a minha vida, se conseguir ficar nesta área.
15. Ter um bom cargo profissional, arranjar um cargo de eng quando for, espero que seja, que tenho um bom cargo de eng e que ganhe bem, é essencial. Acho que era bom, agora vou tirar um curso de condutor de obra e mais tarde de eng, se passar no condutor de obra no cet. Acho que o curso combina bem, nunca vi de outra maneira.
16. Não, nunca pensei em mudar de curso.
17. Eu gostaria queria tirar o cet de condutor de obra.
18. Eu pensei, mas prefiro ir tirar o cet primeiro e depois fico com umas cadeiras feitas, né? (eng civil)
19. Continuar a estudar não, mas encontrar um trabalhinho até encontrar trabalho na área, seja ele qual for. Se não encontrar nenhum, ajudava o meu pai.
20. Nunca pensei nisso, agora é difícil, não sei se abria, provavelmente não Mas nunca pensei, é um grande investimento e é preciso trabalhar muito antes e não é fácil.

SUJEITO 13

1. Porque, tipo não é o ser mais fácil, mas é outra coisa, e eu assim já ficava com o curso no final do 12ºano e é mais valioso que o 12º ano normal E tenho dificuldades em algumas matérias em matemática. Matemática não é aquela matemática, é mais fácil. Vim para este curso que a minha irmã já ca tinha andado e já conhecia a escola.
2. Porque a minha irmã já ca tinha andado E pensei como ela já teve neste área pensei ela ajuda-me (risos)
3. É fixe, é interessante. Eu por um lado gostava mais de fazer trabalhos que tivessem mais movimento, em vez de tar dentro de um escritório. Gosto é interessante, dá para fazer várias coisas, apesar de ser difícil termos uma responsabilidade grande demais para a minha ideia. Porque se nós nos enganarmos nas medições quem vai ficar a sofrer é a empresa e o cliente. E depois o nosso local e trabalho pode-se ir a vida.
4. Sim, o meu pai e a minha irmã ajudam-me
5. Sim, por ex eu tenho professores que no final do ano fazem avaliações mais facilitadas para nos podermos acabar isto. E se for preciso para nos ajudar, já ficaram cá comigo a dar explicações
6. Sim muito, primeiro dizem, andam aqui três anos e depois chegam ao último e não tem nada feito e realmente gastar dinheiro aos pais e realmente fica mal. E a nossa dt vê sempre as faltas fala com os pais para nos obrigarem a estudar.
7. Sim, tipo aqui é tudo mais, é diferente porque nas obras é tudo mais físico e para aquilo que vamos fazer temos de saber bem o que vamos fazer, os professores tão sempre a avisar dizem vocês vão entrar no mercado de trabalho tem de saber o que vão fazer, não podem deixar a escola mal vista. E vão-nos dando experiência e tudo mais, os professores não tem tanta experiência, é mais os eng das aulas técnicas é que contam as experiências e dão-nos assim umas dicas.
8. Por ex temos matemática que é importante, no nosso curso temos bué contas a fazer é tudo em contas praticamente. Mas depois vejo alguma disciplinas que não vejo logica nenhuma a gente ter, pra quê que temos de ter português para fazer medições? Inglês também não interessa nada, a gente faz orçamentos em português.
9. Sim, porque por ex a gente da uma matéria e damos logo ali a avaliação do modulo, da outra maneira damos matéria, matéria e depois fazemos o teste se chumbamos no teste e depois no próximo podemos passar ou ter nega no final do periodo. Por um lado é positivo e negativo porque no ensino normal podemos recuperar no periodo a seguir e aqui chumbamos o módulo e não há nada a fazer.
10. Sim, por ex tecnologias fazer visitas como da outra vez ver uma barragem, aquilo dá para ter a noção que as obras podem ser grandes. As visitas de estudo são como se fossem aulas. Sim, por ex o nosso stor de medições só da power points e medições e coisas que a gente nunca tive ouvido falar e o stor trás folhas para vermos. Nestas aulas consigo-me concentrar qualquer agora uma aula de português não consigo.
11. Não, se tiver interessado em fazer preciso de ter explicações porque não aproveitei as oportunidades, e também nunca tive atento as aulas de matemática.

12. Se me aplicar no estágio sim eu tava a ouvir a conversa e eles perguntaram se eu ficava pronto para o mercado de trabalho e depois o coordenador pediu-me para acabar o curso que só ganhava com isso.
13. Que é mais atrativo, ficamos com o 12º ano e com um curso no ensino normal ficamos com o 12º ano só. Só quem quiser ir para a universidade é que vale muito a pena, agora para quem quer ir para o mercado de trabalho.
14. Sim, para o meu pai, conhecesse os empregados todos e alguns são familiares e da para ter aquele convívio e tar a vontade e isso tudo, mas por outro é cansativo, andar ao sol. Se fosse para pessoas desconhecidas não tinha aquele a vontade e como sou filho do patrão tenho sempre mais aquilo...
15. Faz, em medida de acabar um curso e trabalhar na área
16. Não, coloquei a hipótese de mudar de escola no início, era muito longe, mas depois perdi a ideia.
17. Não
18. Não tive outra hipótese quero ganhar o meu dinheiro.
19. Ponho em hipótese de ir ter com o meu pai.
20. Continuar a empresa do meu pai mais a minha irmã

SUJEITO 14

1. Escolhi o ensino profissional, porque achava o outro tipo ensino muito mais exigente e requeria muito mais a nível económico e a nível pessoal, achei mais facilidade neste tipo de ensino e também para abrir mais cedo as portas do mercado de trabalho. Acabando o 12 não sabes fazer nada a nível prático, só teórico e a nível teórico já há muitas pessoas no fundo desemprego com essas áreas e tínhamos que ir para a universidade basicamente, se não fossemos para a universidade não íamos ser o que pronto... queríamos ser. Aqui no ensino profissional, tínhamos estas duas áreas, o 12º e a vertente prática, basicamente isso, e já estamos preparados para alguma coisa no mercado de trabalho, mesmo sendo pouco, já dava para arranjar qualquer coisa.
2. Era a mais perto da zona basicamente foi isso que interessou porque as outras a nível profissional, estão em Leiria, Tomar e é um bocadito mais longe.
3. Construção Civil foi a minha terceira hipótese, não era nada disto que eu tinha imaginado. Todos me diziam que tinha jeito para a cozinha e tinha-me inscrito lá para o pólo Pastelaria Cozinha, 2º Restaurante Bar e só tinha posto essas duas primeiras e tinha vindo cá fazer os testes de aptidão que eram necessários e não consegui passar, fiquei em 13, 14º em lista de espera e depois tive que para cá telefonar a perguntar se podia ir para o curso xpto e tinha um amigo que vinha para o curso e pronto fiquei assim mais... apressado, só que ele depois conseguiu ficar em informática, ele foi para informática e eu fui para construção civil e foi assim que entrei neste curso, até agora não estou nada arrependido, se tivesse lá em cima na restauração estaria mais arrependido do que estou, neste momento não estou arrependido de nada. É uma área interessante dá para seguir e fazer muitas coisas, muita variedade comparado com a restauração é so aquela coisa restaurante, restaurante, perdia-se muitos dias era muito tempo dedicar-se à mesma coisa. Aqui nesta área, dá para fazer duas coisas, dá para ter da sua vida e ao mesmo tempo trabalho, tem que se aplicar um bocadito da vida e ter a opção para trabalhar. Porque uma pessoa precisa dessas alturas para descansar, mesmo que ande na escola todos dizem que não se faz nenhum, mas faz-se pouco ou nada, mas faz-se, também tem que se descansar um bocadito. E para além da escola, trabalho tenho outras coisas a fazer ... mas agora não há condições para trabalhar, era assistência numa fábrica onde estive a estagiar, fiquei lá a trabalhar em Agosto e nas primeiras duas semanas de Setembro e tenho ido trabalhar aos sábados, mas devido ao tempo, por causa da chuva e isso assim não dava vazão para o parque que tínhamos material e pararam a produção aos sábados. Uns sábados em breve talvez comece a trabalhar (pausa) e mais ou menos isso.
4. Basicamente foi a minha mãe que disse para eu escolher o que queria, basicamente foi isso, dentro das opções que tinha e as possibilidades que víamos que tínhamos. Escolhi aquilo que mais preferia, que gostava, nunca disseram nada, sempre me apoiaram nas decisões. O meu pai não achou nada, também normal, "vais para ali?" olha estuda, segue os estudos que hoje em dia sem os estudos não é nada nem ninguém, basicamente aquelas coisas típicas que os pais dizem.
5. Tem alturas, e confidencial né? Tem alturas, às vezes tão naquela, na boa, fazes o que queres, ninguém te chateia a ti. Depois há outros que é tiro de caçador que é dar matéria pum pum pum e naquela de relax, têm-se de tudo um pouco basicamente. Eles ajudam-nos sempre, mesmo tenho alguns módulos em atraso eles ajudam-nos, pronto, deixam-nos fazer repetições e ajudam-nos mesmo durante o teste dizem uma coisa ou outra que não deviam de dizer, ajudam, não tenho razão de queixa.
6. Cada um escolhe o que quer, cada uma faz o que quer da vida e ponto final. Já houve mais preocupações com os alunos do que agora, no meu ponto de vista, desde no início do ano escolar, desde do primeiro ano até agora tem havido uma desmotivação, uma pronto, despreocupação dos professores, perguntam às vezes o que nós seguimos e porquê e não sei que mais, é mais por curiosidade do que preocupação. Há colegas meus que vão seguir o ensino superior e que vão ter exames nacionais a físico-química e aquilo que eles estão preparados é uma gota de água no oceano, não é nada, e talvez vão ter dificuldades a fazer esse tipo de testes. Eu acho que é dá-se aquilo e acabou-se, acabas-te o curso, Parabéns! Se precisares de alguma coisa, talvez te consiga ajudar mais os professores das técnicas. Já vi de tudo um pouco para ser sincero, no primeiro ano é vamos levar a bom porto a bom rumo, agora é fizeste os módulos, parabéns não se quê, não há aquela preocupação "precisas de ajuda isto ou para aquilo" não deixas-te andar, na boa, fizeste os módulos, parabéns! Ainda bem que te empenhas-te tan tan tan tan.... Não fizeste? Andas desleixado, não sei o que é que andas aqui a fazer, é sítio que tu queres, não estou a perceber, dantes não era assim, porque fazem muita comparação ao ano passado e aos outros anos.
7. Os das técnicas sim, preparam-nos mas falta uma coisa, que a nível desta escola está muito mal feito, é a experiência a nível prático, não temos aquela veia prática, só temos práticas, é cantar canções para surdos. Fala-se fala-se, ninguém nos ouve e pronto, falta-nos aquela vertente prática, estamos habituados a fazer uma coisa que é medir casa, mas se acabar o curso e formos ver

por exemplo para um empresa eles não me iam pedir para medir uma casa, apartamento ou prédio, era uma estrada, uma barragem umas coisas grandes, apanhávamos isso e pensámos, pronto, ok tenho isto aqui, o que é que faço com isto? Olha parabéns dá para levar água, põe-se aqui duas turbinas a produzir energia e ficam todos contentes, tudo bem, olha não meço isto, dá-se a outro, preparam-nos só para pequenas coisas, não muito grandes, mesmo cá temos um professor que defenda tenhamos de evoluir nessa área de práticas e experimentar coisas novas, a nível de medições e orçamentos, os professores das técnicas dão-nos assim umas informações e preparam-nos. Tão mais conscientes, porque também comparado quando fui estagiário, notaram uma grande diferença a nível prático para teórico, a nível teórico, fazes aquilo e segues aquilo, a nível prático é tentar arranjar o máximo de clientes possível, tentar fazer tudo ao máximo e melhor. Há alguma diferença sente-se um desnível, não é nada igual uma coisa para outra... depois há diferenças só com a prática e com o tempo é que se lá vai e aprende-se.

8. A nível prático, foi como eu disse antes, tinha de haver aulas práticas, os alunos do primeiro, têm essa sorte, cada módulo que tão a dar fazer uma coisa prática, que isso é uma mais valia, tem aquela pressão do que é fazer e do tempo que demora, porque... como nós não tivemos isso, temos em alguns aspectos, como colegas meus, algumas dificuldades a fazer por exemplo os planos, quanto tempo demora a fazer isto e aquilo, falta-nos mesmo aquela noção de obra, obra. Agora a nível teórico, físico-química acho um tacho desnecessário para este tipo de cozinha, não acho que é necessário físico-químico só se alguém for para técnico de laboratório profundo, saber como se compõe estes areias e... o cimento e isso assim, mas acho que ninguém quer seguir essa área, físico-químico é bom para outras áreas, no meu ponto de vista, agora inglês acho que é interessante, mas é aquela coisa, não me motiva, português e matemática, é como nos outros anos, tem de se dar, tem de se dar, tirarem essa disciplinas e porem as práticas e mais campo de trabalho, é o meu ponto de vista.

9. Por um lado facilita, por outro lado complica, facilita num nível de testes dá-se aquela matéria, fazes aquele teste, passaste e fica arrumado, se chumbares tens mais complicações porque tens a matéria para estudar da repetição mais a matéria que tas a dar, é uma complicação. Se passas-te é bom, se chumbares vais ter uma coisa a mais que tens que fazer. Se chumbaste olha vais a exame ou esperas para o ano, é complicação. Se fosse o outro tipo de ensino chumbaste neste teste, passaste neste, faz-se a média, vê-se se dá para passar, se passaste, parabéns fizeste o período, siga para o outro, toca a andar, se chumbaste no períodos, tens os outros dois para compensar, foi o que me salvou até ao 9º ano, no outro tipo de ensino, se não fosse isso talvez ainda lá andasse, quem sabe.

10. É assim, a nível teórico, a certo tipo de aulas que é para encher o balão, não tem nexo uma coisa com as outras, acho que a matéria que se fosse leccionada de outra maneira aprendia-se muito mais e melhor a nível de português, português é aquela coisa que estamos habituados desde novos do 1º ano, que é um tipo de ensino que é a professora ler esta página e faz este exercício, siga sempre a aviar cartucho, fazes o módulo, parabéns passaste, se chumbaste tens este trabalho, isto e aquilo... é uma complicação. A nível da matemática é aquilo, não dá para escapar é matéria, isto exercício, teste feito. Físico-química temos andado noutro espaço, não temos estado naquele espaço que era preciso para os meus colegas, por mim tou naquela, relax, deixa-te andar, os que querem seguir o ensino superior é que se calhar estão pior, temos a vida facilitada vá... a nível de físico-química, a inglês tem alturas e alturas, mas este ano tenho sentido que é muito fácil até demais a nível de fazer os módulos. Nas técnicas e práticas, tão em harmonia, estão uma para a outra. Utilizar outros recursos, outros métodos, captar mais a atenção dos alunos, que o nosso problema é captarem a nossa atenção porque se tivessem a nossa atenção captada para aquilo, fazíamos outro tipo de coisas, tínhamos outro interesse, estávamos atento aquilo, era outra coisa, era como se gostássemos daquilo, como não gostamos de aquilo deixa-te estar, chegamos ao teste, se passaste olha parabéns, se não passas-te repete, é essa diferença.

11. Não, nem perto Depende do facto de querermos seguir o nível de ensino superior e aquilo que queremos, porque os outros do ensino normal, estão mais preparados tem mais teórica estão mais preparados para o ensino superior nós estamos mais preparados para o mercado de trabalho e ensino superior se formos bons, corre-se os dois riscos e é complicado. Como falei no exemplo de físico-química, quem vai para o ensino superior ta pela sua conta, se conseguir conseguiu, se não conseguir paciência. E a matemática é B e A e aí há uma grande diferença, se conseguir parabéns, se não lá tem de ir à 3ª fase... é assim o meu ponto de vista.

12. Se for para aquela empresa vou é também é uma questão de procurar, tou com fê que consigo lá ficar, pensa-se no que virá a seguir, tudo é possível, talvez tire um cet ou uma coisa assim, o meu cv não é nada assim por ai além, só se seguir um estágio profissional numa empresa grande ou média, qualquer coisa do género. Trabalho não falta, o que falta é vontade de trabalhar, segundo os professores falta medidores orçamentistas porque requer duas ou três coisas importante que só uma ou duas pessoas na turma têm que é aquela coisa valiosa, que esses alunos têm e que outros não têm, tem pontos fortes naquilo e não são bons noutras coisas. O ponto valioso é muita organização, concentração e empenho, se não tiver esses três no mínimo é um medidor orçamentista reles, normal, vulgar que tá abaixo dos outros, se não tiver estes três aspectos no meu ponto de vista, vá eu tenho um ou dois, vá razoável baixo. Talvez me consiga safar, pronto mas não é esta área, é este curso, mas não é esta área que queria seguir, tou mais interessado noutra área, relacionado também com construção civil que é betões e argamassas, é uma área que parece ser pequena normal, mas é uma área, vasta grande que requer muita cosia e que tem muita coisa envolvida. Por exemplo peças pré-fabricados que se tem que fazer as medições o orçamento é o que eu gosto nesta área, depois tem uma vertente prática que é fazer os ensaios, mas gosto mais de prática do que de teórica, teórica já tou farto de cá andar, pronto falta agora um bocadico de prática, quando tiver na prática digo o contrário, falta-me a teórica. E também a motivação a nível de trabalho que é importante, se gosto de onde estou a trabalhar ou se não gosto, não gostava de pensar e olha para aquele sítio que seca, vou gostar, fixe, vou fazer aquilo que gosto basicamente é isso.

13. Profissional porque é mais fácil, sem dúvida, e tem mais facilidade para entrar no mercado de trabalho do que como no outro, dá para ver bem nos dias de hoje em dia, muitas pessoas com mestrado e bacharelatos no fundo desemprego, talvez devido a pensar muito tempo nos livros do que à procura de trabalho. Tentam ter mais qualificações serem melhores naquela área que tão a tirar do que trabalhar, do que procurar trabalho, às vezes também há empresas que oferecem trabalho e é menos do que aquilo que eles esperam e tem colegas que dizem que recebem x e que na realidade só vão receber y, que é menos do que aquilo que eles estão à espera, mas isso também é influenciado pelo mercado de trabalho.

14. Já, para o meu pai, basicamente foi isso, estucador Requer muita hora prática, requer muita físico e é uma coisa de rotina, uma vez faço tecto outra vez faz isto e assim sucessivamente. A longo prazo faz-me reflectir, se for a curto médio, mas para o curto fazia, a longo prazo não, se fosse preciso desenrascar faço, melhorar a capacidades técnicas, se não conseguir, logo se vê, se não houver mais nada tinha que fazer isso para o resto da vida, só que é uma profissão muito desgastante a nível de coluna, costas, braços, basicamente é tudo apoiado nos braços.
15. No início não fez, mas depois comecei a gostar disto e faz-se e faz parte disso. Posso dizer que sim, melhorar-se uma ou outro aspecto mas sim.
16. Já pensei e reflecti e vi que não valia a pena. Era voltar para restauração bar, voltar para a pastelaria, mas depois pensei, vou andar um ano para trás e depois pensei, tou aqui tão bem, faço aquilo que quero, levo um pouco nas orelhas, tenho os sábados e domingos para mim, o resto é conversa. Não vale a pena andar para trás.
17. Cets, porque são cadeiras de universidade segundo aquilo que dizem, não sei e dá para ter algumas regalias a nível económico... no meu ordenado... temos mais conhecimentos.
18. No primeiro ano, para eng civil, o resto logo se via, viver um dia de cada vez, mas como requer muito capital não há nada, requeria muita cabeça e já tou a ficar par ao queimadito, já tou velhinho, tenho-me safado, sou bom numa outra coisa, mas noutros é uma desgraça.
19. Boa pergunta, neste momento se não for a construção civil, não é mais nada como isto tá, é a construção civil e a agricultura que mexem isto porque se não for isto não mexe nada. Basta reflectir-se um bocado, para a construção civil, requer-se mão-de-obra, logo mão-de-obra dá finanças aquilo e aquilo outro se não houver construção civil não há mais nada, não sei, vive-se um dia de cada vez, depois ve-se...
20. Pensei, também relacionado com os pré-fabricados de betão, onde estive a estagiar basicamente, mas não era cá em Portugal, era Moçambique, segundo a minha ideia, há lá mais oportunidades nestas áreas, e que lá há oportunidade de trabalho e gerir dinheiro. Depois na altura da realidade logo se via, ia haver muitos quês, muitos porquês e muitos contratempos e assim. Porque aqui em Portugal não valia a pena abrir, não me metia nisso. É viver uma dia de cada vez, é ver se dava, se não ficavas se por cá.

SUJEITO 15

1. O ensino profissional foi uma boa opção porque, dá-nos uma melhor acessibilidade para o exterior ou seja para o mercado de trabalho e também porque tenho influências em termos de trabalho na família.
2. Primeiro porque é a EPO, e porque ficava aqui bastante perto de casa, da minha localidade e prontos e também tava numa situação se entrar entrei se não entrar também... ou pró ano ou ia adiando então fui aceite à minha vez e correu bem, e por acaso correu bem, mas nem todos nem todos têm esse tipo de sorte.
3. Então trabalho desde pequeno, nunca fui dado a computadores e dessas coisas todas e pronto, obras construção civil. Por acaso ate me adaptei bem e acho que foi o melhor se não tivesse, tinha apoio do meu pai e da minha família e optei por construção Ajudo a fazer tudo, se é preciso sujar a roupa suja, se é preciso tar no escritório tou, essas coisas.
4. Sim, eu optei já desde de muito pequeno e então já sei, já percebo um pouco, já tenho olho, então vou seguir isto. A minha mãe, pronto, nunca teve assim a experiencia do trabalho teve mas... depois dedicou-se à família, e normalmente é o orgulho do pai que está em jogo e da mãe.
5. Sim, a maior parte deles sim. Dúvidas, fichas de trabalho, apoio, depois das aulas, tarde livres. Se o professor vê que o aluno tem uma certa dificuldade “Então precisas de algum apoio consegues? em casa, esforças-te? Consegues?” se não conseguires eu ajudo-te, ou um dia ou uma hora.
6. Sim, mas não todos os professores, mas certos professores dedicam-se mais um pouco, nomeadamente nós somos uma turma de 19 alunos, e os professores dedicam-se ou pelo menos dedica mais interesse em apoiar certos alunos, numa estimativa de 14, 15, 10, tou a falar porque já vi muitas coisas que tão mal e que batem mal e se calhar os professores tão a ajudar uns a queimar outros Prejudica no âmbito de... já se passou aqui muita coisa, normalmente a minha turma é a mais... a que critica mais a que fala mais. No primeiro ano era para desistir, andava com problemas em casa, mas o meu disse começaram temos que acabar. Então, então comecei a estudar, depois problemas, foi os três anos sempre assim. E depois no 2 ano também quis, porque tava farto da escola, era muita carga horária, não tínhamos tempo nenhum para a gente e era muito complicado, depois chegar a casa à sexta-feira... depois misturei a escola com o trabalho e um bocado complicado. Agora neste terceiro ano já não foi assim tão complicado, mesmo assim também destabilizou um bocadinho, que o meu pai teve um problema, teve internado um mês a tal em Coimbra, e então foi por isso que destabilizou um bocado, tive de me dedicar mais ao trabalho, mas não pondo muito de parte a escola, fazendo os módulos.
7. Sim nas partes técnicas, acho muito bem que estamos a estudar para ser um orçamentista, não vamos estar a estudar para ser um pedreiro de primeiro ou segunda, então pelo menos na parte técnica acho que há esse apoio, temos excelentes professores.
8. Nós não devemos misturar a parte técnica da teórica ou seja há muita coisa que eu aprendi aqui mas também há muita coisa que eu já sei, sabia já tenho na cabeça e que chego aqui e que me ensinam de outra forma e que nomeadamente no mercado de trabalho é outra coisa porque lidam todos com a mesma forma de medição método de trabalho essas coisas. Embora tenham tudo a ver uma com a outra são coisas que não devemos misturar.
9. Sim, acaba por ser mais fácil porque sabemos o conteúdo da matéria ou seja é um módulo numa ficha por ex esta semana não tínhamos testes de módulos novos ou já tava leccionada e então esta semana vou fazer o módulo, vou marcar com o

professor se pode haver uma repetição ou um teste ou um trabalho para se liquidar esse módulo e acaba por ser mais fácil. Há professores que ajudam há outras que não facilitam. Na técnica sempre fui bom agora na teórica é que... Se tiver que fazer faço.

10. Nós nas aulas... inclusive os professores mostram os tipos de materiais para fazer certos trabalhos, dão nos a conhecer novos materiais e materiais antigos e dão-nos um pouco a conhecer a história da construção. Sim, sim, isso é normal, são dinâmicos.

11. Neste momento não Sim teremos mais capacidades ou menos, aprendemos mais, é outra forma de recebermos as aulas.

12. Muito fácil (risos).

13. Porque prepara-nos melhor para o mercado de trabalho e dá-nos a oportunidade do 12 ano e um curso profissional e um certificado de curso no final e penso que é uma boa escolha e por causa da família dos princípios e a trabalhar desde novo nesta área.

14. Já, por um lado é cansativo por outro não. Gosto de fazer medições de moradias e na parte prática faço praticamente tudo... desde pavimento industriais. Se uma moradia tem um bom pavimento industrial dá um ênfase, acho que fica.... Gosto, principalmente se for eu a fazer, é um bocadinho duro.

15. Sim, ex entrar mais fácil no mercado de trabalho, por isso escolhi este curso.

16. Não, nunca coloquei a hipótese. Nunca me chegou a cabeça

17. Sim um dia mais tarde, gostava de seguir eng civil para já não acabar o curso este ano e gostava de entrar assim mais no mercado de trabalho entrar em contacto com as pessoas com as empresas conhecer... tipo conhecimento, isso manda muito, mais na dureza.

18. Sim, um dia mais tarde Penso que vai ser difícil conciliar depois as duas coisas.

19. Não porque sei que tenho trabalho nesta área Já me ocorreu varias ideias, mas tou convicto que ate porque estou convicto que se não for na teórica como medidor orçamentista é na prática, trabalhar como pedreiro, calha a todos. Em última hipótese, acho que é normal trabalho, há trabalhos bem piores. Embora que o meu pai não me deixe a vontade.

20. Sim, uma empresa de construção civil. Isso é um projecto que decidir quando lá entrar até porque o meu pai tem a empresa a sociedade com um tio meu. Se não for ou opto pelo estrangeiro ou então tenho que me largar no mercado de trabalho sozinho, tenho que sofrer tal como o meu pai sofreu.

SUJEITO 16

1. Porque soube que o ensino profissional tem mais saída para o mercado de trabalho e também porque diziam que era mais fácil nas disciplinas, os amigos e isso... apesar de eu não achar isso, porque nós temos uma carga horária muito maior que o do liceu, pelo que eu tenho visto e foi basicamente porque tinha mais saída para o trabalho.

2. Porque é mais ou menos perto da minha casa e por que ouvido falar bem dela e depois quando cá vim tinha umas boas instalações e pronto e gostei.

3. Construção civil como o meu pai é construtor eu tou muito ligado a isso, é a área que eu conheço bem, e também qualquer coisa, pergunto ao meu pai e ele explica-me. Mas por acaso é uma coisa que eu gosto pronto, como fui habituado a nascer a isso, passei a gostar né? Tive de gostar (risos) apesar de ser cansativo e ter muito desgaste é uma coisa que... é família. Mas também gosto da área de arquitectura, porque o meu estágio o ano passado foi num gabinete de arquitectura e este vai ser novamente para arquitectura, é um trabalho... enquanto nós aqui medimos e orçamentamos, lá a gente desenha e modifica casas, coisas que me chamam mais a atenção e também puxamos mais pela nossa imaginação, dá-nos um pouco mais que fazer e não é tão cansativo, porque a medição e orçamento é sempre a fazer a mesma coisa e na arquitectura a gente vai mudando ou é uma estrada ou é uma casa. Quando entrei não sabia bem o que era medições e orçamento, foi mais basicamente por causa do nome que entrei porque eu que eu gostava mesmo era arquitectura, mas também não gosto de estudar.

4. Tive, a minha mãe só disse para eu pensar bem aquilo que queria para o futuro.

5. Sim, nota-se que os stores têm uma relação com os alunos muito próxima, praticamente todos são muito simpáticos e tentam fazer com que os alunos dêem o seu melhor e que consigam passar nos módulos com sucesso.

6. Sim, principalmente a dt ela de facto tá sempre atenta e sempre a tentar ver se fizemos os módulos até porque ela tá sempre a controlar isso. Por ex: nas aulas da stora (dt) perdemos uma hora para ela tar a fazer o ponto de situação com os alunos que é para os controlar mais ou menos e saber como é que vão fazer os módulos que ela quer mesmo que todos acabem o curso. Mas eu acho que não compensa (ir para o ensino superior) porque todos sabem que o mercado tá difícil e que há bastantes engº que tão desempregados, eu pelo menos acho, eu tou a ver entretanto os engº a trabalhar nas obras, não há trabalho para eles. Toda gente sabe que isto está a ir um bocadito para a crise. Porque se tu tirar um curso profissional e depois for para o IPL para condução de obra fico com o nível 5 enquanto que eles na universidade vão ficar com o nível 4 ou não sei o quê e vão fazer muitos mais anos que nós.

7. Eu acho que eles nos preparam para o mercado de trabalho e muitas das vezes abrem-nos os olhos para nos dizer como é que está o mercado de trabalho, os professores de técnicas vão-nos dando dicas, como é que havemos de fazer, às vezes até para enganarmos as fiscalizações, se até o meu pai me ensina... isto tá mesmo mau... e toda gente sabe formas de contornar isto. Por ex: a pressão do trabalho, enquanto nós aqui na escola vamos nas calmas, no mercado de trabalho sei muito bem que a pressão é outra a gente temos uns prazos para cumprir, temos de os cumprir e não pode falhar, enquanto que aqui vamos deixando para o final.

8. Isso na minha opinião há muita matéria que a gente dá que não serve para nada, por ex: português, eu pergunto-me porque precisamos saber de poesia, sim é praticamente cultura geral, mas para quê que a gente quer saber de poesias e de Fernando Pessoa, Saramago e... eu não sou muito ligado à literatura, matemática também damos matérias que... para que eu preciso de logaritmos? Eu não compreendo nada aquilo nem faço questão de compreender essas matérias. O inglês é muito preciso, isso não haja dúvida, na nossa ou em qualquer área e até devia de haver mais línguas, principalmente para construção civil e e cursos assim

porque há muito material que vem de França, Espanha pronto, países assim, que precisamos de comunicar com eles, comunicamos em inglês claro, mas também há muitos que temos de falar ou se formos ao site ou assim temos de compreender a língua. Temos mais disciplinas práticas e ainda bem, mesmo assim temos mais teoria que prática, deveria de haver mais prática nos cursos Na matemática temos relação, físico-química não vejo grande relação, em matemática e inglês há relação.

9. Sim facilita, porque controlamos melhor as nossas notas e nossa média e é um bocado mais fácil porque temos direito às repetições pelo menos a uma repetição por ano, facilita um bocadito, também podemos fazer as melhorias, também não sei como funciona as secundárias, mas pelo menos, eu acho que aqui a gente é mais fácil porque tá dividido.

10. Na parte prática não posso falar, porque eu nunca tive prática praticamente, só agora. A minha prática foi ir para ali e fazer um placar e meter lá uma cenar quaisquer e meter o nome daquilo, os nomes de ferra foi só isso praticamente, não tenho grande prática, ou então ir fazer uma maquete mas isso também não é lá grande prática, apesar que é uma coisa que eu gosto bastante. E das disciplinas teóricas, sim porque os professores de matemática tentam dar exemplos que tenham a ver com a nossa área, tentam fazer os exercícios de modo que encaixem na nossa área. Os power point, chamam-nos mais a atenção do que se tiverem só ali a falar, torna-se cansativo estar sempre a falar, perde-se a atenção toda

11. Acho que tinha a matemática é que prontos e acho que aquilo é matemática A, e a matemática A é bem mais aprofundada que a B, eu não digo que não consigo, com um bocado de estudo ia lá. A português podia ter preparação, mas não sei se o fazia.

12. Não, porque sabemos todos muito bem que o mercado de trabalho tá difícil Não posso trabalhar com ele, ele põe muita pressão em cima e ainda por cima pai e filho como empregado acho que não fica lá muita bom. Vou procurar emprego na minha área, sabe melhor tar no escritório do que nas obras e vou tentar, se não conseguir tenho outra coisa em mente mas é preciso os meus pais autorizarem, quero ir para a Força aérea, mas é desde pequeno, sempre que via aqueles aviões pensava tenho de ir pra ali, tenho de ir para ali, uma cena é que sempre gostava de ir para lá, ou isso ou para os fuzileiros, só que tive a falar com o militar e e ele aconselhou-me para a força aérea tem melhores condições, eu queria ir para piloto e é preciso estudar bastante que eu também não sou capaz de tar quieto no escritório. Preciso de autorização dos meus pais, preciso que eles me financie, a gente entra, sei que recebemos. Mas o problema é que o pai meu pai diz “então quando saíres de lá o que é que tu vais fazer?” mas se eu vou para lá é para lá ficar. Ele não compreende muito bem essa parte.

13. Porque ter mais saídas para o mercado de trabalho Eu acho que quem vai para o secundário é quem quer seguir para a universidade e eu universidade fora de questão.

14. Já.

15. Faz, porque é a coisa que eu vou fazer na vida é em principio no futuro é trabalhar na construção civil, claro que tá inserido no meu projecto de vida.

16. Não

17. Se for continuar os estudos é para o IPL

18. Não

19. Força área, fazer o IPL primeiro.

20. Já pensei fazer uma empresa só de... só em pensamento, não passou disso. Se conseguir arranjar emprego na área, vai ser a minha carreira.

SUJEITO 17

1. Porque era uma mais-valia, porque era mais fácil, era o que pensava primeiro, mas agora vejo que é igual aos outros cursos. Porque no início toda gente dizia que era melhor para o seguimento profissional acho que nesse sentido é fácil. Agora em termos de disciplina, matérias é tal e qual como nas outras escolas. Nós aqui para além de termos os estágios que nos ajudam, também temos contacto com várias empresas. Foi através das consultas de psicologia da escola onde eu estava anterior. Nós tínhamos apoio de psicologia no 9ºano para vermos e sabermos que áreas em que tínhamos mais capacidades.

2. Para além de estar perto de casa tinha boas referencias. Bons professores principalmente.

3. Bem isso é uma longa história. (risos) eu tinha-me inscrito para Recepção, turismo. Como eu fiz os exames para recorrer ao 9º ano a química e a história eu só tinha uma opção que era mesmo construção civil. Não consegui entrar nas outras por causa desses exames. Mas depois recorri com exame a química e passei a história não. Surge através desta oportunidade e também através do conhecimento meu pai, se bem que ele nunca me apoiou bem nesta área, ele preferia que eu tivesse seguido outra área. Mas ate agora tou a gostar. Agora não tenho é média para entrar para arquitetura, era um bom curso. Fui um empurrão, influência dos pais para não perder nenhum ano.

4. Sim, o meu pai não queria que seguisse esta área, ele preferia que seguisse comércio é o que ta a dar mais agora. Construção civil apesar de ter muitas saídas, tá desvalorizado um bocado porque é uma área um bocado cara. E também não há muita estabilidade.

5. Sim, principalmente, não falando de todos em geral é claro. Mas muitos dos stôres das disciplinas técnicas, muitos dos stores são prestáveis connosco, ajudam-nos. Eles ajudam-nos com tudo um pouco, sei lá em termos de trabalho e a nível pessoal também.

6. Os da área técnica sim, os outros não são tao próximos.

7. Explicando se tivermos duvidas, nos hoje tivemos o professor Mauricio, nós podemos lhe perguntar as coisas 500 vezes que ele explica 500 vezes. Se calhar muitos stores noutras escolas não o faziam. Eles preocupam-se em ajudar-nos e em tirar as duvidas que temos.

8. Acho que sim, porque a maioria das coisas que se faz aqui, faz-se lá fora. Nas empresas, nós trabalhamos mais a base de medições, e lá fora estamos preparados para fazer as medições nas empresas.
9. Talvez porque não damos a matéria junta como dávamos anteriormente, acho que ajuda um bocado. A matéria acaba por ser a mesma, a forma como esta dividida é que nos ajuda mais um bocado.
10. É assim, eu falo pelo curso do terceiro ano, porque o nosso primeiro ano, não foi nada como esta a ser este agora. Porque eles tao a ter aulas páticas, nós nunca tivemos, eles começaram a ter medições no 1º ano, nós só começamos no 2º ano. É assim para eles está ser uma mais valia para eles. O terceiro ano, tem um bocado falta de materiais, falta mais prática. Nós agora é que estamos a ver o que nos falta por causa dos trabalhos.
11. E assim, eu já escolhi. Em matemática e em português, eu acho que sim, basta estudarmos mais um bocado nas férias aprofundado Eles têm matemática A e nós não, mas se nós temos o objetivo conseguimos como eles.
12. Com esta crise? Talvez não sei. Não sei muito bem. Nesta área não, por enquanto não, mais tarde não sei. Vai ser difícil, porque as empresas tao a falir.
13. Como já respondi, por ser mais fácil
14. Não
15. Sim.
16. Já, para artes, para fotografia Dá pra pensar... sei lá.. cativa. Fotografar mesmo, fotografar mesmo, tudo. Faço quando tenho tempo. Eu gosto mais quando elas ficam bem logo à primeira não gosto muito de andar lá a mexer. Há relativamente pouco, tempo do 7º, 8º ano. Em Tomar em Lisboa e no Porto há escolas.
17. Em princípio se tudo correr bem Ainda não... depende como correr, mas se fosse era a nível de fotografia. Já pensei em arquitetura, mas a média é muito alta.
18. Pensei este ano, só. Hoje em dia só com 12º ano não chega, para além de ser uma boa base, não se vai a lado nenhum Se bem que as empresas pedem mais pessoas que não sejam licenciadas, que assim não pagam tanto. Eu vou tentar continuar, porque também é muito caro, nem que eu tivesse que trabalhar aos fins-de-semana.
19. Em fotografia, se bem que também não tinha muita saída, também há muitos cursos, nem que se tire um curso em hotelaria, turismo, por aqui na nossa zona, é uma zona forte digamos assim
20. Já, porque tinha apoio familiar, em termos da construção do próprio negocio, em termos de empregados ou assim. Se calhar traz-nos mais valias do que trabalhar por conta de outrem, eu acho que sim. Por ex, eu falo mais por experiência por parte do meu pai, tipo em termos de... de... não sei como explicar. Tipo isto é difícil (risos)

SUJEITO 18

1. Porque queria ter 12 ano, e como já tinha tado no 9 ano num curso era de mecânica de veículos ligeiros. No oitavo ano o meu director disse que era o melhor, tinha passado para o 9 com uma negativa, acho eu e ele disse para ir e depois fui Fui ver os cursos que havia, queria desing mas só abriu no ano a seguir e para não ficar um ano sem fazer nada e vim para aqui e o objectivo era só mesmo ter o 12º ano. Dizem que não sou burro, mas o meu problema é não querer estudar nem tar com atenção porque de resto, o meu problema é não querer estudar, não é uma coisa que me puxe, não me motiva. A parte que gostava mais era de ciências aí tinha boas notas 4, 5 a ciências, mas as outras não gostava. As ciências motivam-me, era ciências e geografia.
2. Também era a que ficava mais perto de casa para ir para Leiria, Batalha não ia. E na altura disseram que esta tinha o curso de design, tinha só que era só de três em três anos. E como já aqui estava vi o curso de construção civil, disseram-me que também tinha partes de design e têm e então decidi ficar.
3. Também porque queria o 12 ano Agora sou obrigado a não ter só o 12 ano, mas com o problema das costas não me posso ficar... porque o curso... é assim porque no 1º ano andei.. não ligava nada a isto e pensava como no 2º ano ia abrir o curso de design pensei ainda em mudar, mas depois perder mais um ano também não ia ser bom e então fiquei à mesma e vou ter que continuar.
4. Sim, foram eles que até disseram para ver os cursos que havia na altura Com aquilo que também aprendi no 9 ano também não dava, não dava mesmo nada, a matemática que dei no 9 ano, foi o resumo do 8º ano basicamente, por isso não dava para nada, por isso era a única oportunidade. Eles até gostavam que eu continuasse a estudar. Tava a pensar acabar isto e ir tirar um cet e depois seguir para o Porto, tenho lá namorada e amigos, tem de ser.
5. Acho, por acaso acho mesmo, e ajudam bastante, uma pessoa tem direito a uma repetição e se não passarmos nesta repetição, falamos com o professor, eles fazem de livre vontade. Querem que a gente passe. Tiram-nos dúvidas, ajudam-nos durante as aulas, se tivermos dúvidas é só dizer que esclarecem, acho que sim.... Explicam. Gosto do ambiente professor aluno.
6. Sim, motivam-nos. Eles mostram-nos para acabar o curso, a motivar Mas não sei dar exemplos agora.
7. Sim, a matéria que nos dão e a matéria que nos ensinam. A maneira como explicam a maneira como mostram as coisas de trabalhos a maneira como interagem connosco, sim eles preparam. Sim, dão exemplos de colegas nossos que já acabaram e que estão no mercado de trabalho, bem colocados
8. Sim, acho que até há relação.
9. Acho que é basicamente igual, porque por exemplo enquanto que... aquilo que eu sei e penso que não está errado, não sei. Se uma pessoa continuasse no ensino secundário, por exemplo no 1º período, poderíamos tirar negativa a uma disciplina ou algo do género, não é? No período a seguir se tirasses positiva até se calhar no final até tinhas positiva. Neste caso não, se tirarmos

negativa num módulo, esse fica até ao fim, até o fazermos. Acho que por algum lado é igual ou até custa mais um bocadinho, não é que seja mais difícil mas deve ser igual.

10. Parte prática foi só nas oficinas no primeiro ano e foi muito pouco, agora de resto acho que sim, tá bastante bom. Os retroprojectores ajuda bastante, sim, temos o material necessário. Por exemplos nas apresentações de trabalho, os power point por exemplo, sobre a pap o nosso professor de orçamentos mostra-nos como é que temos de fazer uma coisa liga isso, mostra aí e ficamos a saber como se faz. Em vez de tar a escrever no quadro, mostra-nos directamente no power point. Até se for preciso passamos as coisas para vermos.

11. Neste momento não. Porque a matéria como matemática e português que é diferente, não damos algumas coisas que dão no secundário. As vezes os professores dizem que se quiséssemos fazer os exames que as vezes era melhor ter mais um ponto da matéria, há matéria que não damos. Mas a matéria que se dá aqui, também não chega. Mas se nós quiséssemos eles ajudavam.

12. Da maneira como está, não sei... não sei mesmo. Devido ao problema que tenho, tudo o que seja com esforços não posso. É assim, posso ir também para um gabinete de arquitectura ou para uma empresa de orçamentos e medições, acho que não tem assim, grandes esforços, o nosso trabalho é como viu aqui na pap basicamente

13. Porque não dava. A base que tive no 9º ano não dava para o 10º ano nunca na vida.

14. Nunca. Quando vim para aqui não sabia nada de construção civil. Não é um curso que me puxe muito, é mais a área de design é a parte que me puxa mais. Alias se eu acabasse gostava de ir para design de interiores, já tenho bases em autocad se continuar já vou ter bases. Gosto de design e de design de interiores, daquilo que já vi fazer e daquilo que já fiz em programas de computadores é um trabalho de uma maneira interessante. Se for a área é essa que queria seguir, ou então uma área que tenha a ver com mergulho, só que não posso, por isso tem de ser mesmo essa. Tenho curso de mergulho e por isso é que queria ir para a marinha para mergulhador.

15. Não faz nada Tirando a parte que já trabalhei com autocad, não faz nada. Teve ser de ser, também não ficar só com o 9º ano, aliás 8º ano, não foi com aquilo que aprendi no 9º ano que.... Teve de ser.... Se calhar na altura tinha experimentado o ir para o 9º ano, a parte de ciências no 8º ano foi boa, tinha continuado para o 9º ano, depois no 9º ano via como corria, se corresse bem tentava o secundário, se eu tivesse chumbado no 9º ano era certa que acabava, agora se eu calhe a não chumbar no 9º ano tina continuado, não havia problemas.

16. Já, era para design Mas também não queria perder mais um ano. Acabei por gostar as disciplinas de design

17. Gostava, tem de ser, tirar um cet em design de interiores, no ESAD em Matosinhos. Acho que através de um cet posso concorrer.

18. Agora desde Janeiro do ano passado, foi quando me aleijei, e por isso tive de pensar. Se eu quisesse para mergulho precisava do 6º ano só para mergulho, eu podia nem sequer acabar este curso, podia fazer se eu quisesse, tinha entregue agora exames para ir fazer provas entretanto e se passasse na marinha podia tirar o 10ºano, 11 e 12º ano e seguir para a frente. Sempre gostei do exército, tenho lá família e todos os desportos que fiz, eram desportos que me ajudavam a entrar.

19. Sim, tem que ser, design. Lá para cima vou de certeza. É acabar o estágio, fazer o módulo em atraso e sigo para lá.

20. Não, também não é uma área que me puxe Design não me importava se se continuar e acabar o curso conforme as notas acho que sim apesar de isto não estar lá muito bom. Mas acho que no início trabalhava por conta de alguém de depois como corresse abria.

SUJEITO 19

1. Porque na altura não gostava muito de estudar e queria começar logo no mundo do trabalho assim que acabasse o 12º ano e gostava do curso também foi uma coisa que me chamou a atenção e como estudar também não era o meu forte decidi vir para esta área, restaurante e porque tinha oportunidade de começar a trabalhar no final dos 3 anos de curso.

2. Porque era que estava mais perto de casa e já tinha ouvido falar da escola e também não tive muita informação de outras escolas e também ouvi falar bem desta escola diziam que era a melhor desta zona. Como já ca tinha uma prima.

3. Porque tem bastante contacto com as pessoas e posso utilizar bastante as línguas estrangeiras que é uma coisa de que eu gosto. Foi também porque também já tinha trabalho num café, pode não ter muito a ver e o facto também tá assim, não sei, em contacto com as pessoas, gosto, já não gosto de estar em sítios fechados e não gosto de tar muito parada e fui um curso que achei na altura tinha a ver comigo.

4. Sempre me apoiaram para tudo aquilo que queria. Tenho uma prima que também tirou aqui o curso e amigos.

5. Sim, em geral os professores dedicam-se aos alunos as vezes até demais, porque esforçam-se mais que os alunos para que eles possam fazer os módulos. Muitas vezes os alunos não se importam por não realizar os módulos e então os professores estão sempre em cima dos alunos para que eles façam os módulos para acabar o curso. Acho que existe uma empatia entre os alunos e os professores, existe uma boa relação, se calhar mais com alguns professores do que outros, mas em geral sim.

6. Depende, eles também veem quem é que tá aqui só para o 12º ano e quem quer seguir, quem quer seguir eles dão apoio, disponibilizam-se para ajudar naquilo que for preciso.

7. Sim, em termos prática e os serviços. Muitas vezes eles não podem fazer mais porque é o programa do Estado porque eles têm que seguir as regras e muitas vezes se não fazem mais é porque não podem.

8. Alguma, há muita coisa na teórica que depois na prática não fazemos, por ex as vezes nas línguas nós falamos, há coisas que não damos e que devíamos dar, mas isso é como eu digo, não é culpa dos professores. Há coisas mesmo em restaurante que acabamos por dar mas depois na prática aqui nos restaurante pomos, mas depois lá fora não se põe nada em prática, tem a mais a ver

com a parte de etiqueta como se pœ uma mesa e lá fora não se fala disso, só naqueles restaurantes mais chiques e mais gourmet é que faz essas coisas. É importante termos as noções básicas. Mas desanimamos porque andamos a aprender para depois não pôr em prática.

9. Por ex temos que estudar tal e qual como se não fosse por módulos, mas não estamos com tanto stress com aquela matéria do início do ano que temos de saber agora. Por ex restaurante é uma coisa que é posta em prática, vamos lembrando. Mas há outras disciplinas onde a matéria não é tao necessária, é feito por módulo tudo bem mas a matéria acaba sempre por aparecer nos outros módulos, mais ou menos acabar por aparecer. Mas claro que todos nós preferimos assim, mas um outro lado temos desvantagens porque não podemos tirar negativas e as pessoas muitas vezes têm uma noção errada porque pensam ah é mais fácil porque é curso profissional e é por módulos, mas aqui não podemos tirar negativas porque podemos não acabar o curso por causa de um único módulo. Há muita gente que tem uma noção errada porque pensa que o ensino profissional é mais fácil porque é feito por módulos e porque temos a pratica e assim, mas não nós temos de estudar tal e qual como se fosse o ensino regular e enquanto no ensino regular se pode tirar negativas nós aqui não porque depois não passamos, porque apesar de passar todos os anos, depois se temos um módulo em atraso não acabamos o curso e cada disciplina tem a sua dificuldade e cada curso tem a sua dificuldade. Quando vim para aqui diziam, então vais para ai é fácil porque os cursos profissionais são fáceis. Porque também era a sensação que tinha quando vim para aqui.

10. Depende das disciplinas, a disciplinas que acaba por ser um bocado por ex em restaurante temos de dar a teórica tudo bem, mas acabamos por tar mais.... Porque nós queremos é prática, mas é assim, que aquilo tem que ser dado. Há disciplinas há muita teórica, por ex gostávamos de ver mais alguns filmes ou assim.

11. Eu inscrevi-me para o exame de português e economia, se eu for a estudar só por aqui, não estou minimamente preparada nem de perto nem de longe. A nossa professora dizia cada vez mais tema vida facilitada porque este anos os livros foram modificados e as perguntas feitas, pareciam mesmo perguntas da primária, tinha perguntas e tinha linhas em baixo para respondermos e as perguntas eram basicamente as respostas.

12. Se for com este curso, se calhar não sei, isto agora ta mau para todos, agora há bastante desemprego, é verdade que é preciso procurar bem. Se calhar é mais fácil encontrar nesta área do que noutras áreas por ex um professora ou qualquer coisa assim do género é muito mais fácil encontrar em restauração nem que seja só part time e uma pessoa tem que ajustar um bocado aquilo que há.

13. Porque queria trabalhar logo a seguir ao 12 ano, achava que era mais fácil também têm a ver por aí e não gostava muito de estudar. Chateava-me tar a olhar para os livros e não via resultados e isso aborrecia-me.

14. Mais ou menos, num café nas férias. Trabalhei num restaurante.

15. Não muito, porque inicialmente o curso era um bocado diferente daquilo que eu pensava, porque depois também me desmotivei um bocado com o curso porque não tenho muita força de agarrar nas travessas e desiludi-me e acabei por desmotivar um bocado. E uma pessoa chega aos trinta anos e já não dá mais. já vi pessoas mais velhas a trabalhar nesta área, mas depois começa-se a ter problemas de coluna depois uma pessoa já não a mesma velocidade e se uma pessoa ficar desempregada com essa idade é super difícil. Acho que não pensei bem nisso

16. Sim, eu quis desistir do curso porque não me sentia bem, porque não conseguir com as travessas e não me tava a motivar o curso e depois continuei e seguir universidade não é nesta área que estou a pensar seguir.

17. Sim, porque tomei o gosto ao estudos e agora gosto de estudar, agora sou um bocado, há pais que dizem aos filhos para estudar os meus dizem para parar de estudar e para me divertir um bocado. Eu não saio e estou sempre a estudar, para mim menos de 15 é negativa. Mas eu gosto de ver as notas... os 17... mas há sempre aquelas disciplinas... português não consigo, pode ser fácil e não quero dizer que uma pessoa não tire boas notas. Onde tiro boas notas é a restaurante. Mas agora sinto-me nova para ir trabalhar, agora gosto de estudar. Aqui na escola cresci bastante, nesta escola crescemos bastante porque começámos na vida profissional e dá-nos outra visão. Gosto de aprender e quero aprender mais.

18. Sim, não sei, isso é que é o problema. Só sei que quero alguma coisa com o contacto com pessoas, tava a pensar qualquer coisa como comunicação, mas não há saída e não tive bases, não tive em humanidades para isso e não há saída nessa área. É isso que ando a ver, ando a ver cursos.

19. Sim, vou tentar estudar se não conseguir entrar na universidade vou trabalhar. Ou encontro trabalho na área, parada não vou ficar.

20. Não tou a ver a ter o meu próprio negocio.

SUJEITO 20

1. Tive em informática, mas não tava na área que eu gostava, entretanto através de amigos tive conhecimento do curso, despertou-me bastante a atenção e descobri que era mesmo isto que eu gosto. As minhas notas lá, era mesmo para escapar à negativa, era 11, 12. E depois tive conhecimento e sempre foi uma coisa que me chamou a atenção parte de restauração, hotelaria, e pronto corri o risco e gostei.

2. Tive conhecimento, foi a primeira opção, senão tinha a opção de Penafiel, mas altura só concorri mesmo para esta, não foi para mais nenhuma.

3. Sempre gostei, como que é que hei-de explicar? Não sei... gostei vim (risos). Gosto da parte de interação com os clientes. A parte de servir talvez, a parte do bar. Desde de servir o cliente, apresentar a ementa, servir convencionar a frente do cliente a parte de bar, tudo.

4. Sim, sim, se era o que eu queria, eles apoiaram.

5. Sim, acho que sim, qualquer dúvida, qualquer problema profissional ou pessoal, eles estão cá para nós, pelo menos não tenho tido queixa. Por exemplo se nos veem mais em baixo a perguntar o que é que se passa, se precisamos de alguma coisa, se queremos falar. A nível profissional, eles querem a gente dê o nosso melhor para sairmos daqui uns bons profissionais.
6. Sim, sim. Muitas vezes puxam mais por aqueles que se estão a baldar um bocado pra parte teórica, é aqueles que querem a prática e que as aulas são uma seca e pronto. E é o que eles dizem, o curso tem de ter a parte teórica e a parte prática, mostrar-nos isso e puxarem-nos por isso.
7. Sim, principalmente, se calhar os chefes do curso, que nos dão uma longa listagem de exemplos, dão-nos exemplos reais pronto. Que nós estamos a aprender assim porque é assim e que vamos usar quando formos lá para fora. Uns estabelecimentos por ex as limpezas de materiais difere muitos de uns para os outros.
8. Sim, há, definitivamente, nem tudo o que é teoria é prático por um lado. Mas sim, muitas coisas e vimos pelos testes que fizemos, tudo o que pusemos em prática escrevemos nos testes praticamente. Por ex a de restaurante, já fizemos um teste sobre os vários tipos de serviços que existem e como é que se efetua cada uma deles, vemos e praticamos. Por ex em gestão controlo, isso, quer dizer depende do ponto de vista, mas a realização das fichas técnicas por causa das ementas. O português, tem de ser dado pronto (risos).
9. Eu acho que facilita e bastante, por ex eu já tive no secundário e a junção por ex dos três testes é que me dava a nota final do período, ou seja eu praticamente tinha que me esforçar, não é que aqui não me tenha que esforçar, mas tinha que me esforçar muito mais do que aqui. Porque aqui basta-se centrar num teste de cada vez e acho que é muito mais fácil aqui. Mais fácil que no secundário.
10. Acho que não há muita variedade no método de como os professores dão as aulas, não sei se é porque há falta de meios, ou as aulas tem de ser mesmo assim. Mas se calhar desmotiva uma bocado os alunos, estar ali sentado a ouvir o professor. Podiam interagir mais um pouco, variedade a interagir a forma e apresentação das aulas, dar mais ex praticas, coisas desses géneros.
11. Acho que sim, pelo menos... com os professores que temos. Eu inscrevi-me, não é que venha fazer, mas inscrevi-me, e inscrevi-me a matemática e sei que a professora se disponibiliza para me ajudar.
12. Isso depende muito... por ex pelo o que se ouve dizer obvio não tá fácil arranjar emprego, mas por outro lado dizem que a área de restauração é uma das maiores, se assim se pode dizer. Penso que sim e como vamos ter um estágio de 3 meses é aproveitar quem quiser seguir, é aproveitar esses três meses se a entidade aceitar, espero não ter problemas sinceramente (risos).
13. Não sei, tinha muita desmotivação em lá andar, tanto que depois tive de fazer um estágio de 2 meses ou 3 meses penso e não me puxava nada pra aquilo e foi como eu disse tirava más notas. E não fiquei com o curso acabado porque tinha matemática e fisico-química em atraso e sabia que fisico-química nunca mais recuperava, desse por onde desse, era impossível. Tanto agora matemática tiro notas muito melhores notas do que tirava antes. E pronto a relação com os professores, não havia tanta motivação.
14. Cheguei a trabalhar no verão antes de entrar para aqui num café-restaurant, mas também não tive lá muito tempo, tive lá dois meses e de resto foram os estágios.
15. Sim, sim, porque é isto que eu vou seguir, espero. Se calhar não me vejo a ter esta profissão 9 ou 10 anos seguidos, isso para mim era horrível. Daí um dia ou entretanto ir tirar gestão hoteleira e um dia dizer basta de tar só a servir a mesa ou tentar subir um pouco mais, fazer algo mais do que isto, mas sim, é isto para começar. Mas sempre depois dentro da hotelaria. O meu objetivo não é ficar em Fátima a servir num hotel durante não sei quantos anos em Portugal, se é para servir a mesa anos infinitos que seja para ter um bom currículo e não me contentar apenas com esta zona. Tanto que aproveito os estágios, estive a estagiar na Madeira o ano passado e este ano vou para Espanha, sou ambiciosa pronto. (risos) Para mim faz-me confusão como é que alunos, vejo da minha turma e das outras turmas, por ex ir estagiar como vou este ano para Espanha, é uma oportunidade que temos tudo pago, tudo bem temos que pagar a viagem, neste caso dão-nos alojamento e tudo, mas pagam-nos o estágio, mas são oportunidades que se calhar são mais fáceis de ter agora enquanto estamos na escola do que depois, é aproveitar. Por ex acabo o estágio e venha ou se conseguir ficar lá um anos ou dois já era muito bem venho e depois vou outra vez lá para fora certamente se tudo correr bem. Para mim é contentar-me com pouco, muitos da minha turma vão para Lisboa, mas é pouco.
16. Desde que vim para aqui não.
17. Sim, em gestão hoteleira.
18. Sim, em gestão hoteleira.
19. Não, noutra área não.
20. Quem é que não tem essa vontade? Ter um restaurante próprio era incrível, mas não é assim tão fácil. Gostava, porque é uma coisa nossa trabalhei x anos e este é o fruto do meu trabalho, é diferente do que tar a trabalhar num sítio que não nos pertence. Mas claro era incrível.

SUJEITO 21

1. Porque pensei que fosse bem mais fácil para tirar o curso, e que não tivesse que estudar tanto em relação aos outros. Cheguei à conclusão que se tem que estudar na mesma, embora não se tenha que estudar tanto, tem que ser, tem que haver sempre um esforço da nossa parte. Porque no secundário seria mais difícil e como nunca fui muito boa aluna. Nunca me deu para tar muito agarrada aos livros.
2. Porque tinha colegas meus que estudavam aqui e disseram-me que a escola aqui era boa e pronto. Tinha boas condições, que era uma das melhores escolas.

3. No início quando vim para aqui tava a nora, não sabia se havia de escolher cozinha ou restaurante bar, mas depois fui às entrevistas a senhora teve lá a ver as minhas notas e assim e depois viu que na altura tinha tido boas notas às línguas, média 4. E que para tar numa cozinha fechada não valia a pena, que era melhor restaurante por causa das línguas, mas não me arrependi. Sempre gostei mais de restaurante, contactar mais com as pessoas e não tar sempre parada atrás de um balcão, andar assim de um lado para o outro. Sempre gostei, e também tinha curiosidade quando via as pessoas a meter os talheres e as vezes quando ia aos casamentos via os talheres e para que eles servem. Depois vim para aqui e às vezes quando vou ao restaurante e vejo as pessoas a meter as mesas e metem mal, e na altura não percebia mesmo nada, agora já percebo.
4. Sim, tive a minha mãe veio cá trazer varias vezes, pronto deixaram-me seguir os estudos.
5. Acho que sim, nós é que às vezes somos assim um bocado.... para eles. Por ex as vezes os alunos é que não se esforçam o suficiente e então aí é que pensam que os professores não prestam ou se desleixam, é por causa disso.
6. Motivam, alguns se calhar ficam mais calados e querem que a gente continue e isso assim, mas se calhar não dão tanto em apoio. Há uns que demonstram mais do que outros. Eu tenho dois módulos em atraso e alguns dizem, vá só te faltam dois, tens de fazer isso para despachar.
7. Sim, dão-nos bastantes ferramentas de trabalho acerca da linguagem eu temos de utilizar os meios que temos de ter para que as coisas corram bem. Dizem que por ex em restaurante aplicação que é assim porque e na escola e lá fora é completamente diferente.
8. Mais ou menos, sinto que há algumas disciplinas que não era necessário estarmos a ter porque quando acabar o curso sinto que a maioria das disciplinas que nós tivemos não vai ajudar se calhar na minha área. Por em português as coisas que estamos a dar de Memorial do Convento Fernando Pessoa eu acho que isso não vai ter nada a ver com a minha área de restauração, talvez ajude para a cultura e não acho muito necessário. Acho que devíamos de ter mais línguas, não só francês e inglês.
9. Mas mesmo assim por módulos é um bocado difícil porque os módulos se tornam um bocado extensos e aí temos de dividir por uns dois ou três testes, mas pronto é melhor do que só ser no final do período.
10. Dantes era pior, era só ler textos nos livros e esquemas no quadro, mas depois quando os professores fizeram os inquéritos de como os professores deveriam de dar a matéria nas aulas nós dissemos que devia que ser aulas em áudio e agora já fazem power point e isso assim. Tentam motivar-nos dessa maneira para termos mais atentos.
11. Por um lado ter, teria mas, acho que não porque não em ia esforçar ao máximo. Quero deixar os estudos por aqui, quero começar a trabalhar. Sim, temos as bases preparadas.
12. Por um lado penso que sim, por um lado penso que é difícil, as vezes quando é no nosso último ano de estágio, nós temos o estágio deste ano que é de três meses e normalmente se as pessoas gostam de nós, chamam-nos para trabalhar. Ah outras que se calhar não dizem nada e temos que andar aqui e ali a procura de trabalho e se calhar não aceitam por ser a primeira querem pessoas mais experiente.
13. Porque acho que a meu ver o ensino secundário é mais difícil que o profissional, acho que sem duvida mesmo. Eu sinto que se estudar mais tempo não me vou aguentar vou dar despesas aos meus pais para nada.
14. Já, trabalhei num café lá minha terra, durante a semana alguns dias.
15. É, porque como já disse, gosto desta área, gosto de socializar, conhecer novas pessoas, novos contactos de trabalho.
16. Não, mas já pensei, no fim de acabar o curso, tirar outro, florista. Porque a minha mãe já foi florista mas nunca teve assim nenhum curso e as vezes tinha que ficar na loja sozinha e fazer arranjos de flores sozinha, pronto fui-me habituando e fazer os arranjos e saber mais sobre isso.
17. Não, só se fosse um curso pequenino.
18. Não, já pensei porque só gosto daquela parte de andar com farda.
19. Eu já pensei se não conseguir arranjar trabalho nesta área gostava de ir trabalhar para um loja de roupa ou para florista, porque sou fanática por roupa, sapatos e isso assim.
20. Isso ia ser um bocado complicado, mas ia valer a pena, mas talvez florista.

SUJEITO 22

1. Porque depois eu tava no 10º ano e o Micael que teve aqui antes, é da minha terra e ele já andava no CEF e depois eu disse-lhe que tava farto de aquilo e que se calhar até ia para outra escolha, se calhar para Torres Novas, para desporto era para ir para lá. Mas eu já trabalhar aos fins-de-semana nos hotéis aqui em Fátima porque a minha mãe é cozinheira. Depois tava-me para ir inscrever e ele disse-me “vai abrir um curso de hotelaria” lá no CEF mas eu não conhecia e ele disse que havia lá umas instalações que era a EPO e que tinham cursos de restaurante e bar e como ele tem um café... e com a minha mãe ia sempre trabalhar com ela e safava-me naquilo. E depois ele disse aquilo e fiquei a pensar e fui perguntar a minha mãe “se for não te importas?” e ela há muitos anos que trabalha nisto. E depois ela disse se tu quiseses é bom tem muita saída tem emprego e depois vim e inscrevi-me e soube logo os resultados.
2. Por se calhar não ter informação de mais nenhuma.
3. Quando comecei foi no 12 e 13 de Maio aqui em Fátima, isto é de loucos, e o patrão disse que quando precisasse me chamava e um dia passei lá e ele disse para semana tenho cá muita gente vens cá trabalhar para ver se te desenrascas depois fui e correu bem e gostei e gosto bué de tar lá na parte de bar e correu bem e continuei... continuei. Depois já fazia sem problemas, já

gostava, se medo de entornar alguma coisa ou de deixar cair alguma coisa. E foi assim, depois vim para cá para o curso de restaurante.

4. Sim, tive. Eu queria desporto mas ela nunca achou boa ideia eu ir para desporto. Quando andava no São Miguel ali, fui para humanidades e depois quando anulei era para ir para desporto, só que como isto foi tudo muito junto eu depois pronto, que seja, e depois amigos e não sei quê e já conhecia aqui muita gente. Mas agora não sei se escolhia isto ou desporto, mas já está já está.

5. Dedicam, dedicam, nem todos mas há muitos que se preocupam mesmo connosco. Por exemplo a minha Dt a última vez, foram as PAP's esta semana e ela esta semana teve-nos a dar na cabeça mesmo porque ela tem sido júri, tá a avaliar, e tem nos dado na cabeça para a gente se preocupar, e muitos stôres também ajudam.

6. Depende, lá está uns sim outros não, há outros que é assim, “não queres fazer não fazes” queres, queres não me tou a preocupar. Mas a maior parte sim, diz que é importante seguimos a nossa área.

7. Mais na prática de restaurante, mesmo na disciplina só. Os professores, mais ligados à área de inglês, português, isso não porque não têm muito a ver com o mercado de trabalho. Nós na de restaurante estamos a lidar com o público, o ambiente de trabalho é bom.

8. Alguns stores não, tipo inglês, a store não quer saber, ela não nos vai preparar de modo nenhum para o mercado de trabalho. Não é como matemática que damos porrada de coisas que aquilo não interessa para nada para a nossa área mas nós temos de dar. Inglês a única coisa que damos é os alimentos e as confecções tal como francês de resto... Fizemos um francês numa aula um menu em francês.

9. Vai dar ao mesmo, só muda a possibilidade de termos uma segunda chance, eu no S.Miguel, fazia o teste, tinha negativa, tinha negativa. Mas é diferente lá no S.Miguel tinha uma carrada de matéria era muita matéria diferente e era complicado ter positiva por exemplo, e era logo negativa no final. Aqui não, temos os módulos, pouca matéria de cada vez, torna-se mais fácil.

10. Sim, devido às condições sim. Agora vá lá, vá lá, tão um bocadinho melhores, muitas vezes precisamos do pc e não há pc, nós, é que temos sempre pc's. Por exemplo precisamos de umas colunas, nunca há colunas na escola. Agora já há.

11. Não. Porque este ensino é mais fácil, é completamente diferente. Ou não é por ser mais fácil é menos rígido porque aquilo no S.Miguel era rígido. Para quem não gosta de andar na escola é mais fixe.

12. Sim, (sobre o estágio) tem garantido, em Torres Novas, Fátima e Leiria, só que eu dançamos e é complicado por causa dos treinos, nós treinamos às 4ª e às 6ª e é complicado hotelaria é sempre almoços e jantares, por exemplo tenho campeonatos nacionais ao sábado, não é todos, mas... é o dia todo. Depois quando a minha vida já tiver de ser... se não der, não deu. Se tiver o estágio, tenho.

13. (pergunta não realizada)

14. Sim, depende do estabelecimento, mas sim, depende do sítio, não gosto de ir para aqueles restaurantes que são meio manhosos. Se é para ser com qualidade, é com qualidade. Há muito pessoal que vai daqui, vamos para aquele hotel é buffet, para não trabalharem. Porque é mau para nós fisicamente e psicologicamente porque nós estamos a trabalhar para nada, estamos a trabalhar simplesmente para ter uma nota de estágio, e não vamos ser remunerados e vamos estar a gastar dinheiro se alugarmos casa ou assim. Buffet, faz-se bem é só repor, levantar os pratos e vamos embora, já é fixe não nos pagam, mas a gente trabalha pouco, é assim o pensamento. Se os estágios fossem remunerados era diferente. Mas é complicado por ex: o Luís Tomás vai para Espanha, se eu vou para Lisboa, tenho de pagar casa, e há hotéis em que não dão alojamento nem alimentação. Gostava de ir para o Algarve, Lisboa.

15. Talvez, sem certeza não. Porque é só por uma razão, sábado e domingos e todos os meus amigos é quando os meus amigos estão em casa e eu faço exactamente o contrário, fim de semana tou a trabalhar. Por exemplo quando tiver no mercado de trabalho, os amigos estão a trabalhar de semana e eu ao fim de semana e vou ter folgas rotativas. Eu ao sábado e domingo não gostava de tar do lado do balcão, gostava de me divertir.

16. Desde que entrei, não.

17. Depende, gostava de ir um ano para a faculdade. Só um ano para a borgia, não era para estudar. Não. Pensei num cet, mas ainda não sei. Nem quero chatear os meus pais por causa do dinheiro, talvez um ano e depois ir tirar um cet. Mas é difícil trabalhar e estudar ao mesmo tempo.

18. Só para a borgia.

19. Sim, na dança. Até me safo bem. Até já falei com a minha madrinha sobre isso, e disseram-me para ir ver workshops sobre dança para tar mais.... E para depois se eu quiser fazer devagarinho, para apostar. Porque não é fácil e aqui em Portugal cada vez menos. E é uma área com muitas discrepâncias, começamos com 40 pares e agora somos 20.

20. Possivelmente um bar. Porque não é um sítio com tanto movimento como numa discoteca e é um sítio em que podemos tar com um grupo de amigos mais à vontade, sem exagerar muito, é mais calmo, da para estar e conversar, numa discoteca é diferente.

SUJEITO 23

1. Foi segunda opção, porque eu era para... queria tirar o curso de música, mas como na altura não tinha saída, pelo menos foi o que me disseram, tive que optar por outro curso e optei por um curso profissional. A directora lá do colégio é que disse que não tinha saída então foi mais por isso. Depois optei por um curso profissional, era mais fácil entre aspas (risos) na altura diziam que era mais fácil porque era por módulos, diziam que era mais fácil, não tinha de captar a matéria toda de uma vez como na escola normal, se fosse na escola normal tinha que estudar tudo de uma vez e diziam que era mais fácil vir para um curso profissional, por causa

dos módulos era mais fácil fazer os módulos. Eu pensava ir para o secundário, só que depois como eu gostava muito de música, eu queria ir mesmo para música só que depois foi aquela coisa, “não tem saída, tá tudo mal e a única área mais interessante é hotelaria, e fazia-te bem ir para hotelaria, e já te tou a ver como hoteleira “ a psicóloga da escola onde eu andava, Colégio de S. Miguel e pronto...

2. É a escola mais perto da minha casa, e sempre tive boas referências desta escola, da profissão, a nível de saídas e profissionais, a minha assistente social tinha boas referências, então aconselhou-me a vir para cá. Confesso não estava muito animada quando vim para cá... pensava a “ah e tal vim me meter num curso profissional de hotelaria porque sou burra ” pensava eu, né? E diziam é mais fácil é mais fácil, vai para lá e eu não estava muito interessada porque quando me inscrevi neste curso tava numa de “yah, vou para restaurante bar, ganda seca” é servir à mesa e aturar os clientes e depois cheguei cá e surpreendi-me, não estava a espera., não é só servir às mesas mas o contacto com os clientes, preparação de cocktails, servir à mesa tem técnica. Eu não tava nada habituada a isso, para mim era tudo igual (risos).

3. Por acaso tinha pensado em inscrever-me em cozinha e recepção, mas depois pensei recepção, não me apetece, não tou para aturar os clientes o dia todo, depois cozinha eu não gosto de cozinhar, não gosto nada dessas coisas, então a única opção que tinha era restaurante bar, não tinha de cozinha praticamente, mas tinha contacto com o cliente e eu adoro tar em contacto com o público, já que não pude ir para a música para tar em contacto com o público (lamenta), escolhi uma área que desse mais ou menos para tar em contacto com o público, então foi restaurante bar, cozinha não, estar fechada entre quatro paredes, não é comigo. No início foi servir às mesas, grande seca, chegar lá e meter o prato em cima da mesa, eles comem e tar à espera que eles acabem, achava que era uma seca e tal, mas depois, surpreendeu-me. Não é só servir à mesa, eles comerem. Mas sim a técnica que temos.

4. Da minha família, família, família não. Da minha família lá de casa, porque eu não tou a viver com os meus pais. Então, tive da minha família lá de casa, chamo-lhe família, tive apoio, foram elas que me incentivaram, senão tinha acabado ali a escola. A minha encarregada de educação é a minha madrinha da Crisma, a Maria e depois tenho a assistente social que é a Dr.^a Marta, foi ela por acaso que me deu conhecimento do curso. Eu tava “quero sair da escola, que não quero estudar mais, tou farta de estudar, não quero estudar mais, não quero ir para a escola não quero fazer nada” ele dizia, vais para um curso profissional, vais gostar, e eu não queria estudar, mas depois lá me inscrevi e gostei do curso. Mas foi ela que me deu as informações e me empurrou. Não gostava de estudar, nem sabia, mas agora desde que entrei para o curso, até sou capaz de ir tirar outro curso, mas na altura não queria nada estudar, e achava as aulas era uma seca.

5. Sem dúvida alguma, acho que na minha opinião, se não fossem os professores, nós alunos não saímos daqui profissionais que saímos, profissionais do ontem, hoje a amanhã. Agente entramos aqui a não saber fazer nada a maioria de nós e vamos sair daqui como bons profissionais de hotelaria. Acho que os professores dão tudo o que têm a dar a 100%, agora eles fazem o papel deles, nós temos de fazer os nossos. Acho que a relação que temos com os professores é muito boa, apoiam-nos em tudo, desde dificuldades que a gente tenha, desde métodos de ensinar, desde a paixão de aprender todo o dia, a paixão de ensinar dos professores, nota-se mesmo, alunos empenhados com professores empenhados faz uma escola única. Sempre fui apoiada, foi a dedicação quando tive vontade de desistir e dizerem “não tu vales muito mais, podes ser diferente”, acho que nós aqui na escola sem os professores não éramos nada tecnicamente.

6. Eu já tive para desistir 2 vezes do curso, porque foi a tal coisa, não sou capaz, não quero, acho que não vou chegar lá, isto não vale nada, tou aqui só por tar, na altura pensava assim e eles fizeram-me mudar de ideias “tu vales mais, tens um futuro pela frente, tens mais para dar a esta escola, tens mais para dar a ti própria”.

7. Sem dúvida, nós aqui temos todas as bases, para sairmos um dia e sermos uns bons profissionais no mundo do trabalho. Porque nós aqui temos como ser um bom empregado de mesa, como técnicas óbvias para ser um bom empregado de mesa, claro que o que a gente faz aqui, não é nada comparado com aquilo que fazemos lá fora, porque tar a fazer as coisas aqui e depois fazer lá fora num estágio, não tem nada a ver, mas as bases que nos dão aqui, são as bases que nos vão caminhar para o resto da vida. Lá fora, na maneira de servir é diferente, porque a gente aqui é mais calmo, lá fora não, é sempre a despachar, com grupos toca a andar, sempre a despachar, aqui temos aquelas bases, serves assim, de lado assim, lá fora não temos nada disso porque é sempre a andar, é sempre a despachar, agora claro se foram restaurantes mais chiques como Pestana Palace eles lá tem um serviço mais requintado. Mas pelo menos aqui na zona de Fátima é tudo a andar. Vocês tão aqui tudo bem, mas vocês lá fora vão evr um mundo diferente, não é a mesma coisa e agente sabe disso. Agente sabe que aqui a gente é mais para nos ensinar, mas é claro que lá fora num mundo do trabalho não é igual e eles preparam nos para isso.

8. Há nas disciplinas de RB que é serviço de restauração e bar, inglês em que temos vocabulário que vamos ter que utilizar na prática e gestão e controlo, têm a ver com fichas técnicas e é isso que temos que fazer, nessas três disciplinas e francês principalmente. No que demos de serviço restaurante bar tudo o que demos na teórico fazemos na prática, quase tudo, em inglês o que damos na teórica é vocabulário, legumes e maneiras de servir pratos e isso, temos de saber isso num dia no trabalho, temos de saber falar. Gestão e controlo é as fichas técnicas de cozinha.

9. Até que ponto? Facilita, eu acho que se tivesse no ensino normal não chegava ao 12º ano, porque por mais que eu me esforçasse no ensino normal é aquela coisa que a gente tem muita matéria “não consigo estudar, não quero saber”. E aqui como sendo por módulos, temos a percepção que é mais fácil por ser módulos, embora que não é porque temos de nos esforçar na mesma para conseguir, mas talvez por módulos talvez seja mais fácil do que no ensino normal.

10. É assim, aqui a gente também não temos muito espaço né? Não temos instalações próprias, mas acho que os materiais são os básicos por agora os necessários, mas de certeza quando mudarmos eu de certeza que não porque já cá não estou, mas de certeza quando mudarem vão ter mais materiais, mais coisas que a gente agora aqui não temos muita coisa, mas sim acho que para desenrascar, acho que dá. Nas aulas práticas a gente temos tudo, temos a maioria das coisas.

11. Oii, acho que sim, eu não vou fazer por isso... mas tamos preparados, claro que sim, é igual ao ensino normal a única diferença é que é por módulos, eu não vou fazer exames, mas acho que sim (risos) há mais matéria e complicada, mas aqui a gente tem a opção de escolher a matemática A a matemática B e essas coisas... não sei.. não percebo nada disso...
12. Epah com a crise que tamos agora calhar não (risos), mas na altura em que vim para cá encontrava-se muito facilmente pelo menos em Fátima, tirando o inverno, no verão encontra-se bem cá, noutros lados não sei.
13. Porque para mim secundário, a meu ver é mais difícil mania da cabeça, não é por módulos aquelas coisas do costume porque eu nas aulas sou um bocado preguiçosa para estudar e assim por módulos tenho aquela percepção que é por módulos e que é mais fácil e que chego lá mais rápido, mas depois vai dar tudo ao mesmo, sendo por módulos ou não.
14. Depois que entrei no curso já trabalhei em restaurante e hotéis.
15. Acho que não, o que eu quero seguir mesmo não é hotelaria, tou cá já que me inscrevi no curso vou até ao fim, mas é numa só de fazer o 12 ano porque eu queria ir para a área de música, embora depois deste curso vou tirar um cet para dar algumas equivalências a cadeiras da universidade mas... não sei bem para quê que serve o curso, sinceramente. a minha assistente social é que me falou nele “ah dá algumas cadeiras de universidade” não sei se é.. se é bem profissional outro profissional ou tecnológico.. não percebo bem daquilo.. acho que é nesta área para se tar mais conhecido é de um ano.
16. Mudar não, mas desistir sim Se calhar ia trabalhar.. uma coisa qualquer.
17. Sim, vou agora tirar aquela cet na minha área, mas depois não sei logo se vê, mas sim gostava de continuar, agora é que tou com a pica toda que vou estudar, porque como diz a minha educadora diz, sem estudo não se vai a lado nenhum e como tamos em crise. Acho que nos tempos de hoje sem estudos não vamos a lado nenhum, acho que o estudo é principal fonte que temos para trabalhar no mundo do mercado. Acho que para sermos alguém na vida para arranjarmos emprego e trabalhar acho que é preciso estudar primeiro.
18. Nunca, nem tou com ideias. Ensino superior, acho que não tinha nem cabeça nem vontade de ir.
19. Musica, acho que ia para música, sem dúvida.
20. Não, primeiro porque não tenho jeito nenhum para mandar, nem jeito nenhum para gerir coisas, ta fora de questão, não tou com ideias de abrir negocio nenhum.

SUJEITO 24

1. Porque como não era bom aluno optei pelo ensino profissional, achei que era mais fácil e penso que tem mais saída o ensino profissional do que tar a tirar o 12ºano e ir para a universidade e tar aqueles anos todos a empatar e como eu não tinha... prontos, acho que foi para esse motivo. Já quando andava aqui no 9º ano, já foi um bocadinho, passei assim rés vez, eu estudava mas chegava aos testes e esquecia-me de metade das coisas ou não me lembrava, era mesmo dificuldade. Eu acho que era mais difícil, mesmo ali o 9º ano já foi à rasca. Por um lado é mais fácil e prontos, tenho logo uma área onde posso sair para ir trabalhar e se fosse para o secundário já não. Tinha que tar a tirar o 12º ano e depois ir para a universidade e escolher uma área e isso assim não.
2. Era o mais perto que há ou senão tinha que ir para a Batalha ou para Ferreira do Zêzere, pronto e como era a mais perto e como já ca andava no CEF e os transportes eram os mesmos, já conhecia mesmo o ambiente.
3. De cozinha, sempre que havia festas ou quando entravamos para a escola a diretora de turma mandava-me sempre fazer bolos, porque ela sabia que eu sabia fazer bolos, então tava-me sempre a dizer em vez de ires para o secundário, vais para um curso de cozinha, então foi isso. Não entrei para cozinha, mesmo para restaurante bar houve aqui umas complicações, no mesmo dia que me ligaram daqui, ligaram-me de Ferreira do Zêzere para cozinha, mas depois como era mais longe, optei por vir para aqui. Depois entrei e durante um mês ou dois pensava se calhar não é bem isto que eu queria, mas fui fazendo e fui gostando, mesmo da parte prática e segui. Gostava de serviço talheres, cocktails.
4. Sempre para eu pensar melhor, se era isto que eu queria eu disse, já ta pensado é isso.
5. Eu acho que sim, tentam nos sempre apoiar, eu falo por mim, mesmo quando há módulos eles tentam sempre apoiar. Repetem a matéria fazer exercícios sobre ela, tiram as dúvidas.
6. Fazem, pra além de muitos não querem seguir os conselhos que eles dão. Eu tinha cet módulos em atraso e os professores diziam, tenta fazer os módulos que conseguires, que há três que não consigo, é informática.
7. Eles dizer, não dizem de chapa mas tão-nos a preparar mesmo para o mercado, sim. Mesmo na prática há coisas que fazemos aqui e que depois lá fora nos estágios não fazemos metade das coisas. Há coisas que a gente não faz mesmo, eles preparam-nos para tudo, e lá fora nós vamos ser só empregados. Cozinha de sala já se usa pouco, é serviço de talher e quase tudo assim.
8. Isso é mesmo pra a de restaurante, porque mesmo que a gente saiba fazer na prática e não sabemos na teórica e podemos ir a prática mesmo para fazer os módulos ajuda imenso. Mas por algum motivo se nos esquecermos na parte teórica podemos ir a prática e conseguimos.
9. Eu acho que é melhor ser por módulos, eu falo por mim, ser tudo dividido. Ter tudo junto é muita matéria, se eu assim já não consigo quanto mais. Eu confundo as coisas, fica tudo muito confuso.
10. Eu acho que se pode dar sempre de outras formas, em power point porque assim estávamos a visualizar e a observar, mesmo sendo a explicar no quadro se calhar a gente não percebe tão bem como se fosse com um power point ou um vídeo. Se visualizasse acho que era mais fácil.
11. Eu acho que sim. Não me inscrevi. Se calhar não damos matéria toda que sai num exame, mas a maior parte damos, somos capazes. Tenho colegas que se inscreveram e os professores oferecem-se para os ajudar nas férias.

12. Assim de repente não sei. Aqui em Fátima, num sítio onde vou estagiar, pode ser que consiga ficar, porque também na altura que é, e é na altura que precisam mais. e conseguia facilmente por isso. Se calhar, se fosse aos hotéis onde estagiei o ano passado, se calhar conseguia.
13. Torna-se mais fácil, e temos uma forma diferente de ver as coisas, estamos mais preparados para ir logo... por ex tava no secundário, dava matérias ate ao 12º ano e depois entravamos na universidade e tínhamos essas matérias e outra e depois isso se podia complicar mais. E aqui temos os três a ser preparados e com estágios que temos feito no final de cada ano e sempre a acumular matéria teórica e prática acho que se auxilia mais.
14. Nunca.
15. Acho, pelo menos o 12º ano. Faz, sempre quis tirar um curso.
16. Inicialmente quando entrei pensei no primeiro ano, pensava no 2º ano vou para cozinha, mas como gostei do curso, passou-me a ideia. Senti que era mais fácil.
17. Acho que não (risos) porque estudar mais... já chega é demasiado.
18. Não, nunca.
19. Ai se calhar sim.
20. Já pensei nisso, mas por enquanto não, depois de 11 ou 12 anos a trabalhar por conta de outrem e depois logo de via. Um restaurante ou uma quinta onde se fizessem casamentos e batizados.

SUJEITO 25

1. Porque no ensino regular, tinha de ir para um curso para ir para a universidade. Gostava da experiência da universidade, mas não... primeiro as coisas, não tinha possibilidades para ir e em segunda é aquela coisa de não querer estudar. Os testes que faço é mais pelo o que apanho nas aulas não é por estudar, porque chego a casa e vou para a sala ver televisão ou e então para o computador, não tenho aquela paciência para estudar, é ver o livro antes do teste ou então cábulas (risos) temos de nos desenrascar. Sempre me disseram que o ensino profissional era igual ou mais difícil e já tenho essa experiência, o meu irmão diz que é mais fácil. E assim, fico com a experiência mesmo que não acabe o curso, mas gostava de ficar com o 12º, era esse o principal objectivo, ficar com o 12º, assim fico também com o curso e entro para o mercado de trabalho.
2. Porque fica mais perto.
3. Por causa da parte do Bar, eu gostava da parte do bar e depois seguir, tentar seguir para bar, também gosto no restaurante da parte do courvin de esculpir a fruta, essa parte também me agrada bastante, também gostava para os casamentos e isso assim, tipos serviços especiais só. A visualização de vídeos no youtube de bar, levou-me a gostar é o flip, o ambiente da noite, normalmente os bares são à noite, gosto bastante e depois conhecer muita gente e tar atrás do balcão e ver aquela gente toda parecem sardinhas e agente ali atrás no balcão à vontade. Num sítio podemos conhecer outros, como é que eu hei-de explicar, abre-se portas para os outros lados, tipo pessoas que por exemplo vêm destes tipos de bar, vêm onde eu estou, vêm-me a trabalhar e chamam-me para outro lado ou assim.. tentam falar comigo, sei lá, várias coisas. Vieram cá uns rapazes que tem um bar restaurante na estrada de Minde, vieram cá fazer uma demonstração de flip, gostei e ele disse assim “vim agora de Miami de um concurso de flip e agora nem dormi nem nada tenho de ir para Lisboa” Uiii assim tá bem! É preciso ter certas posturas, podemos manusear a garrafa como bem entendermos desde que provoque impacto no cliente. Basta fazer qualquer coisa com garrafa que o cliente fica logo impressionado.
4. Sim, sempre tive, eles sempre me disseram para seguir ... até o meu avó dizia “estuda, estuda línguas para depois ir para fora”, cá em Portugal não dá com nada. A minha mãe é que queria mais cozinha pastelaria, porque desde de pequenito, desde dos 8, 9 anos fazia bolos lá em casa. Ainda pensei cozinha pastelaria, mas depois pensei, estar fechado em quatro paredes? Não! Não tava a vontade, não gosto de estar fechado.
5. Alguns, sei lá... as dúvidas, há certos professores que nos explicam no geral e outros que vão ter connosco individualmente. Aqueles que explicam à turma e esses é mais complicado... e às vezes para mim também entender o que eles estão a explicar, fico mais esclarecido se fizer um exercício comigo do que se for no geral. Os que se dedicam falam mais a vontade, sei lá... dão mais... dão mais tempo livre em que pode trabalhar um tempo e brincar no outro... não é bem brincar é falar sobre qualquer coisa ... dão-nos mais liberdade pronto, mais isso, dão mais coisas para a gente tentar perceber, tentam que a gente tire positiva e outros que não estão-se a borrfar, desenrascuem-se, e há sempre o queridinho ou a queridinha e sempre foi assim, porque que agora não haveria de ser? E depois perde-se a motivação de querer estudar ou aprender e eu já fui um desses que perdeu a motivação, às vezes tou nas aulas, levanto o dedo para fazer uma questão e eles vão logo aos da frente ou então aos queridinhos.
6. Isso explicam, muitas vezes dizem “você é que tem de fazer o curso, não nós”, dizem para motivar para acabar o módulo.. assim... “já só te falta esta módulo, não vais agora desistir ” já tive para desistir porque causa de ter os 12 módulos em atraso, só que a minha namorada disse “agora que faltam os 12 módulos é que vais acabar ” e não sei quê. Foi ela que me disse para continuar, senão já não tava cá. Se tivesse nega na pap já não vinha cá mais, tive 10.
7. Neste caso o chefe Renato preparou, eu reparei nisso a fazer a pap, preparou-nos com as dificuldades dos clientes e a gerência da equipa, eu tive muita dificuldade em gerir a equipa, os do primeiro ano.. não sei... a mentalidade deles. Eu tive bastante dificuldade, eles descoordenavam-se e eu ficava passado com aquilo, até sai a meio do serviço, mas depois pensei, para quê? Já comecei, não vou deixar o serviço a meio e depois voltei e consegui remediar na parte das sobremesas, tentei ir remediar ao pé do júri e lá deu para o 10 (risos).
8. Depende, a área de integração, não percebo o porquê dessa disciplina fala de história, fala de artes, qual é o interesse? Ou então português é por causa do 12 se a gente quiser prosseguir, a gente só preciso de matemática para saber contas e isso tudo..

agora português, será que vou falar de Fernando Pessoa ou José Saramago durante o serviço? Acho que não... isso para mim não.. não entendo sequer. Acho que para Fernando Pessoa, acho que é esse, com um garrafa de vodka se calhar conseguia (risos). Depois gestão e controlo, essa aplica-se por causa requisições, contabilidade mais... psicologia não percebo bem o porquê, o inglês é normal, tirando o português, informática sim, porque agora é tudo por computador, pouco mais disso.. o que mais gosto é a parte prática.

9. Não acho que facilite, porque ficamos mais limitados aquele módulo sei lá... tipo.. no ensino regular dávamos uma matéria e isso assim e fazíamos o teste e ficava logo passado, aqui se a gente tem nega fica com o módulo em atraso. Da outra maneira pra mim era muito mais fácil, fazia o teste e ficava logo tudo despachado. Se deixarmos um módulo em atraso é difícil voltar a recupera-lo, a explicação da stora... é muito mais difícil para mim. Alguns professores dão mais oportunidades do que a gente precisa.

10. Hum... só se fosse mais projectada, mas não acho que a entrega das sebtas também ajuda. Porque se fosse tudo projectado, tínhamos que tar a passar tudo e assim não ficávamos com os apontamentos todos.

11. Depende dos exames, matemática sim, português não, matemática talvez, tanto nos exames do 9 ano, tive 4 a matemática e português 3, deu para passar.

12. Depende do sitio que escolher, tou a pensar ir para o Hotel dos Templários em Tomar, mas a stora Elizabete esta farta de ligar la para baixo... mas eles estão a dar mais importância aos de turismo de Portugal do que propriamente daqui, acho eu no meu entender, se não conseguir ir lá para baixo, vou ficar aqui por Fátima, num hotel onde tenho trabalhado, e posso lá ficar eles dão alojamento e às vezes fico lá por isso e tenho praticamente um quarto só para mim.

13. Por seguir para o mercado de trabalho, sair já com um curso em vez de seguir estudos.

14. Já, fêrias e fins de semana, em s. Pedro de Moel, frente à praia, estava nas 7 quintas, bom ambiente e depois nas folgas ia para praia.

15. Sim, desde que acabei o 9º, tenho vindo a pensar nisso tudo, já cheguei a pensar ir para cruzeiros, mas não... é muito tempo fora... muito tempo lá... tá bem que conhecia outras partes do mundo, mas não me imagino seis meses sem amigos, sem família sem isso tudo.... Acho eu... mas pronto. Há muitas pessoas que optam... também se ganha bué... mas não, não é para mim.

16. Não, se fosse era cozinha, mas não despertou grande interesse.

17. Continuar? Não.

18. Não, não tenho cabeça, quer dizer cabeça posso ter mas paciência para estudar é que não.

19. A estudar noutra área? Não, só se for trabalhar para outra área, agora estudar não está fora de questão.

20. Isso gostava, um bar, nesse bar fazia uma discoteca ... sei lá.. penso na decoração do bar, nas pessoas que iam para lá trabalhar.. no flip... ir buscar pessoas com experiência com flip. Para perto das praias, lá para baixo para o Algarve, assim valia a pena, aqui não.

SUJEITO 26

1. Quando acabei no 9º ano, um amigo meu acabou o curso e falou-me disto, achei interessante, fui a net ver qualquer coisa, e ele na altura ate me mostrou umas sebtas do curso. Eu pensei nisso logo no início do 9ºano, porque quando eu entrei para o 9ºano ele entrou para o primeiro ano do curso, então aí tivemos sempre em contacto. A partir daí comecei melhor as ver as coisas como elas eram e achei interessante. Tinha a ideia de vir para este curso, mas nem sequer tive a ideia de vir para este curso.

2. Era a mais próxima.

3. Não sei, aprendi a gostar mais desde que vim para cá, acho interessante o ter de termos de interagir com determinada situações que não estamos anda a espera, como pode acontecer uma muita boa e outra muita má. Uma coisa que goste é de trabalhar sobre pressão. O que me chama a atenção são os vinhos e cozinha de sala.

4. Tive sempre. Perguntaram-me se era isto que eu queria mesmo e eu disse que ia tentar senão nunca ia saber como é que seria.

5. Acho, cada professor se dedica a sua maneira, tem todos a sua maneira diferente e também há alunos que interpretam na da maneira como são mas da maneira como querem ver as coisas. Por ex há determinados professores que tentam entender os nossos problemas pessoas, entendermos pessoalmente do que dentro da escola. Há outros professores, que não se interessam a nossa vida pessoal é lá fora, dentro da escola é dentro da escola e acabou. Apenas se preocupam, quando veem falar connosco, perguntarem como tao as coisas em casa e com os amigos, o simples facto de quando há jantares de turma virem ao jantar, convivemos todos aluno/ professor mas é menos escola, é mais restaurante.

6. Sim, motivam, chamam pessoas que acabaram aqui o curso da escola para elas mostrarem o que aprenderam, como era diferente o ensino de antes para agora. O sitio onde estão a trabalhar, como chegaram lá. E isso motiva-nos.

7. Sim, aí por ex entram os serviços que a escola faz para fora, agora nem tanto, mas no meu 1º e 2º ano havia quase todos os dias hotéis de Fátima a ligarem para a escola a pedirem estudantes para colaborar na cozinha ou restaurante bar. La fora é completamente diferente, é a pressão. A adrenalina, as coisas tem de sair feitas, tem de sair bem.

8. Há muita relação na parte prática entre o inglês, o francês, psicologia, economia, gestão e controlo é tudo aplicado lá fora, uma que não acho muita relação, mas é normal porque quem quiser a partir daqui ter algumas bases como por ex a matemática, algumas coisas não estão muito relacionadas.

9. Acho que facilita porque é totalmente diferente do Secundário que temos por ex num período temos 2 testes para um disciplina e aqui num período somos capazes de fazer quase dez testes. Por ex a restaurante bar por período fazemos quase 10 testes, temos aqueles horas para dar, esteja a matéria dada ou não esteja, faz-se o teste. Para mim é mais fácil. É menos informação acumulada, é mais fácil para se estudar, mas no final, também é mais matéria que no secundário.
10. Concordo com o tipo de aulas que se pratica aqui, até porque nunca tive outro tipo. O tipo de material que nos disponibilizam é bom. Agora se for a qualquer sala vai ver muitos computadores, e o professor diz para fechar, mas eles continuam abertos, há constantemente alunos a jogar a fazer seja o que for. Por isso o recurso ao computador não era o melhor. Temos um projector em cada sala e é bom.
11. Sim, eu acho que procura concorrer procura mais preparação, porque quem não pensa nisso, não se preocupa. Eu creio que não estamos tao preparados porque temos muitas específicas.
12. Eu no meu caso, já tenho onde entrar porque eu o ano passado tive a estagiar num sitio, em Alfama numa casa de fados, no pátio de alfama e bacalhau de molho. Tive lá a estagiar e esse meu colega que me falou do curso tá lá a trabalhar, teve lá a estagiar e tá a trabalhar e fui para lá estagiar o ano passado e gostei muito de lá estar e eles também gostaram do meu trabalho e perguntaram-me se eu queria lá ficar e aí eu disse que não porque faltava um ano do curso. E que pro ano vinha para lá estagiar outra vez, então ele disseram vens para cá estagiar e se houver possibilidade vens para cá trabalhar. Entretanto comunicaram-nos que ligaram cá para a escola e eles pediram três pessoas de sala e duas de cozinha para ir para lá estagiar com o intuito de ficar lá a trabalhar depois. Se eu ficar em Fátima sei que não vou por nada em prática do que aprendi aqui.
13. Como disse há pouco quando me falaram do ensino profissional, nem sequer pus em causa do secundário, se fosse para o secundário que área iria escolher, nem sequer pensei nisso, esta foi mesmo a única escola profissional que vi, e gostei.
14. Sim, num hotel e restaurante
15. Faz, porque a partir daqui queria primeiro trabalhar num sitio que me desse alguma estabilidade, casa de fados vai-me dar estabilidade económica. Para depois um dia poder tirar o curso de formação de formadores, também gostava de tirar uma especialidade dentro do curso, em vinhos ou no carwin como falei há pouco. O cap para ter oportunidade de ensinar o que aprendi, aquilo que me aprenderam a mim ter a oportunidade de ensinar.
16. Não, nunca.
17. Vou mesmo optar por trabalhar e agarrar a oportunidade. Até posso ir tirar um curso superior e não arranjar emprego num sitio que goste onde possam reconhecer o meu trabalho e ali tenho emprego.
18. Não, como quando pensei no profissional.
19. Eu aí punha a hipótese de força aérea. Apenas fiquei interessado, se não ficar daqui a um ano ou dois, mas é hipótese a ponderar.
20. Gostava, optava mais por um hotel, e agarrar dois ou três colegas daqui e trabalharmos todos no mesmo sitio, uma coisa em conjunto se bater certo.

SUJEITO 27

1. Porque em termos de futuro, acho que é muito mais rápido sair do curso Ensino Profissional para o mercado de trabalho, com mais facilidade ... e eu também como nunca gostei muito dos estudos.. é acabar estes três anos e seguir logo para o mercado de trabalho. Estudei desporto (secundário 11º) no Juncal, não era aquilo que eu queria, não gostava daquilo, vi que aquilo não tinha saída nenhuma. E depois decidi vir para um Curso profissional, falei com o meu irmão lá em casa e depois também me aconselharam.
2. Era a que tivesse mais perto....
3. Foi quando a minha mãe abriu o restaurante, mais por causa disso, e como os meus avós tinham um restaurante e que quando era pequeno (...) a minha mãe deixava-me com a minha avó lá no café (...) e até gostava daquilo. Mas depois com o passar dos anos.. Queira desporto não sei porquê. No restaurante eu ia para lá ajudar e vi que até gostava, mas também gostava muito de bares onde trabalhei e depois vim para aqui para Restaurante/Bar.
4. Só me disseram para eu pensar bem.. porque já tinha voltado para trás.. e para eu pensar bem naquilo que eu queria.. pensei e decidi vir para aqui. Deram-me todo o apoio, aconselharam-me.
5. Nem todos (...) nas aulas pró exemplo quando há uma pergunta a esse determinado professor responde a essa determinada pergunta por simpatia, mas se for outro aluno a fazer essa pergunta o professor nem responde... não me consigo explicar muito bem, mas vê-se que por parte dos professores que não há uma boa relação, talvez seja por causa do comportamento. Os outros motivavam-nos logo no início, acho que foi isso, da parte prática... tudo bem que o curso exige mais prática do que teórica, mas logo ao início criámos mais uma amizade entre aspas com o professor prática mesmo com o nosso orientador de turma do que outros professores. E logo no início cada professor quer manter o seu respeito... como é que hei-de explicar... criar aquela presença e há uns que o fazem de uma maneira e outros de outra maneira. E se calhar ao início para alguns aquilo não foi "ah e tal aquela professora não gosto dela" começou tudo aí e ao longo do ano foi agravando agravando... foi mais ou menos assim.
6. Motivam. Dizem que é o nosso futuro que está em jogo, são três anos da nossa vida... para concluirmos este curso, também é um curso com alguma saída. E nos que nós precisamos eles ajudam, eles motivam bastante, mesmo quando se se passa um problema mesmo em casa mesmo lá fora, tentam ajudar passam de professor a amigo e ajudam bastante sim.
7. (... indeciso) Às vezes preparam (...) não sei, mas sim claro que preparam para o mercado de trabalho mesmo serviços feitos pela escola é que dá para nós termos uma ideia do que é o mercado de trabalho e que trabalha o mesmo tempo, já tem ideia de

como são as coisas lá fora. Agora se uma pessoa.. se nunca tivesse trabalho na vida e se tivesse aqui a estudar a um a dois anos não sei se estava preparado... não sei.. não faço ideia.

8. Há relação ... há relação.. nos raios de custo que fazemos em gestão temos de preencher as fichas técnicas.

9. Acaba sempre por ser mais fácil porque a matérias está mais dividida tá mais seleccionada do que no ensino secundário, também pelo facto de haver uma repetição em cada módulo é muito mais fácil.

10. Não, não porque os professores usam já é matéria... Porque eu sou representante dos alunos e... se calhar porque os professores muitos dão aulas aqui há 14,15 anos e isso dão sempre o mesmo método, mas sempre foi assim. Eu tenho um amigo, estudou cá a irmã, estudou cá em noventa e tal, tenho todas as coisas dela e ainda servem. Eu acho que é mau, os professores se formos assim a pensar... as coisas evoluem estão sempre a mudar e os professores darem sempre a mesma matérias independente do que muda ou não muda acho que não é bom sinal, os outros alunos também têm essa consciência.

Nos dois anos anteriores não havia retroprojector, não havia grande material e os professores também não... era só darmos a sebenta, lermos a sebenta, estes últimos dois anos forma assim a dar matéria, este ano já puseram retroprojector, alguns professores mudaram outros continuam a ler a sebenta, é pior torna-se muito monótona e estarmos sempre a ler a sebenta e o professor a explicar e depois acaba a aula e já sabemos que amanhã vai ser igual, é muito repetitivo e isso não é nada bom.

11. Sim, acho que tavamos mais pelo facto de dar a matéria e acho que depois temos que estudar bastante, claro que se tivéssemos no ensino secundário tínhamos que estudar na mesma, só que tínhamos mais facilidade.

12. Sim, porque já tenho sítio onde trabalhar, felizmente foi bom, tive sorte de gostarem do meu trabalho e de gostarem de mim, veio de um conhecimento quando estava a estagiar lá em Lisboa e tava a viver na mesma casa que eles e quando acabei o estágio voltei, mas só depois eles precisavam de mais gente o restaurante tava com muita gente, e o sr pediu-me para lá ir fazer um extra, eu aceitei, a partir de aí desde Cetmbro até agora, tenho ido quase todos os fins de semana e mesmo alguns dias de aulas tenho ido.

13. Mais pela questão que... temos mais possibilidade de sair para o mercado de trabalho e mais facilmente nos tempos que correm e hoje... tudo bem que ter um curso superior é mil vezes melhor, sei perfeitamente disso mas eu optei por não seguir estudos, decidi não estudar mais, então com um curso profissional talvez me desse mais projecção pró mercado de trabalho.

14. Já, Restaurante em Lisboa

15. Inicialmente não fazia mas, depois começou a fazer. No início não fazia a mínima ideia do que era hotelaria e ainda não sei.. não fazia a menor ideia do que eram regras de etiqueta, que isto era tão complexo. Depois quando entrei comecei a achar piada, comecei a ficar mais curioso sobre as coisas, e vi que era mesmo isto que queria seguir.

16. Nunca.

17. Gostaria mas não vou seguir mais estudos, o que gostava mais era gestão hoteleira, mas não quero mais. Pra já não, talvez um dia mais tarde.

18. Não

19. Não ponho isso em questão.

20. Já...Já pensei, mas antes queria... eu sempre gostei muito de cruzeiros, acho que é bastante complicado em termos de línguas, mas... nesta fase inicial trabalhar para juntar dinheiro talvez, um dia mais tarde, dependente de família não sei o que poderá acontecer mas trabalhar num cruzeiro, e abrir sim, um restaurante talvez não sei, com mais requinte.

SUJEITO 28

1. Inscrevi-me no ensino profissional porque na altura já não havia vaga em dois ou três cursos la no S. Miguel, eu repeti e depois no final do 2º ano já não havia ciências e tecnologia e outro que é parecido e humanidades os dois cheios. Pensei, vou arriscar e vou só escolher a escola profissional de Ourém e como os meus pais têm um restaurante pensei, tenho sempre essa hipótese, aqui em Fátima há sempre essa hipótese.

2. Por ser mais perto.

3. O facto de os meus pais terem um restaurante e o facto de aqui em Fátima haver hotéis que pudessem dar emprego e tinha depois cozinha e pastelaria mas isso já não me interessava. De qualquer maneira se nos hotéis não desse, tenho os meus pais. Foi bom tirar o curso.

4. Sim, os meus têm o restaurante de apoiaram-me a vir para aqui.

5. Não tanto, primeiro, todos têm os seus problemas, mas eu penso que os professores veem que um aluno tem mais dificuldades, em vez de tentarem ajudar o põe um pouco de parte. Só nos metem nos hotéis que tivermos capacidade se virem que não sabemos trabalhar com o cliente não nos metem.

6. Ultimamente os professores têm andado mais stressados que nós, porque é tudo em cima da hora, daqui a uma semana temos a pap. Os professores têm a vida deles e vêm chateados com a vida deles, vão para outras turmas onde os alunos respondem mal e são mal comportados e tudo isso e depois vem para a minha turma, embora não é aplicada não é uma turma mal educada e depois vêm para a nossa já chateados.

7. Na prática sim, o ritmo é diferente mas temo quase as bases todas, tudo o que fazemos nos hotéis fazemos aqui agora o ritmo é completamente diferente. Aqui temo o restaurante nos Monfortinos e é só por reserva e são no máximo dois e dá para vinte. Aqui no máximo servir a talher é 20 la fora são 200, agora no primeiro o professor ficava ao nosso lado para abrir uma garrafa agora no terceiro ano já não.

8. Ta relacionado em restaurante bar, tudo o que damos na prática, damos na teórica, nas outras disciplinas na matemática nunca achei grande jeito, mas matemática é a minha pior disciplina, nunca achei como é que uma inequação pode dar jeito, não me julga antiquado, mas eu eu não... o meu pai sempre me disse que devemos de aprender tudo, mas para um empregado de mesa não implica no trabalho de um empregado de mesa. Mas as outras sim.
9. Eu já sai do S. Miguel há três anos já não me lembro como é que isso funciona, nós aqui temos sempre hipótese de fazer as repetições. É igual, é mais fácil, mas nós temos muitos módulos, restaurante bar temos 25 módulos. Eu acho que é igual.
10. Podiam ser de outra maneira, em vez de ler a sebenta podia trazer power point, mas se tem habito, mas se um professor que costuma trazer power point, ler a sebenta por exemplo.
11. A matemática não de terá agora a português sim.
12. Porque os dois hotéis onde já estagiei sei que me davam trabalho.
13. Era como disse a boca, na altura não havia nenhum curso com que me identificava, ciências e tecnologias, humanidades, artes, Ação social e informática e nunca me identifiquei com nenhum deles.
14. Já, no restaurante dos meus pais, mas mais na parte do café, com 15 anos não ia para a as mesas.
15. Eu tenho vários projectos de vida, eu posso concretiza-los eu podia tentar concretiza-los sendo empregado de mesa ou outra coisa qualquer, não me interessa o meio interessa-me a finalidade, sem prejudicar os outros. Se eu vir que há outro hipótese de ganhar mais dinheiro não prejudicando os outros não tenho problemas em mudar.
16. Não, entrei para acabar o curso, e vou acabar o curso.
17. Não, porque não me interessa isso realmente e. Eu conheço muito boa gente que não tem a mínima formação, mas tem o que interessa nesta vida. Dinheiro fundamentalmente. Eu acho que é muito necessário para viver. Não me interessa para viver mal. Para se ter uma boa qualidade de vida não é preciso ter estudos e não é por se ter estudos que se tem uma boa qualidade de vida.
18. Não, desde que estou neste curso não.
19. Tentava arranjar trabalho noutra área, mas penso que conseguia arranjar trabalho.
20. Claro, um restaurante, depende de como tivesse o mercado na altura.

SUJEITO 29

1. Foi mesmo por... na altura quando acabei o 9º ano, tava juntamente com o meu colega Micael e Edgar que estudam na minha turma e tavamos no grupo e... não sabíamos para onde havíamos de ir, então decidimos vir para Fátima, não para o curso profissional, mas para a escola de Fátima o curso de empregado de mesa, na altura nem tínhamos a noção do que era o estudo profissional, decidimos tentar e matriculamo-nos os três na altura fiquei em 5º em lista de espera, depois consegui entrei. (Questionado sobre a candidatura ao curso de informática) Era o curso que havia em Torres Novas que eu mais gostava, havia comércio, havia animação e pronto a escola profissional era lá, era perto de casa. Eu inscrevi-me nesta escola e quando vi que tava em 5º em lista de espera, é que me fui inscrever na outra porque já pensava que nunca ia conseguir entrar, inscrevi-me lá, até paguei, porque pensava que ia para lá para informática e depois passado uns dias ligaram-me que tinha entrado (ehf) porque lá na outra era uma turma só rapazes e não me tava a ver num curso de informática. Quando soube, fiquei super contente porque os meus colegas Micael e Edgar já tinham entrado e fiquei super contente quando soube que tinha entrado aqui. E a minha irmã já tinha aqui estudado aqui no curso também em 98 e eu em 2008, dez anos depois. Ela gostou mas é pela experiência da escola, porque depois sentem-se revoltada porque lá fora não há emprego, os horários, mas ela gostou da experiência dos três anos aqui, fez grandes amizades e pelas experiencia dos serviços, dos professores.... A experiencia de estar aqui os três anos é muito boa, o problema depois e o mundo do trabalho lá fora.
2. Por ser a mais perto, e aquela cosia de a minha irmã ter cá andado, foi influência da irmã e dos amigos.
3. Porque nesta escola é Recepção, Cozinha e Serviço de Mesa, eu desde dos 16 anos quando vi do canada o meu irmão trabalha e comecei a trabalhar com eles no serviço de catering, trabalhei com ele muito tempo no serviço de Catering e foi desde daí, porque cozinha não tinha tanta vocação não sei... e empregado de mesa já trabalhava a algum tempo e assim já podia ter alguma experiencia quando entrasse para cá e foi mesmo por já ter trabalhado nessa área. O que eu mais gostava era o convívio, o que eu mais gosto neste momento é o convívio, conhecer pessoas, trabalhar não me importo de trabalhar, também desde que seja bem remunerado, mas não me importo de trabalhar desde que faça aquilo que gosto. Porque por vezes, faço por exemplo em casa do meu pai é comerciante, sei e faço, e sei que não me apetece nada fazer aquilo. E tenho impressão eu quando tou a servir à mesa e tou a fazer aquilo que gosto o tempo passa rápido e passa-se bem e quando estou a fazer coisas que não gosto o tempo nunca mais passa e é uma grande seca, neste caso não, gosto de fazer, gosto de aprender mais, gosto por exemplo quando me perguntam uma coisa de vinho ou uma coisa assim que saiba responder, sinto-me bem quando me perguntam qualquer coisa disto e sei responder.
4. Não muito por verem... a minha irmã está numa pastelaria, porque tirou este curso e tá numa pastelaria, não deram de inicio muito apoio por causa disso “vais para lá, já sabes servir à mesa, não vais aprender nada, vens de lá para a rua, como a tua irmã numa pastelaria”. No inicio não tive, mas agora tenho todo o apoio deles.
5. Sim, acho que sim, eu acho que se dedicam porque é a profissão deles e quando chegamos à aula eles tem de se dedicar, se não se dedicassem chegavam ali e não sabiam o que nos iam transmitir, eu acho que se dedicam por causa disso, tem as aulas preparadas ou é a profissão deles, têm de se dedicar, penso que é isso. Há professores que insistem estão sempre preocupados nas repetições e que nós acabamos os módulos há outros que se calhar não tanto, mas alguns que sim, que estão sempre em cima de nós “faz os módulos”, porque na altura a nossa orientadora tava sempre, todas as semanas perguntava “já recuperas-te aquele módulo?” penso que a nossa orientadora de turma é a mais dedicada aos alunos. (...) Não dizendo que esta professora é má, mas foi uma mudança enorme, falando contra nós alunos a outra professora era muito mais rígida é a tal cena é empenhada, queria que fossemos

concentrados, não nos deixava ligar o pc, era mais empenhada a nós, não dizendo que esta professora é má, que é 5 estrelas nota-se a diferença de uma professora para a outra. Se calhar esta não tem tanta experiência como a outra tem. A gente sempre gostou e vai gostar da outra, é sempre aquela professora que a gente gosta mesmo de muitas vezes de dizermos mal dela, de nos mandar para a rua, dela nos mandar desligar o computador... aí é que está o verdadeiro professor de mandar para a rua de ser bem comportado e pronto esta se calhar não é tanto assim mas, é bom para nós não irmos para a rua e falarmos nas aulas e o caraças é bom para nós neste momento se calhar no futuro depois ela mandou-me para a rua em vez de tar calado, tinha sido melhor.

6. Se calhar não muito, se calhar dizem mais aquelas pessoas que tem interesse... não acho que seja a todos. Não porque provavelmente dizem uma vez ou outra ou perguntam quem é que quer seguir ou não.

Pelos menos a acabar o 12º ano, assim seguir não, mas acabar o 12º quase todos. Essencialmente não deixar módulos em atraso porque depois lá fora já exigem 12º ano e massacraram-nos bué a cabeça por causa disso, pelo menos o 12º ano, lá fora no mundo do trabalho pelos menos querem o 12º ano. Tive um módulo no 1º ano, 2 nos 2º ano e tava a sempre bem vou não vou acabar o curso por causa disso e o ano passado consegui fazê-los. O meu grande medo desde do 1º ano foi deixar módulos em atraso, vejo muitas pessoas que tem 20,7 há por exemplo muita gente do ano passado que tem muitos módulos em atraso, o meu grande medo era esse, ficar com módulos em atraso.

7. Os da parte prática sim, por exemplo na disciplina de gestão temos noção que a professora nunca teve a experiência de trabalhar lá fora, porque muitas vezes diz que é obrigatório mas eu neste momento trabalho num bar e tenho noção que aquilo não se faz nada e ela diz “não, não é obrigatório fazer aquilo” e tenho noção que não se faz nada, e ela diz que toda gente faz e é obrigatório fazer as fichas técnicas, ela por exemplo diz que isso é obrigatório e há muitos lugares que não fazem isso e nós trabalhamos lá fora e que nós que trabalhamos lá fora sabemos que não se faz assim, penso que é a única. Porque a outra de economia, matemática não tem nada a ver. Mas por exemplo essa, nós damos um módulo de higiene e segurança no trabalho e que temos de usar luvas e barrete e nós temos noção que não é... mas eu sei que ela tem que dizer assim... mas quem trabalha lá fora... mas nós temos noção que não é assim, pronto o livro de reclamações e obrigatório, mas outras coisas assim que nós não temos e cenas assim e ela diz que toda gente tem de ter e toda gente tem, pronto acho que é aí que nós notamos a diferença. Porque as práticas dos chefes, todos tem restaurante e preparam-nos para o mundo lá fora. Como é que hei-de de dizer? dizem que temos de fazer correcto, mas lá fora não é nada como nos dizem aqui, é o contrário. O que nós aprendemos aqui não nos vai influenciar muito lá para fora. Tudo tão correcto como nos ensinam na escola, desde de higiene, eu sei que eles nos têm de ensinar isso, mas lá fora mesmo nos restaurantes o que não é consumido naquele dia tem que ir para o lixo ou ir deitar fora, mas a gente tem noção que isso não acontece, guardam para o outro dia e metem lá uma etiquetazinha e no dia a seguir tá bom para o cliente, a gente tem noção que isso é assim, mas por exemplo essa stora não tem a noção que isso é assim.

A Cozinha de sala, neste momento está em desuso, mesmo só em hotel muito de charme, é muitos gastos, muitas pessoas a trabalhar.

8. Há um bocadinho de ligação, não é não a ver ligação nenhuma, mas penso que há, por exemplo há ligação correctas ou não ou feitas ou não tem que haver por exemplo neste caso as fichas técnicas lá no local preenchidas ou não aí há relação. Por exemplo nas disciplinas de Restaurante há relação dos cocktails como fazer, cozinha de sala, há relação da prática com a teórica. Eu acho que o que falta, mas é impossível a professora fazer connosco é ter mais oralidade. Eu sei que os professores têm de dar isso, mas é demasiados verbos, a gente vai precisar de falar numa mesa, e eles se calhar durante um ano inteiro o último módulo, se calhar são 5 módulos é que tá a ser assim mais teórico é vocabulário e isso, porque eu acho que se devia falar mais oral, falar mesmo, haver conversa e acho que não devíamos dar tanto os verbos tio o paste simple e em francês devíamos de treinar mais a fala do que os verbos e mais a gramática.

9. É muito bom sim, damos aquela matéria e fazemos teste, sim eu acho que é muito bom, é muito benéfico, ter a avaliação dos módulos, no final de cada módulo a avaliação. Por exemplo eu no primeiro ano tive a repetição e depois o início de cada ano eu tinha direito a uma repetição e foi numa dessas repetições que eu consegui e depois temos os exames que temos que pagar, mas também temos a oportunidade dos exames. Eu acho muito bom isto assim dos módulos.

10. Acho que sim, nós queremos sempre mais, e tudo o que a gente tem acha sempre que é pouco, podemos comparar com outras escolas que tem mais e com outras escolas que tem menos, mas eu acho que a partida para uma escola de hotelaria sim... se calhar muitas vezes não há as coisas que a gente quer, muitas vezes faltam, mas também acho que não podem fazer mais, fazem tudo o que podem para sermos os melhores, acho que dentro do possível estamos bem. Neste momento há professores que estão com power point e aqueles que dão a matéria, sem dúvida o power point e com outras técnicas poderia ser melhor, mais interactividade com os alunos, mais incentivo.

11. Com algum estudo sim, não sei... não sei.. se calhar se pensasse mesmo tenho que fazer aquilo e me esforça-se, tinha de me meter numa explicadora acho que sim, mas se pusessem um teste à frente não, não conseguia provavelmente fazer. Não temos tanta matéria como no secundário, aqui é mais fácil.

12. Fora do país. Neste momento vou estagiar para Espanha e espero lá ficar, se não conseguir vai ser cruzeiros. Um ex-aluno veio cá à escola, falou-nos sobre isso, é aquela cena de andar a trabalhar nem que seja durante 10 anos para juntar dinheiro e um dia mais tarde ter um negócio, toda gente deseja montar o seu próprio negócio, mas para isso tem que haver dinheiro e então era trabalhar no estrangeiro ou nos cruzeiros é um dos meus objectivos, trabalhar fora ou cruzeiros. Tudo surgiu no primeiro ano de estágio, tinha um amigo que era espanhol e tava a tirar gestão hoteleira e tava lá a fazer estágio e ele não sei porque, sempre tive a ideia e a partir daí... lembro-me de ele dizer que ia estagiar para Madrid e a partir daí sempre gostei da ideia de ir estagiar para fora e no ano passado tive a alternativa de ir para a Madeira já era um bocadinho fora e depois ok, tem de ser este ano é o último tenho de ir estudar para Espanha, mas penso que a ideia inicial foi do meu amigo lá do trabalho, de dizer que Espanha era um espectáculo e Barcelona era muito fixe e ele estudava lá e é tudo muito fixe, este ano tentei e vamos ver como vai correr e espero lá ficar a

trabalhar. Eu não me importo de trabalhar 24 horas desde que seja bem remunerado, não me importo de trabalhar desde que no final do mês seja bem remunerado. Tento sempre ir para os sítios de convívio. Acho que é um crime neste momento ter a possibilidade todas ir para o Norte se quiserem investir mais um bocadinho ir para o estrangeiro, não sei qual é a ideia deles estagiarem em Fátima, eu penso que é mesmo muito muito mau mesmo.

13. Porque tinha noção que não tinha capacidades para ir para o secundário, epa isto é um bocado mau dizer que é burro, eu não me acho burro, mas não tenho as capacidade... tinha noção que não tinha aquela capacidade que muitas pessoas têm que é tar a estudar, ao sábado não sair para estar a estudar, tenho a noção que não era capaz de estar a estudar para biologia ou não sei... tenho a noção que não era capaz de ir para o secundário. Eu sabia que o secundário era difícil e depois... era a tal cena de dizerem no profissional era módulos e se a gente chumbava podíamos repetir outra vez, pronto se nós vamos para o secundário não temos de ir obrigatoriamente para a faculdade, mas a partida quem vai para o secundário vai para a faculdade. A faculdade sempre teve fora de questão, sempre partida mesma coisa, não me acho com capacidades para ir para a universidade. Nunca me achei com capacidades para ir para a faculdade ou para o secundário. Sempre me disseram não, na altura soube que o profissional era mais fácil quem o secundário e por exemplo nunca me via tirar psicologia ou economia nunca me vi num cursos desses. Vi-me em algo prático, que é neste caso empregado de mesa.

14. Sim, por causa do meu irmão.

15. Sem dúvida, o meu futuro de vida tem tudo a ver com o curso que tou a tirar, o meu objectivo de vida é montar o restaurante, o futuro de vida é como toda gente pensa, ter uma família, ter filhos ter um negócio pronto. O essencial é ganhar experiência, ganhar dinheiro para depois poder investir, mas especialmente dinheiro e experiência, porque posso ter muito dinheiro, mas se não tiver experiência não me vale de muito, acima de tudo ter muita experiência. Se a gente tiver a sorte de calhar num bom sítio é muito bom.

16. Não, nunca. Tenho sempre a ideia de um dia ir tirar um cursozinha de cozinha, agora que cá entrei e com cozinha de sala sempre mexeu com o meu bichinho mas gostava de tirar um curso, mas nunca pensei em desistir deste curso e ir para outro curso.

17. Não, talvez poderei tirar um cet, a faculdade não, um curso de três meses na hotelaria.

18. Nunca, pensei numa maneira má que é para a borgia, dessa maneira, só pensei dessa maneira.

19. Se não encontrar emprego penso ir ter com o meu irmão no Canadá que trabalha na área da construção civil, nessa área ou noutra. Também tive uma grande ideia, consideração de ir para a Força area, estado, hotelaria também mas já me disseram que depois eu estou lá 5 ou 6 anos e depois venho cá para fora... mas pronto, também já tive a ideia de força aérea, essa ideia era do meu chefe, era lá empregado de mesa tirou lá o curso e foi lá que tirou grandes bases de formação que ele tem foi na força aérea, se calhar muitas influências vai de lá dele. É ser empregado do Estado, receber o dinheiro ao fim do mês e eu na minha ideia, pode-se evoluir sempre mais lá dentro em questões de ordenado também e ele +e uma grande profissional e diz-me que tudo o que aprendeu foi lá dentro, é um dos meus grandes objectivos é ter formação. Mas pronto já tirei essa ideia da cabeça porque depois tenho medo de tar lá 3 ou 4 anos e depois vir cá para fora e ir para o desemprego e agora assim cá fora começo já nos cruzeiros ou trabalhar para fora.

20. Restaurante, Pastelaria ou bar tudo o que seja desta área, gostava muito de liderar um restaurante ou uma pastelaria ou um bar. As vezes quando não tenho nada para fazer, faço desenho dos bar, pastelaria como havia de ficar... como é que eu gostava que ficasse, o meu pai tem uma casa lá na minha terra que ta ao abandono às vezes vou para lá pensar o que isto poderia ser uma café... ou uma cena assim, e penso muito nisso, um bar, lá na terra não, mas um restaurante ou pastelaria às vezes vou para lá e imagino assim, aqui poderia ser bom, mas depois penso, caiu na realidade então numa aldeia não vou ter grande sucesso, começo a sonhar e depois caiu na realidade e ok se calhar não.

SUJEITO 30

1. Escolhi o ensino profissional por uma razão simples, penso que não tenho capacidades para ir para a universidade... mas também não é só essa a razão... Comecei a pensar nos dias que correm hoje não é possível as pessoas estudarem tanto para depois não conseguirem arranjar emprego. Eu ficava com o 12º ano, ficava com o meu curso e podia começar logo a trabalhar, apesar de querer continuar na área a estudar. Não acho que seja verdade quando dizem que o ensino profissional seja mais fácil.. não é.. Quando disse à maioria dos meus amigos que vinha para este curso, perguntaram-se o porquê de não ir para a universidade. E eu sempre fui pela minha cabeça, aceito opinião dos outros apesar de não ser igual à minha. Dizem que é mais fácil se calhar porque tira-se o 12º mais rápido, pensam se calhar que não é preciso estudar, fica-se com o curso e com o 12º ao mesmo tempo só andando três anos a estudar, penso que é por aí. Muitas pessoas pensam que os alunos que vêm para o ensino profissional é porque não tem capacidades, acho que isso não é verdade, cada pessoa sabe de si, se escolhe o ensino profissional ou o ensino normal e no meu caso escolhi profissional... vir para aqui, gosto de aqui estar.

2. Escolhi esta escola... moro perto daqui, por acaso só me inscrevi nesta escola e mesmo na altura dos testes disse ao professor que me fez a entrevista de entrada “eu entro aqui, se não entrar concorro pró ano outra vez” porque era nesta que eu queria entrar tinha boas referências daqui, dos professores e mesmo das aulas mesmo teórica e práticas, serviços que a escola faz no exterior, tinha uma boa referência.

3. Desde de pequenita que ia as festas da família e amigos e sempre me fascinou uma pessoa ter duas vertentes restaurante e bar, na parte do restaurante é natural que temos horários complicados das pessoas, o que eu admirava isso nas pessoas, enquanto que nós estávamos a tomar um refeição, a hora almoçar a descansar, essas pessoas estavam sempre a trabalhar e acho que foi mais isso que me fascinou, nós estarmos a trabalhar enquanto os outros estão a descansar, é preciso ter vontade de querer. E quando as pessoas estão de férias, em Agosto é quando nós temos mais trabalho e acho que isso também significa muito... porque uma pessoa que ta ali a trabalhar com gosto, ver as pessoas a usufruir do trabalho que estamos a fazer é muito gratificante. Eu quando tou a servir por exemplo uma mesa, gosto que as pessoas estejam ali a descansar do trabalho da vida delas, mas gosto que estejam ali

contentes pelo serviço que tá a ser feito. Na parte do bar, gosto não só... do facto de uma pessoa quando pensa em bar é sair à noite, não penso tanto sob esse ponto de vista. Gosto por exemplo tar num bar que seja bar café, gosto de fazer cocktails, gosto de experimentar coisas novas, não fazer as bebidas pelo que as outras pessoas já fizeram, experimentar sabores novos e dar a provar às pessoas... experimentar.. como é que hei-de explicar? Fazer por exemplo um cocktail novo dar às pessoas e ver a reacção das pessoas em relação ao meu trabalho.

4. Tive, ficaram contentes porque sabem que é aquilo que gosto, sempre disse “quando for grande quero ser empregada de mesa ” e não é por ter as primas na área que eu escolhi por opção dos outros, foi uma escolha minha. E quando eu avisei em minha casa, eu disse “oh mãe eu tou a acabar o 9º ano, eu vou ir para um curso profissional de hotelaria, acabo o 12º ano e começo a trabalhar e começo a tirar cursos relacionados com hotelaria”, vou sempre evoluindo, até que espero bem um dia subir... é ter um restaurante por minha conta, saber gerir um restaurante e é pra isso que aqui tou no curso.

5. Acho, da forma em que por exemplo quando o aluno não está interessado, o professor insiste e não deixa módulos em atraso e eu faço-te um teste e mesmo que não passes nesse teste, não precisas de pagar 5€ para ir a exame eu faço-te outra repetição, motivam os alunos. E mesmo em questão de formadores do nosso curso, motivam os alunos nas aulas práticas, a forma como eles falam connosco e para nós não desistirmos, se viemos para aqui é porque gostamos, se entramos é porque conseguimos, somos boas pessoas para entrar, somos bons profissionais e acho que isso conta muito. É sempre a forma de dar as aulas, a forma de comunicação entre o aluno e professor e isso conta muito. Claro que cada professor tem a sua forma, não é preciso estar sempre a rir para ser um bom professor, não é preciso tar sempre na brincadeira, é saber levar cada tipo de aluno e isso conta muito.

6. Sim, muito vez mesmo, tanto os formadores, professora de português, línguas, não disse em primeiro lugar a professora de português porque apesar de ser a nossa orientadora, acho que é importante não sermos só motivados por professores da área mas sim com professoras das disciplinas normais, como o ensino normal tem, sempre a motivar para o futuro e com a crise que nos encontramos é preciso uma boa motivação uma boa vontade de querer para continuar. Uma pessoa que escolha este curso e mesmo aqui na área de Fátima e região de Leiria, tudo o que seja hotéis, restaurantes e bares e muito rico e acho que é fundamental um boa motivação para o futuro. Mesmo em questão estágios podemos experimentar várias zonas do país, eu por exemplo no 1º ano fui para Coimbra, no 2º anos já experimentei uma coisa mais formal em Viseu é daqueles tipos de restaurantes... o restaurante é pequeno mas é preciso ter uma boa carteira para entrar, e agora concorri para o Algarve para um hotel.

7. Sinto. Os nossos formadores em questão de nos explicarem de nos tar sempre a dizer decorem isto vai ser preciso no futuro, tanto quem vai para a parte de bar como quem vai para a parte de restaurante, temos módulos dos dois, tão sempre a motivar, acho que isso conta muito. E não só os formadores, pessoas, professores até mesmo a secretária da escola motiva muito.

8. Há muita relação, uma pessoa que comece a parte prática, sem ter a parte teórica não chega, mas assim fazemos os módulos teóricos e fazemos logo a seguir o modo prático, para pormos em prática os conhecimentos que aprendemos. Posso dar um exemplo, neste momento tou a tirar o módulo bar, tamos a falar de cocktails e na semana que vem vamos fazer prática de bar desses mesmos cocktails, meter em prática aquilo que já aprendemos.

9. Facilita porque quando somos avaliados por módulos, tamos sempre naquela expectativa, tenho por ex uma média de 12, sabemos aquilo que valemos e em questão de aprendizagem queremos sempre evoluir. Uma pessoa que venha aqui para o curso que goste não se contenta com um 12 ou um 14, se gostamos de uma coisa queremos ser bons. Se gosto do curso quero ser bom no curso, não é vir para aqui e contentar-me com um 12 quando a nota é de 0 a 20.

10. Sim, por ex no 1º ano e no 2º, nós temos sempre um restaurante de aplicação duas vezes por semana, há dois ou três anos atrás esse restaurante era aqui, tínhamos aulas práticas nesse restaurante com clientes de fora, todas as pessoas podiam entrar e isso era a nossa avaliação de módulos, tar ali frente a frente com clientes, é a melhor ferramenta que podemos ter é pessoas de fora, clientes a avaliarem assim... o nosso método de trabalho o que já aprendemos até ao momento. Agora o restaurante é nos Monfortinos, num espaço exterior da escola e temos de nos deslocar até lá né? Enquanto que no 1º ano e no 2º a nossa equipa era composta por elementos da nossa turma, a turma era dividida a meio, agora temi oportunidades de escolher novos alunos com capacidades diferentes das nossas, tendo em conta o 3º ano, tenho a equipa construída com aluno do 1º e 2º ano. A experiencia da pap foi boa, tirando falta de coordenação minha em relação à equipa de trabalho, lógico falei com eles várias horas de almoço o serviço para a frente e para trás. Só que se não tivermos motivação da nossa equipa, tentar motivar pessoas que não gostam do curso é complicado.

11. Sim, não é por andar no ensino profissional que temos menos capacidades que os alunos que estão no ensino normal. Acho que uma pessoa quando sair daqui tem de ter capacidades profissionais, mas também ter capacidade de 12º ano. Tou tão bem preparada como outra pessoa no ensino normal. É lógico que temos módulos diferentes é evidente, a nossa matemática é diferente, também tem mais a ver com a área, só que não é por ai que temos menos capacidades que os outros.

12. Eu penso que sim e sei que hoje em dia procuram pessoas para entrar no mercado com o 12º ano e com o seu curso, eu se Deus quiser daqui a pouquinho tempo já tenho as duas coisas e posso concorrer tanto para um hotel como para um restaurante simples mas a partida que goste... E deixa-me triste quando vejo pessoas que estão no mesmo curso que eles e que não gostam que não estão motivados. A maioria das pessoas vêm para aqui porque os pais aconselharam “vai tirar um curso” e sempre aquela opinião das pessoas vá para o ensino profissional que é mais fácil e agora chegam aqui e vêem que não e que tem as mesmas dificuldades que no ensino normal.

13. Segui o ensino profissional porque eu quero começar a trabalhar, quero começar a fazer a minha vida... abrir o meu próprio restaurante, para isso tou a concluir o meu curso, foi para isso que concorri. Quero abrir o meu restaurante, fora aqui da zona Fátima, quero.. se conseguir abrir um restaurante onde possa uma dia acolher os estagiários como empregados que gostem do curso, que se note e quem possam mostrar aos clientes aquilo que aprendem neste curso de hotelaria, poder mostrar a um cliente como é que se serve a talher, poder mostrar a um cliente como é que se faz um simples cocktail, poder mostrar várias capacidades que hoje em dia não se encontram em quase lado nenhum.

14. Sim, e actualmente trabalho, tanto que estas férias ainda não chegaram e já tenho programado ir para Alcobaça, vou agora para um bar em Alcobaça, tenho um tio que tá a gerir esse bar, é restaurante bar, vou para lá trabalhar, e mesmo trabalho cá em Fátima aos fins-de-semana, num restaurante também. É no restaurante Victoria, fica perto do santuário é um restaurante que é mais a base de grupos, servir mais a talher, acho que isso conta muito, temos aqui a estudar, mas também estamos a mostrar capacidades que aprendemos.
15. Completamente, sempre, desde pequenina. Eu quero porque tenho muito vontade de querer por mim e por várias pessoas neste curso.
16. Não.
17. Gostaria na área de hotelaria, porque agora quero concluir o meu curso, começar a trabalhar fora daqui e depois daqui a mais ou menos um ano não deixo passar mais, já ter dinheiro para pagar os meus próprios estudos e para continuar a tirar cursos nesta área de hotelaria, mas tudo dentro da área.
18. Não, é coisa que não fascina, já disse anteriormente não gosto de estudar e às vezes penso, posso não ter cabeça para concorrer ao ensino superior, mas também não é por aí, é preciso ter vontade de querer.
19. Não, só esta e mais nenhuma.
20. Claro que sim... um restaurante depende da zona que escolher, não penso sair de Portugal, um restaurante tradicional com pratos mesmo da zona, como também pratos inventados tanto por mim como pelo chefe de cozinha.

SUJEITO 31

1. 9º ano e isso acabei e depois e depois disseram-me que era mais fácil, mas pelos vistos enganei-me (foram os colegas que disseram). Mas também tinha algum interesse nesta área. E gostei de tar aqui neste curso e aprendi... aprendi muito. Se calhar é um bocadinho mais fácil, se calhar por causa dos exames.
2. Se calhar foi porque tava muito mais perto, e já tava nas mesmas instalações.
3. Tive alguém interesse a trabalhar na área, para já porque os meus pais têm um estabelecimento, têm um café. Sempre tive interesse em servir às mesas ou trabalhar num bar acho curioso. Se os meus pais não tivessem este café se calhar não tinha vindo para este café não sei.
4. Tive, tive bastante apoio. Mesmo agora dizem para acabar o curso. Tive bastante apoio.
5. Sim, dedicam de uma forma interessante até, eles explicam bem, gosto da forma de explicar. Nunca tive assim grandes dúvidas, só a português e a inglês. Gosto da forma do stôres e isso.
6. Sim, tão sempre a dizer isso. Quero acabar.
7. Preparam, mas só a algumas disciplinas, só as mais práticas, por ex restaurante bar. Eu acho que este ano, há disciplinas que deviam de sair do plano do curso, português, integração epá não sei, é só fazer trabalhos e acho que isso não interessa. Apesar de ser uma disciplina base. Digamos a que a gente sabe um pouco mais do que lá fora.
8. Não, o que a gente dá na teórica temos que praticar, e o que a gente damos na prática temos de estudar, basicamente é isto.
9. Talvez... a maior parte dos professores ajuda nas repetições.
10. Sim, nas aulas os materiais que nos dão são adequados e isso. Esta parte final por causa da pap, não correu muito bem, hoje muita gente que não teve bebidas. Houve muita gente não teve material necessário. Eu se calhar consegui porque mandei vir da China. Queria um vinho, mas não consegui arranjar.
11. Não sei, a matemática se calhar tava porque não tenho grande dificuldade, português não.
12. Se eu quisesse tinha trabalho logo desde do primeiro ano, no estágio que fiz disseram-me para ficar logo lá, mas tinha de acabar o estágio. Digamos que eu é que ensinava as coisas lá (risos).
13. Se calhar foi uma forma de ganhar logo trabalho.
14. Já, gosto, apesar de ocupar um bocado a semana, só temos um dia de folga e isso.
15. Posso dizer que sim e posso dizer que não. O sim, por causa do estabelecimento dos meus pais, para tentar alargar ou mudar alguma coisa. Talvez abrir um estabelecimento só para mim, ser patrão, mas mais um bar ou na agricultura. A agricultura não é só cultivar batatas, também posso trabalhar com animais, como posso trabalhar na terra. Na criação de animais. Criação de cães para a caça. Compro todos os dias uma revista de casa, e treino os cães e também tive sorte se calhar.
16. Talvez entrar agora para os vinhos enólogo, ou tirar um curso barman. Tirar um curso dos vinhos é interessante. Se eu aconselho o vinho, tenho de explicar porquê e para o cliente não será tão difícil escolher.
17. Talvez, tirar o curso de enólogo.
18. Não. A minha vida não é por aí.
19. Não, estudar não. Ser treinadores de cães.
20. Sim, gostava de abrir um bar, tenho curiosidade em abrir um bar, mas o futuro não ta muito virado para aí.

SUJEITO 32

1. Porque tive conhecimentos através dos professores e essencialmente “influências” dos amigos que vinham para aqui e tive amigos de anos anteriores mais velhos que vieram para aqui que disseram que gostaram e porque gosto desta área e optei por escolher este. Não (sobre o ensino profissional) pelo que diziam era mais difícil, mas agora penso que é ela por ela.
2. Pela mesma razão que tinha aqui colegas e amigos.
3. É assim, gosto e sempre gostei de ir ao restaurante e ser bem atendido, é uma coisa que me cativa até porque tenho o objectivo de abrir o meu próprio estabelecimento. Gosto de atender bem um cliente e também gosto de ouvir que sou um bom profissional que atendi bem um cliente.
4. Sim, sim, acho que é um curso que tem saída também, eles também vêem como é que isto ta.
5. A maior parte dedica-se, são poucos os que não se dedicam, uns podem não gostar tanto de nós mas fazem os possíveis. Os que se dedicam tentam dar a matéria mesmo que não tenham condições porque há sempre aqueles alunos que estudam e que não tem de levar por tabela.
6. Sim, eles tão sempre a dar na cabeça para que a gente acabe os módulos, dizem que temos que começar a estudar para se fazer os módulos, porque sem módulos feitos não acabamos o curso. Alguns dão outras oportunidades e se pedirmos alguns dão... ajudam-nos no sentido de fazer o teste.
7. Sim, principalmente o dos nossos cursos, incentivam-nos, eles dizem mas nós também temos a experiência, temos os estágios tudo ajuda. Penso que a maior parte já trabalha para fora. Mas regra geral penso que todos sabem como é lá fora, a dificuldade de arranjar trabalho. Num restaurante vulgar a maior parte das técnicas que aprendemos aqui não vamos usar lá fora, só em restaurantes de alta.
8. Na disciplina de RB há muita, agora nas restantes não vejo muita utilidade tirando a parte a parte de gestão e controlo, muito provavelmente vamos ter de fazer esses cálculos. Por exemplo de matemática há módulos que não vamos precisar de fazer aqueles cálculos, português, obras literárias é bom para a nossa cultura mas não nos vai servir de muito, mas é bom para a nossa cultura. As línguas são essenciais por causa do turismo.
9. Facilitar, devia de facilitar porque uma pessoa devia de pensar que ao deixar o módulo para trás não terminou o curso logo tem de se aplicar em todos os módulos. Do 5º até ao 9º ano foi sempre dois testes por período, eu penso que é ela por ela, se o aluno for aplicado consegue nas duas.
10. Penso, no meu ponto de vista que é uma boa metodologia e acho que não havia outra forma de explicar muitas vezes a matéria.
11. Eu? Eu neste momento não, mas tenho colegas que podem estar. Porque também não fui um aluno que estudasse muito, há muita matéria que eu perdi. (sobre a matéria) penso que a matéria é a mesma mas menos aprofundada.
12. No mercado de trabalho penso que vou entrar facilmente, mas isso trabalho há agora se é para o que eu quero, isso é outra coisa.
13. Porque só encontrei esta área no ensino profissional, entrar no mercado de trabalho.
14. Já, de certa maneira correspondeu as expectativas que eu tinha.
15. Faz, se eu quero abrir um estabelecimento próprio dentro da restauração, com este curso ajudou-me a ganhar bases.
16. Não.
17. Neste momento não me vejo a perseguir estudos, agora não. Penso que já não tenho força de vontade para estudar, já não me mete piada andar a estudar.
18. Talvez, quando era mais novo, mas agora não.
19. Estudar não.
20. Sim, basicamente seria um restaurante, um restaurante moderno, que servisse dentro dos pratos mais tradicionais aos pratos mais modernos. Isso de trabalhar é para ver como está o mercado e para ganhar um bocado de autonomia e de experiência ante de abrir o restaurante. Depois de 2 ou 3 anos a trabalhar, gostaria de abrir o meu próprio estabelecimento. Não me agrada dar o meu melhor por um estabelecimento que não é o meu, gosto de ser eu a ter os lucros.

SUJEITO 33

1. Não sei, como tive conhecimento através do dia aberto começou por me chamar a atenção este curso e como já tinha um bocado conhecimento da escola, estudava perto da escola profissional de Ourém acabei por arriscar um pouco pela área e pelo ensino profissional. Nunca vi nenhum curso no secundário onde me sentisse bem e que era bom para o meu futuro, não me chamou muito à atenção até hoje. Agora tou a entrar de certo modo no ensino profissional no mercado de trabalho e queria tentar pelos menos pôr assim a minha vida profissional e pessoal também e depois um dia pensar ir mais além. Foi também por causa do dia Aberto e que aqui os cursos era uma coisa mais prática que conseguíamos obter a parte teórica e ao mesmo tempo tar a por essa parte teórica em prática e gosto de fazer logo as coisas na prática e acho que e que acho que é muito melhor do que tar um dia na sala a escrever a ouvir... é diferente e gostava de experimentar a até agora tem corrido bem.
2. Porque era mais próxima de casa apesar de haver também uma em Tomar, o curso é diferente este é um pouco mais sofisticado digamos. Em Tomar é assim um curso mais para restaurante, restaurante, aqui é mais a parte dos hotéis é um pouco mais elevado ao nível e acho que nesta escola exigem um pouco mais dos alunos. Acho que foi o desafio também.
3. Quando andava a fazer a visita com a minha turma à escola, chamou-me bastante à atenção ver o que eles faziam com a cozinha de sala, com as mise en place que eles tinham lá montadas a decantação de vinhos. Foi tudo um pouco da parte técnica do

nosso curso que eles estavam a demonstrar naquela altura e eu gostei, chamou-me bastante à atenção. Em todo o curso a parte que gosto mais é das frutas a laminação a montagem, também gosto um pouco de decantação de vinhos, abertura de champanhe com sabre, tudo o que é mais invulgar, mais técnico, gosto mais destas coisas. Foi uma coisa que até ver é que me chamou a atenção.

4. Sempre me apoiaram e deixaram logo de início vir e ainda hoje me apoiam bastante, mesmo em relação à pap, a minha mãe também teve algum trabalho para me ajudar porque eu resolvi fazer alguns guardanapos e isso e a minha mãe é que financiou e fez a mão-de-obra e têm-me dado bastante apoio. Em termos de serviços externos também se disponibilizaram para me ir buscar e acho que isso também conta bastante. Deram liberdade para escolher o queria. Sempre me deixaram fazer a escolha do que eu gostava e não do que eles queriam e acho que isso é importante para nos sentirmos realizados. Deram-se essa liberdade, por exemplo a minha irmã tinha a ideia de informática, deixaram experimentar um ano e viram que não dava e foi para outra área.

5. Muito, eu acho que os professores se dedicam muito em todos os sentidos, por ex: agora com a situação da pap houve muitos professores que se disponibilizaram para ficarem connosco até às tantas para nos ajudar com esta situação da introdução da conclusão, porque havia muita gente com dúvidas, como é que se fazia a estrutura o que é que se havia de dizer. Mesmo o chefe ontem avisou que quem quisesse podia ficar até às duas da manhã que eles disponibilizavam-se e ontem tivemos na escola a fazer noitada. Quando nós vamos a serviços, muitos dos professores e dos funcionários disponibilizam para nos levar a casa. Acho que professores e funcionários se desdobram para nos ajudar. Eles disponibilizam-se nas horas de almoço, tardes livres e conseguimos marcar horas para quem tem módulos em atraso fazer as repetições e para tirar dúvidas.

6. Mostram, falam do futuro e por ex falam de muitos colegas que já saíram e têm muitos módulos em atraso ou outros que não tão a fazer nada e a importância disso tudo e do que estamos aqui a fazer estes 3 anos.

7. Nós aqui temos aquelas aulas práticas, mas nunca é exactamente igual ao lado de fora. Quando vamos para o estágio é que vimos realmente como é que é o mundo do trabalho. Aqui é só uma preparação em termos teóricos, lá temos mesmo aquela prática com clientes, pode haver mesmo situações embaraçosas e complicadas e temos mesmo de resolver e ver como é que se resolve e aí aproxima um pouco mais do que é a realidade, apesar de nós aqui termos o nosso restaurante aberto ao público, vamos lá poucas vezes agora e já aproxima um pouco, mas no estágio aproxima sempre mais porque já estamos ali mesmo a viver o dia-a-dia durante um mês ou dois e acho que aproxima.

8. Há porque nós conforme vamos dar os módulos na teórica, vamos tendo aulas práticas na mesma semana com a matéria dada ao longo da teórica. Por ex agora em restaurante temos a dar bebidas e cocktails e temos a ter aulas práticas da elaboração da bebida em si. Nós fazemos fichas técnicas que com a elaboração da bebida a através da ficha técnica vamos fazer a análise dessa bebida vamos saber o gosto a cor vamos avaliar isso tudo e apontar na ficha técnica. Mas depois também há outras disciplinas que são aplicadas no restaurante. No primeiro ano começamos logo com aquela situação de higiene que se vai aplicar logo no decorrer de todos os serviços. E depois também quando chegamos aos testes vamos-nos lembrar do que fizemos nas práticas e facilita um pouco para dar as respostas, eu acho que ajuda um pouco a memorizar o que temos de fazer.

9. Eu acho que assim, cada módulo tem o seu tema e não se dá tudo misturado, leva-se assim tudo de seguida e acho que se torna mais fácil de compreensão da matéria.

10. Na maioria dos casos assim. Claro que por exemplo a inglês não há grande método penso eu que se possa aplicar, se calhar podia ser de outra forma... não sei bem, ouvir gravações de outras pessoas a falar porque era importante para nos ajudar com a pronúncia, no francês, mas no geral penso que sim. Em gestão fazemos as fichas técnicas no quadro e ajudamo-nos uns aos outros, de resto acho que é bom.

11. Sim, como um pouco de estudo penso que conseguia. A nossa matéria não é idêntica, mas com um pouco de esforço acho que conseguíamos. Teríamos que nos esforçar um pouco mais e não somos menos que os alunos do secundário e chegávamos lá muito bem.

12. Já estou, já é mais fácil. Apesar de trabalhar até tarde, conseguir levantar cedo para não faltar às aulas temos de ter isto em atenção eu até agora tenho conseguido.

13. Pela questão das práticas, mete-se tudo mais em prática. Gosto de coisas assim mais, como é que eu hei-de de dizer, gosto mais da parte prática, não gosto tanto da parte teórica. De aprender fazendo.

14. Já, estou a gostar muito.

15. Faz. Quero seguir, espero conseguir terminar até agora acho que tá a correr bem, e depois de terminar gostava de ficar empregada e ter sucesso não é? Gostava de ser vista em qualquer lado como uma boa profissional da área. Ser boa no que faço e ser reconhecida por isso e se possível não só num sítio em vários e chegar talvez ao ponto de ter várias pessoas a querer-me a trabalhar com elas, eu acho que é um pouco por aí para eu me sentir realizada profissionalmente.

16. Não, depois de entrar nunca tive ideia de desistir sair ou fazer outra coisa é isto, e é isto até ao fim.

17. Sim, eu agora parar uns tempos e depois continuar na área. Agora entrar no mundo do trabalho por uns tempos e depois mais para a frente talvez continuar, não sei bem ainda uma área, não é uma coisa que ponha de lado.

18. Não, tive ali uma ideia passageira, mas não passou dali, era só a ideia da experiência para ver o que é que dava, mas não passou dali. Foi naquela época em que foram falar por exames, mas fiquei por aqui. Seguiria na área.

19. Se não encontrasse talvez continuasse a procurar se não encontra-se logo se via.

20. Talvez se possa pensar um dia.

Comecei a ver que era realmente isto que queria e que para conseguir só mesmo estudando e então aí é que me comecei a aplicar.

SUJEITO 34

1. Porque supostamente era mais fácil, mas mudei de opinião. Os colegas os professores diziam que era mais fácil. Ponderei e pensei e assim ficava com o curso feito. Assim acabo o curso e fico com um curso feito. Não é mais fácil porque são por módulos, e a gente deixa os módulos para trás e é complicado.... Enquanto que no secundário não, fazemos testes e podemos chumbar, mas depois dá para voltar... não é repetir, e depois se fizermos outro teste e se for positiva é essa que conta. É complicado, agora que dá para falar é mais fácil o secundário que isto.
2. Porque era uma das escolas que eu sabia que era uma escola interessante com nível e categoria para tal. Os meus amigos falaram comigo e vim para aqui porque esta escola era mais constituída do que as outras.
3. Porque é uma área diferente de todas as outras, porque por ex no ensino profissional muitos vão para cozinha, outros para os outros cursos, que há muita variedade. Acho que este curso é diferente, que não é habitual fazer-se. Por exemplo não é habitual a gente conversar com alguém que perceba de hotelaria, é muito raro encontrar alguém que percebe. Há sempre aquelas pessoas que trabalham mas não percebem nada, mas é muito raro encontrar pessoas que percebem, foi também por isso, por ser diferente. E era prática, e queria prático e os outros nem tanto.
4. Sim, elas até gostaram da ideia e apoiaram.
5. Alguns, não todos, mas no geral sim. Como é que eu hei-de explicar? Por exemplo conseguimos ter relações com eles que não conseguimos com outras pessoas, por ex podemos desabafar com alguns até, somos bons amigos até por fora da escola, claro. Mas com estas relações conseguimos ser bons amigos.
6. Sim, muito e de todos, muito mesmo. Basicamente dizem, trabalhem esforcem-se, tentem acabar os módulos é mais ou menos o que eles dizem, não d eixem para trás, não seguem o exemplo do 3º ano, todos dizem o mesmo.
7. Em parte sim, porque há lá professores que dizem mesmo na teoria é assim, mas na prática é de outra maneira. Isto é para irmos para o topo, o meu chefe diz tamos a aprender o topo para depois descermos, chegar ao mercado de trabalho e descermos. E mesmo no início vai ser sempre assim.
8. Sim, há relação. Para mim há, porque muito do que há na teórica vai-se aplicar na prática. Por exemplos falamos muitas vezes de vinhos na teoria, e isso vai-se aplicar na prática. O inglês e o francês vai ser necessário, o francês praticamos, o inglês é matéria que se dá no secundário. Tirando isso há muita coisa que se aplica.
9. Não acho que facilite muito, a única coisa que acho que facilita é termos direito a uma repetição. Acho que no secundário é muito fácil do que por módulos.
10. Há casos sim, mas há sempre aqueles professores mais conservadores mais clássicos, mas não há nada a fazer. Mas sim em geral são aulas dinâmicas do que o habitual.
11. Não, conforme as disciplinas, se fosse português até me safava, inglês. Agora há outras disciplinas que tenho a certeza que não, por ex economia não. Matemática não, de todo.
12. Não sei mesmo porque, vou para o estágio no hotel Anjo de Portugal, mas se não ficar lá, já tenho outro sítio, onde eu queria mesmo não, queria ir para um sítio grande. Cá é mais fácil porque as empresas já nos conhecem apostam em nós, do que ir para fora.
13. Porque supostamente era mais fácil e também pela área e não se profissional, se houvesse no secundário esta área, mas também não ficava com um curso, e assim fico com um curso que é de todo melhor do que só ter o 12º ano.
14. Já, é cansativo é puxado mas gosto. Tenho tido sorte, porque mesmo nas férias tinha fins-de-semana.
15. Sim, dantes não, mas neste momento sim. Mesmo no início o nosso chefe perguntou-nos o que é que nós estávamos aqui a fazer e eu e o Edgar respondemos que foi para acabar o 12º ano só, nem era pelo curso nem nada, era só para acabar o 12º ano. Mas depois com o tempo vamos aprendendo a gostar, mas é a gostar mesmo porque até os professores nos incentivam e o que se dá é interessante é diferente, é qualidade é muito bom eu gosto. Houve muita coisa que a gente fez que voltava a fazer, por exemplo nos serviços nós chegamos a tar com pessoas de grande importância, já cheguei a tar com ele... como é que se chamava? Ah... António Guterres, com pessoas famosas.
16. Não, não.
17. Não já. Mas depois sim em Hotelaria, em escanção, nos vinhos, é a única coisas que podemos ser bons e logo era ai que apostávamos.
18. Já não. No 9º ano ou 10º ano pensava vou para a universidade, mas gostava e queira, mas agora não, quero é trabalhar.
19. Sim, na marinha.
20. Sim, como é que eu hei-de explicar, tentar dinamizar mais, fazer coisas diferentes, não para uma classe alta, mas para uma classe média, dar esse privilégio, dar essa possibilidade a eles, tentar dar qualidade e um nível maior com preços acessíveis é esse o meu objetivo. Por ex nos serviços tento quando são pessoas idosas, gosto de conversar, mas eu claro que não posso atrasar mas gosto de conversar quando tou na mesa gosto de falar com QUASE todos, conviver um bocadinho com eles. O atendimento é muito importante, tento sempre falar e interagir com as pessoas. Daqui a muitos anos, quando tiver mais experiência.

SUJEITO 35

1. Então eu escolhi isto porque na altura diziam que isto era mais fácil mas eu apesar de não acreditar, e então escolhi porque acabava por tirar o 12º. Mas escolhi isto porque ficávamos com o 12º ano e com um curso, ou seja em vez de ter que ir para a universidade e essas coisas todas, ficava com a equivalência do curso.

2. Porque era a que estava mais perto, não era para ir para restaurante, era para ir para cozinha, tanto que me esqueci de inscrever noutras escolas que era para Leiria, como eu não entrei em cozinha aqui, a escola de Pombal e Alvaiázere convidaram-me para ir para lá, só que como esta era mais perto e eu ia e vinha a casa todos os dias, fiquei aqui.
3. Porque não gostava do outro que era de Recepção, e tive sorte em entrar. Tirando a parte que me baldei um bocado, gostei porque aprendi, posso dizer que quando sair daqui, que aprendi alguma coisa, eu lá alguma vez na minha vida sabia como é que se punha uma mesa? Com aquelas traquitanas todas que a gente aprende, nunca na vida. Tudo bem que onde eu trabalho não preciso de um curso, porque eu sozinha sirvo as três salas, mas um curso é sempre uma mais-valia porque aqui acabo e podia entrar num sítio com mais rigor e assim não posso, mas eu pró ano venho cá outra vez fazer os módulos com fartura.
4. A minha mãe ao início não queria, não queria que eu viesse para Fátima porque tava longe das alças dela, depois quando vim, ela própria é que não me deixou desistir da escola, porque já tinha gasto rios de dinheiro aqui comigo e que eu tinha de cá ficar e cá tou, e falta 15 dias de aulas para isto acabar, Graças a Deus.
5. Alguns, aqueles que se dedicam sabem nos dar um tempo para “brincar ” e depois também temos tempo para trabalhar e agente acaba por saber dirigir essas horas. Há outros “à eu quero não sei quê os trabalhos feitos, vocês façam o que quiserem nas aulas, mas os trabalhos tem que tar feitos ” ou seja acabam por não se dedicar tanto à aulas que nós passamos 2h ou quando não é uma tarde inteira a jogar no computador ou na conversa uns com os outros. Nas aulas temos os computadores ligados para fazer os trabalhos e não fazemos, porque não temos motivação para tal. Olhe desde da altura que ficamos atrapalhados com a pap, as aulas eram todas para a pap, nós tivemos para aí há vontade uma mês em que supostamente era para fazer a pap e que muitos faziam em casa, ou seja nas aulas era para relaxar ou a jogar e eu nem uma coisa nem outra e morri para a vida durante um tempo. Esqueci-me de vir às aulas, não fazia nada de jeito, ia para a escola, mas não ia para as aulas, ia para o café.
6. Motivam, lá vão tentando a muito custo, a nossa orientadora coitadinha veio para aqui perdida a meio do período. Mas abusamos com os professores, ele dão-nos um dedo e nós queremos o braço.
7. Não, por exemplo, posso dizer dos professores daqui, e ta bem que é para a nossa cultura geral, mas nós temos pelos menos 4h de português por semana em que tamos a falar se fosse preciso de Luís de Camões e a gente no restaurante não vai tar a falar de Luís de Camões para servir um prato de carne, acho que há aulas que são um bocado teóricas, fazem-nos falta sim para cultura geral, mas não (pausa), por exemplo chega alguém ao pé da gente hoje é dia tal, houve uma Revolução e nós ficamos, tipo ta bem, assim a gente aprende mas há coisas. Poemas, para que quê agente quer poemas? Eu sei que se tá ali é porque é importante, mas se calhar menos horas daquilo e ter mais horas de outra coisa que se calhar nos iam dar mais jeito. As vezes dizem, vamos dar isto e vocês podem vir a precisar de saber isto, tem mesmo de ser.
8. Nas disciplinas que têm as duas versões sim, porque agente dá aquela matéria, numa semana damos aquela parte teórica e depois vamos praticar e é assim que o chefe nos vai avaliando.
9. Eu acho que em certos aspectos sim, porque é só aquelas matérias que demos naquele tempo, antigamente eu sabia que só tinha uma maneira de fazer teste se não passasse podia chumbar o ano, enquanto aqui tenho uma repetição, hoje não me apeteceu estudar, ah! Tenho uma repetição, faço na repetição, a partir de aqui é que temos sempre aquela coisa, é por isso que temos mais módulos em atraso. Eu lembro-me que antigamente na secundária de Porto de Mós, estudava rios de folhas, e tirava boas notas que acabei o 9º ano só com 4 e 5, mas se fosse por módulos, não tinha a facilidade de ter aquelas notas porque me baldava muito mais.
10. Algumas aulas se calhar, tipo se não fosse assim só teórico, se nos desse por exemplo, exemplos práticos, seria mais fácil de fazer. Por exemplo RB tem sempre as aulas teóricas e práticas, ta coordenado, tá bom, as vezes nas aulas de matemática a professora dá-nos fichas que temos de fazer nas aulas, por exemplo a altura de uma árvore, quanto é que é o ângulo até a janela, vimos na ficha, mas se fossemos por exemplo para a rua, se calhar tínhamos uma noção completamente diferente, tudo bem que não dá para tudo, mas dá para a maioria das coisas.
11. Não. Nem sequer fiz os exames no 9º, nem sei o que é que são os exames, por isso não. Primeiro à matéria que sai nos exames que a gente não dá, por ser profissional, tudo bem que já podemos ter dado nos outros anos, mas não tem nada a ver. As vezes os professores, nos módulos, avisam, sai isto nos exames, vamos fazer um exercício destes. Eu não gosto de estudar, não vale a pena, e nem se quer quero continuar a estudar por isso.
12. Vou, porque eu já trabalho, enquanto como se costuma dizer, tiver o meu ganha-pão ali, continuarei ali. Vou fazer estágio para lá, porque isto também não tá fácil e sei que ali sempre tenho o meu dinheirinho ao fim do mês, e fico lá a trabalhar não acabar o estágio.
13. Ao início pensei, será que é tão fácil como dizem. Toda gente diz que o ensino profissional é mais fácil. Eu não acho, acho que é alguns aspectos é mais fácil porque se calhar não damos aquela matéria tão aprofundada, instruímo-nos em alguma coisa. Não é tão fácil porque a gente tem de ter a responsabilidade de temos que acabar aquilo, temos de fazer aquilo se queremos ser alguém quando acabarmos a escola, eu por exemplo não quero continuar, mas se tivesse estudado tinha ficado com o curso, não vou ficar, tenho de vir para aqui fazer módulos.
14. Já, num restaurante.
15. Faz, agora faz. No início não fez porque queria restaurante, queria seguir as pesadas da minha mãe e como não entrei vim para aqui, e no início fiquei assim um pouco de pé atrás, mas como comecei a gostar disto, ficou ali com projecto como ia seguir isto, tenho um bichinho que me morde que é para ir para os cruzeiros, mas para isso tenho que acabar o curso. Sim, gostei, aprendi muita coisa aqui, posso dizer que quando sair daqui arranjei amigos, sejam colegas da escola como professores, mas que eles me ensinaram alguma coisa para ser alguém na vida.
16. Ia para Porto de Mós para tirar auxiliar de educação, porque quando eu era pequenina, era o que a minha mãe diz, queria ser como as minhas educadoras de infância, porque gosto muito de crianças. Depois sem tive uma loucura por cabelos, queria ser cabeleireira, só que do nada e também não havia o curso, e o que havia era apagar e saia muito mais caro que isto, acabei por ter que

optar por isto, mas de vez em quando faço as minhas loucuras. Foi no primeiro ano que pensava em mudar, porque não tinha aquela ligação com o pessoal.

17. Não
18. Antes de ser tão baldas, se calhar pensava nisso... mas nunca...
19. Estudar não sei, mas se calhar tirar aqueles cursos.... Como aquelas pessoas que não tem o 12º ano, ou tirar o curso de inglês, porque sem inglês não vamos a lado nenhum.
20. Já, as vezes na brincadeira, os meus patrões estão sempre a dizer que quem vai ficar com o restaurante sou eu.

SUJEITO 36

1. Porque ia dar directamente ao trabalho, porque é assim, em relação ao 12º ano eu tinha de prosseguir estudos qualquer das formas, não ficava logo com uma base de trabalho. Enquanto neste caso de hotelaria, mesmo não acabando o curso tinha hipótese de trabalhar, por isso e que eu optei por isto. O secundário tá fora de questão, mesmo agora que acabe o curso sei que não vou prosseguir estudos. Não queria estudar mais.
2. Porque ser uma escola aqui de Fátima, o Prof. Renato sempre trabalhou no meu restaurante e ainda hoje lá vai ajudar e ele é que me tem incentivado nisto mesmo a vir para cá e tudo, depois vim para cá, ajudou-me na escolha.
3. Por causa dos meus pais e por causa dele. Ele incentivou também. Eles eram naquela “tu vais para o que tu quiseres” teoricamente, mas na prática, porque é assim, eu sempre gostei daquilo e então decidi e vim para este, tanto quando me inscrevi na época nem escolhi mais escola nenhuma nem área, se entrar ali entrei, se não entrar perco o ano. Gosto de tudo relacionado com restaurante, menos bar não gosto, porque não me incentiva muito, bar tá mais ligado à parte da noite e eu não gosto. O modo de lidar com os clientes ser sempre diferente, conhece-se mais a nível de gastronomia e tudo, é diferente.
4. Sim, os meus pais é “tu vais para onde tu aches que é melhor para ti” e depois o chefe Renato dizia “fazes bem, eu apoio-te”, mas era mesmo isto que eu queria por isso é que não liguei muito às hipóteses que me davam. O meu pai dizia “vais para o curso, acabas e depois se quiseres vais para desporto”, sempre fui um rapaz que fiz muito desporto e gostei de desporto, mas não ponho a frente da hotelaria neste momento, já pensei mas agora não, contento-me só com isto.
5. Sim, certos professores têm os seus dias, dia sim, dia não, mas regra geral são bons professores, preocupam-se connosco, sempre em cima da gente, mesmo ... tipo eu tenho dois colegas que de inglês zero, não querem, desistem e a professora sempre em cima e apoio-te e ajudo-te para ver se eles não se vão abaixo.
6. Sim, dizem para a gente fazer para não deixar para trás que vamos precisar, que hoje em dia o mas útil é o 9º ano mas daqui a um ano pode ser o 12º ano e a gente não tendo torna-se complicado.
7. Certos professores sim, outros não, outros preocupam-se primeiro que o aluno passe na disciplina depois passam para essa posição de falar do trabalho, a referir a disciplina ao mundo do trabalho. Por exemplo a psicologia, se eu for trabalhar para um restaurante ou para um hotel, não me interessa quem é que foi o Piaget ou o que é que ele fez ou seja o que for.
8. Conforme as disciplinas, o inglês e o restaurante bar ou o francês sim, agora as outras disciplinas nem por isso. Gestão e controlo até têm a sua... português é a língua oficial é cultura faz bem um, agora não acho importante é como a área de integração é como psicologia tá fora de questão para mim essas disciplinas é só fazer e despachar e acabou-se. Integração é uma disciplina mais à base de trabalhos, tínhamos de perder um certo tempo em pesquisas de internet e livros e tal como a psicologia e tinha testes com muita definição e com muitas cábulas senão o estudo não chegava e pronto... é a tal coisa tinha de se fazer e deitar fora.
9. Por um lado facilita porque a matéria é dada por tópicos e temos menos que estudar por assim dizer, mas em regra geral gosto mais da avaliação do ensino secundário, é uma avaliação continua e aqui não.
10. Sim, mas isso é conforme o módulo porque por ex: eu tinha módulos de restaurante bar que era só falar, falar, falar, enquanto que outros falávamos e também tínhamos a parte prática, tínhamos discussões por assim dizer.
11. Eu não. Porque da minha parte tinha que ter muito estudo e não tou para isso, porque acho secante e perda de tempo, eu sei que pode ser útil e por ex para mim inglês até estudo e gosto, agora as outras não tá mesmo fora de questão, ponho de lado.
12. É assim, eu teoricamente já tenho emprego, mas não é com os meus pais, por isso não sei como responder a isso. Porque é assim, agora vou estagiar mas para onde voou estagiar garantiram-me que só me deixam para lá ir se eu ficar lá trabalhar. Eu acho que o trabalho de lá é o mesmo que cá, o trabalho vai ser igual. Por exemplo cá em Fátima nos restantes limitam-nos a acatar pratos por assim dizer, vamos para um hotel não fazemos mais do que andar com a terrina da sopa na mão ou prato ou seja o que for. Lá em Alfama tá bem que é acatar pratos, mas temos de saber muito de vinhos, faz de conta que tou a entrar num área dentro de outra.
13. Para ir logo directamente para o mundo do trabalho, basicamente.
14. Já, no restaurante dos meus pais e nos estágios, a experiência é boa.
15. Faz, manda-me logo para o mundo do trabalho, para me tornar independente dos meus pais, independente no modo financeiro e no modo de vida.
16. Não
17. Não
18. Já, foi no 1º período do 1º ano só, depois... porque estava com a ideia, o meu pai andava naquela de “acabas o curso, vais para a universidade para desporto e pronto”. Mas eu só queria acabar isto para ir para o mundo do trabalho directamente a partir daí não houve mais estudos.

19. Não
20. Não, porque se há coisa que nunca gostei foi de mandar, não gosto de mandar teoricamente, ou seja patrão tem muito trabalho, tem muita coisa na cabeça. Gosto de mais de ser empregado, tem o seu trabalhinho, o patrão dá-lhe trabalho é óbvio, faz o seu trabalho, recebe o ordenado ao fim do mês, é diferente, não se tem tanta carga de cabeça por assim dizer.

SUJEITO 37

1. Tive em informática, mas fartei-me dos computadores, e mudei para hotelaria e os meus pais são padeiros, na família é tudo assim na área e tenho um irmão que já tirou este curso que tou a tirar agora. Estou a escola profissional porque era o que me interessava porque na escola normal não há estes cursos. Tava mais ligado para ir a área de formação do que ensino regular. No secundário não temos a aprender nada de útil para o nosso futuro ou assim e o curso profissional é sempre diferente temos coisas mais úteis. Na altura que fui para informática em ourem também tentei entrar aqui na EPO, mas não consegui entrar fiquei-me lista de espera depois no outro ano voltei a concorrer e entrei para aqui para Fátima e por ser a área da família. Cozinha não, porque não gosto de cozinhar.
2. Não há outra.
3. Sim porque causa da família, mas no futuro não, na área de hotelaria mas se calhar não restaurante bar, acho que restaurante bar não é futuro para ninguém, assim uma pessoa com mais idade a servir à mesa não tem muito futuro. Eu as vezes comento com os meus chefes e tudo, há-de ser quem trabalha na área e se trabalharem um ao outro na área é muito. Mas se calhar, também vou trabalhar um tempo nesta área e depois tirar umas formações em termos de hotelaria, nem sei bem o que. E depois ter um negócio meu, os meus pais tem padaria, pastelaria e pizaria. Servir-se à mesa, serve-se.
4. Sim, tive, o meu irmão andou aqui e disse-me como é que era, o meu primo saiu daqui há dois anos mas de cozinha. Tive o chefe Renato que era da turma do meu irmão. Ele não tá área é padeiro, mas não terminou o curso. Os meus pais só dizem não venhas para padeiro, porque sabem como é a vida. Eles não querem que eu vá para casa, tive um irmão que se safou e somos quatro e tenho lá os outros irmão a gerir e se for para lá é como empregado ou como sócio coisa assim do género. Os pais disseram-me estuda, estuda não venhas para aqui.
5. Sim, ajudam-nos em geral todos nos ajudam a fazer os módulos e a sermos melhores e assim e são bons os professores aqui. Aqueles módulos que a gente tem mais dificuldade e passa assim a rasca eles ajudam um bocado mais nos apoios e tal e ajudam-nos a passar.
6. Acho que nunca se falou muito, acabar o curso sim, mas seguir para vida não. Acabar o curso sim, ainda agora os professores nos últimos testes os professores dizem “não quero módulos em atraso”.
7. Ah sim, dizem. No início do curso dizem como a gente tá dentro da sala e fora. Quando estamos a frente de um cliente é muito diferente a postura e tudo e a frente de um cliente é diferente.
8. Há disciplinas que não fazem falta nenhuma, mas há outras que sim. Eu acho que matemática é aplicada ao curso, mas há muita coisa que não se aplica, a psicologia são disciplinas é bom para a pessoa, mas em termos do curso em si não vale de nada. Integração, português, são disciplinas é bom, mas diretamente para o curso não. Gestão é direta para o curso.
9. Sei lá, desde que vim para o profissional é por módulos já não me lembro de como é ao contrário, acho que por módulos é mais fácil, logo é menos matéria, é só aquele tema é menos matéria e pronto e faz-se teste é capaz de ser mais fácil.
10. Acho que sim, temos muita aula prática, sei lá os professores não podem inventar muito como se dá a matéria é aquilo e não dá para inventar muito mais de outra forma para dar aquela matéria né? É quase tudo mais ou menos igual, o stor lê aquilo e quem quiser tira apontamentos.
11. Não. Nem vou fazer. Pelo aquilo que eu sei, não temos metade dos módulos, nem metade da matéria que se dá no ensino regular por ex a matemática.
12. Nem que seja na área lá de casa, não sou daquelas pessoas que tem problemas de emprego. Emprego tenho sempre, se fosse para casa tinha emprego até ao final da vida (risos). Sim, empregados de mesa há sempre.
13. Não há secundários a dar aulas práticas, é ensino regular temos de estudar aquelas coisas, não nos ajuda para a nossa profissão no futuro.
14. Em restaurante bar, não. Foi sempre desde pequeno pão (risos).
15. Sim, porque tá na minha área e para aprender mais coisas na minha área, e saber mais coisas sobre a hotelaria.
16. Depois de tar aqui não.
17. Estudos, universidade não. Se calhar alguns cets na área de hotelaria. Em Coimbra há muita coisa se hotelaria, a muita coisa a falar só de padaria ou pastelaria, na área de negócio da família.
18. Ya, mas não tinha cabeça para andar na universidade, só o primeiro ano para ver como é que aquilo era (risos)
19. Sim, mas trabalho tenho sempre, nem que seja lá em casa. Todos os fins-de-semana tou lá sempre.
20. Sim, não sei, isso é que é a incógnita, tirava por ex qualquer coisa específica que soubesse que dava lucro, que dava negócio que dava futuro. Mas na padaria e a minha área, mas o mais provável é ficar nessa área. Quem é padeiro perde a noção da vida, porque se trabalha a noite. Padaria não é fácil, é por isso que os meus pais dizem, estuda, estuda.